

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO
BÁSICA-PPGEEB

ALEXSANDRO COSTA DE SOUSA

O CELULAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA UM ESTUDO SOBRE A
RELAÇÃO DAS PESSOAS COM O LUGAR: imagens do sujeito e o seu lugar

SÃO LUÍS
2018

ALEXSANDRO COSTA DE SOUSA

**O CELULAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA UM ESTUDO SOBRE A
RELAÇÃO DAS PESSOAS COM O LUGAR: imagens do sujeito e o seu lugar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica- PPGEEB, Mestrado Profissional sob orientação da Prof^a. Dr^a Maria da Glória Rocha Ferreira para obtenção do título de Mestre em Gestão de Ensino da Educação Básica.

SÃO LUÍS
2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Costa de Sousa, Alexsandro.

O celular como recurso pedagógico para um estudo sobre a relação das pessoas com o lugar : imagens do sujeito e o seu lugar / Alexsandro Costa de Sousa. - 2018.

263 f.

Orientador(a): Maria da Glória Rocha Ferreira.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2018.

1. Fenomenologia da Percepção. 2. Geografia. 3. Lugar. 4. Tecnologia móvel. 5. Topofilia. I. Rocha Ferreira, Maria da Glória. II. Título.

ALEXSANDRO COSTA DE SOUSA

**O CELULAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA UM ESTUDO SOBRE A
RELAÇÃO DAS PESSOAS COM O LUGAR: imagens do sujeito e o seu lugar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica- PPGEEB, Mestrado Profissional sob orientação da Prof^a. Dr^a Maria da Glória Rocha Ferreira para obtenção do título de Mestre em Gestão de Ensino da Educação Básica.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Maria da Glória Rocha Ferreira
Doutora em Geografia (PPGEEB/UFMA-Orientadora)

João Batista Bottentuit Júnior
Doutor em Educação (PPGEEB/UFMA - 1º Examinador)

Antônio Cordeiro Feitosa
Doutor em Geografia (PGCULT/UFMA - 2º Examinador)

SÃO LUÍS
2018

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra, uma 'geograficidade' (géographicit ) do Homem como modo de sua existência e de seu destino (Eric Dardel).

AGRADECIMENTOS

Agradecer sempre é algo complexo, pois às vezes, incorremos no erro de obliterar nomes de pessoas que estiveram de forma indireta contribuindo com a nossa evolução, contudo, meu primeiro agradecimento e o mais especial de todos é para o Deus de Moises, de Abraão, e de todas as nações que se constituíram nessa Terra, ao meu Deus e ao senhor Jesus Cristo, por serem ambos responsáveis pelo meu acordar, meu deitar e meu respirar.

No caminho dos agradecimentos, tenho que expor a pessoa da minha companheira Michelle Caldeira de Sousa Silva que esteve sempre ao meu lado ouvindo minhas discussões sobre o campo da tecnologia, da geografia e principalmente quando tive o encontro com a Fenomenologia da Percepção, muitas falas, que acredito deixavam-na ensandecida de tanto evidenciar meu apreço por esse campo do método filosófico.

Meus agradecimentos a minha família na pessoa da minha genitora Maria de Fátima Costa de Sousa, que dobrou seus joelhos durante muitas noites e dias, orando e pedindo a Deus sua proteção bem como na superação das dificuldades, e dos dissabores.

A minha irmã Elizama Costa de Sousa, sempre preocupada com o andamento do curso, incentivando a concluir este Mestrado.

Minha irmã Alessandra Costa de Sousa e seu esposo meu querido cunhado Edimar, que no início do curso no ano de 2016 me deram guarida, quando deixava a UFMA durante a semana, dois meses de grande ajuda, meu muito obrigado, não há registro de agradecimento capaz de expressar essa contribuição direta em minha vida.

Agradeço a preocupação da minha orientadora Dr^a Maria da Glória Rocha Ferreira que teve paciência para lidar com sabedoria com a produção dessa pesquisa, se preocupando em fornecer materiais para análise, bem como nas diversas discussões sobre o andamento deste trabalho, nunca deixando de cumprir com o compromisso de orientar. Professora Dr^a Glória como chamamos, depois do

agradecimento divino, devo muito aos seus ensinamentos, muito obrigado por apontar meus erros, equívocos e ajudar-me nessa produção.

Aos ensinamentos dos professores do Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino em Educação Básica, pelo empenho e dedicação com todos os alunos do mestrado, contribuindo com o desenvolvimento de cada um.

Agradeço ainda a todos os que de forma direta ou indiretamente deram alguma contribuição, uma palavra amiga, uma palavra de conforto e que não usaram do descrédito, acreditaram que existe uma capacidade potencial em todos nós e que colocando Deus acima de tudo, o mais ele faz.

Obrigado a todos e a todas!

RESUMO

A pesquisa intitulada **O CELULAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO DAS PESSOAS COM O LUGAR:** imagens do sujeito e o seu lugar, concentra-se no estudo do lugar a partir de uma perspectiva Fenomenológica da Percepção do teórico Maurice Merleau-Ponty confluindo para os aspectos da Geografia Humanista e da Topofilia em Yi-Fu Tuan, proposta essa que visa abordar o conceito geográfico de lugar com a utilização do recurso da tecnologia móvel - o celular- e as percepções dos sujeitos envolvidos. O *locus* desta pesquisa tem como espaço inicial uma escola de Ensino Médio no município de São José de Ribamar. Como objetivo central desta pesquisa tem-se a construção de um manual e infográficos com o uso da tecnologia móvel para auxiliar o professor no desenvolvimento do estudo do 'lugar' categoria da geografia, a partir das relações e percepções dos alunos do 1º ano do Ensino Médio através de imagens audiovisuais. Destarte, seguindo os pressupostos da Pesquisa-ação e intervenção foram desenvolvidas diversas atividades com os sujeitos da pesquisa em um total de 40 alunos, sendo estas: discussão teórica, documentação de imagens, produção de vídeos, oficinas de edição de imagens e vídeos, entrevista com moradores da comunidade. Para a coleta de dados foram utilizados questionários com perguntas abertas, entrevistas e observações, para a análise dos dados coletados a luz da Fenomenologia da Percepção e no estudo da Topofilia, caracterizando uma pesquisa qualitativa, tendo como base teórica as contribuições de Castells (2003), Lévy (1999), Milton Santos (2000), Eric Dardel (2015), Werther Holzer (1998), Marandola Jr. (2010), Moura (2010), Bottentuit Junior (2016), Merleau- Ponty (2006) dentre outros. Como produto final a construção de um manual didático composto com infográficos do passo a passo de como utilizar a tecnologia móvel, um DVD foi produzido pelos alunos dos lugares que representam aspectos da investigação sobre o lugar editados pelos alunos envolvidos na pesquisa.

Palavras-chave: Tecnologia móvel, Geografia, Fenomenologia da Percepção, Topofilia, Lugar

ABSTRACT

The research entitled **THE CELLPHONE AS A PEDAGOGICAL RESOURCE FOR A STUDY ON THE RELATIONSHIP OF PEOPLE WITH THE PLACE**: images of the subject and one's place, focuses on the study of the place from a Phenomenological perspective of Perception by theorist Maurice Merleau-Ponty converging to the aspects of Humanistic Geography and Topophilia in Yi-Fu Tuan, proposal which aimed at addressing the geographical concept of place with the use of mobile technology - the cellphone - and the perceptions of the subject involved. The *locus* of this research has as its initial space a High School in São José de Ribamar city. The central objective of this study has been the construction of a manual and infographics using mobile technology to assist the teacher in developing the study of 'place' as geography category, considering the relationships and perceptions of students from the first year of the High school through audiovisual images. Thus, following the assumptions of action research and intervention were developed several activities with the subjects of the research in a total of 40 students, these being: theoretical discussion, images documentation, production of videos, editing workshop on images and videos, interview with residents of the community.

For data collection questionnaires were used with open-ended questions, interviews and observations, for the data analysis collected in light with the Phenomenology of Perception and the study of Topophilia, characterizing a qualitative research, based on theoretical contributions of Castells (2003), Lévy (1999), Milton Santos (2000), Eric Dardel (2015), Werther Holzer (1998), Marandola Jr. (2010), Moura (2010), Bottentuit Junior (2016), Merleau-Ponty (2006) among others. As final product the development of a didactic manual composed with infographics of the step by step on how to use mobile technology, a DVD which was produced by the students from places that represent aspects of the investigation on the place edited by the students involved in the research

Keywords: Mobile Technology, Geography, Phenomenology of Perception, Topophyllum, Place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Triângulo de Metas- Eterno Triângulo de Jonh Daniel	42
Figura 02. Mapa mental das estratégias geradoras de motivação para o uso da tecnologia móvel	48
Figura 03. Sacada de uma casa em Diamantina, Minas Gerais, 2000	65
Figura 04. Região da Avenida Nove de Julho, São Paulo, diferentes momentos	66
Figura 05. Sujeitos da pesquisa	112
Figura 06. Um açude: meu lugar	139
Figura 07. A Prainha : meu lugar	141
Figura 08. Parque da Cidade S.J.R	143
Figura 09. Parque da Cidade S.J.R	143
Figura 10. Minha casa, meu lugar	146
Figura 11. Minha casa, meu lugar	147
Figura 12. Minha casa, meu lugar	148
Figuras 13, 14 e 15. Meu lugar dentro de um lugar: meu quarto	150
Figuras 16, 17, 18 e 19. Meu lugar: a sala e meu lugar de estudo	151
Figuras 20 e 21. Meu lugar: a escola que estudo	152
Figura 22. Mapa de São José de Ribamar	155
Figuras 23. Apresentação do projeto para a comunidade escolar	169
Figuras 24, 25 e 26. Oficinas de Edição de Imagens e vídeos com aplicativos	171
Figuras 27, 28 e 29. Oficinas de apresentação dos aplicativos para Edição de Vídeos e Imagens	172
Figuras 30 e 31. Grupo de <i>whatsapp</i> , para discussões	174

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Teorias do Conhecimento e suas principais características	46
Quadro 02. Categorização da Pesquisa	111
Quadro 03. Conceitos sobre o Lugar elaborado pelos alunos	159-
160	
Quadro 04. Importância da atividade com vídeos e imagens	175-
176	

LISTA DE ABREVIATURAS

IBOPE- Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

PISA- Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

TV-Televisão

BITS-Binary Digit

GSM- Global System for Mobile Communications

GPRS- General Packet Radio Services

TIMS- Tecnologia da Informação Móvel e Sem Fio

UNESCO- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

IPADS-Dispositivo eletrônico

CDROOM- Compact disc read-only memory

3D- Terceira dimensão

3G- Terceira geração

AGB- Associação dos Geógrafos Brasileiros

ARCS-Teoria da Atividade Construtivismo

BNCC-Base Nacional Comum Curricular

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

DVDROOM- Digital Versatile Disc - Read Only Memory

FAPEMA- Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão

GIS- Geographic Information System

GPS-Global Position System

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFF-Instituto Federal Fluminense

IFNMG- Instituto Federal do Norte de Minas Gerais

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MG- Minas Gerais

PC- Personal Computer

PCN'S-Parâmetros Curriculares Nacionais

SMS-Short Message Service

TDIC- Tecnologia Digital da Informação e Comunicação

TIC- Tecnologia da Informação e Comunicação

UEMA- Universidade Estadual do Maranhão

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

USP- Universidade de São Paulo

PPGEEB- Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica

W.W.W- World Wide Web

WEB- World Wide Web

WIFI- Wireless Fidelity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO II	22
2 PERCEBENDO O MUNDO DA TECNOLOGIA UM CAMINHO SEM RETORNO: aportes teóricos e conceituais.	22
2.1 A TECNOLOGIA: uma ideologia centrada na mudança da sociedade	23
2.2 A TECNOLOGIA MÓVEL NA EDUCAÇÃO: seu uso na construção de conhecimentos.....	41
2.3 TECNOLOGIA E GEOGRAFIA: o ensino da geografia no universo da cibercultura.....	49
2.3.1 As imagens no ensino.....	55
2.3.2 Imagens sobre o ‘Lugar’: A tecnologia móvel como forma de novas produções	60
CAPÍTULO III	73
3 .. LUGAR, TOPOFILIA E FENOMENOLOGIA: encontros na geografia humanista	73
3.1 ‘O LUGAR’ NA GEOGRAFIA: descomplicando a categoria	75
3.2 A TOPOFILIA DE YI-FU TUAN VERSUS A RELAÇÃO COM O LUGAR: reflexões necessárias	84
3.3 A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO: sua presença na geografia	92
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	101
4.1 TIPO DA PESQUISA.....	101
4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	103
4.3 INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA PESQUISA.....	104
4.4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	106
4.5 INTERVENÇÃO.....	107
4.6 O PRODUTO FINAL.....	108

5 RESULTADOS DA PESQUISA X ENCAMINHAMENTO PARA A INTERVENÇÃO →

PRODUTO	110
5.1 CONFLUÊNCIAS ENTRE DIÁLOGOS NA PESQUISA: fenomenologia, topofilia, imagens e a tecnologia móvel	110
5.1.1 O ensino da geografia escolar e as suas categorias.....	113
5.2 CATEGORIAS GEOGRÁFICAS NA ABORDAGEM EMPÍRICA E EPISTEMOLÓGICA: confluências e suas tessituras.....	118
O Mundo vivido	118
Economia e Política.....	121
Espaço geográfico.....	123
O Lugar	128
5.3 RELAÇÃO COM O LUGAR: as imagens dos sujeitos e seus lugares	132
5.3.1 As imagens do Lugar: o meu lugar	138
5.4 PERCEPÇÕES SOBRE O LUGAR: memórias, Topofilia e subjetividades ...	154
5.5 USANDO A TECNOLOGIA PARA CAPTAR IMAGENS PESSOAIS E SUBJETIVAS: diferentes posicionamentos	161
5.6 USANDO A TECNOLOGIA MÓVEL: realidades da intervenção.....	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS	185
APÊNDICES	204
Apêndice A- QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR.....	205
Apêndice B- ROTEIRO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR	210
Apêndice C- QUESTIONÁRIO APLICADO AO ALUNO.....	212
Apêndice D- PRODUTO FINAL-MANUAL.....	216

INTRODUÇÃO

Ao iniciar as primeiras linhas dessa Dissertação precedo com as minhas manifestações individuais da memória que despontaram como as motivações de um professor de geografia e amante da tecnologia, onde as mesmas serviram como condições nesse caminhar científico, de pesquisador e acima de tudo colaborador de uma educação com qualidade discutida de maneira ampla.

A minha formação em Licenciatura Plena em Geografia pela UEMA ocorreu no modelo em que os professores já atuavam na sala de aula, foi uma mudança radical para o exercício da função em áreas diversas- segundo os pequenos municípios conhecido como professores polivalentes-. Essa polivalência pregada pelos municípios em que o professor deveria ministrar em todos os campos foi uma realidade no município de Coroatá-MA durante um bom período da minha vida enquanto educador, o que ainda é uma condição existente em muitos municípios do Estado do Maranhão.

Necessitava de um direcionamento, uma área específica para atuar e buscar os conhecimentos epistêmicos desse campo. Em 2001 tive a oportunidade de realizar um encontro com a Geografia, até então desconhecida o seu aporte real teórico, através da UEMA-Universidade Estadual do Maranhão- como o modelo se assemelhava a um intensivão muitos assuntos foram reduzidos na nossa formação, contudo, um assunto teve grande repercussão e fiz com que a sua aproximação acontecesse, buscando meios de compreender melhor o assunto como os teóricos que tratavam do mesmo, refiro-me ao ESPAÇO GEOGRÁFICO E AS SUAS CATEGORIAS.

Importante ressaltar nesse prelo que a Geografia é uma ciência voltada para a percepção e conhecimento do mundo, tanto no que diz respeito aos aspectos geológicos na estruturação e formação, como a construção e reconstrução dos espaços criados pela ação do homem. Tendo fundamental importância na vida cotidiana do homem, e na identificação dos espaços onde este está inserido. Um desses espaços é o 'lugar' considerado categoria que estrutura as discussões geográficas e que estamos envolvidos por ele.

A visão observada e mais discutida eram aquelas para os pressupostos decorrentes da Geografia Física, a importância para o campo da Geografia Humanista ficou para segundo plano. Esse segundo plano teve uma longa data para que viesse a conhecer essa área mais intensamente.

Entretanto algo na Geografia sempre me atraiu, de forma magnética, polarizadora e pujante, esse algo, destaco como sendo a observação do “**LUGAR**”, essa categoria de grande importância, além do entendimento sobre o mesmo, confluindo para a Geografia Humanista, até então não comentada na Universidade.

Na observação de Callai (2000, p.86), estudar o lugar é fundamental “pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares [...] compreender o lugar em que vivem, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem”.

Os diversos conceitos ou categorias que fazem parte do estudo na geografia escolar são importantes para que o aluno possa compreender melhor as relações existenciais, como bem analisar o objeto que essa ciência busca interpretar, não basta apenas adquirir conceitos e informações herméticas em que o próprio aluno não possa fazer parte dessa construção.

Como afirma Moreira (2013, p. 165): “O conceito é o elemento discursivo que dá vida a paisagem”, trilhar pela conceituação sem dúvida traz percepções mais conclusivas na geografia, mas não pode ser abordado como antes, deve ser proposto uma nova mobilidade para que os conceitos, as categorias cheguem ao nível compreensivo do aluno, o ponto nevrálgico está na maneira que é explorado.

Sob a égide de um entendimento e compreensão sobre o “**LUGAR**”, e a forma de estudá-lo, senti-lo e percebê-lo, direciono o estudo para a descrição e compreensão do fenômeno lugar por parte dos envolvidos diretamente com a produção desses espaços, de forma clara e intencional buscando suporte na Fenomenologia e na Topofilia.

Nesse caminho da Geografia Humanista, os estudos apresentados pela Topofilia de Tuan (2012), e a base metodológica dos levantamentos descritivos e perceptivos da Fenomenologia de Merleau-Ponty (2006) fazem parte do que me prontifiquei a estudar, conduzido pelo desejo de que as pesquisas que trilham por esse caminho podem contribuir com uma geografia científica com um método qualitativo deixando de lado os dados estatísticos e abordagens quantitativas herméticas. O encontro com a Fenomenologia Pontyana ou simplesmente

Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty foi durante o processo do levantamento da pesquisa, métodos como estudos de caso, marxismo histórico-dialético, indutivo, dedutivo, etnográfico, etnometodológico, se apresentavam como possibilidades.

O real desejo de romper com a velha tradição, de uma forma considerada mais cômoda para o estudo proposto, fez com que ao longo das minhas orientações fosse motivo de exposição para com a minha orientadora professora Dr^a Maria Glória Ferreira, que sem ela esse estudo não teria efeito, foram nas discussões, nos pontos de vistas apresentados, nas minhas incoerências de estudante e de pesquisador, que as nuvens carregadas de dúvidas fossem sanadas pelo céu de brigadeiro do posicionamento de que apresentar esses aspectos trariam uma novidade, um pequeno tempero á perspectiva do ensino geográfico e dos aportes teóricos, nesse sentido quando entrelaço o estudo da categoria 'lugar', mais a 'tecnologia e imagens' e uma visitação na Fenomenologia com os seu enfoque subjetivo.

Devo acrescentar nesse preâmbulo que uma relação de muita vontade de aprendizagem nasceu com referência a Fenomenologia, percebendo como a sua efusiva ação ao longo dos anos estampam uma Geografia Humanista e com novo direcionamento, mantive então contato com os membros do Grupo de Pesquisa em Geografia Humana e Cultural da Universidade fluminense do Rio de Janeiro, vocacionado a obter mais informações, mais conhecimentos. Assim, nesse caminhar voltei a atenção para aqueles que já são possuidores de grandes trabalhos sobre esse tema é o caso de WERTHER HOLZER, LIVIA OLIVEIRA, MARANDOLA JUNIOR, que por sua vez desde a década de 80-90 vem apresentando essa nova possibilidade geográfica, incluindo nas suas produções a tradução literal do livro de Yi Fu-Tuan no ano de 2013, bem como o livro sobre a Trajetória da Geografia Humana. Para minha felicidade ao me aproximar pelos caminhos da Tecnologia, por e-mail enviado ao Professor Dr^o Werther Holzer no ano de 2016, tive um retorno muito considerável da sua parte, comunicava ao Dr^o que a sua ajuda seria de grande importância e prontamente seu retorno foi útil nesse processo.

No mesmo ano fiz minha inscrição para o Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa em Geografia Humana e Cultural da Universidade fluminense do Rio de Janeiro, que ocorreu em Campinas, devido à necessidade de apresentação da pré-qualificação no Programa de Mestrado a minha presença fora cancelada.

Ávido por aprender mais e ter contato com esses estudiosos, submeti um artigo para o **ENANPEGE- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM GEOGRAFIA**, no eixo que trata sobre a Fenomenologia e suas experiências geográficas, com o tema: **FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA HUMANA: composições da vida e lugar, relações de amor e ódio do ambiente geográfico** o qual teve sua aceitação para a comunicação oral no evento no mês de outubro no ano de 2017, o retrato que levanto é que os encaminhamentos estão na esteira de uma produção com resultados ainda não conhecidos, mas com a paixão de um pesquisador da Educação Básica que está intensamente comprometido com o andamento dessa investigação.

Justifica-se então os condicionantes motivadores em que o caminho que leva essa pesquisa no campo do ensino de geografia de forma que envolva professores, alunos e investigador.

Observando toda essa construção inicial somadas a intenção de levar a comunidade docente uma pesquisa que pudesse contribuir com o processo de ensino e aprendizagem na educação que desenvolvi a pesquisa intitulada: **O CELULAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO DAS PESSOAS COM O LUGAR**: imagens do sujeito e o seu lugar, produz inicialmente o seguinte questionamento: pode-se com o uso da tecnologia móvel construir conhecimento sobre o conceito ‘LUGAR’ no ensino da geografia a partir das percepções e relações que os alunos do 1º ano do Ensino Médio da rede Pública Estadual mantém com seus espaços utilizando os dispositivos contidos nos aparelhos e de imagens audiovisuais com vista a produzir materiais para o processo de ensino e aprendizagem?

Nessa concepção destaca-se como objetivo geral deste estudo, a construção de um manual e infográficos com o uso da tecnologia móvel para auxiliar o professor no desenvolvimento do estudo do ‘lugar’ categoria da geografia, a partir das relações e percepções dos alunos do 1º ano do Ensino Médio através de imagens audiovisuais.

Em conformidade com o objetivo central desta pesquisa como objetivos específicos são apresentados àqueles que foram norteadores na concepção da investigação e da intervenção, destacados aqui:

- ✓ Verificar o nível de compreensão que os alunos possuem sobre os conceitos estruturais da geografia principalmente o de “lugar” com base nas aulas expositivas.
- ✓ Conduzir a investigação para o ensino de uma Geografia Humanista com orientação nas imagens e na percepção dos alunos do Ensino Médio sobre o lugar vivido e das suas experiências com o lugar.
- ✓ Utilizar a tecnologia móvel como auxílio para o ensino da geografia no redimensionamento da forma de aquisição do conceito ‘lugar’, explorando os dispositivos tecnológicos que integram os aparelhos de celulares dos alunos- câmera de vídeo e imagem, gravador de voz-.
- ✓ Construir um manual prático e infográficos do passo a passo de como utilizar a tecnologia móvel no ensino da geografia com vistas a aprendizagem do conceito ‘lugar’ através da percepção e das relações dos alunos como seu ‘lugar’ e de imagens.

Desta forma, esta pesquisa encontra-se dividida em dois capítulos teóricos: **PERCEBENDO O MUNDO DA TECNOLOGIA UM CAMINHO SEM RETORNO**: aportes teóricos e conceituais, constitui o início da pesquisa abordei como elemento teórico uma densa abordagem nos condicionantes que a tecnologia levou à sociedade e se fez parte, indico nesse capítulo uma porta condicional para a compreensão da tecnologização universal na estrutura escolar como do próprio ensino, o enfoque preliminar é a percepção que se tem acerca de uma nova ideologia fundamentada pela reestruturação da sociedade. Ainda nesse capítulo considero que a os posicionamentos teóricos são a viga que sustenta toda a composição do estudo, a posição de como a tecnologia móvel e sua ubiquidade pode suscitar novas formas de produção de conhecimentos. O referencial teórico traz como interlocutores para o diálogo os autores Lévy (1993), Castells (2003), Bourdieu (2007), Bottentuit Júnior (2011, 2016), dentre vários outros e suas obras de alto significado para a educação.

Tecendo concepções teórico-conceituais, a importância de se verificar noções preliminares sobre as imagens de forma ampla e de forma particularizada encaminhada para a vertente educacional, sobretudo a importância do levantamento sobre as questões das imagens na aprendizagem e no ensino. A polissêmica significância das imagens faz com que diferentes áreas venham pesquisar, incluindo a geografia, compondo uma interdisciplinaridade necessária, para a compreensão

da forma em que o ser humano se expressa, se comunica com o mundo passando por uma triconomia, que aglutina o valor representativo da imagem, o seu valor simbólico e o seu valor signo.

Em referência à relação do capítulo com a geografia, seu ensino com a imagem é um recurso útil no processo de ensino e aprendizagem de categorias como a de “lugar” que é basilar nesse estudo, analisar as diferentes funções das imagens é tomado ainda como forma de haver comunicação social, por meio desta comunicação é que os sujeitos, as forças ativas, reativas, organizadas e desorganizadas constroem elementos tensionadores entre o ‘eu’ e o ‘outro’.

Ainda é apresentada a abordagem que os livros didáticos trazem sobre o ‘lugar’ com a presença das imagens, e como esses recursos visuais que ilustram os conteúdos contribuem no aspecto da concepção teórica.

Sua incorporação diária e comunicação com o sujeito faz com que se produzam informações e significados no contexto geográfico, tal é a importância que o estudo verifica como ponto as imagens na condução de um ensino e da compreensão desse ensino categorial com o uso do recurso tecnológico. São apresentados os teóricos deste capítulo Aumont (2002), Arnheim (1981), Baldissera (2000).

No capítulo sucessor é apresentado como tema: **LUGAR, TOPOFILIA E FENOMENOLOGIA**: encontros na geografia humanista. Desta forma, neste capítulo proponho uma abertura compreensiva de como o estudo da geografia tem se modificado, ao tratar dessas composições como fundamento, encargo um levantar do posicionamento teórico sobre o lugar no campo da geografia, isto é, dar a composição de ser no trato do lugar.

As premissas que referendam a importância da categoria espacial ‘Lugar’, bem como o levantamento referencial em Werther Holzer (1993, 2013), Oliveira (2012), Marandola Jr. (2012, 2013), Buttimer (1982), Antonio Christofolletti (1982), Lowenthal (1982), Tuan (2013), Dartigues (1992), Ferraz (2009), Cerbone (2014), Merleau-Ponty (2006).

Nesse capítulo caminho pelo método que penso ser a presença do espírito desta dissertação na dimensão de aprofundamento em um método que trate a questão da categoria Lugar. Ao escolher para fundamentar o estudo investigativo, o método da Fenomenologia está sendo percebido como suporte para estudar os fenômenos e objetos que a pesquisa se incumbirá de buscar.

A fenomenologia descreve a experiência do homem tal como ela é, e não segundo as proposições pré-estabelecidas pelas ciências naturais. Trata-se de uma forma particular de fazer ciência: a pesquisa qualitativa, que substitui as correlações estatísticas pelas descrições individuais, e as conexões causais por interpretações oriundas das experiências vividas (MARTINS, 1992).

Yi-Fu Tuan (2013, p. 27) salienta que todos os lugares “são pequenos mundos [...] Lugares podem ser símbolos públicos ou campo de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas”.

As expressões dadas aos diferentes lugares constituem espaços pessoais que servem para aprofundar um estudo sobre o Lugar como forma de adquirir conhecimento mais profundo no contexto em que se volta o olhar da pesquisa. As experiências dos sujeitos envolvidos na pesquisa são reveladoras e produtoras de informações subjetivas na formação de conceitos pessoais.

No quarto capítulo apresento os procedimentos metodológicos que compõem o rigor da pesquisa, destacando que a mesma se enquadra no tipo de pesquisa qualitativa tendo como análises os aportes Fenomenológicos e Topofílicos, com observações na pesquisa-ação, apresentando a proposta do produto final desta investigação, bem como outros elementos componentes da metodologia.

Em conclusão, o quinto capítulo apresenta os resultados da pesquisa. Nessa parte considero a inferência desta investigação no campo do estudo do lugar com o uso do celular, e nesse caso específico a intenção de criar um vínculo comunicativo entre as três principais áreas que estão sendo analisadas: a percepção do lugar, o uso do celular e as imagens com o foco da fenomenologia da Percepção e a Topofilia.

Todos os autores utilizados ao longo do trabalho estarão em constante diálogo, a fim de que seja endossado o elemento empírico à luz do ponto de vista científico discutindo a teoria com rigor. Portanto, os autores do levantamento bibliográfico desta Dissertação destacam-se pelas suas produções constituindo reais possibilidades de se trabalhar de forma interdisciplinar o ensino da geografia com outras áreas como no caso da Filosofia.

CAPÍTULO II

2 PERCEBENDO O MUNDO DA TECNOLOGIA UM CAMINHO SEM RETORNO: aportes teóricos e conceituais.

"Todo conhecimento é polêmico. Antes de constituir-se, deve destruir as construções passadas e abrir lugar a novas construções. É este movimento dialético que constitui a tarefa da nova epistemologia". (Gaston Bachelard, 2013, p. 12).

Tomo emprestado essa observação que Gaston Bachelard faz sobre a composição do conhecimento, ergo uma necessidade de cobrir-me de uma nova postura no *constructo* que procuro desvelar quando sugiro uma abordagem sobre as concepções do mundo tecnológico. A importância nesse primeiro momento de convocar a atenção para um estudo capaz de agregar fundamentos da Tecnologia, sem esquecer as linhas de abordagem da geografia e do estudo do lugar que por sua vez devem ser analisados e aproximados do nosso entendimento.

Se o conhecimento é polêmico, discutir sobre as possibilidades que a educação geográfica com o auxílio da tecnologia móvel para o estudo do lugar é considerado um pré-requisito que deve ser enfrentado e colhido informações teórico-conceituais para combater as visões paradoxais que venham surgir.

É importante conduzir a compreensão inicial de que a Tecnologia tem estado presente em nossa vida diária apresentando diversas mudanças nas novas formas artísticas, nas transformações da relação com o saber, das questões relativas à educação e formação, o qual é um dos importantes destaques nesse capítulo, problemas da exclusão e da desigualdade, gerados pelo desenvolvimento tecnológico (LÉVY, 1999).

No universo da Cibercultura (que ainda será abordado com mais detalhes) a Educação está presente identificada por meio de polissêmicas linguagens. Conforme detalha Teixeira (2013) existem múltiplos canais de comunicação e em

temporalidades distintas. Representados pelas interfaces das TIC que permitem um contato permanente entre escola, professores, alunos e seus pares no ambiente virtual que proporciona o ensino. Desaparecem as possíveis fronteiras para agregar conhecimentos, como os conteúdos educativos que são trabalhados interativamente na comunidade estudantil de forma síncrona e assíncrona, com a possibilidade singular de compartilhar os conhecimentos de forma colaborativa com qualquer outra pessoa em qualquer parte do mundo. Essa é a transformação existencial, a confluência das condições tecnológicas para que a produção de conhecimentos seja realizada pelos sujeitos que participam diretamente dessa evolução.

Na condição geográfica a posição do sujeito é necessária ao apontar os condicionantes tecnológicos para o estudo e concepção da sua geografia e nesse caso o lugar é um dos aspectos a ser considerado.

Desta forma, este capítulo perpassa pelas estruturas que tratam sobre a Tecnologia no contexto da sociedade e sua evolução ao longo do tempo, como os conceitos de um novo universo chamados de Cibercultura e Ciberespaço (LÉVY, 1999). Neste capítulo apresento uma possível ideologia presente da sociedade difundida no campo da necessidade tecnológica (2.1), além de erigir um levantamento teórico com base em estudos atuais sobre a construção de conhecimentos que a tecnologia na educação pode produzir (2.2), trato ainda sobre as questões encaminhadas pela geografia e a tecnologia na produção de conhecimentos apresentando dispositivos e aplicativos utilizados no ensino da geografia (2.3), abrindo caminho para os demais capítulos.

2.1 A TECNOLOGIA: uma ideologia centrada na mudança da sociedade

Alguns conceitos básicos na biologia asseguram que todas as mudanças devem ser sutis, lentas, firmes e quiçá indolores. Destarte, em nível de intensas mudanças podemos destacar a dos paradigmas da tecnologia que nos envolve. O redimensionamento dos grandes avanços tecnológicos experimentados por volta da segunda metade do século XX e mais intensamente no século XXI convergem para

uma penetrabilidade¹ presente em registros históricos das revoluções tecnológicas (CASTELLS, 2003).

Sobre esse paradigma tecnológico a autora Carlota Perez (2010, p.5) aponta:

Para entender mais especificamente o que significa uma troca de paradigma, vale a pena ver uma transformação em que vivem os gerentes de hoje em seu processo de modernização. Todos estamos expostos aos chavões: a globalização, a abertura, a competitividade, a sociedade do conhecimento. Mas uma coisa é entender o seu significado e as suas implicações e outro para vivê-las em concreto, dia a dia, em comparação com a nova dinâmica da concorrência [...], onde a mudança abrange todos os aspectos, dissolve todas as rotinas, perguntas todos os hábitos e revoluciona a cada um dos critérios de decisão tradicionais (tradução nossa).

Nessa troca de paradigmas sugeridos naturalmente pelas mudanças revolucionárias há uma grande interação com a economia e a sociedade no formato de convergência entre os diversos campos tecnológicos, algumas características são classificadas como a informação como a matéria-prima desse período, uma segunda característica dos novos paradigmas é a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias, uma terceira característica a lógica das redes, sendo a quarta característica a flexibilidade em que os padrões tecnológicos, e por último a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado (CASTELLS, 2003).

Discute-se atualmente de forma ampla como a sociedade consegue se habituar à celeridade dos mecanismos que hoje direcionam uma gama de dimensões sociais, políticas, da saúde, a cultura e no caso mais específico a educação?

É notório que todos os espaços foram tomados, pela velocidade dos sistemas, o mundo não é mais o mesmo. Diversos dados mostram que não se vive como antes, define-se até como a “Era do Conhecimento”², esse momento em que as celeridades da vida, das coisas, a forma de uso e de consumo das coisas ou da

¹A referência se dá por conta da penetração em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como o tecido em que essa atividade é exercida, sendo percebida nos eventos em que se destacam as revoluções que ocorreram no universo tecnológico. (CASTELLS, 2003, p.68).

² Na visão de Lastres (1999, p.8), a definição que se tem acerca da “era do conhecimento”, é a conjunção de bases tecnológicas, econômicas, sociais, institucionais, tecnológicas, organizacionais, econômicas e políticas, a partir das quais a informação e o conhecimento passaram a desempenhar um novo e estratégico papel.

tecnologia, são regras básicas que recriam posturas fundamentais para a vida em um mundo globalizado, um mundo 2.0³.

A presença da geografia é contextual, logo, quando se trata do assunto globalização no mundo pós-moderno, das reestruturações que o mundo atravessa, é notório considerar que as aproximações entre diferentes países devido a gama de informações, incluindo uma considerável desterritorialização, onde o mundo e o lugar, concepções geográficas não existem apenas fisicamente, mas com o surto tecnológico, temos a virtualização dos espaços, bem como a desterritorialização que ocorre de forma célere, sem a interferência das fronteiras.

Da mesma forma que se consegue invadir os espaços virtuais, o espaço geográfico tem sua visualização em âmbito mundial; qualquer espaço geográfico é hoje fácil de ser conhecido, bem como o lugar individualizado. Não se trata mais do que ouvíamos falar, as distâncias geográficas foram sendo transpassadas e o conhecimento do global e do local estão em rede. O que leva informações das mais diferentes naturezas, conteúdos que podem convergir para enobrecer o lugar, como depreciá-lo.

Na visão de Castells (2003) a Revolução da Tecnologia da Informação foi essencial para a implementação de um importante processo de reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 1980, e que todas essas mudanças foram pautadas e moldadas, a fim de sustentarem o interesse da ordem mundial capitalista. Confirma-se a tese de que tanto o sistema capitalista que historicamente tem suas raízes no século XIV e a ordem da globalização como a forma de redimensionar e concretizar o capitalismo como modelo econômico, político e social da civilização humana, necessita de meios instrumentais para que não ocorram ameaças ao sistema.

O conhecimento e a informação são elementos que por sua vez tornam-se cruciais em todos os modos de desenvolvimento da sociedade Castells (2003), logo, o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de conhecimento e no processamento da informação, sendo necessário para o progresso econômico, as

³ O termo utilizado faz alusão à Web 2.0 que por sua vez foi criada em 2004 para reforçar a tendência da colaboração e troca de informações entre os internautas. Não obstante, a Web 2.0 e suas ferramentas, foram construídas não com fins educacionais, mas para outras finalidades, principalmente os sites que seguissem a nova tendência de organização de mercado mundial, teriam sua garantia nesse processo virtual. (PAIVA, 2012, p. 65).

alterações que ocorrem tornam-se fulcrais na vanguarda da corrida de mercado nesse período da globalização.

A humanidade sempre esteve envolvida com algum tipo de conhecimento que fomentasse condições de ocupação em diferentes espaços. A propagação desses conhecimentos pelas civilizações, o desenvolvimento das sociedades foi acontecendo cada vez mais de forma intensa, as técnicas se transformaram em tecnologias e difundiram-se em tecnologias de informação, com maiores condições que levassem a rupturas nunca antes imaginados.

Conforme aponta Lévy (1993, p.16-17):

Quando uma circunstância como uma mudança técnica desestabiliza o antigo equilíbrio das forças e das representações, estratégias, inéditas e alianças inusitadas tornam-se possíveis. Uma infinidade de agentes sociais exploram as novas possibilidades em proveito próprio (e em detrimento de outros agentes), até que uma nova situação se estabilize provisoriamente, com seus valores, suas morais e sua cultura locais.

O que caracteriza fundamentalmente esse período, também alcunhado de Revolução Tecnológica, não é a centralidade de conhecimentos e informações, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de novas possibilidades e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em meio a um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e o seu uso (CASTELLS, 2003).

A base de conhecimentos que ao longo do tempo se construiu dialeticamente e socialmente, tornou-se legados deixados como meio social para que o homem pudesse se destacar de outros seres. Não obstante, esse legado cultural deixado para que o homem interferisse inclusive nos ambientes naturais como forma de dominação, fez com que o mesmo usurpasse espaços que reproduzissem a ideologia que o conhecimento foi capaz de produzir na sociedade.

No que tange a questão dos posicionamentos ideológicos como forma de dominação sócio-político e econômica Foucault (1987) direciona o entendimento em que o poder é o elemento que estrutura a sociedade e a mantém hierarquicamente organizada esse poder vem mediante as ideologias que são profundamente veiculadas.

Entretanto, vê-se ainda uma ideologia oculta que nos leva a vários caminhos interpretativos sobre a forma de dominação social, o destaque que a

tecnologia representa nesse momento, pode ou não ser considerado uma forma de dominação mais organizada, invisível e que está em todos os lugares.

Deve-se tomar um cuidado peculiar em verificar onde esta ideologia se apresenta de forma mais pujante, perceber que esse movimento se apresenta de várias formas, em alguns momentos servindo a sociedade e outros sendo alcunhada como mal absoluto pelos que desconhecem a sua ação no meio social.

A ideologia da informação e do conhecimento atualmente é vista como fonte de vida necessária a diversas nações, uma busca incessante pela corrida desses elementos, tudo se torna obsoleto em curto espaço de tempo. Não obstante, a informação se torna desatualizada e o conhecimento ultrapassado, constando como bens econômicos primordiais, o que nem sempre foi verdade (LÉVY, 1996).

Estamos envolvidos desde o fim do século passado, em um sistema tecnológico diferenciado, a aurora que desponta nesse século XXI, tem sua base nos anos de 1970. Castells (2003) considera essencial à importância de contextos históricos específicos das trajetórias tecnológicas e do modo particular de interação entre a tecnologia e a sociedade, relembra algumas datas significativas que estão associadas a descobertas básicas nas tecnologias da informação. Um dos pontos em comum entre os momentos é que embora estejam baseadas em conhecimentos já existentes e desenvolvidas como uma extensão das tecnologias mais importantes, essas tecnologias representam um salto qualitativo na difusão maciça em diferentes setores, incluindo os setores civis, dando acessibilidade, custo de uso cada vez menor e com qualidade maior.

Como base central nessa discussão destaco Castells (2003) como aporte dos dados relacionados aos aspectos referentes às datas e as invenções que foram fundantes para a era da Tecnologia da Informação e Comunicação. A princípio temos na década 1970 o surgimento do principal dispositivo de difusão da microeletrônica, o microprocessador, logo, em 1975 o microcomputador é inventado. A Xerox Alto, a matriz de muitas tecnologias de *software* para os PCs nos anos de 1990, a fibra ótica no início de 1970, na década de 1990 a biotecnologia ganha grande notoriedade com a clonagem genética, são apenas algumas das ocorrências em escala mundial de como a tecnologia esteve presente e se fez considerar como um verdadeiro ato na revolução em diferentes campos da ciência.

Esses mesmos eventos são alcançados e tratados pela geografia escolar, discute-se abertamente e amplamente como essas novas concepções tecnológicas

interferem na produção espacial, bem como o processo de Globalização evidencia as celeridades que constituem essas mudanças paradigmáticas em todos os setores da sociedade. A forma de se perceber o mundo e seus constituintes também muda por conta da Tecnologia.

Esses eventos servem como orientação da percepção que o mundo está em uma verdadeira ebulição⁴, constantemente, vemos e sentimos como ela nos afeta de forma singular. Em nenhum outro momento do processo histórico, ocorreram em tempos curtos e ao mesmo tempo grandes transformações. A sociedade vive, percebe e estranha, as mudanças que decorrem da tecnologia, condicionam novas formas de pensar, se pensa com mais velocidade, as habilidades tem que se aflorar, é o mundo 2.0, o homem 2.0, a sociedade 2.0, decorrente dos modelos que se estabelecem e que tomam a frente de todos os mecanismos da organização em sociedade.

Para que possamos compreender os processos é necessário, além do modo de agir, pensar e se relacionar com as coisas da nova sociedade, a evolução dos dispositivos que propuseram e fazem parte dessas modificações percebidas. Novas concepções surgiram, novas práticas, ocupações, tudo sofreu alterações em tão pouco tempo, o que temos hoje é a sociedade midiática, da era digital, da era do computador.

Conforme menciona Santos (2009, p. 29):

Uma das principais características do homem é a sua capacidade inventiva. Ao longo da história, ele cria, produz, transforma o meio ambiente em que vive e se transforma nesse processo. A história da humanidade é permeada por invenções que dão novos contornos à realidade, alteram as relações entre os homens e produzem mudança no desenvolvimento das sociedades.

É nessa configuração de nova sociedade que estamos inseridos, que autores como Lévy (1999), enfatiza a atitude geral frente ao progresso das novas tecnologias, a virtualização da informação que se encontra em andamento e a mutação global da civilização.

⁴ Desde a metade do século passado, as teorias vigentes vêm sendo postas em questão e a ciência vive um momento de grande ebulição, experimentando um movimento de transformação, na busca de novos paradigmas (será que ainda podemos falar em paradigmas?) que possibilitem explicar os fenômenos naturais e sociais de maneira mais ampla. (PRETTO, 2006, p.19).

Nesse novíssimo *modus* de vida considerado espetacular por conta da difusão das tecnologias de informação e comunicação Soares (2006), observa que é muito mais que representar um conjunto de mudanças em todos os tipos de relações sociais, sentimos a invasão nas nossas vidas e rotinas, a nova linguagem operacional da interação com o mundo, com os fatos, informações e dados, instalam o paradigma de integração social com o acesso e uso consciente e crítico do ferramental disponível nesse dado momento histórico.

Esse momento em que as novas tecnologias tomam um grande espaço e integram o mundo de uma forma cada vez mais célere, gerando gamas enormes de comunidades virtuais, configurando nos primeiros passos históricos das sociedades informacionais características de uma preeminência da identidade como seu princípio organizacional, construindo significados principalmente abalizados e determinados por atributos culturais, que por sua vez essas identidades vão se moldando em um *vis-à-vis*, com outras fontes identitárias dessa aldeia global⁵ tecnológica (CASTELLS, 2003).

Considero que o próprio ensino da geografia participa da mesma onda que envolve o campo da tecnologia em sociedade, da fluidez de informações desse mundo globalizado estudado por essa ciência, não se furtando de entender a funcionalidade desse sistema gerador de conhecimentos.

Outra necessidade de entendimento para esse momento que vivemos é apresentado por Lévy (1999, p.17), como o ciberespaço e a cibercultura, por sua vez, o ciberespaço: “é o novo meio de comunicação que surge a interconexão mundial dos computadores”, não está se considerando aqui apenas uma infraestrutura material da comunicação digital, mas como está direcionado para o universo de informações abrigadas por ela, assim como os seres humanos que navegam e se alimentam constantemente.

Para Lévy (1999, p. 41):

[...]. O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicações, telepresença), e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona). Não chega a ser

⁵ O termo Aldeia Global, criado por McLuhan (2007) defende que a partir do advento e do desenvolvimento tecnológico dos novos meios de comunicação (como a TV e o telefone, por exemplo), o mundo se interligaria completamente, havendo, assim, uma intensa troca cultural entre os diversos povos, aproximando-os como se estivessem numa grande aldeia inteiramente conectada. Foi ele que disse por volta da década de 60 que "Uma rede mundial de ordenadores tornará acessível, em alguns minutos, todo o tipo de informação aos estudantes do mundo inteiro".

uma novidade absoluta uma vez que o telefone já os habituou a uma comunicação interativa. [...], apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos quiser) se coordenem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. [...], a extensão do ciberespaço acompanha e acelera uma virtualização geral da economia e da sociedade.

Desta forma, é conveniente destacar que o ciberespaço aproximou todos os distanciamentos que antes eram físicos e que agora através da virtualização do corpo experimentamos uma nova etapa na aventura da autocriação que sustenta nossa espécie. Seguramente, podemos perceber através de inúmeros dispositivos nesse momento, as sensações de outras pessoas, em diferentes momentos e outros lugares. Nesse instante, que essas reais possibilidades nos são apresentadas pelos meios tecnológicos digitais de informação e comunicação no ciberespaço a humanidade necessita acompanhar de forma que posso ser profícua às suas peculiaridade (LÉVY, 1999).

As torrentes de informação que invadem e que inundam a sociedade, cada vez mais no mantra de um “sirva-se quem precisar e do que precisar” como também do “faça de mim o uso que entender” (ALARCÃO, 2011, p.14), deixam o cidadão comum em uma situação de encurralado, podendo muitas vezes ser sucumbido por não acompanhar tamanho *conditio sine qua non*⁶.

Ao apontar que essa é uma condição necessária para sobreviver nesse século XXI e para os posteriores, concordo com o que discutem os estudos embasado nas linhas teóricas que sustentam um novo paradigma a ser seguido, que tal evolução está presente em todos os setores, e que aqueles que se distanciam podem sofrer duras consequências.

Em relação ao campo da geografia a tecnologização é singularmente essencial. No aspecto referente à localização, o uso da tecnologia tem servido grandemente, pois, a presença hoje de dispositivos na internet como o *GPS* podem conduzir qualquer pessoa a localizar-se de forma correta. A utilização desses meios estão presentes em nossa sociedade e fazem parte do nosso cotidiano. Atualmente, o ser humano para ter contato com o lugar pode se dirigir ao universo da *www* e rapidamente poderá adquirir informações sobre o elemento que busca.

⁶ *Conditio sine qua non*. sig. Condição indispensável. Condição sem a qual não se faz tratado algum. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/conditio+sine+qua+non/>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

As técnicas produzidas pela cultura da sociedade tornam-se condicionadas a elas, significa dizer que se abrem algumas possibilidades, em que algumas opções culturais e sociais não poderiam ser pensadas a sério sem a sua presença. A discussão parte ainda para uma linha destacada por Lévy (1999, p. 26) onde: “uma técnica não é nem boa e nem má, (depende dos contextos, usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e do outro fecha espectro e possibilidades)”.

Em referência à questão das técnicas, essas carregam consigo projetos, esquemas imaginários, implicações sociais e culturas bastante variadas. A presença delas e seu uso em lugares e épocas determinadas acabam por cristalizar as relações de força sempre diferentes entre os seres humanos e suas variadas atividades (LÉVY, 1999).

Outro ponto a destacar é o aspecto da Cibercultura termo criado por Lévy (1999) e amplamente discutido. Tem como aspecto “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. (LÉVY, 1999, p. 17).

Esse outro elemento que faz parte do mundo tecnológico a cibercultura interconecta homens e homens, máquinas e homens e máquinas e máquinas, Lemos (2007) motivadas pela ação nômade do deslocamento tecnológico de forma intensa que produz uma cultura intensificada pela ubiquidade da informação de formas variadas (3G, *wi fi*), conduzindo o sujeito social a conviver com as novas demandas tecnológicas.

O processo de desenvolvimento da Cibercultura se dá analogicamente ao da inclusão da tecnologia Castells (2003), Lemos (2007), logo, o surgimento da microinformática nos anos 1970, e a convergência da tecnologia com o estabelecimento do *personal computer* (PC), foram fundantes para outros eventos sucessores a esse período, percebidos na década de 1980-1990, a popularização da internet e a transformação do computador pessoal em um computador coletivo, que iniciava a conectividade com o ciberespaço.

No século XXI o desenvolvimento da tecnologia móvel e altamente perceptível (laptops, palmtops, celulares), movimenta a tecnologia ubíqua, que insiste muito mais na mobilidade, na extrema conexão, produzindo maiores relações telemáticas entre o mundo tecnológico e o *mobileuser*.

Uma necessidade urge nesse momento das grandes inovações, destacando a concepção sobre a educação participante como protagonista que apresenta novos caminhos entre a escola, o ensino, a formação docente e o aluno, inseridos nessa sociedade multicultural, logo, considerada por muitos como a ‘Sociedade do Conhecimento’ (AGUIAR, 2013).

Não existe mais nenhuma dúvida sobre a Revolução Tecnológica que se vive, toda a nossa vida cotidiana está envolta por essas alterações do mundo cibercultura e do ciberespaço.

Pode-se questionar: todos os espaços de formação de identidades na sociedade como a escola estão acompanhando essa evolução do meio tecnológico? As transições que passam o meio em que vivemos exigem constantes atualizações, o campo educacional é um desses que deve se fazer notar e exigir a sua participação efetiva nesse formato que a sociedade tem tomado como modelo, caso contrário não terá sucesso o seu ofício de educar.

Silva (2012, p. 27), contribui analisando que:

O aprendiz precisa ser bem orientado para perceber as potencialidades das informações que se encontram disponíveis em grande quantidade no ambiente digital, e o lugar mais adequado para que isso ocorra é a escola, uma vez que ela oferece ferramentas de suportes destinadas à aprendizagem.

Percebo, que a escola é o espaço em que o sujeito-aluno, tem a possibilidade de se desenvolver com maior suporte, uma vez que é nesse espaço que acontecem relações que podem ser colaboradoras no desenvolvimento desse aluno, tanto quanto o próprio ambiente que envolve a cibercultura, todavia, a presença do professor serve como uma espécie de orientador nessa conjuntura de ensino e aprendizagem.

Acompanho o entendimento sobre a escola apontado por como Alcici (2014, p.02): ‘sendo uma instituição historicamente situada e está sujeita as mesmas influências que afetam a sociedade como um todo’. É justamente a escola no contexto de salvaguardar a sociedade, mostrando um caminho eficiente do uso da tecnologia, que ela não pode ignorar os avanços contemporâneos.

A formação das novas identidades que constituem a sociedade contemporânea perpassa de forma significativa pela escola. Todas as evoluções desses meios se deparam com a instituição de ensino e com os sujeitos que dela

usufruem professores, gestores, alunos e a própria comunidade, que ainda acredita ser uma válvula de escape para mazelas sociais o espaço sagrado da escola.

Acredito que a participação popular nesse momento de intensa disseminação dos mecanismos tecnológicos, são portas para maiores motivações, há uma necessidade em buscar na escola uma organização nova e dinâmica que estimule a prática da cooperação entre os educadores, articulada com a presença permanente dos outros agentes que fazem parte da educação, os pais e dos alunos no fazer educativo da escola (RODRIGUES, 2003).

Nesse lastro, a educação enquanto vetor de desenvolvimento no processo escolar tem a responsabilidade de se apropriar dos meios e dos mecanismos apresentados como condições representáveis de uma sociedade neomoderna. Santos (2009, p. 57) reconhece que: 'a educação por mais uma vez assume esse papel de importante fio-condutor dos cidadãos para 'o conhecer' e se apropriar desse novo saber gerado pelas TDIC'.

Se a escola é um dos caminhos para que a Tecnologia possa se apresentar como colaboradora no processo educacional, o ensino da geografia vê condições reais de tratar os conteúdos e conceitos como o caso específico do espaço geográfico e do 'lugar', que é um dos conceitos mais importantes da geografia, de mãos dadas com esse universo das TDIC que apresentam canais variados para que também o professor possa desenvolver no contexto ao conteúdo para que ocorra uma aprendizagem mais significativa.

Assim, Callai (2004, p.01) considera que:

Na nossa vida, muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos.

Desta forma é interessante observar que o papel da escola pode fortalecer a construção e conhecimentos, no campo do ensino da geografia, observar esse relevante papel discutindo e tentando levar o aluno a essa produção, a tecnologia pode auxiliar nesse fluxo. O estudo do lugar é um aporte nesse processo.

Por mais que alguns vejam a escola e a educação escolar enquanto instância de hierarquia operacional de ensino, como seleciona Rodrigues (2003),

uma espécie de laboratório de pesquisas, ou por um lugar para a ocupação profissional, e ainda alguns sujeitos sociais a veja como um depósito de marginais, local de assistência social e chegando ao extremo como inutilidade para onde os recursos públicos são destinados, acredito que essa percepção não é totalitária, pois, na escola se produzem identidades e conhecimento.

Durante muito tempo acreditou-se que a função da escola e a sua proposta de universalização no limiar da sociedade moderna estava centrada, como espaço para inserir o cidadão para adquirir necessariamente os conjuntos de competências que a sociedade exige, ou seja, preparar os indivíduos para uma vida cultural não significava única e exclusivamente, dotá-los de uma série de informações, ou mesmo de uma série de conteúdos a respeito dos saberes herdados, mas, sobretudo, inseri-los na concepção de mundo de uma sociedade emergente (RODRIGUES, 2003).

Portanto, o cidadão não consegue sozinho nessa rede de intervenções da tecnologia global, compreender a largo tais redistribuições complexas, os considerados imigrantes digitais têm que conviver e não apenas ter um conhecimento parcial, mas requer que se instrumentalize de conceitos, e dos mais variados para a compreensão total das rupturas, dos novos paradigmas a serem seguidos e da evolução que nos envolve.

Observamos ainda, que os dispositivos tipificam um discurso que sublinha a urgência da inserção de uma linguagem das tecnologias na educação como fator fulcral para a formação do cidadão para viver na chamada sociedade da informação, que não tem mais espaço para o simples acúmulo de conhecimento (SANTOS, 2010).

Os dispositivos que são apresentados e devem ser discutidos amplamente como o seu acesso deve ser possibilitado a todos para que possam estar realmente imersos pelos aparatos que o Estado e as suas políticas desenvolvem com fins escolares. É na escola que as mudanças devem ocorrer mais intensamente como a forma de absorver os elementos culturais, é no mesmo espaço que a linguagem tecnológica deve ser intensificada, a fim de apropriação por todas as classes que fazem parte do universo escolar.

Tomando como base as concepções do Estado e suas políticas a despeito do seu significado diante da sociedade, em que um acúmulo de conhecimentos apresentados pelo currículo de maneira intensa, não acomoda mais

o que é de propositura da nova ordem econômica, assim o estado mobiliza a reestruturação e os novos parâmetros surgem para conduzir os cidadãos, para os novos processos de ensino e de aprendizagem (BRASIL, 2000).

Soares (2006, p. 30) acrescenta que é:

Considerando o caráter econômico e cultural que envolve a apropriação das tecnologias no cotidiano social, e a dominação pelo poder do conhecimento e da técnica, a reversão deste quadro será possível pela pesquisa e, em grande parte, pela democratização do saber que guarda o domínio e a criticidade sobre os usos e aplicações políticas, econômicas e sociais das tecnologias de informação e comunicação.

Assim, fortalece a ideia de que além do domínio que as estruturas políticas e econômicas têm sobre a tecnologia, é salutar que o sistema educacional esteja se apropriando diretamente dos benefícios que são gerados pelo universo da tecnologia e que a figura do Estado possa ter um compromisso maior com as instituições de ensino, a fim de não retardar o processo de inclusão com aqueles oriundos de camadas mais humildes.

Em nosso país a discussão sobre a política de informatização da sociedade se estende há muito tempo, para a construção de uma base alicerçada por uma capacitação científica e tecnológica de alto nível, capaz de garantir a soberania nacional em termos de segurança e desenvolvimento, durante esse período o Brasil buscava garantir o espaço na corrida tecnológica, tanto na área civil, a nível de mercado, quanto na área militar (PRETTO, 2006).

Portanto, a interpretação a respeito dessa evolução dos meios tecnológicos em que o Brasil tem a necessidade de buscar condições para estar de igual forma a outros países que estão à sua frente, traduz-se, que embora os estorvos decorrentes daqueles que veem a tecnologia na escola como um movimento não contribuidor com o desenvolvimento do sujeito aprendiz é necessária para a sua futura atuação no mundo do trabalho.

Sabe-se que além do conhecimento e das informações que decorrem profundamente no ciberespaço e difundido pela Cibercultura, a introdução do sujeito no mercado de trabalho é inevitável, premente e devendo acompanhar as nuances ofertantes.

Na observação de Castells (2003), o processo de trabalho situa-se no cerne da estrutura social, da mesma forma cremos que se a escola forma o indivíduo

para o mundo, para a apropriação do conhecimento, também para o mercado de trabalho. Mesmo as sociedades informacionais sendo desiguais, e as disparidades originando-se menos de sua estrutura ocupacional e sim das exclusões e discriminações que ocorrem dentro e em torno da força de trabalho.

Assim, surgem novas oportunidades e novas categorias de emprego, que se apresentam no campo do trabalho projeções com o aumento da participação das profissões especializadas e técnicas (CASTELLS, 2003).

A participação do sujeito nesse novo mercado de trabalho não é mais novidade e sim uma necessidade em se aprimorar e convencionalmente estabelecer uma aproximação maior com os meios da tecnologia digital de informação e comunicação. E na escola poderá adquirir com maiores possibilidades, desenvolvendo as competências e habilidades indispensáveis.

A força motriz de uma nova concepção educacional com significado norteador para o uso das TDIC em sala de aula e fora dela, indubitavelmente contribui para a melhor compreensão e reconstrução de conhecimentos como fonte para a busca das alternativas que soam como problemáticas contextuais, assim como para a transformação da realidade em que estamos imersos. Levando em consideração mecanismos que propiciem a aprendizagem capaz de mobilizar como uma força centrípeta as diferentes dimensões cognitivas, sociais e afetivas dos alunos.

Na visão de Valente (2002, p. 23):

As novas tecnologias usadas na educação – que já estão ficando velhas! – deverão receber um novo incentivo com a possibilidade de junção de diferentes mídias em um só artefato: TV, vídeo, computador, Internet. Estamos assistindo ao nascimento da tecnologia digital, que poderá ter um impacto ainda maior no processo ensino-aprendizagem. Será uma outra revolução que os educadores terão de enfrentar sem ter digerido totalmente o que as novas tecnologias têm para oferecer. E a questão fundamental é recorrente: sem o conhecimento técnico será possível implantar soluções pedagógicas inovadoras e vice-versa; sem o pedagógico os recursos técnicos disponíveis serão adequadamente utilizados? (grifo nosso).

A questão levantada por Valente (2002) decorre da dificuldade que muitos professores ainda possuem em relação ao trato com os elementos que se inseriram nesse nosso período histórico. Existe um questionamento recorrente onde a falta do conhecimento técnico para a solução das questões de cunho pedagógico, bem como o pós-domínio dos elementos necessários em que o professor utilizará

pedagogicamente como os recursos disponíveis, é necessário investigar de maneira mais profunda.

Percebendo ainda nesse lastro as sofisticações tecnológicas que nos circundam, dois aspectos são cruciais para a efetiva implantação das tecnologias na educação, na mudança do *habitus* do professor e das estruturas em que o mesmo está inserido e de forma indivisível são capazes de levar a educação aos níveis de ensino e aprendizagem desejados. Um primeiro destaque é o domínio técnico e pedagógico, ambos não podem acontecer de forma estanque ou separados, isto é, torna-se um complicador imaginar primeiro o professor sendo um especialista em tecnologia, ou mídia digital e depois lograr de forma exitosa, para tirar proveito nas atividades pedagógicas. A solução básica nesse processo acontece pelo acompanhamento mútuo, para potencializar novas ideias de forma concomitante. A espiral que surge quando o domínio das técnicas acontece por exigências e necessidades do pedagógico, acabam criando maiores aberturas no fazer pedagógico, como ascendência na complexidade técnica e pedagógica (VALENTE, 2002).

Destaca-se, portanto, que o domínio técnico não é um elemento primordial para o desenvolver de uma habilidade voltada para o ensino, pois, é justamente sobre essa égide discursiva que estou tratando. O professor deve conhecer para constituir parte das suas competências que possam auxiliá-lo no processo pedagógico.

O segundo aspecto refere-se à especificidade em que cada tecnologia conversa com o formato pedagógico em sua aplicação, o professor tem a responsabilidade de conhecer o que cada uma das diversas facilidades tecnológicas tem a oferecer, além de saber como poderá ser explorada nas diferentes situações educacionais, logo, os estudos acabam apontando para diferentes estilos na aprendizagem do aluno, e depende daquilo que se está estudando e dos objetivos que o professor deseja alcançar (VALENTE, 2002).

É importante ressaltar que o professor deve perceber se a gama de oportunidades está servindo ou não para a construção do conhecimento, com base na criticidade, na reflexão que por sua vez sustenta a produção do conhecimento tão auferido no sistema escolar. E, nesse aspecto o conhecimento pedagógico do professor é salutar.

Em relação a um pequeno apontamento histórico no que tange as implantações dos laboratórios de informática como modelo de novos *habitus* Santos (2010, p. 109) comenta que:

A estética convencional dos laboratórios de informática no final dos anos 80 e do início dos anos 90 era um ambiente gélido [...], não permitia a convergência com outras mídias [...]. A chegada desse universo em algumas escolas, o da Informática, mudou radicalmente toda a estrutura, não apenas sendo introduzida como uma atividade de cunho transversal e integrada do currículo escolar, mas também como uma disciplina a mais e como especialidade. Mesmo mudando a forma do tecido social, essa reestruturação leva a consequências iniciais nos novos processos produtivos, bem como em novos modos de pensar e atuar com a informação e o conhecimento.

Essa abordagem poderia apresentar alguns problemas da falta de qualificação para o desenvolvimento do trabalho pedagógico do professor, haja vista, que o instrutor de informática não possuía formação para atuar na área pedagógica da educação, seja com crianças, jovem ou adulto. Destaco ainda, que nesse viés a clara dificuldade de aliar os conhecimentos da informática com o pedagógico em consonância, se traduzia em algo que partia da falta de conhecimento metodológico e didático, como possibilitadores de articulações entre os saberes envolvidos para a produção do conhecimento do aluno.

Santos (2010, p. 112) descreve que:

Os maus usos da primeira fase foram descritos como usos instrucionais do computador na escola. O instrucionismo é uma corrente pedagógica baseada na teoria didática tecnicista, sustentada pela teoria da aprendizagem behaviorista, que se apresenta pelo uso da instrução em detrimento dos processos educacionais mais amplos. Aqui são valorizados as técnicas, seus recursos e a aprendizagem mecânica, em detrimento de uma relação mais dialógica entre seres humanos e objetos técnicos. Assim, as tecnologias seriam mediadoras no favorecimento de processos de aprendizagem mais significativos, ou seja, processos que valorizam a subjetividade e a construção plural de sentidos e significados.

O caminho percorrido pela escola para se equilibrar nesse universo que despontava no período discutido e que ainda está em construção, advindos dos problemas atuais sobre as poucas evidências empíricas consolidadas no campo de interesse do estudo da 'Tecnologia para fins Educacionais'. Serve como um fio condutor para revelar como a atuação do professor em relação ao domínio das técnicas necessárias, seu aprofundamento e as conjunções que possa realizar entre esses e o pedagógico nesse novíssimo *habitus* que rompe com barreiras e constrói

novos sentidos na sociedade se tornam necessários como são apontados pelos estudos.

Com base no texto elaborado por Tardy (1976, p.26) temos maiores contribuições que se coadunam nessa mesma compreensão, diz ele:

[...]. No relacionamento pedagógico habitual, o professor sabe, os alunos não sabem, ou não sabem grande coisa. Com o cinema e a televisão, se constata uma defasagem entre o que os alunos sabem e o que os professores sabem, mas em sentido contrário: é o professor o ignorante. Os alunos têm um conhecimento das mensagens visuais e uma familiaridade no que respeita a elas que os adultos não possuem. [...]. Os alunos já pertencem a uma civilização pré-icônica. Daí essa situação sem precedentes na história da pedagogia: **os professores precisam, senão ultrapassar, pelo menos alcançar seus alunos** (grifo nosso).

Desta forma compreendo que os professores devem ter a maturidade profissional para acompanhar o nível de desenvolvimento que está sendo apresentado e das possibilidades de se fazer diferente com as questões de natureza pedagógica que envolvem o processo de produção do conhecimento. Não pode haver uma postura de isolamento ou descaso frente àquilo que tem sido apresentado. Contudo, parte do professor, requerer para si a articulação dos seus saberes pedagógicos, metodológicos com os da tecnologia. Uma verdadeira alfabetização tecnológica para acompanhar os alunos e os modos de fazer diferente.

Para o professor é recomendável nesse mundo de informações céleres onde diferentes meios podem levar a produção de conhecimentos, estar preparado para agir com competência em seu trabalho de intermediar o conhecimento, mostrando assim que a aprendizagem pode ocorrer em qualquer lugar e de formas variadas, perpassando pela aplicação tradicional do esquema de ensino e as inovações tecnológicas.

As constatações que o paradigma da mudança do *habitus* e do comportamento para acompanhar o ritmo acelerado do mundo da tecnologia, podem seguramente “aproximar as pessoas, fazendo-as ter contato com o mundo para construir seu horizonte cultural, e ao mesmo tempo afastá-las, aprofundando as desigualdades sociais no que se refere ao acesso a essas vantagens”. (SAMPAIO & LEITE, 2013, p. 10).

É importante observar como os paradigmas que sugerem a mudança de *habitus* dos sujeitos que estão na escola convergem em aproximações entre os indivíduos sociais, haja vista, que são novos dispositivos que se configuram na sociedade. Desta forma, podendo então levar a uma visão mais ampla de mundo

pela larga conectividade, ampliando os aspectos culturais entre os sujeitos como também pode-se ter uma inversão que a formação de uma desigual acessibilidade a esses padrões.

Essa alfabetização tecnológica não diz respeito meramente ao uso mecânico dos aparatos tecnológicos que estão presentes em algumas escolas pelo professor, mas vai mais profundo ainda, encaminha-se para que o uso dos recursos tecnológicos seja dominado de forma crítica (SAMPAIO & LEITE, 2013).

Em relação à alfabetização tecnológica para o professor, Sampaio & Leite (2013, p. 16) comentam ainda que:

A ideia de alfabetização tecnológica do professor não pode ser compreendida na sua plenitude sem antes ser contextualizada, e para isso nada melhor do que perceber que nesse último século o mundo vem se desenvolvendo com tamanha rapidez que em poucos anos transformou-se, em termos de produção material e cultural, mais radicalmente do que nos séculos já passados.

Não podemos fechar os olhos diante de tudo que está ocorrendo e das necessidades existenciais, mas devemos ter a direção e postura para andar pelo caminho que a Educação tem que ir, acompanhar o ritmo é extremamente necessário, a criação de um ensino mais significativo Braga (2013), ou melhor, com os aparatos educacionais necessários não só ensinar, mas, sobretudo, criar condições de aprendizagem Alcici (2014), usar ferramentas de interação pelo professor Bottentuit Junior (2011), onde o professor deixa de exercer o papel de suprema autoridade e transmissor do conhecimento para um orientador (Matte, 2012), devendo ser mediadores interessantes, competentes e confiáveis (Moran, 2013).

Desta forma percebo que as mudanças na educação, não decorrem singularmente da instituição de ensino, mas principalmente do profissional que dela faz parte “o professor”, essa mudança deve acontecer principalmente do “ser” professor, possibilitando as significativas reentrâncias entre os processos educacionais, e uma maior capilaridade na construção indivisível do rebento de engrenagens que se somam para efusivamente responder e corresponder com este novo momento histórico e tecnológico.

Desta maneira, conhecer os dispositivos que podem colaborar com o processo escolar, bem como verificar se os mesmos são capazes de produzir

conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem é o que discuto com base em diversos estudos, verificando como a Tecnologia Móvel pode gerar conhecimento, a partir do seu uso correto.

2.2 A TECNOLOGIA MÓVEL NA EDUCAÇÃO: seu uso na construção de conhecimentos

Pode a Tecnologia Móvel gerar conhecimento? Início com uma pergunta essa sessão para tentar chegar a um posicionamento teórico-conceitual, dentro das necessidades ainda previsíveis para a compreensão desse universo.

De forma ampla sobre o tema Tecnologia e partindo do meu interesse de beber em diferentes fontes a entrevista de Jonh Daniel⁷ no livro “Educação e Tecnologia num mundo Globalizado” que é uma coleção de muitas outras de suas entrevistas e reuniões com a UNESCO entre os anos de 2001-2002, me chamou a atenção, com o tema: Tecnologia é a resposta, mas quais são as perguntas dos ministros da Educação?

Ao fazer o destaque inicial sobre o questionamento Jonh Daniel (2003, p.151) estabelece três metas que o mesmo chama de “eterno triângulo”, referindo diretamente se há necessidade de aumentar o acesso à educação como meta número 01, melhorar a qualidade do ensino meta de número 02 e por fim, a meta 03 desse triângulo, reduzir os custos ou impedir que o orçamento seja afetado.

As metas estão representadas abaixo em formato de triângulo para que se possa compreender melhor quais as verdadeiras necessidades de levar para o campo da educação necessidades reais de serem modificadas. Devido isso percebe-se que a tecnologia é uma das respostas para que se alcance a qualidade de ensino, logo, essa pode ser um caminho.

⁷ John Sagar Daniel (United Kingdom) John Sagar Daniel was appointed Assistant Director-General for Education in 2001. Born in 1942, Mr. Daniel obtained an undergraduate degree in Metallurgy in 1965 from Oxford University. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/education/aboutus/whoweare/history/assistantdirectorgeneral/john-daniel/>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

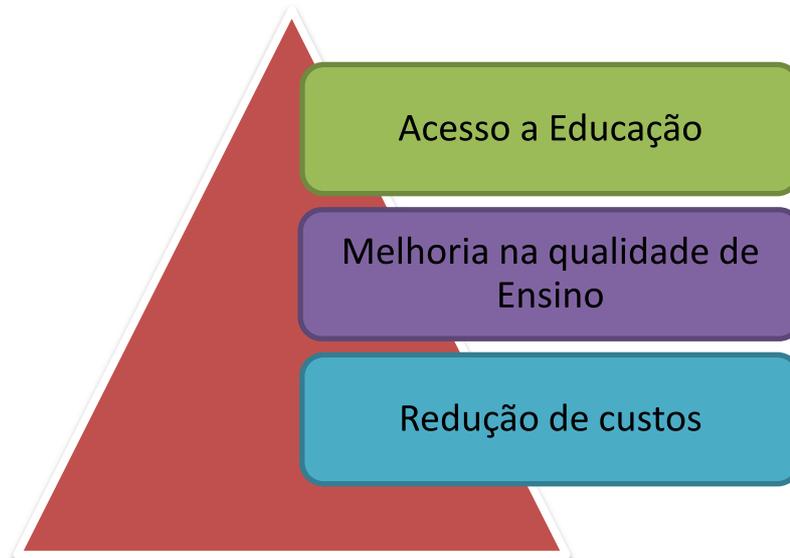


Figura 01: Triângulo de Metas- Eterno Triângulo de Jonh Daniel
Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Jonh Daniel, 2017.

Todas as metas estão interligadas e umas mais voltadas para um debate na esfera das políticas públicas educacionais. A meta desse triângulo proposto por Jonh Daniel (2003), que está conectada com a temática é a da melhoria da qualidade de ensino o que supostamente incide na qualidade e desenvolvimento do conhecimento.

A redefinição desse triângulo é considerada importante, pois ao mesmo tempo em que a tecnologia pode melhorar o acesso, a qualidade de ensino e os custos, contudo, pode também inverter essas posições podendo reduzir o acesso ao ensino, piorar a qualidade e aumentar os custos e tudo ao mesmo tempo. (DANIEL, 2003, p. 151).

Mesmo apresentando contrapontos acredito que a tecnologia pode, se bem gerenciada pelo Estado, pelas escolas e estando presente nos currículos melhorar significativamente todo o processo. A postura de que ela pode piorar a qualidade de ensino ou mesmo aumentar custos, não é a forma que penso, acredito em todo um *constructo* de conhecimento que se pode então adquirir com o uso da tecnologia nas escolas.

O que não desejo é que ocorra uma inversão da possibilidade positiva de alcançarmos os benefícios com a tecnologia móvel, para um quadro lastimável de negatividade nos diferentes contextos. A tecnologia móvel nos últimos anos, bem como as instituições educativas vem facilitando a integração das tecnologias digitais, com o objetivo de melhorar as experiências educativas dos sujeitos envolvidos (MOURA, 2012).

Na concepção de Moura (2012, p. 127):

Com a evolução das tecnologias móveis têm vindo a desenvolver-se diversos projetos e atividades relacionadas com o *mobile learning*. A evolução deste conceito tem acompanhado o desenvolvimento das próprias tecnologias móveis.

Considerando que as transformações na sociedade da informação são protagonistas em nossos tempos modernos, e já destacado ao longo da evolução deste texto, abriu-se uma porta larga, que impulsiona maior interatividade, sem limites geográficos ou mesmo culturais, o que leva a deixar o espaço antes como uma variável decisiva, agora vista como elemento que se rompe facilmente (MARQUES, 1998).

Desta conspiração do bem que a tecnologia móvel está inserida, eclode a terminologia do *mobile learning*, ou seja, o formato de aprendizagem que ocorre com a presença e utilização dos dispositivos móveis no campo educativo (MOURA, 2012).

Mesmo em fase inicial o *Mobile Learning* ou *m-learning* vai sendo definido de forma diferente dependendo dos estudos, devido à falta de consenso entre os estudiosos (COSTA, 2013, p.50), a evolução que presenciamos com as tecnologias móveis tem contribuído com o aparecimento de um novo paradigma educacional designado como *m-learning*. (MOURA; CARVALHO, 2010, p. 01).

Mesmo não havendo consenso entre os pesquisadores referente a conceituação, sabe-se que a efusiva quebra de paradigmas no que concerne a forma de ensinar para se alcançar a aprendizagem tem sido uma constante busca por outros tantos quinhões de envolvidos com o uso da tecnologia móvel.

Estudiosos sobre o assunto como Moura (2010, 2012), Carvalho (2010,2012), Coscarelli (2016), Bottentuit Junior (2011, 2016), Coutinho (2006, 2007), Prensky (2001) apontam a importância sobre o assunto amplamente discutido no que concerne a tecnologia móvel e seus dispositivos e a produção de conhecimento.

Desta forma Prensky (2011, p.3) expõe:

Certamente, os resultados do ensino de uma forma moderna que se conecta com os estudantes do século 21 pode excitar e estimular os educadores. Recebo muitos e-mails de professores que se afastaram de minhas palestras e escritos recém-energizados e exaltados. Muitos dizem agora, como um professor bem colocou, que "eu costumava ensinar o meu assunto. Agora eu ensino os meus alunos". "Vários têm expressado que

minhas idéias, especialmente em torno de conectar-se mais profundamente com os alunos, têm trazido de volta para as razões que eles entraram em ensino, em primeiro lugar”. Estou emocionado ao descobrir isso acontecendo (Tradução nossa) ⁸.

E onde está a base teórica capaz de assegurar que a produção do conhecimento dos alunos não passa de mais um conto de fadas, malfadado que pode levar a mais e maiores descontentamentos por conta do corpo universal de educadores que deverão estar preparado para conduzir esse processo?

Tomando emprestado os grandes debates acerca das teorias do conhecimento, a fim de dar prosseguimento e expressar as ilimitadas possibilidades com a tecnologia móvel, vistas como fulcrais para que se possa compreender como os sujeitos nesse processo aprendem e como a aprendizagem acontece, para que se possa criar estratégias suportadas pelas tecnologias móveis (MOURA & CARVALHO, 2010, p.01-02). Considero que o estudo sobre o assunto é inevitável, haja vista, que se discute como é que ou se pergunta como é que se tem essa construção?

E o que são apresentados como teorias nesse campo?

As teorias Behaviorista, Cognitivista e Construtivista são consideradas como grandes teorias da aprendizagem e que frequentemente são utilizadas na criação de ambientes instrucionais, entretanto tais linhas teóricas foram sendo desenvolvidas em um tempo em que a tecnologia ainda era incipiente e a aprendizagem ainda não via as condições de usufruir da mesma neste processo. Nos últimos vinte anos a celeridade dos processos tecnológicos reorganizou a nossa sociedade em diversos âmbitos, desde a comunicação, como nas formas que aprendemos (SIEMENS, 2004).

A velocidade que toma conta do processo de aprendizagem é percebida claramente, aprendemos em menos tempo que antes, as informações são mais propaladas do que tempos atrás, se mede atualmente a duração do conhecimento não mais em décadas, mas em meses ou anos, há uma durabilidade mínima, pois a todo instante surgem novos caminhos, estudos e teorias.

⁸ Recorte extraído de From Digital Natives to Digital Wisdom: Certainly, the results of teaching in a modern way that connects with 21st century students can excite and stimulate educators. I receive many emails from teachers who have come away from my talks and writings newly energized and exhilarated. Many now say, as one teacher nicely put it, that “I used to teach my subject. Now I teach my students.” Several have expressed that my ideas, particularly around connecting more deeply with students, have brought them back to the reasons they went into teaching in the first place. I am thrilled to find this happening.

Para Driscoll (2005, p. 11):

Uma teoria de aprendizagem, portanto, consiste em um conjunto de construções que ligam as mudanças observadas no desempenho com o qual é considerado para trazer tais mudanças. Construções referem-se aos conceitos teóricos inventados para identificar variáveis psicológicas. A memória, por exemplo, é uma construção implicada em perspectivas cognitivas na aprendizagem. Em outras palavras, nós procuramos o fato em que pessoas podem demonstrar o mesmo desempenho de tempo em tempo e a razão pela qual elas fazem isso é porque elas se lembram dele. Nós inventamos o conceito de memória para explicar este resultado (Tradução nossa)⁹.

Ainda com base em Driscoll (2005, p. 14-17) a autora apresenta a complexidade em definir aprendizagem, sua exploração é formatada em três tradições epistemológicas que tem estreita relação com o conhecimento: o Objetivismo, o Pragmatismo e o Interpretativismo.

A proposta de Driscoll (2005) sobre a aprendizagem parte dos pressupostos básicos que vão desde a concepção do estímulo como formato clássico para o condicionamento, permeando pela forma de aprendizagem alicerçada naquilo que o sujeito já possui e que possa agir numa perspectiva interdisciplinar, e por fim a aprendizagem desenvolvida em conjunto, um processo contínuo, em construção.

Apresento a seguir o quadro 01 com uma síntese das principais características das teorias em referência: o behaviorismo, o cognitivismo e o construtivismo que durante muito tempo serviram como modelos utilizados por professores nas escolas, muito antes do desenvolvimento da Tecnologia.

Essas teorias divergem da forma que atualmente os jovens e crianças podem aprender, lavando em consideração que uma linha temporal que vai desde a falta de conhecimento do sujeito na teoria behaviorista, ou de como o aluno aprende em um processo de *inputs* guardados na memória a curto prazo, e codificados para serem buscados a longo prazo, ou como as suas experiências são essenciais nesse processo.

⁹ Recorte do texto original: A learning theory, therefore, comprises a set of constructs linking observed changes in performance with what is thought to bring about those changes. Constructs refer to the concepts theorists invent to identify psychological variables. Memory, for example, is a construct implicated in cognitive perspectives on learning. In other words, we look at the fact that people can demonstrate the same performance time after time and reason that they do so because they have remembered it. We have invented the concept of memory to explain this result. Fonte: DRISCOLL, Marcy. P. Psychology of learning for instruction. Pearson, 2005. <http://ocw.metu.edu.tr/file.php/118/Dris_2005.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2017.

Teorias	Características
Behaviorismo	Prega que a aprendizagem, é difícil de conhecer, possivelmente não conseguimos entender o que se passa dentro de uma pessoa (a teoria da caixa preta).
Cognitivismo	Vista como um processo de <i>inputs</i> guardados na memória a curto prazo, e codificados para serem buscados a longo prazo
Construtivismo	Sugere que as/os aprendizes criem na medida em que tentam entender suas experiências .

Quadro 01: Teorias do conhecimento e suas principais características

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Driscoll, 2017.

Para Siemens (2004, p. 02):

Todas essas teorias da aprendizagem sustentam a noção de que o conhecimento é um objetivo (ou um estado) que pode ser alcançado [...] ou através do raciocínio ou das experiências. O behaviorismo, cognitivismo e o construtivismo (construídos na tradição epistemológica) tentam explicar como é que uma pessoa aprende.

As peculiaridades que cada teoria apresenta forma a teia da explicação de como cada indivíduo aprende, entretanto, algumas teorias não conseguem captar as características distintas que a tecnologia móvel é capaz de gerar, supostamente por acreditarem que a aprendizagem ocorre em ambiente fechado, se reduzindo a uma sala de aula mediada pelo professor (MOURA & CARVALHO, 2010).

Romper com essas concepções neste século é *conditio sine qua non*, para que tenhamos sucesso em todo o processo de aprendizagem, todas as teorias que tentaram responder a diversas questões, hoje, servem para percebermos a chance que temos em uma construção do conhecimento com aquilo que está acessível. Imprimindo o desejo de alcançar as respostas iniciais para a produção do conhecimento com a tecnologia móvel, o *mobile learning* Moura & Carvalho (2010, p. 02) apresentam como enquadramento teórico proposto pelas pesquisadoras e refletidos amplamente nas concepções didáticas apostando na efetividade de que os dispositivos que andam nos bolsos dos alunos façam parte das práticas pedagógicas e que tenham as proibições excluídas deste ato.

Desta forma, no que diz respeito a uma teoria da produção de conhecimento, as autoras tratam do modelo ARCS que tem como centro o paradigma educacional da aprendizagem móvel, conjugado a uma cíclica aliança o sujeito (aluno) que atuando com o dispositivo móvel (ferramenta), mediado pela intenção da ação pedagógica (atividade), de forma intencional e interativa leva a modificação do motivo ou objeto, levando as melhorias de competências prévias, destacando aqui a interiorização do novo conhecimento -a aprendizagem (MOURA & CARVALHO, 2010).

Nessa perspectiva na produção do conhecimento a natureza intrínseca da portabilidade dos dispositivos móveis, como o telefone celular, que por sua particularidade pode ser considerada como uma ferramenta real e factível no processo de aprendizagem, devido o seu uso em qualquer lugar, contribuindo com essa produção.

Para Moura & Carvalho (2010, p. 03):

Sendo a mobilidade uma das características das tecnologias móveis, é preciso equacionar a aprendizagem que ocorre [...], mediada por dispositivos móveis. As abordagens construtivistas e a Teoria da Actividade (TA) ajudam a: i) analisar e representar situações formais e informais de aprendizagem; ii) analisar o contexto dinâmico da aprendizagem, iii) teorizar a aprendizagem como um diálogo construtivo e actividade social. Por seu lado, o Modelo ARCS evidencia a motivação no processo de ensino e aprendizagem. Estes alicerces teóricos, que sustentam a integração das tecnologias móveis em contexto educativo dentro e fora da sala de aula, interagem entre si e influenciam-se mutuamente.

As autoras apontam elementos que identificam o modelo de estudo que reflete sobre a cognição adquirida pelo sujeito com o uso da tecnologia móvel, corroboram com o sentimento de que a utilização desse importante instrumento para a educação é indubitavelmente substancial.

O contexto que nos impulsionam às mudanças estão também nessas possibilidades de discussão das teorias que levam as melhores práticas escolares, as revisões dos estudos teóricos apresentam que essas mudanças são reais, e podem ser replicadas.

O mapa mental abaixo reproduz sucintamente as estratégias fundamentais para criar a motivação necessária. Os quatro eixos apontados por Moura & Carvalho (2010) são: a atenção, a relevância, a confiança e a satisfação.



Figura 02. Mapa mental das estratégias geradoras de motivação para o uso da tecnologia móvel.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Moura & Carvalho, 2010.

Contudo, para que as tecnologias se tornem essencialmente significativas, não basta apenas os alunos acessarem os conteúdos, ou as informações é necessário que os mesmos construam habilidades, bem como o desejo de utilizá-las, sabendo relacionar, sintetizar, analisar e avaliar. Assim sua aplicação está de forma mais importante para o ambiente fora da sala de aula, onde aplicação dela com fins práticos para a aprendizagem devam ser mais direcionadas (SEABRA, 2017).

Portanto, tendo por base as concepções acima discutidas, acredito que a tecnologia móvel pode polarizar elementos diversos, a fim de gerar novas formas de ensino e de aprendizagem, alicerçada nas teorias da aprendizagem, desde as mais tradicionais como o construtivismo aos aspectos em que a produção colaborativa gera nessa vasta imensidão da construção do conhecimento. A linha teórica serve para dar configuração do caminho que está sendo trilhado, o que ainda temos para desvelar com o auxílio da tecnologia na educação é questão de tempo.

2.3 TECNOLOGIA E GEOGRAFIA: o ensino da geografia no universo da cibercultura.

A Tecnologia não alcançou apenas a sociedade, isso já é notório. Ao discutir esse tema, vale ressaltar que na cibercultura, no ciberespaço as alterações que estamos submersos pelas constituições reestruturais da sociedade em rede CASTELLS (2003), envolvem também o ensino, e nesse caso singular especificarei com o ensino da geografia absorvendo os incrementos dos dispositivos e das conhecidas novidades tecnológicas na produção do conhecimento geográfico na Educação Básica.

Os PCN's (2015) tratam que a geografia escolar deve ser ensinada com o propósito de abandonar aquela antiga visão da geografia apoiada de forma simples na descrição e memorização da 'Terra e o Homem', associada às informações sobrepostas do relevo, do clima, da população e da agricultura. Superar a velha forma doutrinária sensivelmente percebido por uma sociedade pronta, em que todos os indivíduos já tivessem os seus problemas resolvidos.

A atual discussão do BNCC (2017) apresentam destaques importantes, nesse apontamento é considerável pensar na diversidade humana e da natureza e as relações em que essa sociedade mantém distintamente com a natureza, pode-se afirmar que a própria sociedade é possuidora de diferentes geografias. Nesse viés, os dados históricos apontam que a partir do século XIX, pautado no contexto europeu, os saberes geográficos alcançaram condições de conhecimentos institucionalizados, primeiramente, como disciplina escolar, onde a intenção era o pleno fortalecimento de identidades nacionais, e após esse longo período o do campo científico.

Retratando ainda a questão da geografia na observação de Andrade (2013) quando se reporta ao primeiro período do Estado Novo, em que geografia sofreu uma profunda despolitização, conduzindo os alunos a uma aprendizagem pautada apenas na análise descritiva da paisagem, sem nenhum critério estabelecido. Andrade (2013) ressalta-se ainda que nesse período os encaminhamentos despolitizadores ajudaram então no conhecimento de várias áreas aqui no Brasil, por meio das pesquisas efetuadas pela AGB- Associação dos Geógrafos Brasileiros -, e através de várias outras pesquisas efetivadas pelo IBGE,

e de teses de doutorado defendidas na USP, foram sendo adquiridos conhecimentos enciclopédicos sobre o território brasileiro, sem o elemento crítico, mas de profundo conhecimento à pátria.

Nesse aspecto é que o atual Ensino Médio seu enfoque curricular tem sofrido mudanças educacionais que se apresentam de forma mais rápidas e menos desarticuladas, urgentes e integradas, uma vez que o antigo 2º grau estava pautado na preparação e na formação desvinculada do aluno com os assuntos que pudessem formá-lo como cidadão, mais centrada em uma formação de mão-de-obra capaz de atender a um mercado restrito a partir de sua formação.

No caso da Geografia brasileira uma renovação tem sido realizada ao longo de mais de 20 anos, sendo muito importante para a construção de balanços parciais de resultados das conquistas adquiridas no campo desta ciência. É importante ser verificado se tais mudanças conseguiram alcançar o Ensino Médio, mesmo com as inúmeras dificuldades aparentes nessa modalidade de ensino, dentre os elementos da renovação da geografia tem-se a do seu objeto de estudo, já conhecido por muitos como sendo o espaço geográfico (OLIVA, 2013).

Ainda acrescento nessa linha a observação da renovação da geografia feita por Oliva (2013, p.42), que questiona:

Como “pedagogizar” a geografia renovada? Como lidar com algo enroscado em discussões intermináveis? E, principalmente, como trazer para essa esfera uma nova linguagem que, embora provisória e por vezes improvisada, tem teor e rigor teóricos? Nenhuma das dificuldades até aqui mencionadas justificam a inércia. Não estamos lidando com máquinas ou sistemas frios. **Há muito, os professores, insatisfeitos com o modelo tradicional e pouco produtivo de geografia escolar e pressionados pela necessidade de ensinar, educar e explicar a realidade que nos cerca, vêm buscando novos referenciais para construir suas aulas.** Mas como enfrentar o estranhamento produzido pelos novos ventos da geografia? (grifo nosso).

O que me chama atenção na observação feita por Oliva (2013) é quando aparece à figura do professor e o ato de ensinar geografia, nesse caso a insatisfação com a forma tradicional em que o ensino geográfico escolar está assentado, não tem mais espaço com o nível de desenvolvimento tecnológico que envolve a sociedade, apesar de existirem áreas consideradas anécumenas¹⁰ do

¹⁰ Que é composto por áreas desprovidas de povoamento ou que, devido às suas condições naturais, abrigam pouquíssimos indivíduos. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/povoamento-areas-ecumenas-e-anecumenas.htm?>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

ponto de vista da baixa densidade demográfica, ou por falta das políticas públicas estarem distantes da realidade dessa sociedade interconectada. O ensino, a escola e o sujeito do processo de ensino mudaram. Desta forma, as condições devem acompanhar o processo evolutivo para que ocorra a produção necessária no campo da geografia. Como retrata Callai (2005, p. 238): “como superar o positivismo da geografia na educação, em um mundo que está mudado e continua mudando aceleradamente?”. O que seria possível fazer para engendrar uma nova forma de ‘ensinar o mundo’?

Os aspectos pedagógicos - didáticos das propostas de ensino da geografia, ainda se assentam na crença de que para se ensinar geografia basta ter o domínio de conteúdo e o conhecimento da matéria com a proposição da visão crítica o que leva a uma preocupação por parte de alguns autores, pois deve-se aproximar a teoria á prática capaz de estimular uma reflexão pedagógica que seja capaz de assimilar os avanços conquistados pela geografia ao longo dessas décadas e não apenas pensar que o professor levando para a sala de aula conteúdos críticos baseados em determinados fundamentos metodológicos da geografia soem como geradores de uma construção da formação crítica no aluno (CAVALCANTI, 1998).

Embora algumas mudanças sejam notadas no ensino da geografia, conforme Straforini (2004), o que persiste na sua imensidão é um ensino pautado na memorização do conteúdo priorizando a velha abordagem da prática didática, onde por sua vez o aluno é um sujeito passivo do processo servindo apenas como um receptáculo de um calhamaço de conhecimentos, muitas vezes apresentados de forma fragmentada, hierarquizada e seguramente seguindo a reprodução conteudista.

Para dialogar com essa questão dos aspectos pedagógicos do ensino da geografia, Stefanello (2009, p.19) produz um discurso que segue a mesma compreensão, diz ela:

A geografia escolar, por sua vez, considerada uma área de conhecimento que integra a educação geral, abrange os conteúdos da ciência geográfica e, conseqüentemente, os de outros campos do saber, o que lhe confere muitas possibilidades para a interdisciplinaridade. Por exemplo, o estudo da ocupação do espaço por determinado povo pode compreender saberes em química, sociologia, história, entre outros.

Esses conteúdos da geografia escolar são selecionados e organizados pelos docentes, num processo de transposição didático, de forma a adequá-los aos objetivos da educação básica, buscando desenvolver no aluno a observação, a análise e o pensamento crítico da realidade e, em particular do espaço onde vive.

Importante que Schäffer (2012) observa sobre essa forma particular que o professor adquire para transmitir esses saberes da geografia, conhecido como saber escolar vai sendo levado ao aluno de forma transformada, adaptada e recontextualizada para que depois possa ser ensinada através da transposição didática, passando pela interdisciplinaridade.

Vale acrescentar no contexto da produção do conhecimento em geografia que a sua construção intercala-se a uma forma de reinventar-se e as descobertas, aquilo que os construtivistas das teorias do conhecimento consideram como não inato, nem apenas dado pelo objeto, mas que a sua formação ocorre na transformação entre ambos, realçando a capacidade adaptativa da inteligência (STEFANELLO, 2009).

Para Moran (2015, p.15) um aspecto que ocupa a educação formal é importante de ser analisado:

A educação formal está num impasse diante de tantas mudanças na sociedade: como evoluir para tornar-se relevante e conseguir que todos aprendam de forma competente a conhecer, a construir seus projetos de vida e a conviver com os demais. Os processos de organizar o currículo, as metodologias, os tempos e os espaços precisam ser revistos.

Nos chama atenção, mais uma vez, o que Moran (2015) suscita nesse enredo teórico, onde desde as metodologias, os tempos como os espaços devem passar por (re)modificações no campo de ensino, nesse caso, sua observação é, generalizando, no mesmo contexto a geografia deve passar pela mesma orientação, pois sua importância no processo de adquirir o conhecimento se torna símile as áreas das exatas, e derivadas, a evolução que alcança a sociedade deve ser utilizada pelo campo das humanas e nesse caso a geografia escolar tem que se apropriar dessas novidades.

Nesses pressupostos vemos a Internet, as redes, a tecnologia móvel- o celular-, que estão há alguns anos revolucionando nossa vida diária, não obstante, essa gama de interconexões temos conseguido resolver nossos problemas a distância. No campo educacional, é notório a presença dessas dificuldades para que possamos mudar, nessa revisão percebo ainda que é mais fácil a mudança de equipamentos do que os procedimentos de ensino com esses aparelhos, essa inércia aparente, visível leva a educação a uma prisão, asfixiando-a e na monótona forma engessada e previsível em que se encontra (MORAN, 2005).

Assim, a geografia pode se enquadrar, se o seu caso for dissipar de vez com essa inércia terrivelmente ainda presente nas práticas docentes, pois, em dado momento vemos que muitos professores ainda não conseguem tratar dos elementos da tecnologia na sala de aula, como já falado, apenas reproduzindo um modelo de ensino, conseqüentemente não se percebe qualidade, para alguns a tecnologia seria o meio para justificar os fins do ensino, acrescento que sendo o meio possível ela pode melhorar a prática de ensino, sugerindo formatos mais leves que a acompanham, a existência de muitos trabalhos, estudos e novas concepções teórico-conceituais são tratadas dentro e fora do nosso país.

Nos estudos fora do nosso país em um artigo que trata sobre a questão de forma genérica para a educação, apresento nesta pesquisa as colaborações de Moura (2010, 2012), Carvalho (2012), que contribuem para a análise dos condicionantes da Tecnologia no ensino.

Alguns estudos em nosso país apontam que há um direcionamento para o uso da tecnologia no ensino da geografia, porém, na minha compreensão, considero que ainda são incipientes esses estudos ademais com o uso da tecnologia móvel, bem como a sua abordagem, pois, após verificar em diferentes bancos de dados, os repositórios de ilustres Universidades Brasileiras, identifiquei no campo da geografia alguns, que sugerem trabalhos com a tecnologia na geografia, entre esses trabalhos se encontram: dissertações, artigos e teses, como exemplo artigos: ensino de geografia e aplicativos para smartphones: uma revisão crítica-IFF, aplicativos para smartphones e o Ensino da História e Geografia; uma revisão crítica- IFF, dispositivos móveis no ensino da Geografia- IFNMG, desses trabalhos em que foram analisados a presença do ensino em geografia é abordada como necessidade.

Esses estudos apontam para o uso de aplicativos para ensinar geografia, contudo, os aplicativos são em formato de quebra-cabeças ou de *quizes*, perguntas e respostas de geografia, é o caso do *quiz* de Geografia e do quebra-cabeças cidades 2017, que pouco estimulam a percepção do aluno, são aplicativos que servem apenas para descontração, mas que pouco ou quase nada se retém de conceitos.

Diversos outros aplicativos, analisados por estudiosos da área, podem ser utilizados para o ensino da geografia, desde as séries iniciais da Educação Básica até mesma na formação de novos professores nos cursos acadêmicos ou na formação continuada dos professores que já atuam em sala de aula. O que

entendemos não poder continuar é o professor cair no marasmo sem verificar nesse universo tecnológico os incrementos possibilitadores de razoáveis mudanças na prática, no ensino, na metodologia, nos planejamentos, na didática, na aprendizagem, na escola e na educação.

Nessa distinta linha Camacho (2012) destaca:

A medida que las instituciones comienzan a entender el potencial de las aplicaciones, han ido adaptándolas a las necesidades de los estudiantes ya sea para éstos puedan comprobar sus calificaciones, o para estar permanente actualizados. (CAMACHO, 2012, p.118).

Assim, como na interligação de Moran (2015, p.16): “o professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um”.

Atualmente, como o acima focado, diversos aplicativos estão disponibilizados em lojas virtuais, onde o professor de geografia tendo o interesse precípua de trilhar por novos caminhos, fugindo do tradicionalismo, direcionada pela colaboração da tecnologia, levará o processo de ensino e aprendizagem a um nível de maior interesse dos alunos.

Tomando alguns pontos como exemplificação temos, a apresentação nos formatos de diferentes jogos, o professor poderá levar ao conhecimento dos seus alunos inúmeras possibilidades de tratar dos conteúdos geográficos. Ao observar o que está na rede temos o *blog* Canal de Ensino que expõe 10 aplicativos que podem ser utilizados em geografia. Todos gratuitos¹¹, Geografia Global 3D, Onde é isso?, Capitais de todos os países do mundo, Mundo Geografia etc., são alguns disponíveis para que o professor possa baixar e trabalhar com esses em sala de aula, aplicando o conteúdo.

Desta forma, se o professor ainda está tratando das questões educacionais como em séculos passados, utilizando-se apenas do quadro, e do material didático, suas aulas podem se tornar do ponto de vista dos alunos, sem motivação. Logo, o tempo que os alunos tem com a tecnologia diária, nos aplicativos de redes sociais, vídeos e outros, fazem com que os mesmos reduzam a importância de metodologias tradicionais de ensino. O professor é a ponte para articular a tecnologia móvel capaz de gerar conhecimentos com os agentes sociais

¹¹ Os aplicativos estão disponíveis para download para aparelhos com sistema ANDROID e ISO nos endereços: <https://play.google.com/store/apps> ou <https://www.apple.com/br/ios/app-store/>.

que estão na escola. Uma dessas formas de produção de conhecimento através das imagens que aproximam mais das compreensões no processo de ensino.

2.3.1 As imagens no ensino

Imaginemos uma turma de alunos estudando um determinado assunto geográfico com o suporte do livro didático. O livro está repleto de figuras e imagens que representam os assuntos de destaque daquele assunto, tais representações podem contribuir com o ensino? A aprendizagem que se requer para aquela etapa ou assunto é alcançada com a visualização de imagens? Quem produziu tais imagens? De onde elas são? Qual a finalidade delas estarem presentes no corpo do livro? Tais questionamentos suscitados são oriundos das inquietações que ocorrem internamente na atividade docente?. Para respondê-las é necessário realizar uma pesquisa teórica desse campo imagético no contributo do ensino e da aprendizagem. Se os alunos, devido suas especificidades de aprendizagem podem absorver o conteúdo de forma diferente, as imagens podem servir para aqueles que apenas através dos textos são incapazes de alcançar os objetivos propostos no processo e em muitos casos apresentam desinteresse pelo assunto.

A imagem pode prender a atenção do aluno? O que os estudos apontam sobre o uso das imagens nesse processo da aprendizagem e ensino? Vantagens existem? Desvantagens? Através de quais instrumentos pode-se obter imagens para desenvolver o processo?

A variabilidade de funções que as imagens transmitem são relevantes, não especificamente movimentando as informações em uma pasta teórica da semiótica com todos os seus integrais critérios para a análise equacional de uma imagem. As funções que procuro envolver o campo conceitual-teórico desta pesquisa é sobremaneira aquela que entrelaça a importância da imagem, da produção pelo sujeito de imagem, e por fim do que ela tem a transmitir, a forma de se comunicar com o espectador com o uso exclusivo nessa investigação do celular, observando as questões da categoria geográfica lugar e as relações que os sujeitos tem com o mesmo.

Tais, requisitos ao serem apontadas me levam a conduzir para a função da comunicação, isto é, o que uma imagem sem movimento reflete para o outro, sendo referenciada a partir de um sujeito, com suas percepções subjetivas, para um outro sujeito que também possui suas subjetividades, uma busca pela intersubjetividade entre esses elementos.

Sabe-se que as imagens têm sido meios de expressão da cultura humana ao longo do tempo histórico, desde a pré-história, as marcas rupestres deixadas nas cavernas, milênios antes dos registros terem a palavra pela escrita mostram a presença das imagens antecedendo o ato da escrita (SANTAELLA, 2001).

A investigação que nos cerceia a dar as respostas para as questões, deve partir da conceituação sobre diferentes prismas do que é a imagem, bem como seus diferentes tipos classificatórios.

Ferreira (2013, p. 96) expõe que há um *élan*¹² vibrante e que se manifesta metamorfoseante da imaginação, e a imagem não seria mais do que um objeto ou uma representação sensível da realidade. Não se confunde com uma reprodução, mas uma produção criadora, onde a imagem apresenta um duplo aspecto: o interior e o exterior.

Bachelard (1958) procurou estudar as imagens na sua forma objetiva de representação, mas sem, no entanto, deixar de se preocupar com um elemento importante que é a subjetividade. Percebido em seu estudo sobre “A poética do espaço” preocupou-se em analisar a imagem em sua subjetividade que por sua vez vem à tona, emerge das profundezas, que tem como ponto inicial de partida a consciência do sujeito (FERREIRA, 2013).

Para Cunha (2007, p.425) sobre os conceitos de imagem:

Imagem sf. ‘ representação de um objeto pelo desenho, pintura, escultura etc’. ‘reprodução mental de uma sensação a ausência da causa que a produziu’ ‘reflexo de um objeto no espelho ou na água’ ‘ figura, comparação, semelhança’.

Comunicando com a exposição em Joly (2007, p.13) sobre esse destaque conceitual da imagem temos:

O termo imagem é tão utilizado, como todos os tipos de significados sem ligação, aparentemente, que parece muito difícil apresentar uma definição simples e que abarque todas as maneiras de a empregar. De fato, numa

¹² Arroubo súbito e passageiro, entusiasmo; disposição. Fonte: <<https://www.dicio.com.br/elan/>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

primeira abordagem, o que haverá de comum entre um desenho de uma criança, um filme, uma pintura rupestre ou impressionista, *graffits*, cartazes, uma imagem mental, uma imagem de marca, falar por imagens e por aí a fora? O mais notável é que, apesar da diversidade dos significados desta palavra compreendemo-la. Compreendemos que ela designa algo que, embora não remetendo sempre o visível, toma de empréstimo alguns traços a visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece.

A existência das imagens ocorre devido nossos sentidos, se elas existem isso se dá pelo simples fato de termos olhos de forma evidente para contemplá-las. Sendo elas artefatos que se apresentam em nossa sociedade de forma abundante, não são de nenhuma forma de serem objetos visuais como outros, regidos por leis perceptivas (AUMONT, 2002).

Esse sentido tem como pontos as observações fenomenológicas da percepção do sujeito, mesmo na sua produção ou aquilo que alguns apontam como a realidade que já existe, o sujeito na sua subjetividade com o fenômeno tende a recriá-lo da sua maneira, pois, é através da sua observação que esse levantará as essências que constituem esse fenômeno. Nesse caso, partindo para o campo geográfico o lugar é um fenômeno a ser descrito, como assim estabelece a Fenomenologia, sua presença na vida do indivíduo produz diferentes relações, que podem ser estudadas com as imagens.

Se os nossos sentidos manifestam-se para perceber o que já existe e tem a capacidade de reproduzir o existente ou mesmo produzir a partir do existencial, a ponto de deixar pegadas, marcas, trilhas manifestadas em diferentes tempos históricos, bem como utilizar-se de meios instrumentais para os sentidos de reprodução e de produção, seus significados e escolhas manifestam-se dentro de variáveis muito pessoais.

Ainda conforme a autora Joly (2007, p. 13-14) sobre as imagens e suas formas de produção, fala que:

[...] uma das mais antigas definições de imagem, dada por Platão, esclarece-nos: Chamo imagens, em primeiro lugar às sombras; em seguida, aos reflexos nas águas ou à superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações deste gênero. Imagem, portanto, no espelho é tudo aquilo que utiliza o mesmo processo de representação; apercebemo-nos de que a imagem seria já um objeto segundo, em relação a uma outra que ela representaria de acordo com algumas leis particulares.

Diferentes linguagens das artes visuais, como pintura, fotografia, escultura, *performance*, vídeo, entre outras modalidades, assim como diferentes

temáticas, conforme sugerem os títulos podem ser evidenciadas pelas imagens (SILVA & SCHLICHTA, 2015). No tocante às imagens, partem da premissa de que são polissêmicas e de que são sínteses na visão de Samain (2013, p.58-59): “[...] uma história e um tempo singulares, os quais não podem ser confundidos com o tempo de nossa história enquanto sequência de acontecimentos”.

As investigações sobre as imagens se distribuem por várias áreas das ciências voltadas para a pesquisa, podemos ter a história da arte, as teorias antropológicas, sociológicas, psicológicas da arte, a crítica de arte, os estudos que tem como referência a mídia, a semiótica visual e as teorias da cognição. Assim percebe-se uma interdisciplinaridade no estudo da imagem (SANTAELLA & WÖRT, 2001).

Para o escritor espanhol Cortázar sobre as imagens, o seu destaque:

Entre las muchas maneras de combatir la nada, una de las mejores es sacar fotografías, actividad que debería enseñarse tempranamente a los niños pues exige disciplina, educación estética, buen ojo y dedos seguros (CORTÁZAR, 1970, p. 203).

Ao se produzir as imagens deve-se ter em mente que as mesmas jamais são gratuitas, sua fabricação está ligada a determinados e diferentes usos, sejam eles individuais ou coletivos. Nesse caso, ao se perguntar: por que olhamos para uma imagem? Devemos antes de responder a essa questão ter uma outra, como forma de inquietação: para que servem as imagens (para que queremos que elas sirvam)? É conveniente salientar que para todas as sociedades a maioria das imagens tem uma finalidade produzida para certos fins sejam eles, propaganda, para a informação, religioso, ideológico em geral (AUMONT, 2002 p.78).

A imagem torna-se uma das formas do ser humano em expressar um meio de se comunicar com o mundo, as imagens que movimentam o mundo real têm significados distintos, assim como suas finalidades. Outro destaque se apresenta para que possamos compreender essa dimensão da imagem.

Vivemos em uma sociedade da (s) imagem (ns). Mas, de que imagem se fala? Manifestado de forma polissêmica o termo por si representa diferentes noções que a ele se relacionam. O campo fértil de significação apresenta-se como húmus para os usos mistificados do termo, de forma particular quando se trata da ideia de imagem-conceito (objeto/sistema deste estudo), que é empregada em enunciados e procedimentos reveladores de uma concepção (configuração compreensão)

condensada ou mesmo equivocada das tantas existentes. Com grande frequência, a despeito de qualquer sustentação epistemológica, teórica e mesmo prática, o termo é materializado em expressões do tipo “passar imagem” e “vender imagem” (BALDISSERA, 2000).

Logo, para Aumont (2002) se as imagens produzidas pelos sujeitos que por sua vez não tem uma definição simples de ser observada, com características variadas e determinações contraditórias, capazes de interferir nas suas relações com as imagens, que vão além da sua capacidade perceptiva, levando esse indivíduo a manifestar o saber, suas crenças, que representam o seu vínculo a uma região histórica (uma classe social, uma época ou uma cultura), para que sejam assim produzidas ao espectador determinada imagem.

Contudo, é necessário destacar que a representação imagética antecede as formas da fala e da escrita, não é a toa que as primeiras representações comunicacionais foram através de imagens, nesse caso temos mais exemplos como as primeiras manifestações que evoca a criatividade humana exteriorizada, como as apresentadas nas cavernas de *Lascaux*, na França, dessa época para os dias atuais as representações imagéticas se multiplicaram bastante, até as formas que elas se apresentam na atualidade em imagens com formatos digitais (NOVA, 2003).

Desta forma, é conveniente acrescentar que a imagem é a principal (além de ser a primeira) forma de ver e expressar o mundo, seja este o universo endógeno de cada ser humano ou o mundo exterior dos objetos que nos aparecem opticamente desde que nascemos (NOVA, 2003).

Assim, Joly (2007) acrescenta que a imagem contemporânea vem de longe, e que seu surgimento não vem de hoje, do aqui e agora, seja com a televisão ou com a publicidade. Aprendemos ainda a forma associativa ao termo imagem que vão da sabedoria humana ao divertimento, da imobilidade ao movimento, da religião à distração, da ilustração à semelhança.

Essa nova sociedade que tem despontado ao logo do surgimento das inovações tecnológicas, usufruem dos dispositivos que esses aparatos podem conceder. Atualmente vê-se a evolução da nanotecnologia, e das fusões em pequenos aparelhos. Utilizam-se em um único aparelho câmeras fotográficas de alta resolução, câmeras de vídeo, dentre outros dispositivos que auxiliam o indivíduo.

O trabalho com as imagens no ensino da geografia pode se tornar mais atraente quando o próprio sujeito detentor dessas tecnologias móveis se torna o

produtor, com base nas discussões e conceituações apresentadas, a produção de novas imagens aproxima das realidades que o sujeito conhece, a contextualização não se dá apenas desta forma na sala de aula discutida pelo professor, mas tal contextualidade é sentida no ato produtor.

2.3.2 Imagens sobre o 'Lugar': A tecnologia móvel como forma de novas produções

Ensinar e ler criticamente imagens são um dos atributos que a geografia e seus profissionais carregam desde a sua formação. As representações imagéticas presentes nos materiais didáticos mostram a extrema necessidade de trabalhar com as imagens para compreender melhor essa disciplina. Martins (2014, p. 430) deixa uma colaboração sobre essa questão nos dizendo que “a imagem é um recurso didático de extrema importância para o ensino, nomeadamente no ensino da Geografia, pois ela permite e é entendida como representação primordial para a compreensão do espaço geográfico”.

Sabemos que a escola tem uma atribuição peculiar àquela que diz respeito ao processo de conhecimento e de apropriação da imagem, como também a própria difusão deste conhecimento e da sua produção, em se tratando da primeira atribuição a utilização das imagens como suporte de informação e toda a sua diversidade tem se apresentado cada vez de maneira mais intensa e frequente no cotidiano escolar, deveras inúmeros autores defendem a presença e a singular importância da linguagem visual nos currículos escolares, e nessa relação pedagógica, o papel do educador frente ao conhecimento científico e a concepção dos elementos visuais são necessários (PIMENTEL, 2002).

As leituras de mundo para a geografia iniciam-se desde que a o processo escolar começa na vida de uma criança. No que concerne à leitura do espaço, essa demanda maiores condições, sendo aqui resumidas na necessidade da “alfabetização cartográfica”, um processo que inicia logo que a criança reconhece lugares e identifica paisagens (CASTELLAR, 2000).

No que tange aos elementos das imagens nesse contexto (Martins, 2014, p. 431) assim se posiciona:

Falamos das imagens como analogia do real como as imagens de satélite, a imagem mediática associada à televisão, ao cinema, à internet, aos telemóveis, IPADS, etc., falamos das imagens virtuais cada vez mais em expansão e complexificação.

Mas quando nos reportamos ao campo pedagógico da Geografia falamos também de mapas, gráficos, fotografias, desenhos, *cartoons*, banda desenhada, caricaturas, pinturas. É comum denominá-las “imagens fixas”. Por outro lado, quando nos reportamos ao cinema, ao vídeo, ao documentário, à televisão, à internet, aos CD-ROM e DVD-ROM, entramos no campo dos *media* e é comum classificá-los em “imagens em movimento”.

A autora Martins (2014) apresenta os diversos tipos de imagens que são utilizados no campo da geografia, evocando a diferença entre as “imagens fixas e imagens em movimento”, que chama atenção, pois a presença nos materiais didáticos em sua grande maioria são de imagens do tipo fixas. Contudo, vale ressaltar que independente de fixa ou em movimento as imagens são um recurso auxiliar de substancial importância para a aprendizagem geográfica.

No aprofundamento para a promoção dessa educação e aprendizagem geográfica desencadeadora de destrezas espaciais, o visionamento de forma espacial dos fatos, a interação e a diferenciação da superfície terrestre, as imagens conduzem a geografia a um papel formativo para a promoção do desenvolvimento para a cidadania (MARTINS, 2014).

Pimentel (2002) em sua dissertação que trata das questões das imagens no ensino da geografia relata que as atividades que os professores descrevem a imagem como sendo um recurso muito utilizado, e que por sua vez pode beneficiar o trabalho pedagógico, além de contribuir para uma aprendizagem, o que pode permitir visualizar um fato ou algum fenômeno; apresentar um texto diferente de um escrito; e seguramente chamar atenção pela presença de cores e composição das formas.

Nessa esteira a vida e o mundo são percebidos como imagens, a terra, os rios, o mar, os objetos e mesmo as concepções mais abstracionais da vida encontram-se direta e associativamente ligadas a nossa mente (NOVA, 2003).

Assim, a mente concede-nos a cocriação do universo que nos rodeia através das imagens, e na complementação de Aumont (2002) em que as imagens que se olha não estão distanciadas da realidade concreta, por sua vez, a visão na forma efetiva dessas imagens acontece em um contexto múltiplemente determinado, abordando diversos contextos: social, institucional, técnico, ideológico que

fatorialmente esse conjunto de elementos regulam a relação do espectador com a imagem.

É indubitável que para essa presença significativa do campo imagético, sua produção, bem como a sua significação semiótica decorrem dos interesses que atuam incluindo o processo de visualização. Penso que ocorra tal processo primeiro do produtor para o espectador, mesmo o produtor sendo primariamente um espectador, demonstrando que há uma intencionalidade que irá incidir sobre outros espectadores.

Refiro-me insidiosamente nesse entendimento em Aumont (2002) que leva em consideração quando trata da percepção visual é, daquelas que se configuram modos de relação entre homem e o mundo que o cerca, um dos mais conhecidos. E que desde a antiguidade existe um vasto *corpus* de observações empíricas, de experimentos, de teorias.

Ao então observar as figuras, imagens e fotografias contidas nos livros didáticos de geografia temos o entendimento das necessidades e dos porquês se fazerem presentes no *corpus* do material que é instrumento de grande utilidade pedagógica para o professor e conseqüentemente para a aprendizagem do aluno.

Desta forma nos acrescenta Callai sobre os aspectos da aprendizagem com imagens como forma de aprender a ler o mundo:

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005, p. 228).

Essa leitura de mundo é dada inclusive através das imagens, pois, quando se tem a referência dos fatores que interferem e que as fazem surgir decorrentes dos seus diferentes contextos (AUMONT, 2002). E que marcam a vida dos homens em âmbitos diversos (CALLAI, 2005). São essencialmente profícuas conforme os autores destacam para o professor e aluno.

Desta forma, as imagens conduzam a uma observação bem mais concreta do mundo, a leitura deste mundo parte daquele que tem o contato com determinada imagem, que por sua vez podem manifestar diferentes informações.

Retornando Callai (2005, p. 228) sobre essa leitura de mundo temos a seguinte afirmação:

Consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania. Queremos tratar aqui sobre qual a possibilidade de aprender a ler, aprendendo a ler o mundo; e escrever, aprendendo a escrever o mundo. Para tanto, buscamos refletir sobre o papel da geografia na escola, em especial no ensino fundamental, no momento do processo de alfabetização.

Devemos atentar que é justamente mediante a construção de sentidos que conhecemos o mundo, desta feita, o ser humano através dos seus sentidos recria as coisas, isto é, inicia-se um processo de ressignificação, elementos que antes considerados insignificantes retomam para um novo contexto, o de objetos carregados com significação cultural, o sentido de mundo para o sujeito humano é parte do seu próprio mundo (RUIZ, 2003).

Posso dizer que a tarefa de ensinar a ler o mundo do homem e que envolve o homem, faz parte da construção de uma reflexão própria, que é baliza geográfica, quando se requer o levantamento da criticidade do sujeito que se envolve com a percepção das imagens.

Ao professor que sempre teve o hábito tradicionalmente pautado na transmissão de conteúdos, com o processamento pedagógico condicionado a essa forma, pode ter seguramente com o trabalho visual um meio de explorar a criatividade dos seus alunos (PIMENTEL, 2002).

Na dissertação de Pimentel, sobre as imagens no ensino da geografia vemos que:

As imagens são utilizadas, nas aulas de Geografia, principalmente como um recurso que ilustra o tema de estudo. Muitos materiais, principalmente os livros didáticos, têm reforçado essa postura, que, ultimamente, tem sido questionada por teóricos que defendem o uso da imagem como linguagem. Estes entendem que a imagem apresenta estrutura e configuração próprias, e, portanto, fornece informações e possibilita a construção do conhecimento mediante um trabalho de análise e interpretação. (PIMENTEL, 2002, p. 03).

Esse é o grande destaque que as imagens possuem, podem tanto apresentar contextos diferentes para a leitura de mundo, como podem desenvolver conhecimento no processo de ensino, de forma óbvia o aluno em contato com essa linguagem imagética poderá relacionar, compreender, analisar, dentre outras formas o próprio espaço, e isso é importante para o ensino de geografia.

Atualmente, o uso da imagem no ensino da geografia está associado na sua grande maioria aos livros didáticos. Contrariando ao que se observava há pouco

tempo, as imagens fotográficas parecem que perderam a função apenas ilustrativa, compondo com os textos informações importantes conectados com o conteúdo (FILIZOLA & KOZEL, 2009).

Essa mudança no corpo do instrumento didático- o livro- contribui com o entendimento das discussões dos conteúdos nos materiais didáticos. A leitura das imagens sem movimento ajudam os alunos em observações mais profundas sobre as questões geográficas, facilitam ainda a compreensão, descrição e as interpretações contextuais das categorias geográficas.

É o que acrescenta Callai (2000) quando mostra que existem diferentes formas de explorar o estudo dessas categorias, há inclusive em seu artigo “estudar o lugar para compreender o mundo” um método simples com base nas “Aventuras de Alice” e em seus textos. Contudo, os textos literários podem ser uma metodologia para estudar o lugar, embora as imagens possam assegurar maior percepção visual.

Em confluência com as colaborações de Callai tenho a certeza do que está sendo levantado quando ela diz que:

O estudo do lugar pode se estender para muito além do texto. E pode-se utilizar outros recursos como a observação de uma paisagem ao vivo ou uma figura desta mesma paisagem, fotografia, vídeos, filmes, etc. Esse estudo pode situar-se no início do desenvolvimento de uma determinada unidade, assim como nos eu fechamento, mas pode também ser a unidade de estudo. (CALLAI, 2000, p. 89).

Espera-se que tanto os alunos e os professores possam absorver através das imagens a aprendizagem necessária, perfazendo um caminho diferente de observações, de descrições e decodificações sobre as categorias que sustentam o estudo da geografia. Ao analisar as imagens geográficas que estão representadas em diversos livros didáticos junto aos materiais utilizados pela Educação Básica, podemos observar que existe um número considerável de representações fotográficas de caráter um tanto duvidoso, de um viés estereotipado. Sendo assim, podemos comentar que algumas representações visuais que apresentam características semelhantes em uma abordagem de cunho cultural e espacial, onde se tem representações sempre os mesmos elementos naturais, transformados e culturais de um espaço geográfico, e que por sua vez acabam excluindo outros elementos importantes, gerando uma concepção de espaço equivocada e indutiva sobre a questão que se refere a geografia (RIBEIRO, 2013).

Para responder a tais questionamentos alguns destaques em imagem de materiais didáticos utilizados por professores no Ensino Médio são convidativos para endossar este levantamento. As imagens abaixo retratam um pouco dessa produção que estão presentes nos livros didáticos do Ensino Médio e que são ainda usados, as representações visuais que os livros atestam e trazem para oferecer aos alunos as suas interpretações e redefinições conceituais são essencialmente produzidas distantes das realidades de inúmeros alunos.



Figura 03. Sacada de uma casa em Diamantina, Minas Gerais, 2000

Foto: Alex Salim

Fonte: TERRA, 2005

Acima temos, portanto, uma imagem representando segundo a autora Terra (2005), o espaço ambientado, ou seja, o lugar, a caracterização da imagem, sua produção, e o autor da mesma não são expostos, os porquês que se traduzem em significados da autoria para o espectador sobre a categoria geográfica, também são escusos. Uma imagem sem movimento, inserida no corpo de um livro, com texto, mas que dependendo do local que seja tratado tal assunto o aluno poderá encontrar dificuldades na analogia didática, caso não ocorra uma interferência de autonomia na produção das imagens que identifiquem o conteúdo.

A imagem produzida em outro livro didático está abaixo retratada e tem como autora Almeida (2005), trata-se do material didático “Geografia: geografia geral e geografia do Brasil” muito utilizado nos Ensino Médio é um material didático único, em que também há forte presença de imagens sem movimento, as imagens apontam para os textos.



Figura 04. Região da Avenida Nove de Julho, São Paulo, diferentes momentos.

Foto: Gerodetti e Cornejo

Fonte: ALMEIDA, 2005

Na imagem acima temos a comparação entre dois tempos distintos, com abordagem sobre o lugar, contudo há um distanciamento dessas produções para os leitores que utilizam os livros - os alunos-. Não são eles os produtores de tais imagens, essas por sua vez já vem prontas, registradas pelas lentes de outros coletivos, mas não dos alunos os verdadeiros usuários do material didático.

Entretanto, a presença dessas imagens é de grande significado deixando apenas de existir textos extensos, para a visualização de cores, posições, e informações que essas imagens possam gerar para quem as contempla.

Como sustenta Joly (2007, p. 48):

Demonstrar de fato que a imagem é uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea, que, nessa qualidade, distingue-se do mundo real e que, por meio de signos particulares dele, propõem uma representação escolhida e necessariamente orientada, distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que a sua ausência ou presença significam relativizar sua própria interpretação, ao mesmo tempo em que se compreendem seus fundamentos: todas as garantias de liberdade intelectual que a análise pedagógica da imagem pode proporcionar.

Nessas observações temos que ver o cruzamento entre geografia e educação torna-se sobretudo importante num mundo em crise, crise expressa, entre outros modos, nas concretudes do espaço vivido através dos quais as relações sociais se geografizam (REGO, 2000).

Compreender as relações que o sujeito tem com o lugar é uma tarefa que parte exclusivamente do sujeito, as suas experiências são capazes de desvelar as descrições, análises e formatações conceituais que se transformam em conhecimento geográfico escolar.

E, justamente sobre essas abordagens presentes nos livros que são realizadas com o intuito de decodificar os elementos presentes nos espaços, através das imagens, bem como os processos que se encerram no sentido da sua produção que gera uma importância para o ensino da geografia (CALLAI, 2000).

Essa decodificação que o aluno deve realizar o mantém atualizado diante de inúmeras informações, mas o mais importante para o contexto é perceber as diferenças existentes no lugar, observar as imagens se torna supranecessário.

Como aborda Callai (2000) devemos estudar, descrever e compreender o lugar sendo razões primeiras de entender o que ocorre no espaço onde se vive e que por sua vez, vai muito além de apenas condições naturais e humanas. É considerável verificar que muitas vezes as explicações estão fora, sendo até mesmo necessário buscar motivos tanto internos quanto externos para que se possa compreender o que ocorre em cada lugar.

O celular que é considerado uma tecnologia móvel, não carrega consigo apenas a função de um indivíduo se comunicar com outro, seja por meio de uma ligação, da comunicação via internet, via redes sociais, ou mesmo por sms. Moura (2010, p. 62) trata dessa questão “enviar SMS e ouvir música são duas práticas na vida cotidiana de muitas crianças e jovens”. Uma situação tão comum em nossos dias.

Entretanto, o *homo sapiens* VEEN (2009), que são as crianças e os jovens dessa geração, não apenas utilizam seus aparelhos para um único fim de comunicar-se, vão além, conseguem se resignificar, resignificar sentidos, dar materialidade ao simbólico que aparentemente não teria o mesmo valor para outras gerações, difíceis de compreender e acompanhar essa geração.

A resignificação que essa geração busca, ultrapassa as barreiras do tempo e espaço, logo, o tempo cronológico é ubíquo, imediato, constante, fluido, e as barreiras espaciais antes existentes já não existem, se dissiparam, pontes virtuais foram criadas e favorecem a rede existente que alcança diferentes pontos.

A referência diz respeito aos meios como as imagens criadas, observadas, imaginadas pelos sujeitos, um desses meios são as fotografias que surgem dos aparelhos móveis, os celulares muito utilizados diariamente. Tudo é motivo para documentar.

Os momentos não podem ser mais esquecidos, mas são registrados, e vão mais além, chegam a qualquer lugar e a qualquer hora, com curtíssimo espaço de tempo. São os átomos se transformando em bits (NEGROPONTE, 1995).

As imagens indexadas aos processos de busca pelo sujeito através da tecnologia móvel -o celular- representam significados individuais ou coletivos, mas são utilizadas com uma função de propiciar a passagem de uma informação, de um sentimento, de uma memória, o termo imagem é tão utilizado, que parece muito difícil apresentar uma definição simples capaz de abarcar todas as maneiras de empregá-la (JOLY, 2007). A imagem por si só não é capaz de ser reproduzida com significados, conforme as observações de JOLY (2007), percebe-se que a figura do “sujeito” no processo de produção imagética, apresenta profundas marcas subjetivas e a presença de sensíveis informações pessoais.

Neste estudo, a imagem tem uma grande relevância, pois, a imagem pode proporcionar conhecimento, sobre as diferentes relações que temos com o espaço que estamos inseridos, descrevendo a compreensão de como evoluímos ao longo do tempo e espaço, são essas observações que constituem parte de uma alfabetização geográfica. Ler uma imagem é ter singularmente a capacidade de interpretar o espaço geográfico através dos nossos diferentes tipos de representações e signos visuais que nos acompanham ao longo da nossa história da humanidade (RIBEIRO, 2013).

Segundo Martins (2014, p. 431):

O uso dos recursos tecnológicos, tais como os aparelhos de reprodução de som e imagem, tem um papel principal que é o de reforçar a ação comunicativa e permitem aos professores trazerem para a sala de aula as vivências do cotidiano dos alunos. Ocupam, portanto, um lugar fundamental e são uma ferramenta que facilita o processo de ensino-aprendizagem.

Considero que a partir da exposição do uso de recursos tecnológicos dentro ou mesmo fora da sala de aula surge um caminho de grande relevância para se seguir tendo nessa observação a sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, seja em geografia ou em outras áreas.

Outro importante destaque é o que Aumont (2002, p. 77), fala sobre a concepção do que é produzido: “as imagens são feitas para serem vistas, por isso convém dar destaque ao órgão da visão”. Dessa forma, o autor acaba tecendo um estudo denso trazendo à tona o olho que vê. E surge um questionamento: “Por que se olha uma imagem?”.

Na tese de doutoramento da pesquisadora e professora Adelina Maria Carreiro Moura uma parte da sua pesquisa traz importantes compreensões para a abordagem que está sendo exposta, diz ela:

Segundo dados avançados pelo Jornal Económico e pelo Diário de Notícias Online⁵⁸, no primeiro trimestre de 2010 notou-se um aumento de 21% das vendas de telemóveis, comparado com o mesmo período de 2009, sendo o segmento dos smartphones a apresentar maior dinamismo. Estes dados mostram como os telemóveis e as comunicações móveis continuam a crescer em Portugal, com os jovens cada vez mais incluídos na rede de utilizadores. As gerações mais novas vão se socializando e crescendo numa realidade que já faz parte das suas práticas quotidianas e o telemóvel tornou-se num acessório indispensável nas suas vidas. (MOURA, 2010, p. 70).

O que mais me chama atenção é que nas práticas do dia a dia das gerações mais novas, o telemóvel- celular-, é um acessório indispensável nas vidas dessas pessoas e que por sua vez não nos leva a pensar que haverá um retrocesso no uso.

É sustentável que a difusão das tecnologias da informação e de comunicação no formato de multimeios, é muito mais que representar apenas um conjunto de mudanças nas relações sociais e produtivas, essa por sua vez invadiu as vidas e rotinas das pessoas, tornando-se uma linguagem operacional que leva para a interação do “ser” com o mundo, com os fatos, com as informações e dados,

instalando assim, um novo padrão de integração social a partir do acesso e do uso de forma consciente e crítico do ferramental que encontra-se disponível (SOARES, 2006).

O que proponho discutir desde o início, é a real significação que surge com o que o sujeito classifica como definição, mesmo que de forma inconsciente, há um definir que é feito pelo sujeito encaminhado para o espectador que também produzirá suas subjetivas significações e nesse caso a tecnologia móvel tem sido um aliado fundamental nessa produção contemporânea.

E ainda Barthes (1984, p.129) diz que: “toda fotografia é um certificado de presença. Esse certificado é o gene novo que sua invenção introduziu na família das imagens”. Nesse viés, onde o ato de fotografar confia ao sujeito sua relação com o mundo e certifica sua presença nesse mesmo ambiente, as imagens digitais têm contribuído com a maior propagação dessa representação.

No que concerne a leitura da paisagem, do conteúdo escrito da Geografia e das fotografias associados às novas tecnologias de informação e comunicação são capazes de despertar maior interesse do aluno sobre a aprendizagem, ajudando a estabelecer a “autonomia do pensar e do fazer”. (SCHÄFFER, 2000, p. 88).

O lugar então observado pelo aluno-sujeito de produções visuais, de suas imagens cria em si autonomia para estabelecer inicialmente concepções sobre o seu mundo, seu espaço e o seu lugar, ao suspender as percepções sobre os conceitos estabelecidos em sala de aula, este poderá refletir e descrever através das imagens, as suas relações, suas afinidades produzindo conhecimento.

A partir desse contato que o sujeito tem com seu lugar, as representações subjetivas sobre o fenômeno, desencadeiam de maneira real a aproximação dos conceitos, não mais apenas contextualizados com a observação de figuras, ou fotografias produzidas por outros nos materiais didáticos, mas quando trazidas pelo aluno a aprendizagem mudará de perspectiva, pois, o mesmo será o produtor confiável das suas descrições imagéticas. O celular que agrega diversos dispositivos é um meio indispensável no uso didático para o ensino da geografia.

A busca pela percepção que o aluno possui sobre o seu lugar com o auxílio da Tecnologia móvel, com possibilidades de fotografar registrando essas experiências podem ser utilizadas como meio didático para que o professor não apenas possa utilizar o material que já é produzido nas grandes redes editoriais, mas conduzir o aluno a pesquisa, a autorreflexão do seu lugar e das suas

lugaridades. Tais lugaridades que surgem do contato em que o próprio sujeito tem com novos espaços de vida (HOLZER, 2013).

Como o nosso interesse é tentar confluir perspectivas que possam convergir para a compreensão das tessituras particulares, mas que se coletivizam na tecnologia móvel, as imagens e a condição de ver o lugar sobre o prisma pautado na Topofilia, contudo com o aporte necessário da Fenomenologia da Percepção, na gestão do ensino da geografia, é que temos ensaiado através do levantamento teórico, observar o material empírico a partir de uma ação de pesquisa ou de uma pesquisa em ação, que promova maiores discussões, sem se fechar nessa base introdutória.

Neste caso a Fenomenologia na geografia tem servido como forma de compreender tanto o lugar como as lugaridades que se constroem na vida do sujeito, estas lugaridades compõem os espaços de vida", "noção que permite operacionalizar o habitar, potencializando a descrição da mobilidade ao longo da biografia da pessoa" (MARANDOLA, 2006 p.17).

A importância que os lugares possuem para os diferentes sujeitos sociais é que fortalecem a noção de lugaridade destacada por cada indivíduo. Apontar teoricamente a construção de sentimentos pelo lugar é fator preponderante para a Geografia.

Considerando o destaque citado por Cavalcanti quando diz que:

Partindo dessa ferramenta intelectual, há, atualmente, uma diversidade de perspectiva da análise geográfica (que estão basicamente fundamentadas na perspectiva fenomenológica, dialética e sistêmica, ou em algum modo de inter-relação entre elas) que contribuem, cada uma a seu modo, para a compreensão da espacialidade contemporânea; a meu ver essas perspectivas de análise geográfica possuem algumas bases comuns, como por exemplo, o fato de colocarem-se como uma ciência social de relevância e de investirem na busca de um marco teórico conceitual consistente e articulado. (CAVALCANTI, 2010, p. 19).

Na atualidade que estamos vivendo se faz necessário buscar novas formas de compreensão das categorias que sustentam o discurso geográfico, buscando apoio em teorias consistentes onde podemos articular com a geografia escolar, não apenas observar em composições tradicionais, mas dando ênfase à novas formas de pensamento dentro da evolução da própria Geografia.

Essa medida em romper com padrões é característica do professor que não está acomodado, seguem-se linhas metodológicas que possam desenvolver um ensino com o protagonismo do aluno, o seu conhecimento prévio e as novas

possibilidades de ensino, a produção e o contato que o aluno pode ter como protagonista de sua aprendizagem.

Desta forma, conhecer a Fenomenologia, Topofilia como apontamentos teóricos para se fazer uma Geografia Humanista é necessária. No capítulo posterior serão apresentados a construção teórica com as concepções de uma atitude fenomenológica, das impressões topofílicas e o entendimento sobre o amor ao lugar, que atualmente ganharam força no ensino da geografia ao longo de vários anos.

Para Holzer (2013, p.21):

Os fenomenólogos, quando se referem ao ser-no-mundo, falam da essência de nossa existência, que é existir em situação. Somos seres-em-situação, o que significa que constituímos e desvelamos o mundo, a partir de nossa individualidade de ser.

Esses estudos tem sido recebido no campo da geografia de forma mais intensa como referência para se estabelecer condições em que os aspectos qualitativos sejam considerados elementos de extrema importância para se compreender melhor como as relações individuais se manifestam na formação do espaço.

Seguir por essa trilha é o que apresenta então no próximo capítulo desta dissertação, envolvendo triangulações ontológicas sobre as relações que os alunos mantêm com seus lugares e que produzem geografidades existenciais.

CAPÍTULO III

3 LUGAR, TOPOFILIA E FENOMENOLOGIA: encontros na Geografia Humanista

A geograficidade trata do conteúdo existencial do homem com o espaço terrestre e, na medida em que o homem se apropria desse espaço, ele se torna 'mundo', a partir da fixação das distâncias e das direções, onde os marcos referenciais são o corpo e a matéria onde ele se apoia, um espaço primitivo que, uma vez apropriado pelo homem, se torna 'lugar'. (WERTHER HOLZER, 2012, p. 291).

Ao buscar o entendimento de uma geograficidade, que ajude descrever o sentido existencial do homem com o ambiente em que se encontra, considerando então que um encontro/entre três composições que ao se unirem representadas pelas suas peculiaridades conseguem ser um 'só'. Complexo de entender essa chamada vocativa, mas consciente de que empreender, é arriscar, coloco também na posição de alvo para que conduza *a priori* essa complexidade a fim de responder aos apontamentos que sugere esta pesquisa.

Não é de agora que estão tratando de Geografia, Topofilia, Fenomenologia e Lugar, entretanto, esse caminhar nessa estrada que consiga levantar um diálogo, entre todas elas de uma vez, é a intenção do diferente, ao apontar que muitos tratam desses campos do saber, do método ou filosofia e da categoria geográfica, mas na maioria produzem sentidos separados um dos outros. A intenção dessas primeiras linhas que antecedem a proposta teórica-conceitual, com vistas a não adentrar totalmente nas ontologias, mas transitar por entre, leva-me a crer que sempre há possibilidade de um novo discurso, fundamentado em estudos fidedignos de se completarem.

A sinopse deste capítulo da nossa dissertação tem como objetivo caminhar por entre as afirmações da Geografia Humanista, como um modelo a contribuir para o estudo do lugar, das relações dos sujeitos com base em uma perspectiva topofílica que sugere dentro da fenomenologia da percepção uma abordagem mais subjetiva sobre o mundo vivido em que os sujeitos se encontram.

Para a Educação Básica bastaria então, apenas estar apoiado nos manuais e compêndios cedidos pelas estruturas representacionais do sistema educativo ou nos materiais didáticos que são usadas pelos alunos em sala de aula, como dispositivos de transformação, sob o enfoque tradicional de utilizar-se dos conceitos já existentes.

Devido às colocações de diversos autores sobre o desejo de perceber como se pode conduzir essa aproximação, a fim de que se faça uma geografia mais próxima do sujeito, que esteja intencionalmente voltada para fortalecer a concepção de que é necessário romper com os pressupostos paradigmáticos que ficaram para trás, em um determinismo, que afastava o homem do seu ambiente produzido, é que exponho concepções que discutem sobre as reais possibilidades de que isso possa ocorrer.

A contribuição de Holzer nessa perspectiva do trabalho “a introdução da fenomenologia na geografia, pelo coletivo humanista norte-americano, foi responsável pela valorização do conceito/essência de ‘lugar’ até então marginal nas discussões da disciplina”. (HOLZER, 2012, p. 293).

Assim, conhecer o lugar na geografia seu conceito e sua essência para que o professor da Educação Básica possa conduzir um novo formato nas suas discussões escolares, bem como na produção do conhecimento do aluno, poderá envolver os aspectos de atitudes fenomenológicas auxiliadas pela tecnologia como suporte, logo, nosso trabalho está diretamente envolvido com esse aspecto.

O capítulo se apresenta da seguinte forma 3.1‘O LUGAR’ NA GEOGRAFIA: descomplicando a categoria, verifico os conceitos do termo na geografia e sua importância, no 3.2 A TOPOFILIA DE YI-FU TUAN VERSUS A RELAÇÃO COM O LUGAR: reflexões necessárias, levanto a teoria de Tuan relacionando com o fenômeno desse estudo o lugar e as relações humanas, e por fim no 3.3 FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO: sua presença na geografia apresenta uma nova atitude para se estudar os conceitos com a Filosofia.

3.1 'O LUGAR' NA GEOGRAFIA: descomplicando a categoria

Considerado a abertura do título que destaca 'o lugar' como objeto deste estudo epistêmico, as muitas reentrâncias do vocábulo conceitual que tratam sobre o termo são condutores para que sejam, por conseguinte, apontados sentidos e diferenças plurais da palavra.

A verificação do termo ou do conceito lugar na ciência geográfica é considerada uma representação polissêmica que requer uma observação mais aprofundada, a fim de gerar uma compreensão conceitual que se aproxime do elemento científico e não apenas de uma observação empírica da essência do termo.

Na observação de Oliveira (2012, p. 04) sobre a etimologia do termo:

[...] começamos com uma consulta ao dicionário. [...] o verbete "lugar" é um substantivo masculino oriundo do antigo latim *lôgar*, *lôcus* e local como adjetivo. Para nosso espanto, nos deparamos com nada mais nada menos que dezoito vocábulos para designar lugar.

Sobre a definição do termo Oliveira (2012, p. 05) diz ainda que:

[...] lugar se mescla, se confunde com espaço ocupado (aqui empregamos esse termo), com sítio. Em outras vezes significa povoação, localidade, região e até país. Em ocasiões diversas quer dizer posição, categoria, situação, origem, sendo empregado também como oportunidade, ensejo e vez.

Desta forma, se o termo 'lugar' é possuidor de múltiplas apresentações, não que levem a uma confusão, mas a diferentes interpretações, que conduzem a diversos debates, entretanto, convém salientar, a possibilidade do ensino da geografia no espaço escolar celebrar as tantas formas que esse termo se apresenta para que o aluno possa então considerá-lo referencial da base dos conceitos que são apreendidos na escola.

Conforme novos estudos vão surgindo, as visões do que antes era percebido como verdades únicas, começam a ser questionadas. Na observação de La Blache (1982), a geografia teria essencialmente, e por excelência como seu campo de estudo a superfície terrestre, sendo o conjunto de fenômenos que ao entrarem em contato com as massas sólidas, líquidas e gasosas formam o planeta.

Deveras, uma visão um tanto quanto, em desuso para o formato que a nova geografia propõe estudar. Não apenas os traços físicos de uma geografia opaca, mas a observação de fenômenos em que o sujeito social encontra-se inserido.

É importante observar que como toda ciência, a geografia possui no seu cerne de estudo, alguns conceitos básicos considerados conceitos-chave, que por sua vez são capazes de sintetizarem a sua objetivação, ou seja, o prisma específico de como a sociedade é analisada, esse ângulo confere à geografia sua identidade e a autonomia frente às ciências sociais. Sendo então, a geografia uma ciência de caráter social essa tem como objeto de estudo a sociedade, que, de forma direta segue por vias de cinco conceitos-chave, onde todos estão muito próximos, pois se referem à ação humana: paisagem, região, espaço, lugar e território (CORRÊA, 2008).

Os debates que decorrem do estudo dessas categorias, ou conceitos-chave da geografia, firmam-se nas acepções em que cada corrente do pensamento geográfico, tenta mostrar a sua conceituação, indexando ao contexto das discussões, tanto geógrafos, quanto não-geógrafos.

Conforme salienta Corrêa (2008, p. 16):

Lugar e região, por exemplo, têm sido diferentemente conceitualizados segundo as diversas correntes da geografia. [...], o embate conceitual não é exclusivo à geografia: vejam-se, por exemplo, os conceitos de valor entre os economistas, classe social entre os sociólogos e cultura entre os antropólogos.

Percebe-se que esses conceitos não se distanciam de outras áreas do conhecimento, levantando discussões, pois, ao envolver a sociedade diferentes manifestações conceituais são apresentadas, contudo, com focos diferentes nas suas análises. No contexto da geografia as várias correntes identificaram fundamentos que servem como aferições das mudanças que envolvem ao longo das décadas essa ciência.

É importante ressaltar Santos (1978) no sentido de discutir as categorias geográficas, pois, ao perceber que as mudanças vão incorrendo sobre o território, bem como a sua organização que o modifica, acabam por modificar a forma de tratar alguns conceitos que foram herdados do passado obrigando a renovação das categorias de análises do espaço geográfico, é a dinâmica da geografia.

Não se pode então, apenas se prender as concepções do passado em termo de analisar as categorias do estudo geográfico, é óbvio que os grilhões da ciência que aprisionam muitos no passado, devem ser rompidos pelas novas abordagens dos diferentes conceitos-chave, que fundamentam a geografia, se a sociedade é fluida, bem como as suas ações, então, indubitavelmente as alterações dos termos são viáveis, o que vai levar a polissêmicas interpretações.

As categorias confluem para mostrar a realidade do espaço organizado pelo sujeito humano, e que por sua vez, desempenha um papel na sociedade de extrema importância, condicionando-a e compartilhando do que pode ser considerado um complexo do processo de existência e da reprodução social (CORRÊA, 2008).

Importante ressaltar que durante muito tempo a geografia tinha sua abordagem voltada para a descrição da paisagem, uma forma descritiva da relação homem/natureza, com enfoque nas comparações dos lugares e das duas diferenciações ou aproximações, com o tempo, os estudiosos do assunto elevam a ciência para outro nível, destacando a necessidade não apenas de descrever, mas de conduzir a uma compreensão na dicotômica abordagem do homem/sociedade devido às transformações que ocorrem.

Considera-se que um padrão foi intensamente estudado para identificar a relação homem/meio como sendo um eixo epistemológico da geografia, tal padrão é estabelecido conforme a relação entre paisagem, território e espaço - sempre observado no contexto como primazia -. Para a análise espacial o fenômeno deveria passar pela descrição inicial da paisagem, sendo após analisada em termos de território e por fim, a compreensão do mundo como espaço (MOREIRA, 2013).

Moreira (2013, p.117) ao expor que: “espaço, território e paisagem formam, assim, o rol das categorias de base de toda a construção e leitura geográfica das sociedades”, o autor não destaca de forma conclusiva outras observações categorias. Deve-se considerar que não são apenas essas categorias que o autor destaca como parte do rol do estudo geográfico, mas ‘o lugar’ também tem exclusiva participação no processo de produção espacial, esquecer sua importância é ainda viver de forma estanque com uma compreensão parcial do objeto de estudo da geografia.

Por mais que alguns estudiosos tomem como aporte principal apenas três categorias como é apontada por Moreira (2013): paisagem, território e espaço, é

importante considerar que muitos outros se importam em apresentar ‘o lugar’ como elemento-chave dessa rede que nos levam a compreensões mais intersubjetivas, que por sua vez, na concepção de se entender “a noção de espaço [...] intimamente ligada à de tempo, [...] como de movimento e, conseqüentemente, ao conceito de processo” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p.84). Assim faz entender melhor a concepção espacial. ‘O lugar’ faz parte do processo espacial, não como subcategoria, mas como uma categoria importante a ser contemplada no estudo geográfico em qualquer instância. Não se pode renegar o direito de conhecer as geograficidades que os lugares criam os espaços vividos e as relações sociais que são instrumentos de produção do ambiente físico ou simbólico do sujeito.

Holzer (2013, p.20) esclarece que:

Se o espaço geográfico nasce de uma relação existencial do homem com a Terra, afirmo, com base em aporte fenomenológico, que ele tem como essência a ‘geograficidade’, que expressa a razão do homem no planeta Terra, ou seja, delimita e determina a sua possibilidade de existir como ser no mundo.

Como considerou Dardel (2015) ao analisar essa ampla relação homem/mundo, homem/espaço, homem/lugar em um entendimento razoável nesse contexto, tal geograficidade acaba revelando ao homem a sua condição humana e seu destino, em um resultado surpreendente da sua relação existencial.

Lugar como conceito geográfico tomou diferentes interpretações, como de existência, de co-existência, de co-presença, da solidariedade, do acontecer solidário, da dimensão que envolve o espaço cotidiano, com características que apontam o singular ao subjetivo. Em consonância sua característica ainda gera uma sensatez, onde, se apropria ao nosso sentido, sendo um espaço que nos convém, sensível a nós (SOUZA, 1997).

Vale considerar nesse aspecto o que Holzer (2012) destaca do afastamento do sentido apenas locacional do Lugar quando este considera que o conceito da nova proposta de geografia é aproximar-se do conceito de mundo, como é observado pelos fenomenólogos.

Considero também que os livros didáticos trazem muitos dos conceitos sobre o lugar e são apresentados aos alunos, vinculados a imagens que mostram lugares não sentidos por esses sujeitos, suas produções são simbolicamente

expressões categóricas de locais que supostamente todos conhecem visualmente, mas que nunca sentiram cenestésicamente.

Portanto, na observação de 03 materiais didáticos que são distribuídos pelo MEC tem-se como conceito do lugar:

1. [...], entendemos o espaço no qual as relações cotidianas entre pessoas, governos e empresas de fato acontecem. Trata-se do espaço próximo aos indivíduos, com o qual eles efetivamente mantêm relações de familiaridade e pertencimento. Nossos vínculos sociais, familiares e profissionais se processam nos lugares (SILVA, 2013, p.16).
2. A categoria de lugar, em geral, é associada à dimensão da existência, ao mundo vivido. O lugar pode ter associado às percepções emotivas (“gosto deste lugar, não daquele”), e também às nossas necessidades práticas, sentimos necessidade de nos localizar, nos posicionar, nos identificar, nos mover, de interagir com objetos e pessoas (MARTINI, 2013, p.14).
3. É a porção ou parte do espaço onde vivemos, é onde se desenvolve a existência real. É nele que ocorre o nosso cotidiano, que vivenciamos nossas experiências. Todos criamos uma identidade com o lugar, em que vivemos; isso significa que ele é algo para nós, que a nossa memória guarda sobre ele e determinadas percepções e vivências com os quais nos identificamos (TERRA, 2005, p.16).

Entretanto, mesmo os materiais de apoio didático não apontarem imagens fixas – apresento em outro capítulo da dissertação -, que retratem realidades dos alunos, muitos já abordam como conceito não apenas o fato locacional, mas com ênfase para as relações que surgem da produção do espaço, da materialidade, da eclosão do entendimento de uma ‘geograficidade’.

Essa condução produz um aluno mais partícipe do processo de aprendizagem da sua geografia, mesmo havendo ainda nesse contexto a necessidade da sua atuação para especificar o ‘lugar’ de acordo com o seu ponto de vista e até mesmo revelar as simbologias que são por si, parte do seu universo. Em dado momento, as *terrae incognitae* que se encontram tanto no interior da alma e do coração dos homens são desveladas pelas novas conceituações sobre o lugar (WRIGHT, 1947).

Assim, em seu discurso original Wright considera que:

The meaning of terra incognita depends no less on the kind of knowledge that we are considering. There are two grades of geographical knowledge: knowledge of observed facts and knowledge derived by reasonable inference from observed facts, with which we fill in the gaps between the latter. (WRIGHT, 1947, p.03, tradução nossa)¹³.

Conforme essas terras consideradas incógnitas, vão sendo conhecidas pela observação dos sujeitos, bem como sobre as suas percepções do ambiente que está inserido, marcante por si e para si e para outros, que mantêm somas intersubjetivas em relações a outros indivíduos, as terras antes vistas como incógnitas, invariáveis, aos poucos dependendo do grau de intencionalidade da demonstração vão se tornando aspectos de compreensão dos lugares. Os alunos quando motivados pelo professor podem de maneira refratável levar a clareza conceitual da categoria geográfica, a partir de uma conceituação particular que substancialmente o levará ao entendimento analítico dessa categoria geográfica.

Bachelard (2013, p.197) comenta que:

Depois de seguir os devaneios de habitar [...] lugares inabitáveis, voltamos a imagens que, assim como nos ninhos e nos sonhos, exigem que nos façamos pequenos para vivê-las. De fato, em nossas próprias casas não encontramos redutos e cantos onde gostaríamos de nos encolher? Encolher pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se. Temos em nós, a esse respeito, um estoque de imagens e de lembranças que não confiamos facilmente.

A representação e importância que ‘o lugar’ tem exercido atualmente, como ideia geográfica; acaba por transcender a própria ciência geográfica, dando permissão para diálogos nos mais diferentes e importantes campos, sugerindo

¹³ Tradução do texto original: O significado da terra incógnita não depende do tipo de conhecimento que estamos considerando. Existem dois tipos de conhecimento geográfico: conhecimento de fatos observados e conhecimento derivado por inferência razoável dos fatos observados, com os quais preenchemos as lacunas entre estes últimos.

inclusive conexões com demais teorias sociais, a filosofia, a arquitetura, cinema, arte dentre outros (MARANDOLA JR, 2012).

Devido essa representatividade que 'o lugar' vai ganhando com vista a outros vieses de cunho variado epistemologicamente, conduz a expectativas antes não contempladas com o olhar mais holístico e subjetivo dessa categoria, acrescentado de elucubrações que fornecem ao que estuda 'o lugar' posição científica de forma a estar pautado na experiência vivida e nas concepções geradas pelo ser-no-mundo.

Conforme é apontado por Marandola Jr. (2012) os estudos que estão pautados no 'lugar' são de origem recente, essa ênfase dada a essa categoria coincide com o ganho em dois importantes processos no decorrer da história geográfica: um sendo aquele onde as abordagens de caráter humanista orientados pelas diversas fontes filosóficas, dão atenção ao espírito, a heterogeneidade e a diferença e outra calcada na movimentação da mundialização que acabou engendrando uma perceptível oposição entre o global e local e entre mundo e lugar, sendo nessa ordem o primeiro subjugando o segundo.

Na abordagem de Oliveira (2012) 'lugar' não é apenas uma forma, ou mesmo um elemento material, falando de modo filosófico, ou mesmo, um intervalo, um vazio espacial que pode ser preenchido de forma sucessiva por diversos corpos físicos, também materiais, ou por si apenas. Essa contribuição tem base aristotélica, por isso se fala em exposição filosófica aqui, onde, por sua vez, essa base segundo a autora, fez da percepção aristotélica uma moderna teoria da relatividade no aspecto do lugar, que considera como algo imóvel, no sentido figurado. Tem-se então como concepção atual aquela que se conecta ao tempo e no espaço, isto é, "lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o *lugar*, o movimento, a matéria" (OLIVEIRA, 2012, p.05).

É perceptível que nessa exposição do 'lugar' a contribuição da filosofia contabiliza grande participação no trato da definição e do conceito da palavra. A geografia vai considerando o que outras ciências levantam sobre o assunto, assim, é notório a presença fenomenológica e de outras filosofias no seu aproximar geográfico.

Apesar de parecer um assunto recente, essa consideração se dá pela forma comparada entre a evidência do objeto de estudo da geografia e a abordagem essencial da questão do 'lugar'. Um dos estudiosos sobre 'o lugar' de referência no

aporte teórico foi Edward Relph (1976) comenta que: “há quarenta anos comecei meus estudos sobre ‘lugar’, muito pouco havia publicado sobre o tema em qualquer disciplina, tanto como conceito quanto como fenômeno de experiência vivida” (idem, p. 17).

Não existe uma singularidade de interpretações sobre ‘o lugar’ por isso, diversas perspectivas como comportamental, humanistas e fenomenológicas, como já indicadas anteriormente, por filósofos, artistas, poetas que através de seus trabalhos são considerados aportes compreensivos sobre a formulação do lugar (RELPH, 1976).

Assim é compreensível, além de importante as considerações a respeito dessa dinâmica, com base em Entrikin & Berdoulay (2012, p.110) que citam:

Consustancial ao sujeito, que ele contribui para moldar e que o transforma, o lugar assim compreendido, permite que se lance um olhar novo sobre as recomposições territoriais contemporâneas. O sujeito enfatiza, nas instâncias próprias dessas últimas, os componentes subjetivos. Em outros termos, por intermédio do lugar e de sua redefinição, o sujeito moderno trabalha em sua própria construção e em seu engajamento no mundo que o envolve.

A subjetividade é o componente mais importante para se atestar a importância do lugar para os sujeitos que não apenas produzem um espaço, mas se consideram parte orgânica do mesmo, o mundo em que o sujeito está envolvido é repleto por marcas que são próprias e que se multiplicam a partir das fusões intersubjetivas, transcendendo inclusive a forma do entendimento apenas geométrico desse ‘lugar’.

A percepção é muito mais ampla sobre ‘o lugar’, que é ‘lugar’ de encontros e também de desencontros, responsáveis pela formação da identidade do sujeito, a igreja onde as pessoas se reúnem que manifestam no corpo a sua coletividade, fortalecida a partir de outros lugares onde vão se relacionando sem a necessidade de se explicar. Não apenas a igreja, mas um viaduto, uma praça, uma sala, diferentes lugares e ambientes que se coadunam nessa formação identitárias do sujeito (MARANDOLA JR, 2012).

Segundo Callai (2000, p. 84):

O espaço construído resulta da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. Isso resgata a questão da identidade e a dimensão de pertencimento. É fundamental, neste processo, que se busque

reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e tornam significado o seu estudo.

Essa forma de ver o mundo, em que a geografia vai mudando a sua maneira de tratar o conceito de 'lugar', onde, o campo da Geografia Humanista e o suporte filosófico da Fenomenologia conduzem para o entendimento do lugar, e as relações entre os sujeitos com o mesmo. Conforme vai se estreitando a análise sobre o 'lugar', de maneira mais relacional, apresento diversas contribuições dos estudos realizados sobre os aspectos dessa subjetividade, das experiências vividas, considerados fenômenos para abordagens teórico-metodológicas que não se distanciam do fazer científico.

Marandola Jr. (2012, p. 229) revela que:

Esse é o sentido geral atribuído pelos geógrafos humanistas que se dedicaram a pensar o lugar como envolvimento do homem com a terra. Tuan, a partir de Bachelard, utilizou o termo topofilia para expressar esse envolvimento, ao passo que Dardel resgatou o sentido visceral da relação homem-Terra, pensando o lugar como geograficidade. Ambos buscavam um sentido mais profundo para a relação homem-meio e encontraram no seu cerne o lugar enquanto essência da experiência e da existência, respectivamente.

Desta forma, percebo que a geografia humanista teve ao longo da sua estruturação diversos estudiosos que trataram de analisar e compreender as relações entre o sujeito e seu envolvimento com o seu mundo, dando ênfase para 'o lugar'.

A valorização da experiência do indivíduo ou de um grupo de indivíduos é tomada como essencial para a Geografia Humanista, além de buscar visualizar a compreensão do comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares (CHRISTOFOLETTI, 1982). Esse foco permite aproximar mais aos significados que são dados aos lugares, de forma simbólica, emocional, cultural, política e biológicas (BUTTNER, 1982).

Tuan (1982) ao tratar dessa questão da Geografia Humanista retrata que essa tem a capacidade de refletir sobre os fenômenos geográficos com a melhoria de um propósito que alcança melhor entendimento do homem e de sua condição. Para o autor, a Geografia Humanista, não é, uma ciência da terra em seu objetivo final, mas tem um entrosamento com as áreas de humanidades e das Ciências Sociais no sentido em que todas se abastecem da visão precisa do mundo humano.

Em conclusão nesse entrelaçar das visões sobre ‘o lugar’ como referência de estudo geográfico, que vai desde a Educação Básica a Educação Superior nas Licenciaturas ou Bacharelados e pós-graduações, confluindo e sustentados nos diálogos dos autores supramencionados, convencidos que a experiência vivida, os simbolismos, a subjetividade dos indivíduos e sujeitos, suscitam diferentes ‘lugares’, que despertam inclusive, para sentimento de pertencimento ou de repulsas, pois, as emoções são consideradas na produção e entendimento dos ‘lugares’, por sua vez, as concepções de Topofilia com base em Tuan (2012), nos estudos do mundo vivido Buttimer (1982), do sentido de ‘lugar’ observados por Oliveira (2012), da experiência e imaginação em Lowenthal (1982), da fenomenologia na geografia estudada por Relph (1976), Holzer (2012), são base da construção de uma tessitura essencial para aportar em uma geografia escolar com capacidade de mostrar sua vestimenta científica teórico-metodológica.

Uma das formas atuais de observar e registrar o lugar está na Tecnologia. Atualmente podemos estar em todos os lugares e criar as lugaridades a partir não de um contato físico, mas através de um conhecimento visual que está em rede, divulgada de forma global. A tecnologia móvel oferece através da sua mobilidade esse conhecimento devido à forma de documentar tudo que o sujeito considera importante do lugar, suas relações com diferentes espaços que produzem o seu espaço de vida.

3.2 A TOPOFILIA DE YI-FU TUAN VERSUS A RELAÇÃO COM O LUGAR: reflexões necessárias

Dos mais impressionantes estudos de cunho geográfico do século XX que versam sobre as relações que os sujeitos tem com o ambiente, encontramos no teórico Yi- Fu Tuan, pode-se até mesmo acrescentar que uma nova escola de intenção geográfica foi sendo introduzida, a fim de contribuir com as visões dos diferentes discursos sobre os temas que envolvessem, uma Geografia mais Humana, ademais, durante um longo período os tratados da ciência geográfica, estiveram concentrados em ordens naturais, verificando de forma singular o planeta, a superfície terrestre, sem atentar para os fenômenos que envolvessem um dos seus principais agentes de transformação: o ser humano.

A Geografia considerada como ciência social, é evidente, que o humano é apresentado como sujeito intimamente ligado ao seu estudo, pois como venho postulando desde o início deste trabalho, ao apresentar 'o lugar', como objeto desta investigação, que por sua vez se encontra no espaço geográfico, escolhido pela geografia para analisar, compreender e interpretar através de seus métodos, e que por diversas vezes a sua total compreensão não fora alcançada, devido a ocorrência do distanciamento do sujeito humano nos primórdios da estruturação da Geografia.

As precauções a serem tomadas restringindo a sentir com o homem- a corporificação do homem, o ser-no-mundo, da fenomenologia das imagens, e os sentidos de pertencimento-, foram cruciais para apontar novos caminhos para a geografia.

O autor do livro sobre Topofilia Yi- Fu Tuan tem sua contribuição direta na geografia capaz de abordar todos os pontos, de forma a entender os fenômenos, é um estudo de cunho humanista que se traduz como uma desestruturação de métodos fechados para se entender a Geografia. Para se aproximar mais do conhecimento geográfico a Geografia Humanista, serve-se como instrumento para alcançar a tarefa do conhecimento à articulação dentro das perspectivas científicas de focalizar as atividades humanas (TUAN, 1982).

Existe no bojo das concepções sobre o estudo do 'lugar' e das relações existenciais do indivíduo com o 'lugar', bem como na produção do mesmo, uma real necessidade de abordar os estudos de Tuan, haja vista, que seguramente, sua produção, reflete a intenção de uma geografia mais aberta, de cunho mais humanista e cultural.

Tratar das questões de cunho humanista na geografia inicialmente é apontar que a ciência não deve apenas se fechar em um cientificismo cartesiano, criticado por muitos ao longo do tempo, desde Relph (1976) a estudiosos brasileiros como Holzer (1993, 1998, 1999), logo, questões como a valorização da intersubjetividade humana, as memórias, da intencionalidade e de outras nuances, vistos antes pelos métodos geográficos e pela ciência tradicional como passível de validação ou não, atualmente, tornou-se uma forma de desenvolver expressões do real, e assim, acrescentar na geografia descrições existenciais e fenomenológicas.

Desta forma como acrescenta Holzer (1993, 1998, 1999) essas inquietações acabaram por originar a geografia humanista, considerada por ele um campo autônomo desde os anos de 1976. Ainda, conforme aceção do autor a partir

dos anos de 1970, é que os nomes de geógrafos como Tuan e de Buttimer, vão em busca de assegurar uma identidade própria da geografia humanista, são eles os pioneiros na utilização dos conceitos de ‘lugar’ e ‘mundo vivido’, associado ao aporte teórico da fenomenologia existencialista, permitindo mais tarde a identificação como trabalhos de estudos humanistas (HOLZER, 2003).

Holzer (2003) faz uma descrição metódica sobre o trabalho fantástico voltado para o universo da ciência geográfica, considerando, que ainda nos anos de 1970, a investigação conceitual de caráter humanista, foi contribuição relevante para a identidade da geografia humanista, pois, desde o final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, os trabalhos de Tuan estiveram voltados a dois principais campos; as análises das atitudes do homem em relação ao ambiente que acabará levando à sua famosa publicação intitulada Topofilia nos anos de 1974, e outras frentes de estudo, caracterizada como investigação dos conceitos espaciais adequados para um estudo mais subjetivo e antropocêntrico do que apenas ‘paisagem’, com a adequação do aporte fenomenológico existencialista e estruturalista.

A obra de Tuan (2012) é considerada por estudiosos como Marandola Júnior. (2012, p. 09) como: “[...] esperança e um sentido global para pensar o ambiente na forma como é percebido e vivido pelas pessoas, respeitando-se suas tradições e valores culturais”.

Marandola Jr (2012, p. 09) acrescenta que:

O livro de Tuan é surpreendentemente coeso [...]. Seu impacto pode ser avaliado pela longevidade de suas ideias (ainda hoje é impossível descrever um texto sobre lugar sem se referir as ideias pioneiras de Topofilia) e o poder emancipador de tais palavras. A partir de Topofilia, uma nova vertente da geografia então em constituição, a Geografia Humanista, passou a ter um livro de referência, que ajudou a consolidar e a difundir uma geografia que se voltava para o ser humano, em sua condição própria, e buscava compreender as experiências geográficas em relação à sua dimensão existencial, psicológica, cultural e geográfica ao mesmo tempo.

Confluindo a visão de Marandola Jr. (2012), com a abordagem que o livro de Tuan (2012) traz como contribuição para a geografia, marca o ápice das investigações sobre as atitudes humanas em relação ao ambiente, pode-se inclusive considerar a obra como um “catálogo” que examina diversas formas de investigação, para o autor de Topofilia, um alerta das disparidades entre objetivos, métodos, pressupostos filosóficos, poderiam ser envolvidos sobre uma única perspectiva de

estudo, o modo como os seres humanos respondem ao ambiente que se encontram. Um destaque é que nenhum conceito, reconhece essas disparidades, a ponto de unificá-las, assim, a estruturação em torno da Topofilia, teria a capacidade de abranger conceitos como 'percepção', 'atitude' e 'visão de mundo' (HOLZER, 2003).

Embora a obra não destaque uma orientação metodológica a ser seguida de forma explícita, e nem mesmo tenha a intenção de criar uma geografia topofílica, tem no seu *corpus*, exemplos calcados na bibliografia psicológica, etnográfica, dos mitos e de literaturas como a inglesa e a chinesa, onde essas estão voltadas para o lumiar dos sentidos espaciais básicos da relação homem e meio, em formatos diferentes e contextos diferentes (MARANDOLA JR, 2012).

A obra de Tuan (2012) revela-se a partir de sugestivas indagações como forma de se aproximar da compreensão de nós mesmos, e sem essa auto compreensão, nossa preocupação em solucionar até mesmo os problemas de ordem ambiental é considerada nula, logo, esses são problemas caracterizados pelo indivíduo humano. Dentro dessas indagações que fazem abertura na Topofilia, uma chama bastante atenção, podendo ser apresentada como necessidade de entender o estudo do autor, Tuan (2012, p. 15) ao questionar: “quais são nossas visões do meio ambiente físico, natural e humanizado?”, tal pergunta, nos aponta o quanto ainda o ser humano não possui total conhecimento dessas estruturas, sobretudo, que temos dificuldades em intercalá-las.

Tuan (2012, p. 15) mostra que: “o cientista e o teórico, por seu lado, tendem a descuidar da diversidade e a subjetividade humana que a tarefa de estabelecer ligações no mundo não humano já é enormemente complexa”.

O subjetivismo então mais uma vez é colocado como um dos pontos nevrálgicos para um estudo de interesse geográfico que esteja voltado para aproximar o homem do próprio homem, da sua consciência, da sua percepção.

Na abordagem de Tuan (2012) em Topofilia o autor considera os seguintes pontos para verificar a relação do sujeito com lugar: (1) exame da percepção e dos valores sobre o meio ambiente que o homem possui, em escalas diferentes, as espécies, o coletivo e o individual, (2) a manutenção da distinção entre Topofilia e meio ambiente e cultura e meio ambiente para que se possa compreender como se completam e contribuem na formação de valores, (3) a introdução do conceito de mudança, tendo um deslocar das visões medievais da Europa sobre o mundo para um modelo científico, e qual o significado para as

atitudes ambientais, (4) de forma dialética examinar a concepção de meio ambiente na cidade, no subúrbio, no campo e no universo selvagem, (5) descrever as características de experiências ambientais distintas.

Para Holzer (2003, p. 117):

Topophilia explora sistematicamente estes cinco campos: estuda os sentidos e os traços comuns da percepção; aborda os mundos individuais a partir das diferenças e preferências de cada um; investiga as percepções comuns a partir da cultura e das atitudes ambientais; estuda a cidade como síntese desses campos, pois o espaço humanizado seria a materialização das atitudes atuais e passadas para com o ambiente.

Constituindo desta forma um material de estudo para todos os interessados em compreender o relacionamento existencial do homem com o ambiente em que vive suas emoções que são elementos abstratos, como a simbologia que pode identificar aspectos das suas geograficidades. Assim, os geógrafos considerados cientistas sociais devem buscar essa correlação desafiando a ciência hermética de princípios lineares, pois, o subjetivismo, a memória, a simbologia, podem desvelar sentimentos das suas experiências.

Em Topofilia, Tuan (2012) considera como conceitos-chave do seu trabalho, bem como os seus significados a percepção, atitude, valor e a visão do mundo, que por sua vez o sentido de cada termo tem seu entendimento com o seu contexto. Assim, Topofilia: “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”. (TUAN, 2012, p. 19).

Portanto, é nesse sentido que os esta Dissertação apresenta a Topofilia como forma de discutir o conhecimento sobre a percepção e relação do sujeito com o ‘lugar’, entrelaçando os conceitos-chave que Tuan (2012) aponta, não para se chegar a consensos ou dissensos, mas descrever com base na Topofilia que o sujeito humano, suas experiências e experimentações com o seu ambiente constituem elementos de uma vertente de estudo em geografia, a ser incluída na educação geográfica.

Desta forma, Gonçalves na sua dissertação sobre “o estudo do Lugar sob o enfoque da Geografia Humanista: um lugar chamado avenida paulista” contribui no aspecto de mostrar essa Topofilia do lugar diz ele que:

Sobre esses laços, entende-se que a medida que o homem intensifica as experiências vividas nos lugares, ativam-se os sentimentos de pertença e

afetividade, bem com seus pares antagônicos, o estranhamento e a rejeição. (GONÇALVES, 2010, p.24).

As experiências vividas podem ainda ser consideradas o que Wright (1947) considerou como *terraes incognitae*, mas que os geógrafos humanistas tem se preocupado em explorar, a fim de compreender as questões da mente e das imagens (BUTTIMER, 1982). Pode-se a partir do conhecimento empreendido se chegar a melhor compreensão dos sentimentos de pertencimento e afetividade que o sujeito possui com determinado lugar. Um processo lento e subjetivo, revelador e interessante.

No que tange as concepções da percepção na obra de Tuan (2012) os objetos que consigo perceber são considerados pelo autor como proporcionais ao tamanho do nosso corpo, tanto quanto à acuidade do nosso aparelho perceptivo e a nossa intenção. Apesar de ocorrer uma variação de cultura para cultura em relação ao tamanho dos objetos percebidos. O que notamos diariamente? Evidentemente que percebemos o que está em nosso entorno, o ambiente que ocupamos que por sua vez, está repleto de objetos materializados, formando o espaço.

Desta forma Tuan (2012, p. 91) aponta que: “a cultura pode influenciar a percepção, de maneira que uma pessoa possa ver coisas inexistentes?”. É um fato influenciador na forma de perceber o espaço pelo sujeito, ademais, quando em coletivo, tais influências na sua percepção podem ser maiores, e como o sujeito reconhece o lugar em que se encontra parte desses pressupostos.

O foco desta dissertação é alcançar o nível básico da percepção que o sujeito possui com o seu lugar, como ele consegue caracterizá-lo a tal ponto de se aproximar de um viés topofílico, sendo observados os fenômenos que sugerem esse viés para o estudo. A obra de Tuan (2012) como destacado rompe com padrões herméticos tradicionais e dão vazão para se chegar à senda de encontro com as contribuições fenomenológicas.

Na contribuição de Entrikin & Berdoulay percebo que:

Nessa perspectiva, o sujeito não pode mais ser posto entre parênteses, nem ser considerado como uma entidade passiva, determinada por circunstâncias exteriores: ele forja sua própria identidade, sua consciência de si mesmo, em interação com o contexto de suas ações. Não há, portanto, fenômenos, ainda que sutis, cujo interesse e mesmo a novidade poderiam escapar a nossa abordagem científica? [...]. Veremos melhor, então, aquilo sobre o que a noção de lugar atrai a atenção. [...], em seguida, voltarmos-nos para a questão da relação que o sujeito e a identidade mantêm com certos aspectos [...]. (ENTRIKIN & BERDOULAY, 2012, p. 94-95).

Nessa perspectiva que transpõe a maneira simples de ver a geografia e a relação que o sujeito vai adquirindo com o lugar, ao lançar mão do aporte teórico-conceitual da Topofilia, e dos aspectos centrados na fenomenologia, ambos tratados que expõem a percepção do sujeito com o ambiente, considerando que o caminho árduo, mas que trará benefícios para aqueles que desejam imbricar essas frentes para responder questionamentos da geografia. Ao verificar os fenômenos que envolvem o sujeito ajudando a construir uma identidade que o mesmo não consegue perceber, mas que o envolve promovendo um ser-no-mundo pronto para ser estudado.

Destarte, partindo do princípio de verificar o 'lugar', como as relações que se tem com o mesmo, pode-se perceber que há uma avaliação de quem é apenas um visitante, daqueles que já habitam naquele espaço, o reconhecimento ambiental, bem com as percepções dos fenômenos acontecem de forma distintas. Como o foco já comentado deste trabalho é o 'lugar', apoiado nas obras de Yi-Fu Tuan, outro aporte que serve para consubstanciar essas análises está no livro 'Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência', traduzido para a língua portuguesa em 1983 pela estudiosa Livia de Oliveira, por sua vez abre um extenso diálogo com os apontamentos que estão sendo discorridos neste trabalho.

Assim, o próprio Tuan destaca em seu prefácio:

Escrevi um livro intitulado Topofilia premiado pela necessidade de separar e ordenar de alguma maneira a ampla variedade de atitudes e valores relacionados com o meio ambiente físico do homem. Embora apreciasse observar a riqueza e a amplitude da experiência do homem com o meio ambiente, não pude nessa época encontrar um tema ou conceito abrangente com o qual estruturar o meu heterogêneo material; e, portanto, muitas vezes tive que recorrer a categorias convenientes e convencionais (como subúrbio, vila, cidade, ou tratar separadamente os sentidos humanos) em vez de usar categorias que evoluíssem logicamente de um tema central. Neste livro, procuro alcançar uma posição mais coerente. Para tanto reduzi meu enfoque para 'espaço' e 'lugar' enquanto elementos do meio ambiente, intimamente relacionados. (TUAN, não p., 1983).

As condições epistemológicas que tratam das questões do 'lugar', também nos permitem visitar as páginas dos livros Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência de Tuan (2013) e obviamente, Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente Tuan (2012). Deveras há um diálogo entre as duas maiores obras, em se tratar de condições humanas e subjetivas de enfoque para a compreensão geográfica dessas categorias, tendo em vista o que o próprio autor trata, das experiências que são consideradas complexas (TUAN, 1983).

Portanto, ao entrelaçar precipuamente essas duas grandes obras de caráter humanista, poderá ocorrer uma percepção das relações afetivas que partem das experiências que os sujeitos humanos mantêm com o 'lugar'. Conforme salienta Mello (2012, p. 56): “no bojo das experiências [...], são formados os laços topofílicos concernentes a todo o tipo de ligação afetiva entre os seres humanos e o meio ambiente”.

Tuan (2012) vai considerar que existem diversos tipos de métodos para se estudar as percepções que os indivíduos têm com o 'lugar', ao citar um teste realizado por Joseph Sonnenfeld aplicado a residentes nativos e não nativos do Alasca, contemplando no teste paisagens variadas dentro de quatro dimensões básicas, sendo elas: a topografia, a água, a vegetação e a temperatura, indicando que os homens nesse caso preferiam paisagens com topografias mais acidentadas e com indícios de água, diferentemente das preferências das mulheres, sendo estas as paisagens com a presença de vegetação e em meio ambientes quentes.

Nesse contexto apontado em Topofilia, nos aspectos que tratam das percepções e experiências consideradas como categorias abordadas por Tuan (2012), não são apenas os povos do Alasca que serve como exemplo dessa percepção e condição inicial de pertencimento, mas o autor aponta desde os esquimós à sociedade ocidental, mostrando as discrepâncias geradas por essas categorias.

Existem percepções que vão de imersões mais profundas como no caso dos nativos de determinado lugar, a percepções daqueles que apenas visitam os lugares, o visitante pode ter um ponto de vista sobre o lugar de forma simples, se confrontando com o novo.

Como se aproximar então das percepções dos fenômenos, das experiências dos indivíduos, da geograficidade criada, do mundo vivido e das subjetividades do sujeito? De que forma pode-se então entrar em uma zona tão pessoal, mesmo sendo criada por uma coletividade, ainda será pessoal o 'lugar' para alguns sujeitos? Alcançar a Topofilia pessoal e o conhecimento desta em que apenas o sujeito conhece, pode ser realizado com algum suporte? Tais situações contribuem para a geografia com ênfase no lugar?

Poderiam ser produzidas dezenas de questionamentos, a fim de explicitar melhor o interesse, ao menos as perguntas que não são poucas estariam presentes, ao tentar aprofundar o estudo sobre o lugar e as relações existenciais percebidas

com o uso da tecnologia móvel, o método, a filosofia conhecida como Fenomenologia é uma resposta para as diversas perguntas, pode-se então descrever essas experiências e relações considerando uma aproximação entre Geografia e a Fenomenologia, portanto, o próximo capítulo será voltado para esclarecer essa aproximação necessária.

3.3 A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO: sua presença na geografia

Adentrar um campo em que alguns estão se aventurando em investigar, me faz ir adiante, reconhecendo as limitações epistêmicas e ontológicas que são apresentadas, mas com uma imensa vontade de absorver elementos de outra área. Seguramente pelo fato de tratar das questões geográficas em sala de aula com materiais didáticos que fogem da contextualização e que manipula o saber ali contido, que tornaram-se obstáculos de alguns em reconhecer que existem outros pontos de linha filosófica capazes de agregar visões holísticas para a ciência geográfica. Adrede, falar da FENOMENOLOGIA¹⁴ é reconhecer, antes de qualquer coisa, que a própria Filosofia¹⁵ antecessora da Geografia na infindável busca pelo desvelar dos questionamentos que sempre cercaram a humanidade, foi a precursora em identificar os fenômenos de forma racional.

Desde os antigos povos helenos que a ‘Sophia’ já se apresentava não apenas como a riqueza de conhecimentos, mas dando a indicação da capacidade dos indivíduos se orientarem de maneira satisfatória os procedimentos que se fazem presentes em nossa vida íntima e social (LOBO, 1979).

Apontar então a Filosofia nesse capítulo, com o objetivo em afirmar o compromisso desse trabalho com uma Filosofia considerada pós-moderna¹⁶, como

¹⁴ Letras maiúsculas, pois, penso ter uma válida importância para o campo de estudo geográfico, ora como método, ora como conhecimento filosófico.

¹⁵ A tendência por parte dos homens primitivos em se colocar atônitos frente aos mistérios da vida, ou mesmo recorrer a magia e a justificação animistas, ao se confrontarem diante de determinados fenômenos, na qual não conseguem interferir por vias comuns, as constatações históricas em que o indivíduo humano, na busca paulatina em sair do refúgio estonteante do mistério, para a elucidação (LOBO, 1979).

¹⁶ Refere-se à uma tendência nova e complexa de pensamento. Começando como uma crítica da Filosofia continental, foi influenciado pesadamente por fenomenologia, estruturalismo e existencialismo, inclusive escritas de Søren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger.

aponta Goergen (2001, p.25): “um rápido contato com os autores chamados pós-modernos nos mostra que seu pensamento se desenvolve em muitas frentes e envolvendo significativas diferenças [...]”, mostra-se o que para alguns poderia ser uma insignificância, entrelaçar duas ciências para tratar de questões das categorias que estão diretamente relacionadas à geografia, contudo, ao apontar nos capítulos anteriores elementos como: percepção, mundo vivido, experiências, ser-no-mundo, a Filosofia irá contribuir com uma investigação mais subjetivista e intersubjetivista, a fim de descrever os fenômenos que envolvem o estudo. Destarte, os aspectos filosóficos utilizados de forma coerente com os pontos de vista da geografia, suscitarão entre ambas a construção de uma percepção não atrofiada, mas dinâmica e consubstanciada para essa investigação conduzida por duas grandes áreas do conhecimento.

Desta forma, Lobo (1979, p. 26) sobre a Filosofia fala que:

Inicia-se, então, o processo de atividade mental que iria ser denominada de FILOSOFIA: o esforço sistemático de homens em romper, tanto quanto possível, o véu das situações misteriosas ou duvidosas, em melhor conhecer, pela observação comparativa da abstração, as coisas em geral assim como os próprios pensadores.

Essa forma de então iniciar o processo mental, racional pautado na contribuição das correntes filosóficas, enriquecem a forma da valorização sobre a ótica dessa Geografia Humanista, que incide seu olhar para pontos antes esquecidos, interpretando, verificando, analisando e descrevendo, o mundo do sujeito, o antropocentrismo é o ponto comum, entre essa Filosofia pós-moderna e a Geografia pós-moderna.

Uma das características inerentes à formulação dessa investigação está abalizada na tentativa de ruptura tradicional de se fazer um estudo científico cartesiano, próprio de alguns modelos, na produção destes capítulos ocorre o mesmo que outros estudiosos apontaram em seus trabalhos na busca de tratar dos aspectos da Fenomenologia e geografia, como ocorre na obra de Marinho (2010, p. 31): “quase tudo na incerteza do nosso caminho nos soa como uma teima que, por insistência, as ideias vão se aprofundando, descortinando o vazio e empurrando para frente”. O sentido de ser projetado para a frente intencionado a apresentar uma construção teórica capaz de confluir a metodologia com o recurso celular, o lugar

próprio da ciência e os métodos para se produzir novos conceitos como no caso da Fenomenologia.

É justamente nessa forma de pensamento que enveredamos para corroborar com a nova proposta da geografia, levando para a Educação Básica, a fundamentação teórica, ontológica e epistemológica que agrupadas fortalecem o foco no objeto de estudo, as consequências, são incertas, todavia, tudo é passível de tentativas e desta forma perceber a Fenomenologia e os trabalhos que já foram produzidos são acréscimos capazes de multiplicarem-se.

Assim, nas observações de Cerbone (2014, p.11): “[...] introduzir a fenomenologia, não é coisa fácil, em parte porque há inúmeros modos de começar e nenhum ideal”, como começar a tratar então diretamente da Fenomenologia, sem se prender ao método diretamente? Das tantas maneiras que supostamente podem ir direcionando a aproximação do conhecimento fenomenológico, a base pode ser da sua conceituação, como a descrição resumida dos seus precursores, usando a terminologia para identificar as nuances decorrentes de uma ressignificação dos aspectos da tradição da Fenomenologia do espírito de Hegel, da Fenomenologia transcendental de Husserl¹⁷, da fenomenologia existencial em Heidegger, da fenomenologia do subjetivismo em Sartre, da fenomenologia da percepção em Merleau-Ponty, dentre muitos outros fenomenólogos que poderiam contribuir com o imbricar entre geografia e Fenomenologia.

As diversas contribuições que os tratados desses estudiosos trouxeram para a Fenomenologia nos fazem decidir inicialmente que podemos então partir das observações conceitual e etimológica do termo, como ponto inicial, para o entendimento da escolha do fenomenólogo e do seu estudo no direcionamento das observações decorrentes desta geografia que se deseja compreender. Portanto, a respeito da fundamentação etimológica do termo Fenomenologia: *vem do grego phainómenon, que podemos traduzir como “aquilo que se manifesta” e vem também de logia que é traduzida como estudo, e assim num primeiro momento, etimologicamente, fenomenologia pode ser entendida como o estudo daquilo que se manifesta (CERBONE, 2014).*

¹⁷ Edmund Husserl nasceu em 1859, estudou na Universidade de Leipzig, se concentrando especialmente na área de matemática. Somente a partir de 1980 que o seu foco de interesse mudou para o campo filosófico, pois, nesse período teve um encontro com Franz Bretano onde seu trabalho revivia a noção central de ‘intencionalidade’, ao assistir as aulas de Bretano, seu curso de desenvolvimento intelectual foi totalmente alterado, colocando-o no caminho da Fenomenologia.

Para Husserl e sua definição sobre fenomenologia: “uma ciência de fenômenos puros, encaminhadas a formular claramente o problema do conhecimento e assegurar com rigor a possibilidade do mesmo”. (HUSSERL, 2012, p.05).

Ainda, na observação de Cerbone (2014, p. 11): “a palavra ‘fenomenologia’, significa, o estudo ou ciência dos fenômenos”. Colocando-se na “perspectiva de mostrar, e não de demonstrar, de explicitar as estruturas em que a experiência se verifica, de deixar transparecer na descrição da experiência as suas estruturas universais”. (CAPALBO, 2008, p 18).

Para Merleau-Ponty (2006, p. 01) a Fenomenologia:

É o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência por exemplo. Mas, a fenomenologia também é uma filosofia que repõe as essências da existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir da sua ‘facticidade’.

Acrescenta ainda Merleau-Ponty:

É ambição e uma filosofia que seja uma “ciência exata”, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo “vividos”. É a tentativa de uma descrição direta da nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência a sua gênese psicológica e as explicações causais que o cientista, o historiador, ou o sociólogo dela possam fornecer. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.01).

Partindo desses pressupostos a escolha em tratar do entrosamento da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (2006) na geografia, deve-se a verificação de estudos que podem conduzir a esse alinhamento entre as duas áreas, a fenomenologia da percepção, coaduna com as principais linhas de intencionalidade descritas pela obra Topofilia de Tuan (2012), os tais registros de confluências entre essas vertentes de apontamentos investigativos, mais a descrição das imagens dos sujeitos e suas relações com o ‘lugar’ conferidas pela Topofilia, fazem desta investigação um aprendizado.

Ao direcionar a pesquisa para o ponto-chave da percepção do sujeito com o ‘lugar’ em que este se encontre, temos a condição de entrar em um universo pessoal, não para compreender os fenômenos, mas descrever um encontro. Capalbo (2008) explicita que Husserl teve suas tentativas em mostrar o encontro partindo da consciência transcendental, contudo, afirma que “Heidegger, Sartre e

Buytendijk¹⁸ que mostrarão que o fenômeno do encontro só pode ser interpretado numa estrutura existencial”. (CAPALBO, 2008, p. 66).

É justamente nesse contexto que o ponto de partida daquilo que é considerado fenômeno-encontro estará em uma consciência engajada, isto é, o que a fenomenologia vai intensificar em descrever, o mundo, o estar nesse mundo, que é por sua vez um estar com o outro no mundo, sugerindo um mundo “inter-humano” (CAPALBO, 2008).

A fenomenologia como discorre Merleau-Ponty (2006, p.02): “[...] se deixa praticar e reconhecer como maneira e como estilo; ela existe como movimento antes de ter chegado a uma inteira consciência filosófica”. Tal, apontamento é voltado para aqueles que consideram como um mito ou uma moda de caráter filosófico, como já mencionado, ela está voltada para descrever, não explicar nem de analisar (MERLEAU-PONTY, 2006).

Mas descrever o quê? Quais aspectos então ou fenômenos a fenomenologia está interessada em descrever? Como ela, através das suas descrições pode contribuir com a perspectiva geográfica? Os questionamentos são para que possamos compreender a fenomenologia no campo educacional da geografia. As condições que sustentam o texto formalizado são de renomados membros da ciência fenomenológica, já com bases fixas de experimentações com o método fenomenológico. Convém salientar, que tentarei responder a essas perguntas, pois, há uma intenção, não velada, mas clara de entender seu uso no âmbito das aprendizagens geográficas.

Nessa concepção aberta Lobo sustenta que:

A percepção de qualquer objeto, a consciência imediata a nós proporcionada por uma dor, um susto, um desejo, são fatos que se relacionam com diversos outros. Mas, são por nós experimentados diretamente. Antes de relacioná-los com outras coisas, nós os sentimos, como fenômenos. Nós os experimentamos, como dados da consciência, independentemente de suas possíveis causas. Seja qual for sua proveniência, eles, os fenômenos puros, tais como se tornam imediatamente se tornam conhecidos, são, por assim dizer, “coisas de si”. Em outras palavras: conhecemo-los como fenômenos, em sua essência de fenômenos. (LOBO, 1979, p. 23).

¹⁸ Frederic Jacobus Johannes Buytendijk, su nombre a veces abreviado como F. J. J. Buytendijk (Breda, 29 de abril 1887- 21 de octubre 1974, Nimega) fue un naturalista, antropólogo, fisiólogo y psicólogo neerlandés del s. XX. Para Buytendijk, el camino que conduce a la comprensión del misterio humano ha de partir de la realidad de su existencia y de la relación con el mundo constituido por el propio hombre. Cf: <https://es.wikipedia.org/wiki/Frederik_J._J._Buytendijk>. Acesso em: 26. jun. 2017.

A descrição inicial que podemos apontar refere-se ao que Lobo (1979) nos revela sobre os fenômenos que a nossa consciência nos fazem voltar ‘as coisas mesmas’, apontando aqui como tudo aquilo que eu sei do mundo, sei não devido à ciência, mas principalmente, por causa da minha visão com o mundo, ou da minha experiência com ele (MERLEAU-PONTY, 2006).

Merleau-Ponty em sua obra Fenomenologia da Percepção aponta sobre o retorno as ‘coisas mesmas’:

Retornar as coisas mesmas é retornar a esse mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda a determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem-primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.04).

A partir do entendimento de Merleau-Ponty (2006), sobre esse movimento distinto de um retorno idealista à consciência, e a exigência de uma descrição pura, que tende a excluir procedimentos pautados em análises reflexivas de pensamento, ou mesmo das explicações científicas que já se encontram prontas e fazem parte da tradição científica. Desta forma é necessário perceber que uma análise reflexiva, a partir da experiência do sujeito com o mundo, leva a uma condição de possibilidade distinta dessa, e mostra uma síntese universal como aquilo sem o que não poderia haver o mundo em que o sujeito se encontra, “o mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele, e seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligariam a sensações [...]” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.05).

Consoante à observação de Capalbo (2008), a autora exemplifica algumas dessas questões na forma de entender as ocorrências dos fenômenos-encontro, pois, a escolha do encontro não acontece de forma livre, absoluta; antes está condicionada a história de cada homem, de forma individual, que participa de uma estrutura em comunidade. Nesse sentido o sujeito humano vai perceber inicialmente situações que o impressionam, como um violão desafinado, uma luz que surge em meio ao lúgubre, dentre outros. Decerto, “a coisa se oferece a comunicação perceptiva como um rosto familiar cuja expressão é logo em seguida compreendida”. (CAPALBO, 2008, p. 66-67).

Desta forma, para esclarecer melhor esse vocativo filosófico, o direcionamento será para a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, a fim

de que não seja tratada ou confundida, a formatação do *corpus* teórico com tantas outras fenomenologias. Apesar de ser apenas uma, mas com visões diferentes.

Na própria observação de Merleau-Ponty sobre a percepção, diz ele: “a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles”. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.06).

Merleau-Ponty sustenta ainda que a consciência perceptiva de forma natural vai se direcionar para as coisas autônomas, essa consciência perceptiva do sujeito apresenta os fenômenos das coisas, como a manifestação de um mundo dela de forma independente, sua defesa parte do princípio de que não há um ser objetivo puro, mas um ser inseparável das estruturas perceptivas pelas vias de onde tudo se manifestam (FERRAZ, 2009).

A partir da visão de Merleau - Ponty em sua obra quando este por sua vez busca retornar a questão acerca do que é fenomenologia, buscando, então, iniciar de tal forma voltar-se aos próprios fenômenos, para redespertar em nós um sentido tanto da temática exposta como da importância da fenomenologia (CERBONE, 2014).

Nessa direção que a Fenomenologia da Percepção vai nos direcionando a entendermos a gama de complexidades que a forma perceptual que intentamos conhecer, não é tão simples assim, ir construindo uma base fenomenológica para o estudo geográfico é uma audácia ontológica dentro dos parâmetros fechados que sustentam a própria primazia geográfica, a aproximação em conhecer o mundo do sujeito a partir das suas percepções fortalece um estudo de base interdisciplinar epistêmico. Considerar um redespertar não só da verificação dos fenômenos apontado pelo autor, mas um romper da indolência cognitiva, dando importância a todos os pilares de se criar uma visão holística do sujeito humano em seu próprio ambiente, o conhecimento dos aspectos da fenomenologia cadenciam para essa finalidade.

Como o próprio Merleau-Ponty destaca referindo-se a essa questão “a ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele”. (MERLEAU-PONTY, 2008, p.03).

Como destaca o autor em outra fala:

O algo perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um campo. Uma superfície verdadeiramente homogênea, não oferecendo *nada para se perceber*, não pode ser dada a *nenhuma percepção*. Somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber. (MERLEAU-PONTY, 2008, p.24, grifo do autor)

É essa busca pelo algo perceptivo que este trabalho se assenta, conduzindo diálogos entre as vertentes de estudo já apontadas ao longo do texto, os questionamentos levantados vão sendo respondidos com base nas incursões dos apontamentos desses fenomenologistas, Merleau-Ponty é uma resposta para a saída de um método mais rigoroso com base em Husserl. Uma renovação ontológica com instrumentalização fenomenológica (FERRAZ, 2009).

Percebe-se então que nas observações introdutórias a fenomenologia e suas direções tomadas evoluíram para tratar de questões referentes a propostas abandonadas, como saúde, alimentação e tantos outros de interesse social, mas nem por isso tais temas deixam de serem considerados fenômenos sociais que estão presentes na vida concreta das pessoas, e que por sua vez podem ser descritos tal como são vividos (CAPALBO, 2008).

Assim, a Fenomenologia não se basta somente no olhar, mas, também, no pensar que nasce e se organiza através da percepção adquirida no vivido. Ao contrário do que possamos imaginar a fenomenologia não é a exclusão total da transcendência (o Ser pensado), mas a exclusão do transcendente *a priori*, puro, estritamente ideal em sua origem, universal, ou seja, dos modelos fechados no racionalismo. (MARANDOLA JR.; DAVID, 2016).

Como nosso interesse também está abalizado em uma abordagem que considere um (re)construir do referendo geográfico, as vezes insensível diante das sentimentalizações, advindas das experiências entre o sujeito e o seu lugar. Neste momento as subjetividades são pontos de discussão necessária, entendo que essa abertura para o profissional da educação que trata da geografia é deveras necessário para se fazer uma geografia mais humana.

As experiências são pontos cruciais nesse caminhar. Para Tuan:

A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida de sentimento como falamos de uma vida do pensamento. (TUAN, 2013, p. 19).

Desta maneira, são essas correlações que garantem o conhecimento do espaço individualizado, de abrangência sentimental, capaz de proporcionar visões mais reais, devido o próprio pensamento.

Logo, tratar do lugar com as questões que envolvem diretamente a condição fenomenológica da percepção com auxílio da tecnologia no estudo da geografia se apresenta como uma forma de observar melhor os espaços que o sujeito tem com suas vivências e convivências.

No momento em que esse documenta, trata desses espaços através de imagens produzidas, primeiramente tendo a produção na consciência e depois no envolvimento da tecnologia em captar o que se passa na consciência do sujeito, para mim é uma forma de deixar de ser um agente passivo ao receber informações, e passar de coadjuvante do conhecimento para produtor e executor desse conhecimento, instigando outras subjetividades para quem tem acesso às imagens.

O fenômeno lugar estudado desta maneira na Educação Básica suponho que deverá levar à *práxis* de todos os envolvidos em descrevê-lo, pois, discute-se a teoria partindo para a prática absoluta, usando o que se tem de mobilidade tecnológica, nesse caso o celular e seus dispositivos.

A compreensão que se pode adquirir vai condicionar a uma geografia de caráter mais próximo com os dados da realidade, as imagens que o sujeito que deseja conhecer diferentes realidades espaciais poderá adquirir com o foco nas subjetividades pessoais, formatará intersubjetividades desveladoras sobre os lugares e supostamente o conhecimento de geograficidades como abordado no capítulo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Tipo da pesquisa

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa apresentam os caminhos e passos que o pesquisador e todos os sujeitos envolvidos seguiram para construir e validar a investigação os objetivos gerais e específicos presentes na introdução, bem como as inquições foram importantes para o andamento da mesma. O *lócus* da pesquisa uma escola da Educação Básica da rede pública estadual do Estado do Maranhão em São José de Ribamar, oferece a comunidade o Ensino Médio do 1ºano ao 3º ano, ainda por sua vez apresenta na sua estrutura física 11 salas de aula, 01 laboratório de informática, 01 cantina, 01 pequena biblioteca e seu corpo docente é de mais de 40 professores.

As atividades escolares se enquadram nos direcionamentos que a Secretaria de Educação define para o ano letivo, os projetos escolares desenvolvidos na escola seguem prioritariamente tais determinações, dentre esses projetos para estímulo da leitura, para o desenvolvimento da capacidade matemática, e projetos voltados para os exames externos: Prova Brasil e Avança Enem dentre outros nessa linha.

O que importa essencialmente são os sujeitos que fizeram parte da investigação, o espaço físico é apenas o local de acomodação dos sujeitos não o objeto a ser investigado. Da mesma forma que os sujeitos e as suas vidas, mas as suas percepções com a utilização do celular.

A pesquisa tem como forte presença os encaminhamentos da abordagem qualitativa. É justamente nesse aspecto que a abordagem na pesquisa social de enfoque qualitativo recebeu na sua utilização investigativa, o espírito do método da Fenomenologia da Percepção Merleau-pontyana, não na sua dimensão genérica, mas com a ênfase na descrição das relações de pertencimento que os sujeitos possam apresentar no estudo se aproximando para uma observação concentrada na Topofilia de Yi-Fu Tuan (2013).

Ainda como procedimento metodológico por se tratar de uma investigação que parte das concepções teórico-conceituais no campo da intervenção, além da observação fenomenológica na percepção outro suporte metodológico presente nesse estudo tem foco na abordagem da pesquisa-ação, essa orientação metodológica leva o pesquisador a produção de informações e novos conhecimentos de uso mais prático, a partir da aproximação de microssituações que envolvem o ensino e a escola bem como transformações mais abrangentes ganham forte destaque (THIOLLENT, 2011).

Convém salientar que a Fenomenologia da Percepção é, antes de toda interpretação científica, uma exploração do que subjaz à nossa experiência do mundo, e a percepção é o melhor caminho para acessarmos esta camada básica, sem omitir seus sentidos e ausência de sentido, suas clarezas e ambiguidades. O que é a percepção ou a experiência perceptiva para Merleau-Ponty? A percepção se dá, ele afirma, não por uma operação intelectual, mas quando retomamos por nossa conta o modo de existência das coisas oferecidas a nós com nossa maneira de tratar o mundo (MERLEAU-PONTY, 2006).

No que diz respeito à pesquisa qualitativa essa opção é destacada pelo que Chechuen Neto & Lima (2012, p.134) comentam, “A pesquisa qualitativa está para a as ciências humanas e sociais quanto à pesquisa quantitativa está para as ciências naturais [...]”. Nessa perspectiva de pesquisa o envolvimento dos dados descritivos que o pesquisador terá com o contato direto com os sujeitos sociais e o objeto da pesquisa, mantém seu olhar para retratar a perspectiva dos participantes.

Para que os objetivos da pesquisa qualitativa sejam alcançados deve-se compreender que existe um conjunto de diferentes técnicas de interpretação com a função de descrever e decodificar os componentes de um sistema e significados, traduzindo e expressando o sentido dos fenômenos do mundo social. (CHECHUEN NETO & LIMA, 2012).

Para o alcance dos objetivos gerais e específicos desta pesquisa, diferentes técnicas foram utilizadas para a construção da Dissertação e do produto final- Infográficos, manual com DVD e imagens. Utilizei *a priori* a base de dados de diversas Universidades para identificar produções coadunadas aos objetivos desta investigação para compor o referencial teórico da pesquisa, os repositórios confiáveis para a produção do enlace teórico foram afixados nos sítios da SCIELO, CAPES, GOOGLE ACADÊMICO, UNICAMP, UNEB, USP, dentre outras instituições,

esse é o material que foi colhido na *WWW*, e que compuseram o *corpus* teórico da pesquisa, como também materiais impressos.

São inúmeras as informações que estão acessíveis na internet, há enorme quantidade e variedade que estão pulverizadas em milhões de computadores que estão conectados naquilo que ficou denominado de rede mundial – *WWW* -, organizadas em arquivos eletrônicos (ANDRADE, 2010). Nesse caso específico o banco de dados da internet serviram como fonte essencial de pesquisa para a realização da fundamentação teórica das análises/interpretações.

Os teóricos considerados essenciais do ponto de vista dos dados epistêmicos foram divididos, porém não separados totalmente, pois as leituras decorrentes da bibliografia consultada e recomendada pela orientadora dessa pesquisa possibilitou a triangulação direcionando os diálogos entre os tratados dos teóricos apresentados, consultados e interpretados, movendo uma intersecção desse conjunto para o resultado analítico-interpretativo dos dados coletados.

Para a revisão de literatura os autores foram apresentados no capítulo introdutório desta Dissertação, onde apresento nas discussões dos capítulos, e que conjuntamente com a coleta de dados reforçam através de seus estudos as compreensões das análises realizadas.

4.2 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram alunos do Ensino Médio, em um total de 40 colaboradores. Essa extração que serve como amostra dos alunos do 1º ano, teve como finalidade envidar a pesquisa e validar no aspecto da quantidade dos sujeitos que foram partícipes diretamente, contudo, como critério inicial foi realizada inicialmente uma triagem dos alunos que possuem celulares, para que assim fosse efetivada a pesquisa contou aproximadamente com 30% do total de alunos do 1º ano. O Universo do total de alunos matriculados é de 142 alunos de onde foi extraída a amostra de 30% que valida a pesquisa. Os alunos são residentes¹⁹ de bairros que fazem parte do município de São José de Ribamar e foram matriculados no ano de 2017. Após ser apresentada a proposta a toda a comunidade escolar foi

¹⁹ Essas informações de onde residem foram colhidas ao longo da investigação com os instrumentos de coleta de dados.

apresentado para os alunos do 1º ano sendo filtrado a partir de quem tinha maior contato com o celular.

Outros sujeitos envolvidos como participantes foram alguns membros da comunidade local, pessoas consideradas pelo grupo como conhecedores do local pesquisado, em um total de 10 sujeitos, de idades variadas, colaboradores na descrição das questões referentes à temática trabalhada quando tratada a atividade relacionada à produção de vídeos com as narrativas sobre a importância do lugar dentre outros aspectos relevantes se fizeram necessários, o que foi realizada pelos alunos.

Foram indicados pelos alunos e pesquisador em reunião pré-campo. A verificação do “lugar” e dos elementos que essa categoria de estudo transmite, como a pesquisa procura evidenciar esses sujeitos- a comunidade- tiveram um papel de destaque, o conhecimento do seu bairro e locais específicos que pudessem revelar dados que para o estudo sendo considerados locais que os alunos escolheram para serem visitados. Esses sujeitos que através de sua relação com “o lugar” narraram fatos sobre o fenômeno considerado importante para a pesquisa. Entretanto, nem todos da comunidade conseguiram desenvolver suas falas, o que não prejudicou os resultados da pesquisa.

A seleção dos participantes da pesquisa no campo da amostragem partiu daqueles que tivessem o celular e que pudessem utilizar como instrumento da proposta apresentada. Esse foi o critério inicial, onde foi alcançado totalmente o número de interessados em participar da pesquisa com o uso dos seus aparelhos de celulares.

4.3 Instrumentos utilizadas na pesquisa

Referente aos instrumentos para a coleta dos dados usei questionários, entrevistas e fichas de observações, que apresentaram perguntas estruturadas e semiestruturadas para o caso das entrevistas, e questões abertas para os questionários (Apêndices A, B, C), conforme indica Richardson (2008, p.189), são duas as funções que os questionários cumprem: “descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social”.

Richardson (2008, p. 207), destaca que a técnica “é importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas”, foram realizadas entrevistas individuais com os professores de geografia, com duração de 1:00 hora (aproximadamente), quando responderam questões sobre suas didáticas e metodologias usadas em sala de aula, a abordagem conceitual sobre geografia e a forma como são ensinados aos alunos, e o retorno desse processo de ensino e aprendizagem, bem como as questões sobre o uso, e possíveis problemas do celular em sala de aula pelos alunos, e se conhecem esse universo do ensino-móvel.

A técnica de observação foi usada inicialmente para verificar como os alunos e professores tratavam os conceitos ministrados da área de Geografia e o acompanhamento fora da sala de aula referente à intervenção do pesquisador no andamento da pesquisa na coleta de dados.

Para Richardson (2008, p.25) “As observações diretas que são técnicas, sendo imprescindível em qualquer processo de pesquisa científica, pois, ela pode conjugar-se a outras técnicas de coleta de dados”. Desta forma, o uso das técnicas correlatas ao processo da pesquisa qualitativa e do método utilizado na investigação, entremeadas a outras técnicas foram as tentativas de alcance dos objetivos e da melhor elucidação do problema.

Quanto aos levantamentos de informações junto a comunidade, foram realizadas entrevistas que tiveram a função de encorajar e estimular os sujeitos pesquisados a narrar algum fato importante no contexto social em que estão envolvidos (BAUER, 2002).

Importante que ao trilhar pelo campo metodológico da fenomenologia, essa predispõe o pesquisador entrar em contato com o conteúdo da vivência pré-reflexiva, deixando de lado paulatinamente tanto o posicionamento prévio de uma ciência e suas teses, como aquilo que define e valora o objeto de estudo, como pré-conceitos ou pré-juízos. Essa redução eidética é característica do rigor científico utilizado pela Fenomenologia.

Desta forma, os alunos envolvidos na pesquisa utilizaram três principais dispositivos presentes no celular: a câmera fotográfica, a câmera de vídeo e o gravador de voz, uma vez que a intersubjetividade dos sujeitos sobre o lugar foi referência neste estudo.

4.4 Análise dos dados coletados

No que compete à análise dos dados coletados das entrevistas e questionários abertos utilizei o aporte teórico das observações da fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty (2006) que subsidiaram a descrição do lugar vivido dos alunos em forma de texto com a análise em categorias e as verificações abalizadas na Topofília de Yi-fu Tuan (2013) como condições representacionais de um estudo categórico e conceitual.

Importa acrescentar que a intenção dessa pesquisa não foi de analisar as imagens produzidas pelos sujeitos com o foco da semiótica (PENN, 2002), mas descrever o visível a partir da percepção subjetiva ancorado em MERLEAU-PONTY (2006).

É justamente nesse ponto que o elemento crucial se apresenta, pois em se tratando de análise das informações, há uma interpretação referente a essas fontes coletadas, ou seja, principalmente das entrevistas, mas no que diz respeito à apropriação do método utilizado nessa pesquisa as análises estão mais interessadas em descrever o lugar vivido pelos sujeitos. Contudo, para tratar dessas entrevistas elaborei categorias e subcategorias temáticas condizentes com os objetivos desta investigação, apresentadas em formato de quadros, das transcrições das entrevistas, possibilitando a combinação das categorias e subcategorias com as informações colhidas.

Importante ressaltar para melhor compreensão do leitor que as categorias, subcategorias ou unidades de análise foram identificadas devido a sua relevância, sendo estas similares a uma teia, que entrelaçadas, conduzem a verdadeira tecelagem de encontros entre falas, opiniões, imagens, teoria e interpretação empírica dos fenômenos.

A partir desse ponto, diversas e diferentes categorias empíricas e unidades de análise serviram *a priori* para discussão do material coletado, pontuados de forma lógica e descritos pelas falas e respostas em que os envolvidos na pesquisa deram de forma livre, informal, sem a construção ortográfica coesa, mas de uma substancial corporificação de sentimentos, experiências, como parte de um vir-a-ser em que Husserl evoca em sua proposta fenomenológica.

4.5 Intervenção

As etapas iniciais voltadas para a intervenção ocorreram através do contato com a comunidade escolar, principalmente nesse caso a gestão, professores e alunos de forma ampla. Foi apresentado o projeto em auditório seção plenária para todos, em forma de apresentação do projeto e dos objetivos gerais e específicos. Em outra etapa os alunos selecionados como sujeitos da pesquisa tiveram maiores esclarecimentos sobre a mesma.

Antes de efetivar as incursões da investigação sobre o lugar, 'eu' na condição de investigador apresentei aos sujeitos algumas questões referentes aos temas centrais da pesquisa: a tecnologia e as diferenças conceituais do termo "lugar". Assim, foram apresentados textos e discutidos com os alunos, e facultado o direito de suas manifestações, sendo assim observado o grau de entendimento sobre o tema.

Vale acrescentar que a investigação foi dividida em tempo/aula, desta forma ao ser apresentado ao corpo de gestores e do efetivo de alunos, o projeto de pesquisa a partir daí foi incorporado como disciplina eletiva, da base diversificada da BNCC, onde os alunos tem aula sobre: **O estudo do lugar com o auxílio da tecnologia móvel**: usando o celular para aprender geografia, sendo que as aulas ocorrem uma vez por semana em dois horários.

Foram criados grupos com o aplicativo *whatsapp*, um grupo geral e depois subgrupos para que os sujeitos e pesquisador mantivessem contato para sanar possíveis e eventuais dúvidas que aparecessem ao longo da pesquisa.

Também foi criada uma página no *facebook* evidenciando a pesquisa, bem como os passos que foram seguidos como forma de deixar a pesquisa mais pública.

Conforme o andamento dado na pesquisa, os sujeitos produziram imagens sobre a importância do lugar individualmente, através da utilização dos seus aparelhos. Ainda nesta fase de intervenção os alunos se reuniram para que, em grupos, pudessem compor seus conceitos e trechos de entrevistas, bem como escolher as imagens e vídeos, os quais foram compartilhados com todos os outros alunos, sob a orientação direta do pesquisador. Os vídeos produzidos pelos sujeitos tiveram um tempo de 60 a 90 segundos de duração, esse formato garantiu a

apresentação real e em movimento do que eles produziram com os seus celulares, expondo para toda a turma.

Tratei de apresentar, em formato de oficina para os alunos, aplicativos que tinham a função de editar fotos e vídeos, para que pudessem, através do celular, desenvolver essas habilidades, os aplicativos apresentados foram: *viva vídeo, vídeo show, photo grid, quik-editor de vídeos, foto rus, cymera, picsart, photo editor, vídeo editor, flipagram, magisto, vid trim, andro vid-editor de vídeos*, que foram escolhidos pelos alunos para a edição de suas imagens e seus vídeos.

Em seguida, foi oferecido uma oficina de produção e criação de *slides* no programa *power point* ou de edição de vídeos, para que todos os alunos pudesse, elaborar seus *slides* ou vídeos na apresentação geral em forma de mini seminário, no laboratório de informática da escola. Os alunos foram também convidados a apresentarem suas percepções, e seus *slides* em sala de aula.

Acrescento que a proposta de projeto foi submetido e avaliado pela FAPEMA no projeto de Jovem Cientista e logramos êxito no processo de avaliação e deferimento, apresentados objetivos próximo a base da nossa Dissertação. No objetivo do projeto para a FAPEMA segui a linha da produção de aplicativos de geografia com os seus conceitos básicos, e a produção de aplicativos que contemplam informações de horário das aulas de geografia e outros informes aumentando o número de participantes em oficinas, e não apenas os sujeitos da proposta de pesquisa, bem como, os jovens que serão bolsistas do projeto Jovem Cientista.

Desta maneira, já estamos produzindo material diferenciado para o estudo das categorias em geografia, bem como outros assuntos relevantes da área, abordando questões da Geografia Geral e Geografia Humana, com imagens e vídeos nos diferentes aplicativos elaborados pelos alunos.

4.6 O Produto Final

Como Produto final dessa pesquisa nos concentramos, em produzir material com fundamentação e rigor teórico para que os professores da Educação Básico e no ensino da geografia possam adquirir suporte teórico para suas investigações nesse mesma linha, portanto, é considerável que a própria dissertação

e apresentação de resultados seja configurada como um produto final de acordo com a Portaria da CAPES nº - 966/Ger-5, de 22 de junho de 2009:

§ 3o o trabalho de conclusão final do curso poderá ser apresentado em diferentes formatos, tais como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; produção de programas de mídia, editoria, composições, concertos, relatórios finais de pesquisa, softwares, estudos de caso, relatório técnico com regras de sigilo,[...], projeto de aplicação ou adequação tecnológica, [...], projetos de inovação tecnológica, [...].

Desta forma, além de apresentarmos a Dissertação, temos como produto final um infográfico que se assemelha a um manual para os professores de como trabalhar a questão da tecnologia móvel no ensino da geografia, com base de estudar as categorias geográficas, nesse infográfico, as imagens produzidas pelos alunos são mostradas, bem como um DVD com os vídeos produzidos pelos sujeitos da Pesquisa.

Foi desenvolvido o mesmo infográfico em campo virtual para que todos os profissionais possam ter acesso, a conversão do material será para o formato de um pequeno e-book para sua divulgação ampla na rede, sendo disponibilizando o material e ofertado a comunidades que tratam sobre as questões das inovações tecnológicas e metodologias de ensino em geografia.

A construção do infográfico parte da exposição mais simples de como se pode realizar um caminho didático para auxiliar o professor no desenvolvimento do conteúdo sobre o lugar de forma específica e com o auxílio da tecnologia móvel, apresento personagens próprios, além do passo a passo para que o professor consiga obter resultados. Outro elemento importante a ser destacado é que nossa intenção também está em transformar o material dissertativo em livro, tanto como um material de suporte teórico físico para auxiliar os interessados nas pesquisas que tratam do mesmo direcionamento, a tecnologia, a geografia, imagens e os métodos da Fenomenologia e Pesquisa-ação, que atualmente estão presentes nos debates científicos.

5 RESULTADOS DA PESQUISA X ENCAMINHAMENTOS PARA A INTERVENÇÃO → PRODUTO

5.1 CONFLUÊNCIAS ENTRE DIÁLOGOS NA PESQUISA: Fenomenologia, Topofilia, imagens e a tecnologia móvel

O interesse em demonstrar como a pesquisa elaborou os seus resultados, conflui de uma forma que pudesse entremear os pontos dos elementos centrais da perspectiva fenomenológica com as suas características não pormenorizadas, mas a largo, entretanto em suas entrelinhas a subjetividade dos aspectos imagéticos e as falas que descrevem o objeto de estudo e o alcance dos objetivos que permearam a pesquisa com o uso do celular.

Desta forma, ao tomar conhecimento na tabulação das repostas o quadro 02 abaixo foi elaborado com a finalidade de sintetizar ao máximo a pesquisa, pois, se não houvesse uma delimitação a pesquisa teria uma produção textual ainda maior. As realidades que se transformam em confluências, em tessituras são ocorrências dos interdiálogos, dos pressupostos que antecipei da fenomenologia da percepção, da base da compreensão topofílica e da produção metodológica com o uso da tecnologia móvel para o ensino da geografia.

Considerando que na categoria teórica investiguei, abalizado em diversos autores, o que está se corporificando e sendo denominado como uma nova geografia mais humanizada. Foram assim evocadas questões introdutórias nesse campo de partida, sendo inicialmente os sujeitos da pesquisa (alunos) questionados sobre “O que a geografia representava para sua formação?”. Delimitado a partir da categoria ‘Conhecimento sobre a geografia’, ficaram divididas algumas unidades de análises a partir da fala dos alunos sujeitos da pesquisa.

Sobre as categorias que essencialmente a geografia estuda e que compõem a sua estrutura curricular, tanto os alunos apresentaram diversas concepções, como os professores que identificaram as possíveis categorias conceituais. Essas, por sua vez, se entrelaçam com as categorias gerais, as

subcategorias ou unidades de análise representadas no quadro 02, para facilitar esse deslocamento das descrições e das interpretações das falas nos apoamos na Topofilia e na Fenomenologia da Percepção.

CATEGORIAS EMPÍRICAS	SUBCATEGORIAS
CATEGORIAS GEOGRÁFICAS NA ABORDAGEM EMPÍRICA: confluências e suas tessituras	O mundo vivido Economia e política Espaço geográfico Lugar
RELAÇÃO COM O LUGAR: pessoais, individuais e sentimentais as imagens dos sujeitos e seus lugares	O lugar Meu bairro
AS IMAGENS DO LUGAR: o meu lugar	O açude A Prainha O Parque da cidade de São José de Ribamar
PERCEPÇÕES SOBRE O LUGAR	Memórias, Topofilia e Subjetividades
USANDO A TECNOLOGIA MÓVEL	realidades da intervenção

Quadro 02. Categorização da Pesquisa.
 Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Com uma base disposta de forma organizada para ir além, decidi tratar das representações na análise da pesquisa, a partir de pontos, formalizados por uma categorização de temas centrais com as unidades de análise com a intenção de mostrar o que os sujeitos retratam em suas concepções pessoais, intransferíveis e subjetivas.

O quadro 02 mostra algumas categorias que os sujeitos da pesquisa evidenciaram ao longo do processo. São informações pautadas nas suas observações em sala de aula, ou do que acreditam ser a geografia para si como disciplina escolar.

De antemão algumas imagens dos encontros que ocorriam nos dias de sexta-feira como forma de intervenção direta, e da participação-ação serão mostradas ao longo desse capítulo, esses foram os momentos de maior contato com o grupo de alunos e onde todas as discussões eram realizadas. Destaco que para muitos o novo conhecimento sobre a Topofilia e tratar do estudo como celular foi uma grande novidade que ainda não tinha sido realizada por professores de geografia.



Figura 05. Sujeitos da pesquisa.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

As quatro imagens acima traduzem de forma clara como foi desenvolvido a pesquisa, após todos os alunos tomarem conhecimento do que se tratava, conhecendo o objetivo principal da proposta de descrever inicialmente as suas relações com os seus lugares, de maneira muito responsável e concentrada desenvolveram as atividades que se assimilavam a uma sequência didática que se iniciava na escola e tomava rumos extra-sala de aula. Para aproximar mais os sujeitos da pesquisa o acompanhamento também era realizado pelo grupo de *whatsapp*, manifestadas em um *blog* e grupo de um *facebook* voltados para divulgar a pesquisa como apresento nos procedimentos metodológicos dessa investigação a

forma de estar em contato direto com eles, o que não se prendia apenas nas sextas-feiras mas era incorporado quase que diariamente.

Vale ressaltar que através do *whatsapp* consegui ter mais *feedback* com os envolvidos na pesquisa, desta forma, com retorno rápido não estipulamos dia e nem horário de uso, a criação do grupo, teve caráter único e exclusivo para dirimir dúvidas e as vezes até mesmo para precisarmos quanto ao andamento de algumas tarefas extra - escola.

Através das redes sociais algumas situações que ocorriam no andamento da pesquisa eram compartilhadas entre todos os participantes em uma forma de discussão ampla com a finalidade que houvesse retorno dos alunos, contudo, muitas foram as dificuldades, uma delas diz respeito diretamente a forma de se expressarem, suas manifestações estavam mais para as famosas 'curtidas' rápidas do que para comentar sobre determinado tema, como era sugerido. Esse foi um problema, logo, expor uma opinião ocorria apenas quando eram bastantes instigados. Outro problema apresentado foi a questão do acesso à internet que muitos não tinham e ainda não tem em suas casas, considerado um dos maiores problemas. Já que a escola não possui logística adequada.

5.1.1 O ensino da geografia escolar e as suas categorias

A literatura da área constata que a forma de ensinar nas escolas ainda se apresenta de maneira bem tradicional, assim, não é estranho ver ainda profissionais que utilizam de metodologias e procedimentos didáticas ultrapassadas. Ao pontuar sobre o tema refiro-me a uma necessidade que todos os facilitadores do conhecimento devem buscar nesse período em que vivemos sob a égide da tecnologização, ao tratar dessas questões de uma imersividade, pós-submersividade do conhecimento virtual, capazes de gerar um novo *habitus* na vida desse facilitador, que logrará novos êxitos no processo que importa para a educação, o ensino e o retorno com a aprendizagem.

De início aponto o que os professores apresentaram sobre as questões do ensino da geografia na etapa do Ensino Médio, suas posicionamentos variam de

um para o outro profissional, discorrendo a perguntas sobre: Como você pode descrever o ensino da geografia no Ensino Médio?

Um tanto complicado, pois existem alguns fatores que dificultam o trabalho. A exemplo temos a escolha do livro didático, que nunca é o mesmo para todas as escolas e há ainda, falta de compromisso por parte das editoras na parte da encadernação do material (resposta da professora 1, 2017).

A geografia do ensino médio ela precisa sofrer modificações por causa da inovação tecnológica que está cada dia mais se modificando cada dia mais. (resposta do professor 2, 2017).

Como uma ferramenta essencial de estudo e percepção do espaço geográfico de forma crítica e prática, já que nessa fase de aprendizagem o adolescente possui uma **visão de mundo** mais madura e o professor como mediador, possibilita para os mesmos uma ideologia de que toda e qualquer construção e modificação do espaço é resultado do aprimoramento e desenvolvimento da ciência e da técnica ao longo dos anos. (questionário aplicado ao professor 3, 2017).

Para esses profissionais suas abordagens são dispares, contudo, acabam se aproximando quando a questão principal envolve o ensino da geografia, apesar da primeira entrevistada apresentar que existe uma complicação no fator que poderia ser uma unidade de análise no contexto em que se deu sua observação sobre o livro didático, aponta que existe dificuldades em se trabalhar conteúdos no ensino médio, onde por sua vez, os materiais são diferenciados entre as escolas, entretanto o professor 3 considera que a prática de se tratar de geografia na escola torna-se essencial, logo, o mesmo alude a disciplina a uma ferramenta que estuda a questão espacial entrelaçando a essa percepção o elemento criticidade, não obstante, a visão de mundo que o mesmo pontua que os alunos possuem nessa etapa de ensino é tratada mais a frente pelos sujeitos da pesquisa.

Nessa triangulação das falas dos professores um destaca a necessidade de transformação estrutural no ensino médio, o professor 02 considera a inovação tecnológica como um elemento a ser introduzido de vez nas escolas e ao alcance dos seus usuários.

Entretanto, o professor 03 em entrevista levanta questões importantes na sua visão em descrever a geografia no Ensino Médio. O entrevistado reflete da seguinte maneira:

[...], a gente descreve a geografia como disciplina importante no ensino médio, a partir do momento que ela conduz o aluno, futuro profissional para obter uma visão técnica e qualificada principalmente com as habilidades

tecnológicas, porque a geografia no ensino médio nós sabemos que ela é um aperfeiçoamento da base fundamental e que prepara o aluno trabalhar com ferramentas tecnológicas para a sua futura profissão no mercado de trabalho (entrevista professor 03, 2017).

A concepção de que a importância do ensino da geografia se dá devido a formação do aluno para o mercado de trabalho, preparar o sujeito é a premissa principal defendida, inclusive pela nossa Constituição, que em seu artigo 205, traz claramente o que o professor 03, considera como importância na formação do aluno. Sendo descrito o artigo da seguinte maneira:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2009, p.89).

Na mesma proporção em que a qualificação do aluno não está apenas ligado a aprendizagem tem-se um outro documento institucional que é a Lei de Diretrizes e Base da Educação-LDB, onde por sua vez no seu artigo 2º aborda a como princípio que:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (CARNEIRO, 2011, p. 23).

Para mostrar como os alunos tem essa concepção muito forte do seu preparo para as atividades econômicas e que todo o conhecimento adquirido em geografia se transforma em um elemento de profissão.

Geografia pra mim é aprender sobre os países conhecer novas coisas, aprender algo novo, o que ela representa; ela representa futuro conhecimento e profissão. (questionário aplicado aluno 02, 2017).

É considerável que não apenas o aluno seja capaz de se desenvolver com os elementos do conteúdo, mas sua preparação para o mercado de trabalho é necessária, é o que preconizam as duas leis que institucionalizam a educação brasileira, desta forma os próprios alunos já sentem a obrigação do Estado em promover sua formação plena com os conhecimentos também da geografia venham favorecer a sua participação no mercado de trabalho.

Percebe-se que os professores limitam-se a manifestar seus posicionamentos diante do que ocorre realmente com o ensino da geografia. Vale

ressaltar, que os mesmos não consideram a sua própria prática no contexto em que se dá o questionamento se furtando de aparecer como protagonista no processo de ensino, apontando como complicador o fato do material didático, do descompasso existente entre a escola e o universo da tecnologia.

Desta forma, um professor consegue denotar que a sua posição enquanto mediador do conhecimento faz com que a geografia tenha significado e importância.

Com o intuito de compreender mais a forma em que o conhecimento geográfico é tratado em sala de aula pelos professores, levantou-se outra questão atrelando-se a primeira: De que forma o conteúdo acadêmico está articulado com a geografia ministrada na sua escola?

Vejo que essa articulação acontece quando o professor procura de fato mostrar a relação daquilo que está sendo estudado como o cotidiano do aluno. Mas, acredito que alguns conteúdos deveriam vir nos livros didáticos mais voltados para a região o discente vive, pelo menos a nível de estado ou divisão regional, no caso do Brasil (05 regiões). (resposta da professora 01, 2017).

Na forma da geografia arcar com as modificações do mundo atual continua quase da mesma forma precisa sofrer novas alterações nesse conteúdo ministrado em sala de aula. (resposta do professor 02, 2017).

De forma complementar e significativa, já que todos os conteúdos ministrados pelos professores são frutos de uma investigação científica discutida e desenvolvida na comunidade acadêmica; e isso norteia as escolas como palco de pesquisa e objeto de estudos. Portanto essa parceria é de fundamental importância para a sistematização do conhecimento geográfico. (resposta do professor 03, 2017).

As revelações aparentemente parecem ser confusas, pois, o distanciamento que os professores tomaram do universo acadêmico, fez com que não observassem aquilo que o professor 03 indica quanto ao conteúdo acadêmico estudado na graduação, sendo dado sequenciamento com novas descobertas e novas pesquisas na comunidade científica, podendo levar a geografia escolar a uma forma de ensino com novas posturas por parte do professor e do aluno.

Os professores 01 e 02 tratam sobre a necessidade de haver contextualizações capazes de levar o conteúdo didático a forma escolar, uma leve confusão do conteúdo didático do livro com o conteúdo acadêmico adquirido ao longo da formação individual de cada um, ademais nesse mesmo lastro as próprias leituras científicas podem complementar o ensino da geografia no ensino médio, o professor 02 também considera confluindo ao que o professor 01 manifesta, a questão são os materiais didáticos que devem sofrer maiores alterações para que

seja significativo o conteúdo em sala de aula. Essas falas dos professores são mais do que esclarecedoras, são manifestações reais de uma limitação ou de parte do afastamento que muitos têm no processo pós-formado, pós-concursado e pós-estabilidade.

Referindo-se a essa mesma linha argumentativa a professora 01 na sua entrevista expõe que:

[...], devido algumas situações você acaba no comodismo, querendo ou não e isso vai atrapalhando, mas o fato é que precisa, a gente precisa aprimorar aquele conhecimento que veio da graduação, porque senão, não dá certo! Mas, uma coisa é, muito real, também na graduação, a gente não aprende nem um assim, um milésimo do que a gente precisa realmente praticar em sala de aula. Eu senti isso! Do conhecimento, do que eu posso dizer, do meu conhecimento em geografia hoje, é mais do que eu estudo para preparar as aulas do que da própria graduação e da pós-graduação também. (entrevista professora 01, 2017).

A fala da professora mostra categoricamente seu descontentamento com os princípios apreendidos nas etapas da sua formação e do seu aprimoramento profissional, manifestado pela forma do seu discurso, considerando que o comodismo é um obstáculo que atrapalha em seu desenvolvimento na busca de novos conhecimentos teóricos. É revelador quando de forma estatística traduz que está distante milionessimamente da aprendizagem de conteúdos na universidade, o que advém posterior a sua graduação, com as leituras dos livros didáticos.

Em relação às grandes discussões no cenário nacional sobre as propostas curriculares de ensino para a geografia temos um documento sendo desenvolvido a BNCC, tal documento esclarece que estudar geografia é uma possibilidade para compreender o mundo em que a pessoa vive. A partir da observação que esse componente curricular se propõe a abordar, incluiu-se as ações humanas que são construídas em distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Concomitante a isso a educação geográfica contribui para que ocorra a formação do conceito de identidade, sendo expresso de formas variadas, na compreensão perceptiva da paisagem que vai ganhando significado, à medida que, ao ser observado, notar-se-á a vivência dos vários indivíduos e das coletividades que se apresentam, nas relações com os lugares vividos, na observação dos costumes que são pontes de resgate da nossa memória social como na formação de identidade cultural advindas dessa memória, na consciência de que

todos nós somos sujeitos atuantes da história, diferentes uns dos outros, mas convictos dessa distinção (BNCC, 2017).

Existe uma forte intenção transitória nos materiais didáticos, contudo, há uma mudança muito mais questionável, assentada na função dos livros em informar ao invés de formar, e um problema muito mais drástico, que é o abandono da paisagem como uma das categorias da leitura geográfica do mundo real (MOREIRA, 2014).

Considerando, a importância do ensino da geografia, para quem está em plena formação não é interessante apenas informar o aluno que uma vastidão de conteúdos é algo primoroso, a formação da identidade e de aspectos de uma compreensão mais existencial do mesmo no universo em que ele se encontra é de sobremaneira relevante, convém salientar, que embora tenhamos sofrido influências clássicas europeias em nossos materiais didáticos (MOREIRA, 2014), e na própria formação do aluno, com um forte impacto da relação homem-meio, atualmente a relação homem-homem e homem-meio torna-se necessária ser apresentada e fortemente discutida nessa formação de um novo aluno que consiga perceber e questionar os conteúdos que lhe são apresentados.

5.2 CATEGORIAS GEOGRÁFICAS NA ABORDAGEM EMPÍRICA E EPISTEMOLÓGICA: confluências e suas tessituras

O Mundo vivido

O contexto a em que ocorreram as informações dos sujeitos sugere que alguns aspectos da proposta fenomenológica tenham aparecido involuntariamente, haja vista, que como unidade de análise o mundo pode ser considerado o início da representação geográfica, contudo, se um dos princípios fenomenológicos é a intencionalidade, seu empenho está claramente envolvido em desbravar os meandros dos significados diversos e da qualidade da vida humana no mundo vivido (BUTTIMER, 1979).

Esse mundo vivido é o que revela os aspectos da experiência e da consciência sobre o ambiente em que o sujeito se encontra e ao mesmo tempo produz, sua consciência sobre os fenômenos que ocorrem no mundo, conflui para um encontro com outros mundos que partem primeiramente de subjetividades da formação do mundo, entretanto, a base do mundo, destacado pelos sujeitos, revela o que a geografia e o seu ensino fornece inicialmente no seu revelar teórico.

Se a geografia estuda o mundo, é importante esclarecer que os mundos não são totalmente iguais, não existem similitudes no mundo do sujeito, o mundo transferido para o conhecimento didático, é um mundo físico analisado por interesses, sobretudo, interesses pautados nas manifestações culturalmente produzidas e com uma exclusividade em passar adiante um legado cultural. Destarte, as respostas dos sujeitos convocam-nos a atentar a esse princípio.

A Geografia para mim é um meio da gente saber do nosso **mundo** saber de muitas coisas, ela fala de coisas que a gente (sic) nunca imaginaria que existia. Ela representa **o mundo**, o Brasil, várias coisas, tipo representa tudo etc. (aluno 03, **grifo nosso**).

Geografia é quase tudo o que existe no **mundo** por ela estar presente em quase tudo mesmo que a gente não perceba como nas paisagens. Ela representa muita coisa, um território, por exemplo, as mudanças que ocorrem etc. (aluno 04, **grifo nosso**).

Pra mim geografia é o estudo de tudo que tem no **mundo**, por exemplo, características do clima e sobre o turismo, também aprendemos muito sobre a questão da economia. (aluno 06, **grifo nosso**).

Geografia é a matéria que nos ensina sobre os acontecimentos do **mundo**, uma matéria sobre o conhecimento do **mundo**, ela é uma matéria que nos faz conhecer **o mundo** como ele é e como era. (aluno 07, **grifo nosso**).

A geografia é um estudo muito interessante e importante, gosto de geografia, ela representa praticamente **o mundo**, o ensino da geografia é demais. (aluno 08, **grifo nosso**).

É uma matéria que estuda **o mundo** em torno de nós seres humanos. Ela representa muita coisa. Por que através dela posso descobrir o mundo sem sair de casa ou da escola. (aluno 12, **grifo nosso**).

A geografia é o estudo de conhecimento de tudo o que está dentro do conceito de cidadania e geografia estudo acontecimentos dentro e fora do nosso continente. A geografia é a representação que todos temos que conhecer **o mundo** a fora, a geografia estuda tudo aquilo que é presente. (aluno 25, **grifo nosso**).

As observações feitas pelos alunos participantes da pesquisa são pontuais e praticamente demonstram doutrinação geográfica, pois, a importância na leitura do mundo, de maneira exclusiva em tratar de questões destacadas pelos alunos, tratadas pela geografia, como a economia dos países, as características que envolvem os aspectos climáticos e a própria evolução do mundo, vale acrescentar que as falas desses sujeitos giram em torno do universo da transmissão didática.

Saliento ainda que devido aos postulados geográficos, em que desde a sua etimologia “Geo” Terra e “grafia” escrita, as percepções que os alunos tem sobre a importância dessa geografia para sua vida bem como a sua conceituação, giram em torno de uma descrição de mundo, embora, tal descrição ainda não seja realmente compreendida pelo sujeito quando esse faz uso exclusivo do material didático, ou seja, enquanto manifesto que a geografia visa estudar e descrever os elementos presentes no mundo, apoiado apenas em questões estruturadas, não percebo que no mesmo contexto o “mundo sou eu”, que o mundo só existe por existir um eu, um ser nesse mundo.

Desta forma, quando os sujeitos expõem que o mundo é um dos princípios de estudo da geografia, possivelmente devido às intensas atividades de fenômenos que nesse mundo ocorrem, Lowenthal (1982, p.110) considera que: “para ver o mundo mais ou menos como os outros veem alguém deve, acima de tudo, crescer; [...]”, tal crescimento não é apenas no sentido fisiológico, mas seguramente na condição de perceber esse mundo, de sentir o mundo que a geografia visa estudar.

O mundo antes conhecido pelos nossos pais, não é mais o mesmo que o atual, seu sentido é transitório, e a visão que é compartilhada também é, pois, muda com o passar do tempo, é um fluxo constante que novas gerações se deparam com novos fatos e constroem novos conceitos (LOWENTHAL, 1982).

Possivelmente essa análise ganhou destaque, devido às inúmeras modificações que o mundo atravessa, logo, a importância para quem estuda a geografia é ver como ela atua nas explicações sobre as modificações que o mundo atravessa, possibilitando ao interessado adquirir conhecimentos desse mundo em que ele vive, contudo, de forma ampla, o que ocasionalmente desenvolve uma ruptura entre o adquirir conhecimento sobre o seu próprio mundo.

Assim acrescenta Lowenthal (1982, p. 136): “os estereótipos influenciam como aprendemos e o que sabemos sobre cada lugar do mundo”, o legado deixado

culturalmente de maneira sistemática, acaba por produzir uma condição de retransmissões sobre o mundo, a geografia deve estabelecer novas formas de se apropriar dessa espécie de conhecimento, uma vez que ela apresenta como importância, estudar o mundo, que por sua vez deve também ser o do próprio indivíduo que analisa outros mundos. As noções sobre os variados mundos, podem apenas transmitir parcialmente a verdade, entretanto, o fato de ensinar sobre o próprio mundo desloca-se em parte dos estereótipos condutores de meias verdades.

Economia e Política

Ainda em relação às informações coletadas na pesquisa sobre "o que a geografia aborda em seu estudo ou a sua representação", pode-se notar outras unidades de análise que aparecem devido aos contextos a que os professores trabalham em sala de aula, como assuntos que os sumários tratam formalmente, nomeadamente economia e a política é motivo de discussão. A esse respeito, os sujeitos participantes afirmam que:

Para mim a geografia estuda os países as revoluções industriais, a economia etc. Geografia representa uma maneira mais prática de fazer com que tenhamos diversas informações. (resposta do aluno 01, 2017).

Representa o passado, como o mundo evolui. Estuda tudo o que evolui, tipo a paisagem, revoluções 1ª, 2ª, 3ª. (resposta do aluno 09, 2017).

É o que estuda o espaço, estuda o mundo, estuda a economia sobre a política. (resposta do aluno 31, 2017).

Pra mim a geografia é uma maneira de aprender mais sobre os países, estados, exportações etc. (resposta do aluno 33, 2017).

Apesar da nossa busca ser mais voltada para os aspectos que dizem respeito a percepção sobre determinado objeto de estudo, tal unitarização dos temas economia e política, são apresentados por notadamente os alunos manifestarem em suas respostas abertas, logo, as informações que o campo da geografia escolar pode levantar para o desenvolvimento intelectual do aluno é vasto, partindo desse princípio quanto mais alunos críticos a escola conseguir formar,

melhor será para que ocorra as reais rupturas dos projeto de um currículo escolar hermético e que possivelmente não apresente discussões.

Quando o aluno for capaz de absorver tal conteúdo, e colocá-lo em prática através das suas reinterpretações na vida, no seu cotidiano, esperamos que assim teremos uma escola, um ensino e uma aprendizagem pautado na significância e na preocupação com o sujeito, não apenas enquanto frequentador do espaço físico, mas conhecedor de um aspecto essencial; a sua presença no mundo²⁰ como elemento de transformação e produção espacial relevante.

É de suma importância continuar com as análises que se seguem em relação aos diversos debates que nas últimas décadas nos campos como na geografia, na filosofia e em outras áreas têm tomado em decorrência das transformações, consideradas intensas, no mundo e na organização da sociedade. Já sofremos com o anúncio, na virada do século passado de uma nova era. E em detrimento a isso, terminologias como sociedade pós-industrial, sociedade pós-capitalista, sociedade pós-moderna, revolução industrial, revolução técnico-científica, sociedade da informática surgiram para denominar os fenômenos socioeconômicos, culturais e políticos que marcam a sociedade hodierna (CAVALCANTI, 1998).

Como característica marcante dos momentos em que a sociedade passa nos campos econômicos e políticos, o material didático apresenta, de forma genérica sem recorrer às devidas contextualizações com o entorno em que o aluno se encontra envolvido, isto é falta maiores contextualizações nos materiais didáticos que consigam aproximar os espaços, as regiões e os lugares em que os alunos vivem.

Ainda nesse plano de discussão representado pelas unidades de análise economia e política, mudanças estão começando a acontecer nos debates geográficos, se antes as questões eram amplamente apresentadas das concepções físicas da geografia, hoje são apresentadas outras temáticas que envolvem o homem e as suas interferências, não apenas no campo geológico, ou geomorfológico, mas que agregam visões sobre a economia dos países e suas formas políticas de organizarem os seus espaços.

²⁰ Primeira linha de análise apresentada pelos sujeitos da pesquisa, sendo uma das mais citadas.

Espaço geográfico

Para o sujeito que tem o seu primeiro contato com a ciência geográfica é sobre o espaço geográfico que ele buscará encontrar respostas, levantando intensamente questionamentos de como é formado e produzido? Ou quem o forma ou o produz? Sendo então a geografia uma ciência que se enquadra nas características sociais, apresentará que o “homem”, “a sociedade” são responsáveis pela formação, produção e transformação espacial.

Por sua vez, além de servir como elemento conceitual é vista como categoria estruturante da geografia. Desta forma, os levantamentos realizados através de questionários e entrevistas indicam que os alunos e professores tem uma base sobre as categorias centrais da geografia. Ao serem questionados sobre: Quais os conceitos que são destaques na geografia? Os sujeitos da pesquisa responderam de forma ampla, sendo o espaço geográfico um desses conceitos ou categorias.

Os alunos responderam da seguinte forma:

Lugar e **espaço**. (resposta do aluno 04, 2017).

Espaço e lugar, economia, paisagens. (resposta do aluno 06, 2017).

Estuda o **espaço geográfico**, o espaço do mundo e mostra que nenhum **espaço** é constante um dia pode mudar, pode-se estender ou diminuir. (resposta do aluno 16, 2017).

Relevo, clima, **espaço**, lugar. (resposta do aluno 18, 2017).

Espaço, lugar, clima, vegetação, hidrografia. (resposta do aluno 19, 2017).

Espaço e lugar. (resposta do aluno 21, 2017).

Espaço, lugar, tempo, tanto o que vivemos como o que já passou e já foi vivido, guerras, fronteiras e mapas. (resposta do aluno 26, 2017).

Área, **espaço**, tempo etc. (questionário aplicado aluno 27, 2017).

Espaço geográfico. (resposta do aluno 31, 2017).

Observa-se que os alunos conseguiram atribuir mais de uma categoria estruturante em que a geografia se preocupa em estudar. Espaço, lugar, paisagens, espaço geográfico, tempo, mapas e outros são recordados pelos alunos, o que mostra que as aulas sobre esses conceitos/categorias não foram esquecidas, tendo alguns acrescentando que a busca em entender as mudanças ocorridas no espaço

geográfico como um dos pontos centrais dessa ciência. Ainda tratarei em concomitante sobre o lugar enquanto categoria, abordando os estudos fenomenológicos e geográficos. Entretanto, duas questões se fizeram presentes nos questionários dos professores que estão direcionados na mesma linha as respostas dadas também podem ou não confirmar o que os alunos consideraram. Sugestivamente no instrumento de coleta abordei da seguinte forma: Sobre o espaço, que é uma referência no estudo da geografia, como você descreve no sentido geográfico?

Os professores responderam sobre o questionamento da seguinte forma:

Um ambiente onde o ser humano necessita para sobreviver. Sem ele não há possibilidade de qualquer forma de ações praticadas pelo homem que garanta a existência da vida humana. (resposta da professora 01, 2017).

O espaço vai dar normas a cada cidadão vai interpretar geógrafo responsável em fazer com essas pessoas possam ver esse espaço diferente! (resposta do professor 02, 2017).

Como um espaço transformado, construído e modificado pela ação humana ao longo da história de forma a atender suas necessidades. Fruto da relação e integração entre homem e natureza, o espaço geográfico é reflexo do avanço das técnicas e das ciências que ao longo dos anos foram aprimoradas pelo homem para sua melhor adaptação no espaço. (resposta do professor 03, 2017).

O fato de ter colocado a fala dos alunos primeiro e dos professores em segundo plano serve como direcionamento para as triangulações que serão feitas com o outro grupo de sujeitos da pesquisa, pois, a participação de todos os envolvidos representa a validação das buscas pelos conceitos estruturais de forma pessoal, passando pela epistemológica do conceito escolar sobre o lugar, para o aquele centrado no subjetivismo dos envolvidos.

O espaço geográfico é visto pelos professores como um ambiente que ocorrem às relações que garantem a própria existência do indivíduo humano, tendo como reflexo das transformações ocorridas nele pelas técnicas e as ciências para a sua adaptação e possível domínio como percebido pela corrente do Possibilismo geográfico²¹. Tal corrente geográfica considerada tradicional indicava a forma que o

²¹ **Possibilismo geográfico:** é uma corrente de estudo da Geografia francesa, surgido no final do século XIX, como resposta às colocações deterministas de Ratzel, visava à compreensão da influência do meio na formação e nas ideias da sociedade.

Dentro dessa perspectiva, o homem poderia transformar o meio que bem entendesse, pois além de modificá-lo ele também se adapta ao esse próprio meio modificado. Os adeptos da perspectiva

sujeito humano deveria atuar na natureza, de certa forma pelos posicionamentos revelados, subentende-se que os professores ainda pensam da mesma forma que os precursores e defensores dessa corrente geográfica, sendo a ação antrópica a principal condição para as transformações dos espaços, onde através de exercer influência direta cria as suas possibilidades de sobrevivência com as suas técnicas e atitudes.

Desta forma Baulig (1982, p. 67) considera que “o homem não sofre passivamente a influência do meio: ele reage, igualmente à planta, ou o animal, ou mesmo a força cujo equilíbrio é ameaçado”. Essa afirmação denota a perspectiva da escola possibilista dos estudos geográficos, que ainda estão firmes nas construções escolares.

Se o homem é o sujeito capaz de alterar o espaço e dar expressão a ele com as suas ações, esse espaço geográfico do qual estou tratando possui seguramente nesse contexto as impressões digitais que o antrópico ser deixa, confirmando nessa linha que o mesmo não sofre as influências do meio, mas que ele é o influenciador e transformador do espaço.

Entretanto, outras observações são necessárias por um prisma mais fenomenológico e não tão distante sobre a ocupação e transformação do espaço geográfico, ou mesmo antes de qualquer transformação, com base em Dardel (2015) o espaço geométrico é percebido como elemento homogêneo, algo neutro e de certa forma uniforme. Paradoxalmente o espaço geográfico tem uma composição mais diferenciada sendo ele único, “o relevo, o céu, a flora, a mão do homem dá a cada lugar uma singularidade em seu aspecto”. (DARDEL, 2015, p.2).

Nesse contexto, a fim de diferenciar um espaço do tipo geométrico para o espaço em questão, pode-se ainda acrescentar que a própria geometria vai tratar do elemento espaço com vistas a um abstracionismo, vazio de conteúdos, e aberto para inúmeras combinações, em contraponto o espaço geográfico tem características que o identificam como um horizonte, sua modelagem, cor, densidade, podendo ser ele sólido, líquido ou mesmo aéreo, largo ou estreito, se limitando ou expansivo (DARDEL, 2015).

Nas vastas interpretações que se possa realizar sobre a composição do espaço geográfico corroboro com as observações de Eric Dardel, sobretudo, pela

possibilista não responsabilizam as condições ambientais pela pobreza da população regional, pois a natureza oferece condições para que o homem a modifique.

forma que estabelece sobre os elementos presentes nesse espaço, como caracterização do mesmo, recorrendo a uma responsável e subjetiva abordagem sobre o espaço.

O autor do livro: *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, reconstitui uma nova observação sobre essa categoria, se apropriando inclusive dos princípios fenomenológicos para desenvolver tais posicionamentos. Apesar da discussão não ser a obra de Dardel, sua presença nas interpretações sobre o espaço geográfico e demais componentes desse espaço, são essencialmente necessárias, quando se busca uma fuga das criteriosas e herméticas definições sobre essa categoria.

O que embora possa parecer simplificado como conceituação e compreensão do espaço, destaco que apenas a presença do homem é responsável pela sua produção e transformação, do espaço, perdendo as relações experienciadas desse sujeito transformador, da observação dos aspectos vividos, das formações de geografidades, do ser-no-mundo, do retorno às coisas mesmas e das suas percepções mais pessoais sobre vários fenômenos.

A intencionalidade que a fenomenologia visa praticar, também é o interesse destas observações, o sujeito envolvido pelos fenômenos atenta para uma definição que a geografia já estabeleceu em seus estudos, retornando as coisas mesmas. Podemos então desconstruir ou dar continuidade as matrizes existentes em que nos baseamos para tratar dessas concepções e categorias que são base da geografia.

Dardel (2015, p. 05) considera sobre esses aspectos em que a “geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de irrealização, sobre a própria realidade”. Tal caminhar por essa expressão, me permite analisar que a materialidade do espaço geográfico não deve ser a única consideração que a geografia deva fazer, mas dito como irrealizações na própria realidade em tal ciência possa oferecer através das imaginações e sensibilidades do sujeito humano.

Para Dardel (2015, p. 06):

[...] a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior e social. [...]. Mesmo desgastado pelo uso, o vocabulário afetivo afirma que a Terra é apelo ou confiança, que a experiência do rio, da montanha ou da planície é qualificadora, que a

apreensão intelectual e científica não pode extinguir o valor que se encontra sob a noção.

São essas observações tão profundas em que o autor nos brinda, que nos recompõe diante das afirmações geográficas existentes e de certa maneira muito técnicas e para realizar uma separação entre o conceito categorial firmado por autores que produzem os materiais didáticos que chegam até os alunos, e acrescentar essa visão, que busca a subjetividade do sujeito, em que esse por sua vez tem formas variadas para atribuir ao espaço, é o que rompe com algumas produções geográficas deixadas como suportes de ensino. Deve-se antes de tudo ensinar o sujeito o valor das suas subjetividades sobre o espaço em que se encontra.

Será que existe um discurso do avesso na ciência geográfica? Moreira em sua obra “o Discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina”, aborda temas importantes e em confluência ao supramencionado diz ele:

Meio, recursos, relação, organização, planejamento e, ao lado destes, população, necessidades, consumo, trabalho, transformação: tais são os termos que povoam como cacos do discurso fragmentário. Falta-lhe clareza da categoria do nexu estruturante. [...] São categorias teóricas que movem, mas que parecem não conter o desejado poder de transformação de contexto. (MOREIRA, 2014, p.31).

A presença desses termos é manifestada no material de estudo do aluno com vistas a aprender geografia, entretanto, a falta de clareza das categorias é motivo para se preocupar com os avanços conceituais que não conseguem estabelecer as conexões necessárias, dentro de uma linha que conduza a elucidações do pensamento.

Ainda nas observações de Moreira (2014, p. 32): “Não surpreende serem essa vagueza e opacidade operacional das categorias o outro lado da vagueza e opacidade do conceito epistemológico do homem e da natureza”.

Essa preocupação no entendimento base dos conceitos da geografia são indivisíveis da aprendizagem assentada em forte significado e construção das relações do homem com o espaço em que ele vive. Quando os alunos observam que a geografia tem como temas estruturais do seu estudo o espaço, o lugar, a paisagem e seus afins, dá a entender que já começam a identificar do que essa ciência realmente se propõe a apresentar esses pontos de centrais, não se esquecendo do sujeito humano em todo o contexto.

O Lugar

A categoria que representa o âmago desta pesquisa, o lugar que será apresentado com as visões pessoais como forma de estabelecer conceituações individuais e como fonte precípua de uma aprendizagem relacional, sendo descrita com base no amor, ou mesmo no asco, ódio que os lugares possam transmitir ao sujeito, não se tratando apenas de categorizar com as bases epistemológicas, ontológicas ou a partir dos prolegômenos, mas com as tessituras tratadas no campo fenomenológico, visitando o existencial, a fim de descrever as relações infortuitas, reais do ser-no-mundo.

O lugar é o centro desta pesquisa e as relações que se mantêm com o mesmo, constituem as lugaridades, ou lugar- sem essas lugaridades, a *terrae incognitae* sendo desvelada pelas intencionalidades e suas essências. Razoabilidades de entendimento? Não. Indubitavelmente não é tão simples estabelecer conceituações sobre o lugar, tal unidade de análise e categoria que constitui parte da geografia não se apresenta como algo tão simples de ser apresentado. Ao recorrer às percepções fenomenológicas o lugar se torna valorado, compreendê-lo é muito importante, contudo, a descrição sobre os fenômenos contidos nele são ainda mais, pois, é a partir dessa descrição do fenômeno que se tornam conhecidos.

Desta forma, abalizado nesse preâmbulo, Cerbone (2014, p. 20) expõe: “a fenomenologia está precisamente ocupada com o modo pelas quais as coisas aparecem ou se manifestam para nós, com a forma e estrutura da manifestação”. Significa que as observações sobre o lugar realizada pelo conjunto de sujeitos desta intervenção, levanta a intenção de envidar esforços nessa experiência do momento a momento, do ponto a ponto em que os sujeitos, a sua consciência e as suas subjetividades, são capazes de refazer uma releitura do lugar. Trato de releitura quando mesmo buscando o fator perceptual, o voltar às coisas mesmas são essenciais para a recolocação de um conceito que venha tornar-se entendível pelo produtor dos seus lugares, nesse caso específico os alunos, os professores e por último a comunidade com uma visão mais ampla.

Deveras ao conduzir uma reflexão sobre o nível em que o mundo (e desta forma também o universo em geral), se apresenta não como uma reunião de objetos

ou eventos que são determinados por categorias rígidas intelectuais como, causalidade, quantidade ou medida, mas que são organizadas segundo o campo de uma lógica perceptiva, possibilitando uma pré-objetivação na construção de um entendimento, ou seja, trata-se de suspender antes a validade ontológica sobre o que já é existente- nesse caso os conceitos de lugar-, para que se consiga então desenvolver uma inteligibilidade própria, que é dado no campo do exercício da percepção, espontaneamente através de uma consciência perceptiva capaz de apresentar os fenômenos como coisas (FERRAZ, 2009).

Aduz Merleau-Ponty em sua obra:

Retornando aos fenômenos, encontramos como camada fundamental um conjunto já pleno de um sentido irredutível: não sensações lacunares, entre as quais deveriam encravar-se recordações, mas a fisionomia, a estrutura da paisagem ou da palavra, espontaneamente conformes as intenções do momento, assim como as experiências anteriores. Agora se manifesta o verdadeiro problema da memória na percepção, ligado ao problema geral da consciência perceptiva. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 47).

O lugar pode então ser considerando um fenômeno a ser observado sob a ótica do referencial fenomenológico? Ademais, os aspectos que o fenômeno traz consigo no postulado fenomenológico pode ser percebido, por transparência de alguma maneira? Assim, não existirá nenhum fenômeno do qual se pode dizer que ele não é nada, pois o que não é nada não é. Entretanto, todo fenômeno é possuidor de suas essências, o que possibilitará capacidade de designá-lo, nomeá-lo, significando que não se pode reduzi-lo à sua única dimensão de fato, ao simples fato de que ele se tenha assim produzido, pois, é através desse fato que se estará visando um sentido do fenômeno (DARTIGUES, 1992).

Apoiado nessa discussão sobre os aspectos do lugar enquanto um fenômeno a ser observado e percebido, imagens e falas dos sujeitos envolvidos em revelar aspectos que possam ser elementos de uma vasta discussão que apresento a partir do seguinte questionamento inicial: Sobre as categorias de estudo na geografia, quais são as mais importantes e por quê?

O lugar- gera mais proximidade com o que tá sendo trabalhado com o aluno. Penso ser mais fácil para o discente fazer relação do conteúdo e seu cotidiano. (resposta da professora 01, 2017).

É a cartografia, porque estudar relacionados pela localidade e como cidadão se mobiliza na sua localidade determinada localidade e escrita bem a geografia humana estuda a sociedade é localidade onde ele está inserido

e localidade círculo vizinho onde ele possa atuar na sua localidade local quanto Global. (resposta do professor 02, 2017).

Observando as elucubrações dos professores, apenas uma manifestou que o Lugar é uma categoria essencial do estudo geográfico, considerando ainda que as referências dos conteúdos aplicados em sala de aula possibilitam maior contextualização visando o aprendizado do aluno, logo, enfatiza que o cotidiano é um elemento *sine qua non* que favorece essa compreensão, a fim de que seja facilitador do entendimento teórico em sala de aula, a apropriação da categoria lugar, assim como a sua compreensão que parte da vivência e das experiências dos alunos, com capacidade de relacionar conteúdo e compreensão na aprendizagem.

Referente aos outros dois professores, os dados que se apoiam em concepções diferentes das categorias base que sustentam a geografia, a resposta dada pelo professor 02 apresenta a cartografia como elemento mais importante para o estudo da geografia, o professor apresenta que essa representação pautada na orientação espacial cartográfica tem que ser consideradas a essencial para outras compreensões categoriais.

Ademais, podem ser considerados reflexos das formações desses profissionais que possivelmente não tiveram um contato teórico sobre as diferenciações categorias de origem da geografia, contudo, pode-se inferir também pelas observações proximais que tive com os professores, que a preparação das suas aulas concentra-se com base nesses pressupostos, levar o aluno a compreensão dos elementos cartográficos *a priori*, para que depois possam ser tratados outros temas, o que o distancia das categorias estruturantes.

Configurando parte da análise descritiva referindo-se ao conhecimento geográfico e a própria cartografia escolar Fonseca & Oliva constata que:

De certo modo, o conhecimento geográfico se consagrou tradicionalmente fazendo uso do verbo e da gráfica. A cartografia e as longas narrativas verbais conviveram, não sem atritos, muitas vezes com a supremacia da cartografia, a ponto de Ritter, um dos modernos fundadores da geografia, a seu tempo, queixar-se de uma 'ditadura da Cartografia'. (FONSECA & OLIVA, 2013, p. 63).

Possivelmente o espectro dessa 'Ditadura da Cartografia', ainda assombra o currículo e as necessidades de aprendizagens que o sistema educacional e as escolas trabalham, contudo, questiono que mesmo se valendo de tal importância que a cartografia e os elementos fincados a ela, como a orientação e

localização no espaço, como categoria que estrutura a geografia, será que ela ainda se enquadra com tanta pujança, haja vista, que partindo das premissas que a ciência geográfica teve suas reconfigurações em bases mais humanistas e não apenas nos números, das latitudes ou longitudes, mas em buscar os aspectos centrais do envolvimento do homem com o espaço que se encontra.

É justamente nesse posicionamento que a Geografia de cunho mais humanista terá como integração espacial aferido mais pela dimensão afetiva do que pela concepção métrica (CHRISTOFOLETTI, 1982). Cartograficamente, as relações de distâncias que essa ciência controla, não possuem nenhuma sensibilidade que envolva o homem, mas de forma positivista traduz um posicionamento mais exato, não dando margem a segundas interpretações. A subjetividade é um desconhecido para a cartografia, relações afetivas são desconsideradas para se analisar qualquer espaço.

Entretanto, já existem espaços para discussões de cunho cartográfico que envolvem o homem, é o caso da cartografia social, sendo ainda incipiente.

Apoiado nas respostas dos alunos sobre quais as categorias que a geografia estuda, o lugar foi destaque, conjuntamente com a concepção de espaço, retorno com essas inferências apresentadas nas respostas.

Lugar e espaço. (resposta do aluno 04, 2017).

Espaço e **lugar**, economia, paisagens. (resposta do aluno 06, 2017).

Relevo, clima, espaço, **lugar**. (resposta do aluno 18, 2017).

Espaço, **lugar**, clima, vegetação, hidrografia. (resposta do aluno 19, 2017).

Espaço e **lugar**. (resposta do aluno 21, 2017).

Espaço, **lugar**, tempo, tanto o que vivemos como o que já passou e já foi vivido, guerras, fronteiras e mapas. (resposta do aluno 26, 2017).

Percebe-se que os alunos já apresentam a capacidade de demonstrar algumas categorias que referendam a geografia, apesar de não se tratar da categoria de forma intensa, a abordagem conforme a observação ocorre em apenas uma aula de maneira sutil e fugaz. O lugar perde sua essencial contribuição para uma ampla discussão contextual, relacional e afetiva, constituindo um aprendizado conteudista célere, buscado pelo professor a transformação apenas e não o que essa categoria pode produzir a partir das percepções individuais.

Assim, a valorização da percepção bem como das atitudes dos sujeitos que estão em fase de aprendizagem, podem levantar potenciais discussões sobre as preferências, se verificar os gostos, as preferências, as características e as particularidades que os lugares apresentam (CHRISTOFOLETTI, 1982).

Com base na geografia humanista então “o lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante, enquanto o espaço adquire, para muitos autores, o significado de espaço vivido”. (CORRÊA, 2008, p. 30). Sendo relevante o estudo do lugar apontado desta forma por autoridades brasileiras sobre esse assunto, os profissionais da educação deveriam enfatizar muito mais essa base, evocando assim um posicionamento de destaque ao lugar, ao compreender o lugar, os demais conceitos podem se tornar mais fáceis de entendimento, a premissa é partir do proximal para absorver um espaço maior.

Não se distanciando do que está sendo tratado a despeito e a propósito do lugar, no campo das categorias empíricas desse estudo, foi enfatizado e valorizado a relação que o sujeito, tanto o aluno como membros da comunidade mantinham com o lugar, desta forma complementando com a apresentação da categoria LUGAR como parte do estudo geográfico, as relações pessoais com o lugar à individualização e as sentimentalizações serão tratadas a partir desse ponto.

5.3 RELAÇÃO COM O LUGAR: as imagens dos sujeitos e seus lugares

Considerando o fato de que não são apresentadas as relações que os sujeitos mantêm com o seu lugar, quando se dá encaminhamento teórico em sala de aula pelo professor, um ponto que considero oportuno contém a observação que os sujeitos apresentam sobre sua experiência vivida no lugar, os aspectos de amor e de ódios, embora pareçam sem importância para alguns, para os indivíduos sobre os seus lugares e a sua manifestação, torna-se esclarecedor sob a luz da percepção e da Topofilia.

Desta forma convém abrir o diálogo com Dardel (2015, p.01-02): “Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino.

Nesse diálogo inicial já pontuado em outro capítulo sobre a definição de Topofilia em Tuan, ele acrescenta sobre a relação que o ser humano busca: “A Topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”. (TUAN, 2013, p. 136).

Conforme encontra-se estabelecido na atitude fenomenológica é um convite explícito para que possamos deixar com que as coisas apareçam com as características inerentes a elas dando-lhe transparências, ou seja, é o mesmo que deixar com que as essências se manifestem de forma transparente nos fenômenos (CAPALBO, 2008).

O posicionamento fenomenológico requer um conhecimento de sentido subjetivo, que parte da intencionalidade de consciência, onde as manifestações do ser, constituem seu principal interesse, as diferentes relações entre os sujeitos humanos vão construindo nesse contexto um *corpus* de intenções com respaldo no humanismo, é a aproximação do sujeito, do objeto e do fenômeno.

As relações humanas variam de sociedade para sociedade, e com base nessas observações que Tuan (2013) ao escrever sobre a Topofilia traçou um mapa de como as diversas relações ocorrem, ao estudar diversas sociedades, principalmente quando se trata das relações com o meio ambiente, ou mesmo o lugar que o ser humano se encontra em outra obra Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência (TUAN, 2013).

Na entrevista realizada o professor 02 coloca o lugar e a relação do ser humano da seguinte maneira:

O lugar é onde o ser humano creio que habita, então existem diferentes tipos de lugares, então, quando se fala nesse termo vai desde o entendimento do próprio profissional ensinar o lugar pra o cidadão que não tem um bom conhecimento de geografia, às vezes ele até conhece o lugar, mas em meio geográfico ele não vai conhecer detalhadamente, detalhes desse lugar e meios determinados que a geografia redefine o lugar em outros termos. (entrevista professor 02, 2017).

Desta forma, vejo que o professor considera o lugar como o espaço de habitação, pode-se ter como elemento de descrição dos fatos relacionados do que aponta o professor a falta de conhecimento geográfico que o sujeito possa ter em relação ao lugar que ele habita, mas que tem um conhecimento empírico sobre o lugar. Dessa forma o sujeito relaciona a sua experientiação com o espaço lugar sem

necessariamente precisar de um conhecimento sistematizado, tratado em sala de aula.

Não obstante considero que a forma que trata Tuan sobre as relações como elementos de amplo sentido se somam a esse tema. Diz ele sobre as atitudes e as relações humanas:

As atitudes em relação a vida e ao meio ambiente refletem necessariamente variações individuais bioquímicas e fisiológicas. O mundo de uma pessoa acromatopsica²² deve ser um pouco menos policromático que o de uma pessoa com visão normal. Reconhecemos também diferenças temperamentais entre as pessoas. A perspectiva diante da vida, de uma pessoa melancólica ou plácida diverge muito de uma esperançosa ou irrequieta. (Tuan, 2012, p.177).

Nesse sentido as atitudes que temos em relação ao ambiente em que nos encontramos são variadas e nunca de forma homogênea de individuo para individuo, os contextos a que se dão podem incorrer inclusive sobre os aspectos da fisiologia do humano, logo, ao reconhecer que os aspectos temperamentais reforçam essa observação de que o individualismo do espaço e sobre o espaço, estão centrados em condições que envolvem a percepção e o próprio corpo, haja vista, que percepção é a forma do ser humano sentir e ver o mundo.

Ao fazer o questionamento em entrevista para os alunos sobre as suas relações com o lugar específico tive a oportunidade de observar a participação dos mesmos e das suas manifestações pessoais. A pergunta feita ao grupo se referiu diretamente à relação que os mesmos tinham com o lugar. As respostas seguem abaixo:

AI. 01

Pra mim esse lugar não significa muita coisa, mas é á que vivo, não que isso seja umas das melhores coisas do mundo para mim, pelo menos tenho minha família. Mas, não estou nem aí pra esse lugar.

AI.02

Significa alegria, harmonia ele é muito especial para mim, conheci muitos amigos pessoas boas.

AI.03

Significa minha vida.

AI. 06

Significa muito porque minha mãe está construindo nossa casa.

AI. 11

²² Acromatopsico: incapacidade de distinguir as cores. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto Editora, 2003 - 2017. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/acromatopsico>>. Acesso: 20 jul. 2017.

Significa tudo nasci e cresci e até hoje ainda vivo lá, como tive várias coisas boas e ruins.

AI. 13

Um lugar muito importante, pois foi onde eu cresci.

AI. 14

Significa tudo de bom, moro lá desde minha infância, não tenho magoa com ninguém e eu me sinto muito feliz nesse lugar.

AI. 16

Significa muito, significa a minha vida toda. É o lugar que eu cresci, onde chorei, onde sorri, onde passei todos os momentos da minha vida. Significa tudo.

AI. 18

Significa tudo de ruim, pois eu não gosto do meu bairro, nunca gostei, minha maior vontade é ir embora pra onde eu morava "Pará".

AI.23

Significa muito apesar das dificuldades, tem muito valor e história porque foi onde eu me criei e cresci.

AI. 24

Não significa muita coisa na minha vida, apesar de ser pessoa que eu gosto muito.

AI.25

Significa que já morei em quase todos os bairros de São Luís e me estabilizei em um.

AI. 33

Pra mim o lugar é onde uma pessoa se adapta, gosta e descobre culturas etc.

AI.34

Um lugar muito bom pra morar, apesar das dificuldades e violência, nossa união sempre será mais forte do que tudo isso.

AI. 35

Muitas recordações de lembranças e saudades.

O que tenho como percepção frente às respostas dos alunos quando questionados sobre essa relação com o seu lugar, é que vão do extremo amor, ao ódio, sentem pelo ambiente e lugar que vivem, carinho e ojeriza. As respostas que foram dadas por eles partem também de uma dificuldade de se expressar sobre esses lugares, alguns se sentem cativos, presos, muitos não preferem estar nesses lugares, em seus bairros. As experiências de vida que eles carregam, manifestam-se com suas falas, mesmo sendo curtas, mas ressoam de forma distante, sendo ouvidas pelo íntimo pessoal, são justamente as subjetividades do ser. Como tenho observado no campo da fenomenologia essa condição, a descrição que cada sujeito foi capaz de expor, conjuntamente com os seus fenômenos sobre o lugar, como

alegria, harmonia, o ruim, o bom, o gostar, a violência, a criação familiar, recordações, lembranças, saudades, felicidade, o chorar, o sorrir, a habitação, são justamente as essências que se prendem aos fenômenos que são percebidos pelo lugar.

Essa necessidade de conhecer através da descrição de cada sujeito que encontra-se em construção enquanto ser humano é importante no aspecto da geografia humanista e fenomenológica, pois, parto do princípio de que desenvolver lugaridades partem das primeiras condições individuais. Quando o ser consegue sentir no seu espírito (HEGEL, 1992), ou no corpo (HEIDEGGER, 2005), em sua percepção (MERLEAU-PONTY, 2006) os aspectos da Topofilia (TUAN, 2013) a relação afetiva de amor com o lugar, e que por sua vez não apenas se manifesta de forma boa, mas de outras formas, como o desgosto por estar vivendo em determinado lugar e com determinadas pessoas, são pontos a serem descritos.

O lugar é a história de alguém, é a vida da pessoa e se você é um ser humano e ali está inserido, você tem que ter intimidade com aquele ambiente, ter uma relação e isso ligado ao ensino da geografia pode ser muito bem dividido ou trabalhado, você vai ter uma proximidade, como eu já falei, vai ter uma intimidade com essa situação e disseminar o conteúdo, o lugar é isso, ou aquilo, é a sua vida, é onde você transforma, é o que você faz pra viver. (resposta do professor 01, 2017).

A professora que encaminha suas observações para descrever o lugar contempla características que são importantes para se compreender de forma fundante o conceito de lugar, quando a sua voz possibilita entender que a história de alguém faz parte do lugar, percebe-se claramente o que é proposto nos estudos fenomenológicos, o voltar a si, as histórias trazem memórias e as memórias fazem parte da identidade que serviu como catalizador das relações de amor ou de ódio. As memórias servirão para levar o homem ao seu passado e as suas origens.

Contudo, Merleau-Ponty (2006) alerta que a percepção não é apenas experimentar um sem número de impressões que acabam trazendo consigo as recordações sendo capazes de contemplá-las, não é levar a recordação ao olhar da consciência de um quadro já subsistente, mas enveredar, “no horizonte do passado e pouco a pouco desenvolver suas perspectivas encaixadas, até que as experiências que ele assume seja, como que vividas novamente em seu lugar temporal” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 47-48).

Observando a fala do professor 03, dentro do que se discute sobre a relação das pessoas com o lugar a seguinte declaração conceituando o lugar para tratar da possível relação que as pessoas mantêm com o mesmo:

Lugar dentro da perspectiva geográfica é uma porção do espaço dotada de identidade própria em que o indivíduo estabelece suas relações de afeto de amizade e de convívio.

A partir do momento que ele tem essa estreita, sabedoria nessa concepção, essa... da questão do lugar próprio onde ele vive, ele vai ter a possibilidade de estabelecer uma relação ampla, dos demais lugares de forma que ele inter-relacione o lugar onde ele convive com os demais lugares do espaço geográfico tanto a nível local, como regional e até mesmo mundial. (resposta do professor 03, 2017).

Percebo que a descrição que o professor faz em relação a forma que o sujeito, a pessoa se apropria da concepção do lugar, sendo que deva existir previamente a percepção do espaço com sua identidade própria, a transição elementar para a compreensão maior sobre o lugar, é adquirida mediante as relações que são despojadas por ele centradas no afeto, na amizade e no amplo convívio social. O lugar vai se caracterizando não apenas como um algo vago a ser preenchido, mas um espaço representativo, de memórias e com fortes aspectos de manifestação de enlaces sociais.

Esses aspectos que gravitam sobre as discussões do lugar enquanto categoria da geografia, nessa busca empírica e das manifestações relacionais presentes nos fenômenos e suas essências, quando descritos as relações pessoais e coletivas, conduzem a maior aprofundamento, quando a comunidade local discute sobre o bairro, que para eles e os alunos são lugares de alta representatividade, as experiências cintilam sobre as aparências topofílicas dessas afetividades.

No sentido de conduzir o entrelaçar dessas questões Tuan responde da seguinte forma:

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar de efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar sentimentos que temos para com um lugar, por seu lar, o *locus* da reminiscência e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 2013.p. 136).

Convém, estabelecer as dificuldades na ação de expor tacitamente os fenômenos que configuram o lugar do indivíduo, nessa trilha onde a topofilia não será considerada como a emoção humana forte, todavia, “podemos estar certos de

que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como símbolo”. (TUAN, 2013, p. 136).

Ressalto que através das experiências, os significados de espaço acabam se fundindo como de lugar, isto é, aquilo que embora seja inicialmente considerado espaço indiferente para muitos aos poucos pode ir se transformando em lugar na medida em que vamos dotando de valor esse espaço-lugar.

Na pesquisa tive a oportunidade de ir traçando uma teia que estava intencionalmente voltada para produzir um conceito pessoal sobre a relação que os alunos mantinham com o seu lugar, contudo, sem esquecer da produção de um conceito pessoal decorrente de toda a intervenção da pesquisa-ação e da volta as coisas mesmas, e nesse sentido, considero que colocar em suspensão um conceito já existente se faz necessário para produzir uma nova definição.

Algumas imagens são reflexos sem movimento, mas que mostram os fenômenos e suas essências sobre os lugares que os alunos produziram, a força que as imagens possuem para expressar as percepções são muito amplas, diferentes interpretações. Caso houvesse necessidade, dentro de uma abordagem hermenêutica, ou semiótica profunda do produto imagem, dariam explicações das mais diversas. Como o meu objetivo pautado na intenção da atitude fenomenológica não visa explicar o fenômeno, as causas e seus possíveis efeitos, temos apenas que nos ater as descrições dessas produções e seus sujeitos.

5.3.1 As imagens do Lugar: o meu lugar

As imagens que foram produzidas pelos alunos não tiveram minha intervenção direta, pois, as orientações foram dadas em sala de aula, após exposição dos conteúdos referentes aos temas: Topofilia, Topofobia e as abordagens do material didático, entretanto vale ressaltar mais uma vez, que o uso do *whatsapp* foi essencial nesse momento.

É importante de inicio destacar que as imagens são representações do que cada aluno pensa a respeito do seu lugar, suas experiências são apresentadas a partir dessas produções, ao utilizar os celulares de forma individual puderam apresentar como resultado as imagens que seguem abaixo. Muitos tiveram suas

dificuldades em estabelecer para si esses lugares, além de expor os motivos que retratam as relações pessoais. Cada imagem é traduzida em lugares pessoais, as subjetividades são fontes importantes nessa construção da observação e descrição do fenômeno.

Considerando então como Lugar escolhido pelos alunos temos desde o açude a locais mais íntimos como parte de cômodos das suas residências. Logo, como apresentado no quadro 02 são subcategorias que os alunos estabelecem para indicar seus lugares.

O açude: meu lugar



Figura 06. O açude: meu lugar.

Fonte: aluno 13, 2017.

A imagem acima escolhida pelo aluno sobre o lugar que ele mantém maior relação afetiva, retrata a sua aproximação com o ambiente natural, a opção por reproduzir a imagem, que segundo o próprio sujeito, ao ser perguntado porquê ter escolhido esse lugar para demonstrar seu sentimento por determinado lugar o mesmo cita que:

Porque é lugar natural, com paisagem que eu gosto de estar com meus familiares, sempre que posso eu fico nesse lugar, me dá paz. Quando saio da escola é para esse lugar que vou, fica no fundo da minha casa e etc.(resposta do aluno 13, 2017).

É importante destacar o que Dardel apresenta:

O espaço aquático é um é espaço líquido. Torrente, riacho ou rio, ele corre, ele coloco em movimento o espaço. O rio é uma substância que rasteja, que 'serpenteia'. As águas 'deslizam através do frescor dos bosques espessos, dormente agitados, elas não murmuram, elas correm penosamente'. (DARDEL, 2015, p. 20).

O autor considera que as águas também são formadoras de um espaço importante, os rios são espaços líquidos que refletem em grande parte da sociedade relações de afeto, lembranças. O açude é um espaço líquido que também carrega em si, a presença da relação que o sujeito tem, pois, é um lugar de tranquilidade e refúgio para muitos.

Praticamente na mesma proporção outro sujeito trouxe uma imagem para mostrar na sala de aula para todos que mantêm um forte laço com o ambiente natural, ao expor para a turma que no fundo da sua casa há uma praia, despertando o interesse do grupo de conhecer esse espaço.

Entretanto, o sujeito da pesquisa manifestou indignação com a falta de cuidados com o lugar que fica em uma área da sua família. Na sala de aula ao ser questionado por que gostava do determinado lugar que foi produzida a imagem, houve emoção por parte das suas lembranças e da forma como a mesmo trata aquele ambiente físico e natural. Acrescentando que se pudesse estar sempre nesse local, isso faria constantemente.

Para Tuan (2013, p. 89): "A mente aprende a estabelecer as relações espaciais muito depois que o corpo tenha dominado o seu desempenho". As relações que o sujeito mantém com o seu lugar reflete naquilo que ele produz na mente, considerando uma habilidade com o seu espaço, o que conduzirá ao amor ou outra forma sentimental com o lugar.

Apresentar essas subjetividades dos seus lugares pessoais com o auxílio da Tecnologia Móvel, representa indubitavelmente a saída de uma forma de descrever seus espaços apenas com imagens já produzidas por outros, levando o aluno sujeito envolvido na pesquisa a compreensão subjetiva da escolha por esse lugar, elaborando por si critérios para a inclusão e exclusão, a fim de dar significância aos aspectos fenomenológicos da sua percepção e do seu achado topofílico, que por sua vez, irá retratar sua sentimentalização pelo lugar. Fazendo uma geografia capaz de aparecer o sujeito na sua essência.

A prainha: meu lugar



Figura 07. Prainha no fundo de casa: meu lugar.

Fonte: aluna 16, 2017.

Pela descrição acima pode-se perceber que a relação da aluna com os seus familiares com o ambiente que ela destacou como um lugar importante para todos eles e que por sua vez deveria ser preservado tanto pelos moradores que residem na proximidade como pelos órgãos públicos que não percebem o valor que o lugar tem para essas pessoas. O laço afetivo por esse espaço aquático é que Dardel (2015), trata diz ele: “[...] sobre a praia se detém o homem: de lá ele lança seu sonho e suas aventuras[...]”. (DARDEL, 2015, p.22).

O sentimento de prazer total é o que poderia sugerir ainda mais a tradução da imagem, essa real e profunda relação que o sujeito cria com o seu mundo, defendendo-o a qualquer custo. Pode-se notar que em uma das imagens o caminho por onde as pessoas se direcionam à praia já se encontra cheio de lixos jogados pela população, o que deixam as pessoas que frequentam o lugar indignadas. Na entrevista a aluna relata sobre esse lugar:

Escolhi a praia porque eu amo a natureza e amo a praia me faz sentir bem sou a apaixonada pelo mar. Escolhi a poluição das ruas caminhos porque isso me deixa muito revoltada. As pessoas reclamam que aqui não tem lazer, recursos, mas, mesmo assim elas mesmas se destroem. (aluna 16 sobre o seu lugar, 2017).

Na concepção de Tuan, sobre a praia afirma que :

Não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos. [...] por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança, por outro lado o horizonte aberto para o mar sugere aventura.

A praia então tem uma forte atração sobre os sujeitos humanos, através dele muitos continentes foram desbravados, levando a uma observação geográfica como diz Dardel (2015) de velas defraldadas²³, desde as grandes conquistas marítimas, ao lazer e a afetividade que se possa ter por esse espaço. O fenômeno observado como sendo o apreço e amor a praia que o sujeito tem, não é algo traduzido de forma literal nos livros, entretanto algumas literaturas podem até tentar traduzir em forma de ficção os sentimentos que o indivíduo possa ter, mas é a partir do sentir, do estar e do vivido que o sujeito realmente poderá apresentar as suas experiências com esse lugar através das suas afetividades.

O Parque da cidade de São José de Ribamar

O Parque da cidade no município de São José de Ribamar é um local onde as pessoas se encontram, é interessante que no período da tarde, após a saída dos alunos das duas escolas, muitos se dirigem para esse local para se encontrarem, ficam horas e horas em diálogos com temas bem variados.

Nas observações realizadas, o local é limpo e bastante arejado, de uma singular calma, com a presença de árvores além de uma estrutura construída. Nesse mesmo lugar os alunos se concentram para a espera dos coletivos que saem para diferentes bairros da cidade de São José de Ribamar todos os dias da semana, muitos jovens também passam a tarde quando não há aulas nas escolas próximas, nesse espaço há alguns aparelhos para a prática de exercícios e de uma estrutura que se assemelha a uma lanchonete .

²³ Apesar de ser um termo de Lucien Febvre, Dardel coloca alguns elementos se referindo a grandes explorações que ocorreram no mar. Uma forma de mostrar o quanto o mar é um influenciador direto na vida e nas conquistas da humanidade.



Figura 08. Parque da Cidade S.J.R.
Fonte: aluno 04, 2017.



Figura 09. Parque da Cidade S.J.R.
Fonte: aluno 35, 2017.

As imagens 08 e 09 acima foram produzidas pelos alunos quando questionados sobre os seus lugares favoritos, dois desses alunos trouxeram as imagens em movimento que foram filmadas com os celular do parque da cidade, ao serem questionados sobre o porque das suas escolhas e que tipo de sentimentos esse 'lugar' causava a eles, eles retratam o Parque da cidade como um Lugar importante, suas respostas foram:

Eu primeiro tirei umas fotos para editar não deu certo então eu fiz uma gravação do parque da cidade. (aluno 04, 2017).

Eu fiz a gravação do parque da cidade e a igreja matriz porque são dois lugares que representam muito para mim, na minha vida. Sempre que eu posso eu vou até lá. Quase todo final de semana eu encontro meus colegas nesse lugar. É esse o lugar que eu mais gosto. Que eu tenho uma relação de amor por ele. (aluno 35, 2017).

Para a realização da atividade, dois formatos foram solicitados para que os alunos pudessem manifestar as suas relações com seus lugares, sendo orientado para produzirem as imagens sem movimentos (fotos) e imagem em movimentos (vídeos). Para os alunos, a essência traduzida pela visita ao lugar chamado Parque da Cidade, os deixava aparentemente alegres por estarem nesse lugar. E

como bem observado pelo aluno, o fato de se encontrarem com os seus colegas, já denota a afetividade que tem uns com os outros.

Além de ser considerado um cartão postal da cidade o Parque da cidade de São José de Ribamar é um espaço importante. Considerado o que Tuan fala a respeito:

No entanto, mesmo as cidades pequenas vendem cartões postais, divulgando uma crença no valor de suas ruas principais, parques e monumentos. Os cartões postais retratam aspectos da cidade de modo que se acredita que deem créditos a ela. Ocasionalmente, uma cena típica de rua é mostrada, mas, na maioria das vezes os cartões, acentuam os pontos de interesse- as partes que captam a atenção, que tem muita imaginabilidade. (TUAN, 2012, p. 281).

Foram tantos os lugares que os alunos escolheram como forma de representação afetiva que categoricamente passam diversas informações de caráter topofílico e às vezes topofóbicos. A representação desses lugares às vezes deixava as afeições físicas e se concentravam em elementos mais pessoais, muito mais fechados em si. Certamente, a volta do ser, mas com o lugar, um encontro pessoal, que direcionava a momentos de introspecção do sujeito.

O ser humano não consegue viver isolado, essa é uma questão básica tratada pela Sociologia, contudo, não é sempre que esse se sentirá bem acompanhado por diversas pessoas, alardeado por muitos, e desta forma poderá optar pelo distanciamento e seu isolamento, um isolamento planejado e que reflete segurança, de certa forma ao conversar com os alunos que produziram essa imagem, ou que demonstram na realidade a essência do fenômeno, diversos apontam como o *point* da cidade de São José de Ribamar.

Os jovens apontam também a presença de *wifi* nesse lugar, o que movimenta ainda mais o espaço, como o índice de violência nessa área é quase zero, os alunos que identificaram através das imagens em celular ou os vídeos que reproduziram pelos seus *smarthphones* que a convivência com pessoas diferentes é interessante, pois, mostra como gostos, ideologias, apreço a cultura e religião são bem diversificados.

Minha casa

O ser humano sempre buscou lugares para sua proteção, é notório o que a história da evolução humana vai discutir e apontar quando o homem, ao migrar, e se deslocar intensamente e exaustivamente de lugar para lugar, no hábito de nomadismo, terá uma mudança radical ao se fixar em um único lugar, criando ali laços de afeto, geografizando seu lugar, o ser sedentário, não mais nômade, divagando, mas agora fixo, criando, produzindo e reproduzindo lugares.

Desta forma, tal lugar poderá então pelo ser humano ser chamado de “lar”, o “ lugar” então é o seu “lar”, para tal, mantém as suas memórias mais identitárias possíveis fixadas a esse “lar”, e a casa é o lar, é um lugar, onde, risos, choros, alegrias, tristezas, conquistas e decepções movimentam esse ambiente. O indivíduo humano ao relatar sobre a sua casa, trará consigo muitas recordações memoráveis. Um real significado de lugar nasce no lar, na casa.

Os alunos trouxeram como representação dos seus lugares pessoais, da sua topofilia, o lugar-casa, seu espaço. Embora conflitos possam ocorrer nesses espaços, é considerado como recanto para muitos devido as relações criadas por eles . Não foi apenas o espaço completo das residências, mas ambientes que costumam dar mais importância, como o quarto, a sala, a cozinha que para esses alunos se traduz em lugar afetivo, seja o afeto de carinho pelo fato de passarem a maior parte do seu tempo, ou outros fatos que são mais complexos em serem retratados, mas que no conteúdo fenomenológico acabam servindo como *constructos* que juntos, formam pessoas e os sentimentos que essas carregam em si.

Neste sentido acrescento o que Tuan (2013, p. 34) aponta “o sentimento por lugar é influenciado pelo conhecimento de fatos básicos: se o lugar é natural ou construído e se é relativamente grande ou pequeno”.

Não os espaços apenas considerados grandes capazes de refenciar como um lugar, mas o conhecimento deste lugar pelo sujeito para que dessa forma possa ser atribuído uma afetividade. Assim, lugares como: a casa ou os cômodos que nela estão justapostos são incorporados a sentimentalização que o sujeito será capaz de desenvolver. Abaixo apresento imagens que tratam da casa como lugar preferido pelos alunos que participaram da pesquisa.

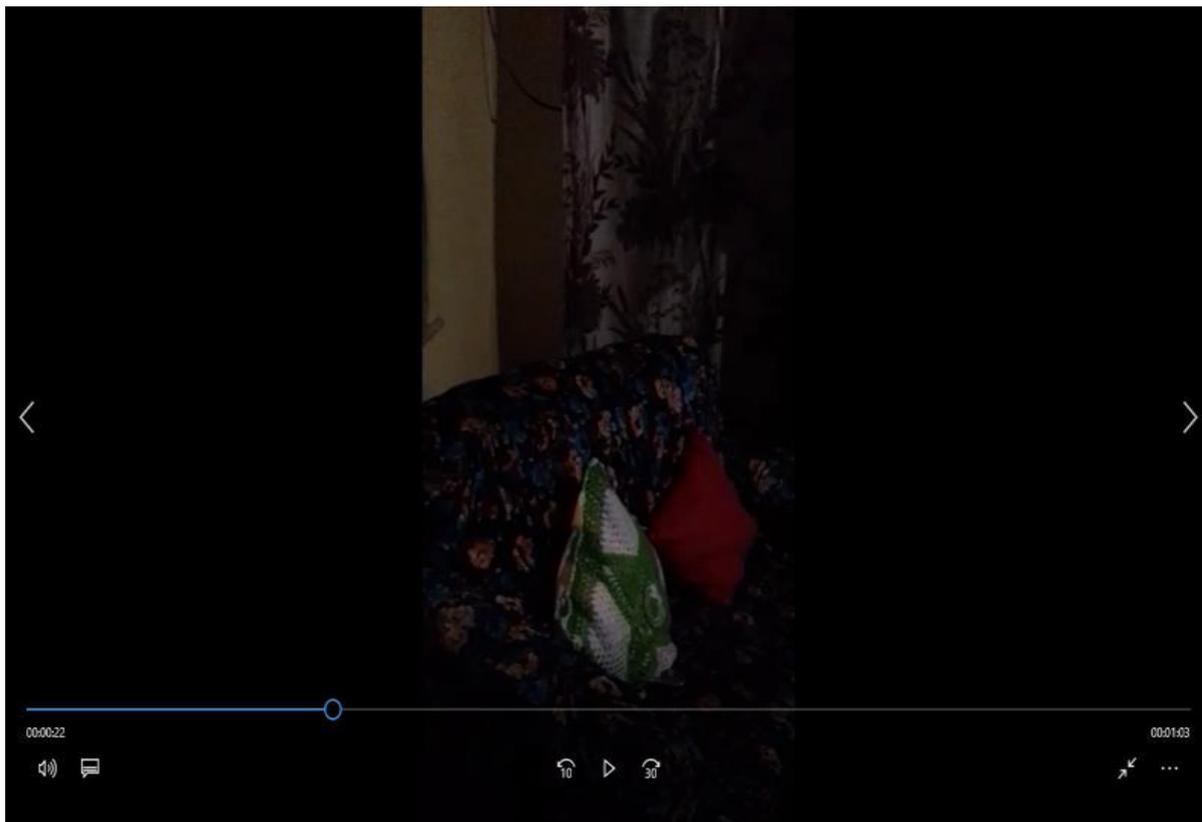


Figura 10. Minha casa, meu lugar.

Fonte: print do vídeo produzido pela aluna 40, 2017.

A aluna que produziu o vídeo do seu lugar relatou que:

Essa é a minha casa, é considerado um lugar que eu me sinto bem, diferente dos outros lugares que, pra onde eu vou, como a minha escola, como nas casas das minhas colegas. Aqui é a sala da minha casa, eu sou muito caseira, onde eu, é difícil as vezes eu sair, ainda mais quando eu estou reunida com os meus primos, ou com os meus colegas, mas gosto bastante de ficar em casa, aqui, fazendo as minhas coisas, minhas coisas particulares, minhas coisas casuais. O quarto. É o lugar que passo meus momentos, é o lugar mais tranquilo, onde eu descanso, onde eu fico pensando em meus pensamentos, é o quarto meu e do meu irmão. Então, essa é a minha casa, é o meu lugar, onde me sinto bem, diferente dos outros lugares, é o lugar, onde eu consigo me abrir, mais ativa, mais expressiva.(aluna 40, 2017).

A aluna 40 descreveu de forma aberta e objetiva o seu entendimento sobre o lugar, bem como a relação com o mesmo. É importante, observar que a casa é um local onde se encontra a tranquilidade e o sossego, essencialmente a aluna que produziu o vídeo revela que os seus parentes primos são motivo para que a casa tenha esse valor especial, logo, as reuniões familiares, acontecem em sua casa, no seu lugar. Ademais, descreve como fatos que as suas produções, reflexões e inflexões, são produtos de estar nesse lugar, na sua casa.

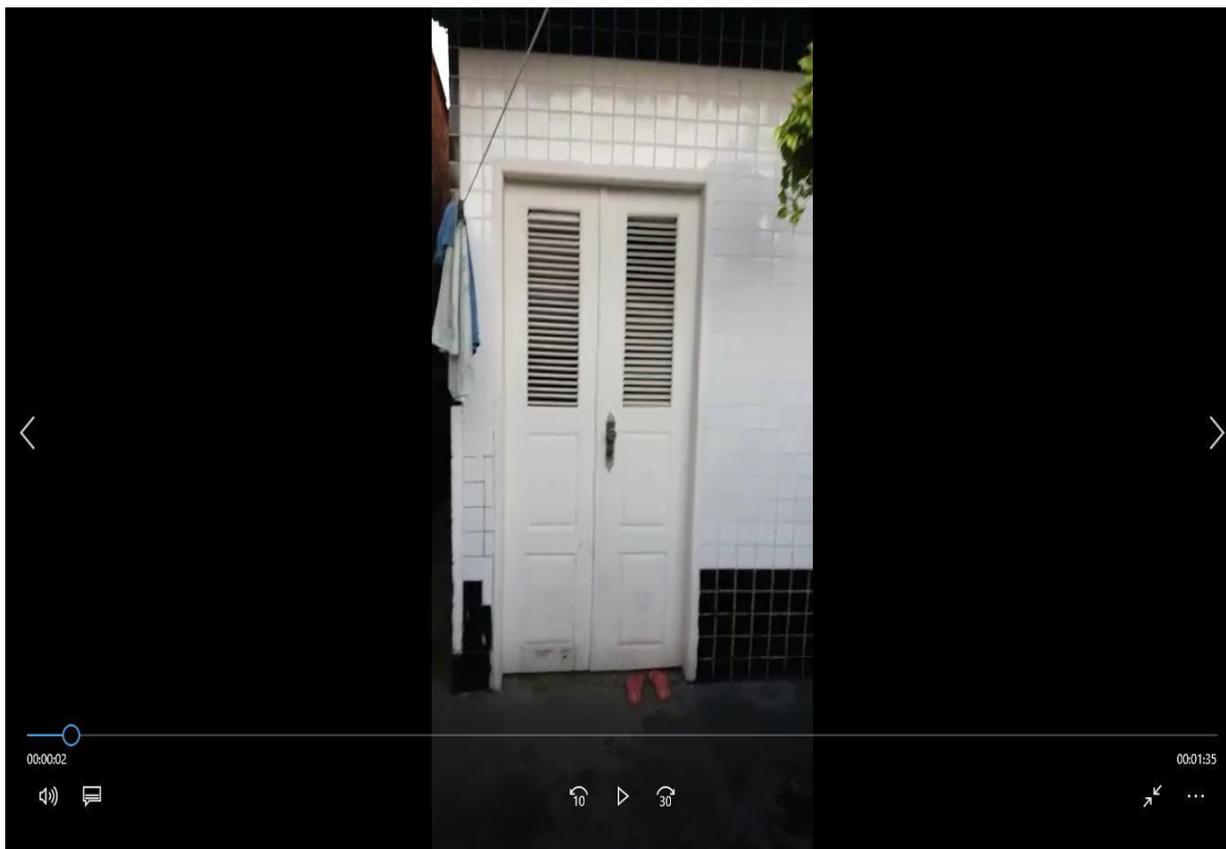


Figura 11. Minha casa, meu lugar.

Fonte: print do vídeo produzido pela aluna 17, 2017

A figura 11 representa o que a aluna 17 participante desta pesquisa produziu como um vídeo descrevendo a sua relação com a sua casa. A sua descrição relacional, começa com um vídeo feito pela manhã antes de se dirigir para a escola. Contudo, a sua descrição é mais pela construção em si da casa e todos os espaços externos a ela, do que a sua relação afetiva, mostrando no vídeo que a sua casa é produto do esforço do seu pai, bem como demonstra os compartimentos externos da casa, não conseguindo fazer uma correlação sentimental com o seu lugar, mas que declara ser o seu lugar preferido de estar, a sua casa.

Com grande dificuldade a aluna não consegue expor de forma natural que tipo de relação afetiva possui com a sua casa, mesmo apontando esse lugar, possivelmente devido estar filmando, o que para muitos é difícil devido a timidez, mesmo vivendo diariamente usando o celular, seja para tirar fotos, ou fazer pequenos vídeos que são colocados em seus *status* no aplicativo *whatsapp*, alguns tiveram grande dificuldade em realizar a atividade, entretanto, conseguiram entregar tanto as imagens em movimento quanto as sem movimento, a fim de descrever suas essências. Ressalto, que mesmo com dificuldade a aluna 17 descreveu seu espaço de forma sintética.

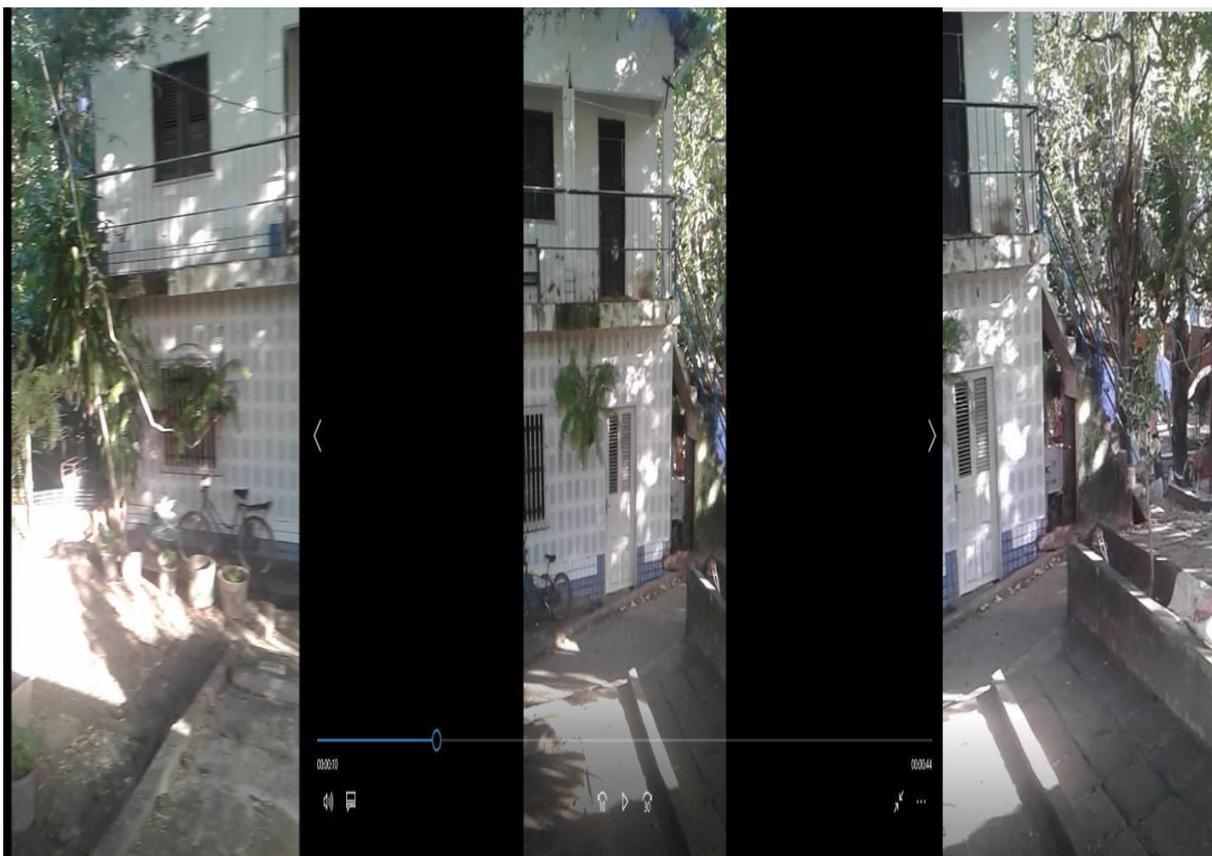


Figura 12. Minha casa, meu lugar.
Fonte: prints do vídeo produzido pelo aluno 18, 2017.

A casa do aluno 07, para ele, é o lugar mais importante, a sua produção foi realizada também antes de sair para a escola, e este comenta que:

Então galera esse aqui é o lugar que eu mais gosto de tá, minha casa é bem grande e tem várias ? Enfim, esse o lugar que eu mais gosto de tá, que eu me sinto acolhido, até pelo fato de ser minha casa. Agora estou indo pra escola.(Descrição do vídeo pelo aluno 07, 2017).

Importante o destaque que o aluno faz em relação a sensação de acolhimento que a casa, o seu lugar especificamente representa, a essência expressa por ele é de proteção, de conforto físico, refúgio, dentre outras formas de sentir, quando se está acolhido. Por isso, a intencionalidade de ver quais essas essências observadas de forma individual, haja vista, que outros poderão não encontrar o mesmo princípio de refúgio, mas de repulsa fina sobre esse mesmo lugar : a casa.

Embora muitos não tenham descrito a casa de forma ampla muitos lugares que encontram-se na casa foram retratados e referidos como espaços desse lugar que estabelece uma relação afetiva, com seus significados pessoais, podendo

até ser descritos como partes da categoria lugar, mas apontá-los nesse momento é necessário pelo fato de terem se tornado elementos de respostas dos alunos às questões e atividades realizadas. Desta forma, os compartimentos ou cômodos que os alunos consideram o seu lugar, são o quarto, a sala, os espaços para estudo, e outros lugares com relações não muito positivas, como : o quintal, a rua, e até mesmo espaços como a escola, o que para uns é um lugar que contribui com o desenvolvimento individual.

Meu Quarto: Lugar pessoal e íntimo

Alguns alunos preferiram trazer para a pesquisa a presença da relação que mantém com partes da sua casa. O quarto então é um espaço que produz sentimentos de amor, de formações de lembranças para os sujeitos que consideram esse lugar.

Desta forma Tuan diz que:

O lugar pode adquirir profundo significado [...], mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça de móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma história. [...]. A imaginação [...] é de um tipo especial. Está presa a atividade. (TUAN, 2013, p. 47).

É fácil então compreender o que o autor apresenta, a profundidade que os espaços pessoais representam para o sujeito, a partir de coisas simples são capazes de recontar histórias que se refletem nas relações de amor e as vezes de ódio.

A Topofilia que tenho apresentado de Tuan (2012) se traduz nesse refratário do amor pelos ambientes que são subjetivos, em que o sujeito pode suscitar os seus sentimentos. Como se trata de sentimentos é lógico verificar que são elementos subjetivos e como venho apontando, são pessoais, as essências que motivam a manifestação desses sentimentos é que dão a corporificação da Topofília para o sujeito.



Figuras 13, 14 e 15. Meu lugar dentro de um lugar: meu quarto
Fonte: alunos (a) 17, 30 e 37, 2017.

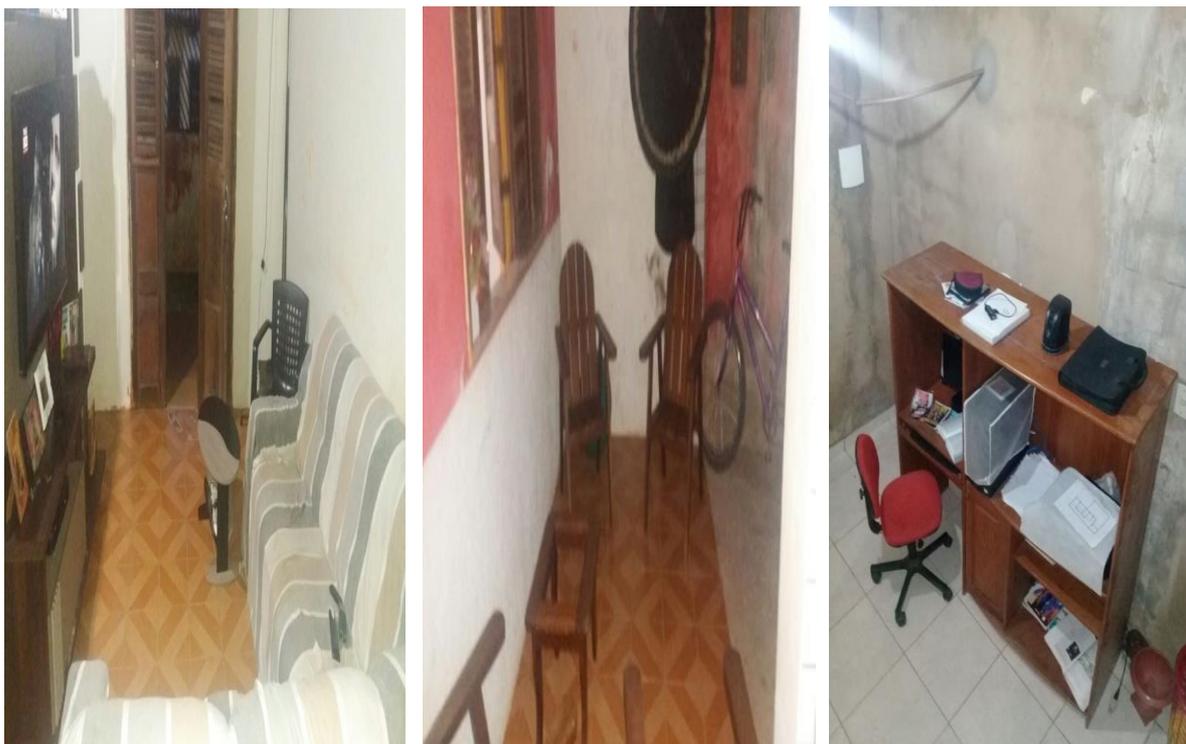
Porque é a parte da minha casa que eu mais gosto eu quarto. Porque meu quarto é onde eu durmo, descanso e estudo. Minha rua é o lugar que eu não gosto, porque devido aos buracos e as zuadas aos fins de semana. (resposta da aluna 17, 2017).

Eu escolhi a frente da minha casa porque eu não gosto e eu escolhi o meu quarto. Porque o meu quarto é meu lugar favorito. (resposta do aluno 30, 2017).

Porque foi mais fácil de explicar. Eu escolhi meu quarto, porque onde eu me sinto bem, e na escola falei que não gosto porque passo o dia todo, o bom é porque nos convivemos muito com os nossos amigos. (resposta da aluna 37, 2017).

Nesse caso específico em que os alunos expuseram seu quarto como um lugar de preferência, devido a tranquilidade e acolhimento que o mesmo por si só traduz. O quarto é lugar de relaxamento, refúgio em busca de respostas, opção de ambiente para fugir de conflitos e um lugar onde passamos grande parte da nossa vida, esse lugar que chamamos de especial.

Esse é um lugar que temos mais tempo para desfrutar, o quarto também pode ser percebido como ambiente de formação pessoal, esse lugar sugere descanso e paz, no sentido de esquecer de tudo que é exterior, ou às vezes ter essa confluência a favor do indivíduo, fazendo com que possa usar de introspecções que colaborem com esse desenvolvimento de identidade.



Figuras 16, 17 e 18. Meu lugar: a sala e meu lugar de estudo.
Fonte: alunos(a) 29, 20 e 15, 2017.

Outro cômodo citado pelos alunos na pesquisa como parte fundamental para explicitar as suas relações com o lugar, com a casa, e expor as essências que encontram-se nas suas memórias, são as áreas que recebem diversas pessoas, sendo a sala um cômodo que os alunos demonstraram como lugar perfeito, que gostam de estar.

Esses lugares têm grande representatividade para os sujeitos da pesquisa, destacando, pois, assim como o quarto, a sala que muito tempo passamos da nossa vida, seja conversando com os colegas, parentes, assistindo algo nos aparelhos de televisão, enfim, esse ambiente é importante devido a ocorrência de diversas situações, que envolvem inclusive sentimentos, como apontado pelos sujeitos, namoros terminados, momentos de risos, alegria, tristeza, e assim como apontados, momentos de reflexão. Outro espaço é o local de estudos em que um dos alunos aponta como um lugar que é desestressante, pois, lá onde estão seus livros para estudar e o local com computador com acesso a rede da internet. Um lugar que motiva o desenvolvimento intelectual do sujeito que produziu a sua estreita relação com esse espaço.

As próximas imagens chamam bastante atenção na escolha dos alunos em retratar a escola que estudam em dois momentos antagônicos, de um lado

elementos que mostram o amor, uma relação de topofilia e por outro lado de raiva, e a falta de relação com esse lugar: a escola.

A escola: um outro lugar



Figuras 19 e 20. Meu lugar: a escola que estudo.
Fonte: alunos 13 e 33 , 2017.

Como acima comentado os alunos trouxeram praticamente a mesma imagem, contudo em ângulos diferentes, mas que demonstram o mesmo lugar a escola que estudam, a principal observação que se faz sobre o lugar é que as imagens retratam o que um aluno se refere a um lugar que é bom de se estar diariamente e outro que não possui o mesmo sentimento. Importante acrescentar o que os alunos retrataram sobre a escola que frequentam todos os dias.

Esse é o lugar que eu escolhi, gosto de estar aqui, pois, aqui me distrai e busco aprender as matérias, além, de ficar mais longe da minha casa. Gosto muito da escola se eu pudesse eu morava aqui. Na minha casa é muito ruim. (fragmentos da entrevista com aluno 13, 2017).

Odeio esse lugar. Esse lugar parece mais uma cadeia, uma penitenciária. Cheia de muros, portões, ninguém pode fazer o que quer, tem que fazer só o que mandam. Eu não gosto daqui, venho por obrigação pra escola. Se pudesse nunca apareceria nessa prisão. (fragmentos da entrevista com aluno 33, 2017).

Como um dos principais agentes socializadores, a escola é responsável não apenas pela difusão de conhecimentos, mas pela transmissão dos valores de uma cultura entre gerações (MARTIN-BARÓ, 1992). Na escola que muitas identidades se formam, assim como os laços afetivos entre os sujeitos que frequentam diariamente a este lugar.

Entendo que a estrutura física e material da escola é um quadro preocupante em alguns lugares, neste contexto que Kimura (2008, p.20) considera que “a existência e o conseqüente acesso a condições de infraestrutura são considerados pelos próprios professores das escolas como um aspecto dotado de importância fundamental para o desenvolvimento de seu trabalho”.

Apesar de não está se direcionando o foco com as perguntas e escolhas dos professores o autor aponta que é de se considerar uma relação entre a estrutura, o aparato presente nesse lugar para que além do trabalho satisfatório o próprio aluno sinta prazer em estar nesse local.

Entretanto, aspectos de topofílicos podem ser desenvolvidos como o inverso das topofobias que o aluno poderá desenvolver nesse ambiente. Posso até traduzir como intrigante, a satisfação da exposição do indivíduo sobre esse lugar, sobre o que ele pensa, o modo que ele se relaciona com esse lugar, convidado o fenômeno a mostrar claramente parte da sua essência.

Cabe aqui nesse momento não interferir de maneira que possa buscar compreender por que o aluno não gosta do ambiente escolar. Tampouco, estabelecer algum critério para interpretar, logo, desde o princípio deste trabalho que ficou estabelecido dentro dos objetivos que as descrições para constituir o conteúdo textual, está baseado na atitude fenomenológica com enquadramento perceptual e na intenção traduzida pela Topofilia.

O enquadramento que apresento foi sendo construído a partir do resultado da investigação, tendo como a intervenção uma forma de levantar as respostas dos envolvidos diretamente na pesquisa. Minha intenção prioritária está em descrever suas percepções diante da categoria lugar, devido isso temos os lugares que os alunos descreveram como importantes para cada um, sendo lugares naturais, ou aqueles construídos.

5.4 PERCEPÇÕES SOBRE O LUGAR: memórias, Topofilia e subjetividades

Em todo o contexto que se deu para descrever as percepções dos envolvidos, foram retratados as falas dos professores com a dos alunos, contudo um outro grupo de sujeitos também faz parte dessa movimentação empírica, onde a comunidade do bairro, pessoas consideradas como mais experientes e com algum conhecimento sobre o seu lugar nos dão as condições necessárias para tratar de mais uma subcategoria que envolve o lugar: o **bairro** e as relações pessoais que alguns participantes que colaboraram com esta investigação possuem.

Assim, lugares se produzem a partir de sentimentos, de ações, experiências e de memórias. Cerbone (2014) trata sobre a questão da experiência: “[...], sua experiência presente não é de ou sobre um mero objeto, algo cuja única descrição é a de que ele ocupa espaço ou consegue ocupar esse tanto de seu campo da visão; em vez disso, ele é uma coisa incumbida de uma determinada significância, muito particular [...]”. (CERBONE, 2014, p. 17).

Desta forma, as experiências contam sobre descrever a vivência e os aspectos dessa com as pessoas do bairro, que em diferentes níveis de relacionamento ocorrem entre os moradores, os vizinhos, aqueles que chegam e aqueles que se vão, são averiguadas a partir da observação dos alunos e comunidade do seu lugar, do seu bairro.

Diferentes bairros foram escolhidos pelos alunos, na realidade não se trata de uma escolha, logo, os alunos participantes da pesquisa residem nesses lugares e conhecem um da sua realidade na cidade de São José de Ribamar.

A localização de todos os envolvidos nessa pesquisa está representada abaixo pelo mapa 01. Mapa da localização da cidade de São José de Ribamar que mostra o contorno do espaço ribamarense onde estão localizados os bairros e as comunidades que os alunos residem, vivendo com as suas dificuldades diárias, mas que no contexto conhecer parte dessa cidade teve respaldo para o levantamento das diferenças entre os bairros.

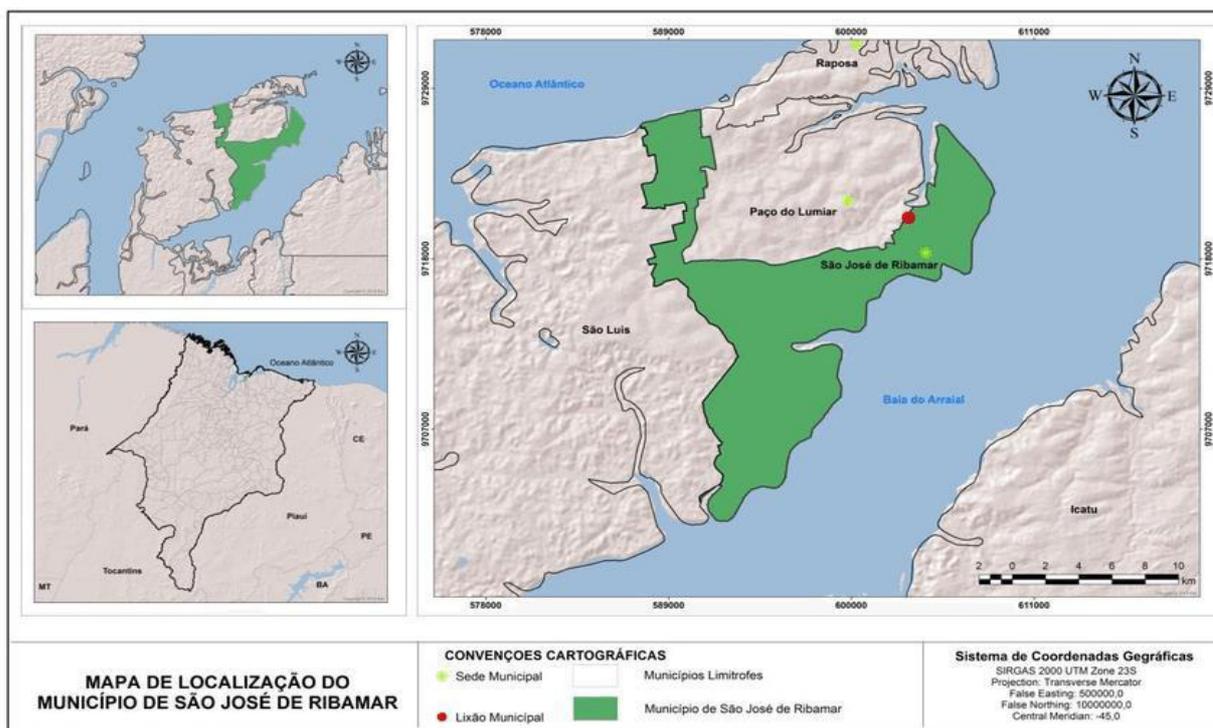


Figura 21. Mapa do município de São José de Ribamar.

Fonte: disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/315382093_fig28_Figura-1-Mapa-de-localizacao-do-municipio-de-Sao-Jose-de-Ribamar>. Acesso: 20. ago.2017.

Desta forma tratarei inicialmente de expor alguns bairros em que os sujeitos da pesquisa residem, Gambarrinha, Panaquatira, Moropóia, Turiuba, Outeiro, São Raimundo, J. Camâra, Nova Terra, Cidade Nova e Vila São José, esses bairros fazem parte da cidade de São José de Ribamar, diferentes espaços, pelo poder público e ao mesmo tempo esquecidos, lugares recentes, invasões, e residenciais, bairros antigos, lugares fluidos e não tão fluidos assim, de fáceis e difíceis mobilidades. As falas dos moradores e dos alunos mostram então seus bairros e de que forma se relacionam com esses lugares.

Foi solicitado que os alunos entrevistassem alguns moradores para acrescentar o conteúdo dessa pesquisa, além dos próprios alunos dar as suas respostas sobre esses lugares. Desta forma perguntei a eles o pensam sobre o bairro que estão e sobre a relação que tem com ele? As respostas foram muito variadas, contemplam uma riqueza de expressões e sentimentos bem pessoais.

Meu bairro não é um dos melhores, mas o que penso é que deveria ser bem mais cuidado. Os próprios moradores descuidam do lugar. Não tem asfalto, as pessoas jogam lixo. Na minha casa ninguém joga lixo ou algo do tipo na rua. Felizmente é um bairro até calmo, nunca houve assalto no mesmo. Não tenho nenhum tipo de relação com o meu bairro, nunca quis morar lá. (entrevista com aluno (a) 01, 2017)

Meu bairro é um lugar legal tem bastante gente, minha relação com o meu bairro é muito boa todos se respeitam só as vezes que rola briga. (entrevista com aluno (a) 02, 2017).

Eu penso que o meu bairro é muito zuandento. (entrevista com aluno (a) 03, 2017).

Meu bairro é um lugar um pouco isolado, longe de quase tudo. A minha relação já foi muito boa hoje não tenho tanta assim. (entrevista com aluno(a) 04, 2017)

Meu bairro é muito grande e às vezes eu nem saio de casa então tenha muita relação com o meu bairro. (entrevista com aluno (a) 05, 2017).

O meu bairro é um pouco aziado, gosto um pouco do meu bairro por que sou um pouco aziada igual ele. (entrevista com aluno (a) 06, 2017)

É comunidade muita unida compartilhamento uns com os outros a relação muito boa sou muito apagado a ele (entrevista com aluno (a) 09, 2017)

Tem muito fumante de droga, eu não tenho nenhuma relação. (entrevista com aluno (a) 10, 2017)

Tenho um pensamento muito bom em relação ao meu bairro que eu moro, porque é um lugar calmo sem muita violência, precisa melhorar um pouco em relação ao saneamento, mas é ótimo. Tenho uma relação muito boa com meu bairro, moro lá desde que nasci, amo meu bairro. Pra ficar melhor tem que melhorar no aspecto de saneamento só isso. (entrevista com aluno (a) 16 2017).

Para Tuan:

Bairro e comunidade indicam conceitos populares[...]. Eles proporcionam um quadro de referência para organizar em subáreas manejáveis a complexa ecologia humana de uma cidade, também são ideais focais que se alimentam na crença de que a saúde da sociedade depende da frequência de atos amistosos e do sentido de associação comunitária. (TUAN, 2012, p. 289).

As perguntas feitas de forma direta para os alunos sobre o bairro, o lugar que eles possuíam suas vivências foram importantes para que na próxima etapa, o contato com a comunidade pudesse então desenvolver maior percepção sobre a forma de abordar os moradores escolhidos pelos alunos, a partir das suas experiências sobre o lugar.

Assim, as entrevistas com a comunidade ocorreu de forma tranquila e realizada pelos alunos, acompanhadas pelo pesquisador para que pudéssemos então ver como as informações se coadunam ou divergem, lembrando que isso não importa, mas sim a descrição que os moradores deram sobre o bairro. A entrevista realizada pelos alunos 25, 15, 33, 08, 19 e 06, com senhoras com idades de 60, 58, 37, 66, 48 e 61 anos foram significativas para tratar sobre o bairro que vivem. Essa

foi uma atividade extra-sala de aula para que pudessem usar áudios. Abaixo a reprodução de apenas alguns recortes das entrevistas, pois, os fragmentos retratam as relações e memórias dos moradores com seu lugar.

Al.25. Como era o bairro Cidade Nova quando a senhora chegou aqui?

Quando eu cheguei aqui era só mato eu fui a primeira moradora daqui dessa Cidade Nova na rua da Felicidade número 02. O bairro era só mato na Cidade Nova era só mato, na frente no fundo, não tinha casa, hoje já tem casa eu fui a primeira moradora desse lugar, e está melhorando cada dia mais. Tenho hoje minha casa de alvenaria...e...está bem melhor que antes.(entrevista com moradora do bairro Cidade Nova, 58 anos de idade, 2017).

Al.25. Você acha que mudou algo desde que chegou aqui mudou alguma coisa?

Mudou Sim. Mudou, melhorou água, energia elétrica, então melhorou o que nos falta ainda é um transporte, é um veículo para nos conduzir para...mas, falta transporte para nos levar para Ribamar ou para São Luis. (entrevista com moradora do bairro Cidade Nova, 58 anos de idade, 2017).

Al.15. Como as crianças e jovens se divertiam quando chegou aqui?

Assim, não tinha jovem aqui que não tinha morador, mas hoje já tem meus netos do lado, já estudam, tem dois que estudam em São José de Ribamar, tem uma moto que leva e trás mas.. mesmo assim a policia achou de levar então, se torna difícil por que pra eles agora não tem transporte. (entrevista com moradora do bairro Cidade Nova, 58 anos de idade, 2017).

Al.33. Fale um pouco sobre o local que você vive e a sua relação com esse lugar.

Eu nasci na beira da praia, na praia de banho de São José de Ribamar, eu fui criada lá, com 27 anos eu vim morar no bairro J. Câmara, era uma invasão, era uma casa aqui e outra acolá, então eu ja moro aqui há 30 anos, vim com 27 anos moro 30 anos aqui, ela evoluiu muito, hoje em dia é uma cidade é quase o centro de São Jose De Ribamar, viu... eu adoro esse bairro, tudo o que eu quero é estar no bairro, viu...transporte, mercado, viu... esse.. hospital...colégio, nos queremos ir pra São Luis o ônibus passa quase na minha porta, então eu não tenho o que dizer dele, então eu fico aqui até quando Deus me permitir eu viver. (entrevista com moradora do bairro J. Câmara, 66 anos de idade, 2017).

Al.08. Fale um pouco sobre o local que vc vive e a sua relação com esse lugar.

Eu moro há 13 anos no bairro São Raimundo, sempre tive uma convivência boa com todos me lembro quando cheguei no bairro São Raimundo só tinha duas escolas, hoje já evoluiu muito por que tem cinco escolas fora que foi construído um parque da cidade onde a gente podemos fazer atividade física é... e ele também já foi considerado um bairro o perigoso hoje ele já não é mais um bairro perigoso onde a gente podemos ir e voltar naturalmente sem ninguém roubar, nos assaltar e fora que é uma cidade muito boa de se morar , um bairro também assim, não pretendo me mudar daqui vou ficar até quando Deus permitir. (entrevista com moradora do bairro São Raimundo, 61 anos de idade, 2017).

Al.06. Qual é a sua relação com o bairro?

Então... a cidade que eu moro é ótima não tenho o que falar, é uma cidade bacana, já moro aqui há 25 anos e gosto muito de morar em São Jose de Ribamar entendeu... e tá sendo uma cidade maravilhosa até agora. Meu bairro é ótimo entendeu... não tem violência é um lugar ótimo de morar, até agora não tenho nada o que falar então está sendo ótimo até agora morar aqui em São Jose de Ribamar. (entrevista com moradora do bairro Outeiro, 37 anos de idade, 2017).

Al.19. Qual é a sua relação com o bairro?

Eu gosto são meus amigos os vizinhos, não tenho o que dizer de ninguém, é bacana aqui a rua onde a gente mora. Muito bom. Agora é que tá passando muito carro pipa, agora tá melhorando o negócio da água, pois, não tinha água aqui em casa. (entrevista com moradora do bairro São Raimundo, 48 anos de idade, 2017).

As entrevistas contam um pouco da história do bairro, contudo, não é interesse dessa pesquisa o histórico espacial, mas sim as relações não sociais de forma coletiva, mas que aparecem ao longo de todo o processo, logo, também não é um processo muito simples, as informações são difíceis de serem passadas, às vezes o entrevistado não se sente bem, com certa invasão de memórias, os alunos tiveram êxito, pois essas pessoas se prontificaram a ouvi-los e a responderem as questões sobre o lugar que vivem e suas relações.

As perguntas feitas servem de aproximação com o que estou apresentando, mas a principal era se o aluno conseguisse extrair alguma informação sobre o sentimento que esse morador tivesse com o lugar. Percebe-se então que os entrevistados conseguiram estabelecer as suas relações com esses lugares, sendo assim mostrados a partir das suas experiências, vivências e convivências, a própria idade dessas pessoas e os anos de moradia nesse local, dão a veracidade dos fatos que esses observam e suas essências do fenômeno lugar.

É apontado também nas entrevistas de forma incisiva, mas alguns fragmentos da memória, da chegada ao bairro, às pessoas entrevistadas nunca tiveram a chance de participar de alguma forma de tratar sobre o local de suas histórias, o seu lugar. Algumas apontam a infraestrutura e a mudança ocorrida desde a sua chegada até os dias atuais, são memórias da adolescência que contribuem para a descrição da formação do lugar como das suas identidades, aí temos o caso da experiência mais uma vez clara.

Como afirma Tuan sobre o fato da experiência na vida do sujeito:

A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida

do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. (TUAN, 2013, p. 19).

Em Merleau-Ponty sobre a experiência deixa claro que:

O sujeito que tem a sua experiência começa e termina com ela, e, como ele não pode preceder-se nem sobreviver a si, a sensação necessariamente se manifesta a si mesma em um meio de generalidade, ela provém de alguém de mim mesmo, ela depende de uma *sensibilidade* que a precedeu e que sobreviverá a ela, assim como o meu nascimento e a minha morte pertencem a uma natalidade e a uma mortalidade anônima. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 291).

A observação sobre a experiência feita por Tuan (2013) e a questão levantada por Merleau-Ponty (2006) que discorre sobre a Fenomenologia da percepção quando trata sobre a percepção experiencial do sujeito da forma que essa começa e termina consigo e que por sua vez não consegue se distanciar dessa na composição que forma a sua vida, como as suas memórias, que se manifesta por uma sensibilidade notada ao longo da vida.

Tentar compor uma melodia, não é nada fácil quando se trata de música, compor um enredo textual que consiga entrelaçar as três vertentes de interesse dessa pesquisa também não se configurou fácil, ao expor sobre como os alunos se posicionaram nos questionários e entrevistas, bem como os professores nos mesmos tipos de instrumentos de coleta de dados, buscando tratar de uma forma subjetiva dos alunos em trazer o conceito sobre o lugar a partir das suas percepções em uma atitude fenomenológica. Finalizo com a retomada das categorias presentes no quadro 01 apresentando conceitos elaborados pelos alunos em relação a todas as atividades e intervenções realizadas.

Aluno 5 O espaço onde vivemos e onde podemos encontrar qualquer tipo de natureza.

Aluno 9 É um lugar de aconchego onde eu passo parte da minha vida.

Aluno 14 É um determinado espaço que delimita um lugar, onde mora e convive várias pessoas de várias religiões, várias manias etc.

Aluno 16 Significa muito, significa a minha vida toda. É o lugar que eu cresci, onde chorei, onde sorri, onde passei todos os momentos da minha vida. Significa tudo.

Aluno 23 Significa muito apesar das dificuldades, tem muito valor e história porque foi onde eu me criei e eu cresci.

Aluno 26 Lugar é onde crescemos, fazemos amizades é onde nos sentimos bem e satisfeito.

Aluno 37 Lugar é o que nos fazemos nossas coisas construímos o que realmente queremos ser, e que fazemos na nossa vida.

Aluno 38 Um ninho da minha vida.

Aluno 40 Um espaço próprio onde nós sentimos bem e damos valor a ele.

Quadro 03. Conceitos sobre o Lugar elaborado pelos alunos.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

O quadro 03 acima descreve o objetivo da nossa pesquisa, inicialmente em se tratando de esclarecer ou descrever como sugere a Fenomenologia. Destaco que não é apenas descrição sem um sentido, mas o sentido voltado para a percepção das pessoas e as relações com os seus lugares. Lembrando, mais uma vez, que não é também de interesse do encaminhamento fenomenológico interpretar os fatos, mas citá-los para que possa ser descortinada a essência subjetiva dos envolvidos na pesquisa com lugar. Expondo o que o quadro 02 acima descreve de forma sintetizada alguns conceitos finais desenvolvidos a partir das percepções que os alunos tiveram com as experiências o seu lugar.

Percebo que muitos alunos tratam do lugar como possuidor de uma representação sobre a vida particular de cada um, isto é, muitos que cresceram nesses lugares fazem questão de descrever que existem dificuldades, mas que são superadas por terem sentimentos pelo lugar.

Nesse lugar, que às vezes fala de espaço delimitado, como fatos da essência descritos ainda é de observar que o aconchego, o amor, a alegria, a tristeza, amizades, satisfação, a construção da vida, o valor e até mesmo a citação pelo aluno como um ninho em uma bela alusão à natureza e como alguns animais vivem, em ninhos, em nichos. Nesse sentido, todas essas formas de expressar o que contêm nas relações do sujeito e do seu lugar, ou mesmo que estão no lugar, refletem na vida diária do sujeito. O aluno é o sujeito que participa ativamente da produção da sua geograficidade, que também é preenchido por uma gama de essências.

Ao afirmar que a construção do ser provém do lugar, as abordagens tradicionais sobre as categorias do lugar não tratariam de forma mais existencial que essa, é necessário que o “ser”, tenha clareza de que é parte fundamental de um lugar que por extensão nasce e se desenvolve com as relações afetivas, primeiro o

sujeito se percebe, e percebe o valor que o lugar tem para si. Basta entender quando Tuan (2013, 2014) discorre sempre sobre a Topofilia e a experiência sobre o lugar, detalhando elementos que representam afetividade, que designa amor sobre o lugar, saliento que nós necessitamos então obter essa compreensão, pois, assim estaremos valorizando o lugar que construímos e que são construídos em nós.

5.5 USANDO A TECNOLOGIA PARA CAPTAR IMAGENS PESSOAIS E SUBJETIVAS: diferentes posicionamentos

A pesquisa trouxe elementos para a análise descritiva, a questão agora a ser discutida e apresentada faz parte do conjunto dessa obra, considero que como elemento pautado na intervenção que a pesquisa-ação evoca, as atividades que foram sugeridas aos alunos, também principiaram ampla discussão e direcionamento para outras possíveis intervenções.

É de se destacar que Tecnologia Móvel- o celular- movimenta essa pesquisa, entre os objetivos já destacados, verificar como a Tecnologia Móvel serve como apoio para o processo de ensino e de aprendizagem em geografia é de suma importância. Vimos que tanto, os professores quanto os alunos utilizam celulares diariamente, mas em relação ao educar do sujeito, de que forma esse recurso poderia servir para se aproximar das intenções sugeridas? Ademais, mesmo se reconhecendo que a tecnologia é um caminho sem volta, que nos aproxima de uma vasta abertura de novos conhecimentos, ainda existem aqueles que não mudam seus posicionamentos, uma pedagogia tradicional continua sendo reproduzida em sala de aula, bem como as didáticas individuais.

Alguns professores não conseguem perceber que o *habitus*, é uma forma de caminhar de maneira diferente, são atribuídos dispositivos novos na educação, mas muitos ainda não estão a vontade para se servirem do banquete que as TICs podem nos servir. Importante ressaltar que não se trata de agir como antes, com uma roupagem nova, da tecnologia, deve-se levar em consideração que uma didática nova com as TICs disponíveis para o ensino já se faz necessária para a qualidade da/na educação.

Desta forma ao tratar desse assunto, Moran diz que:

As tecnologias móveis ampliam as possibilidades de aprender colaborativamente [...]. O professor pode se basear em situações concretas, histórias, estudo de caso, vídeos, jogos, pesquisas e práticas e ir incorporando informações, reflexões e teoria a partir disso. Quanto mais novo for o aluno, mais práticas precisam ser as situações para que ele as perceba como importante para ele. Não podemos dar tudo pronto para o processo ensino e aprendizagem. (MORAN, 2013, p. 33-34).

Devemos então perceber de forma clara que a questão da tecnologia na vida do aluno não é um estorvo, mas um instrumento colaborativo para o seu desenvolvimento intelectual precipuamente, como o alcance da tecnologia é quase que inimaginável, os novos dispositivos que servem a sociedade devem ser usufruídos em todos os contextos, no caso específico da escola, o professor e alunos, as TICs devem servir ao conjunto e a melhoria na qualidade de ensino. Contudo, ainda precisa-se que os professores possam conhecer esse universo de forma que possa ser utilizado como insumo didático, a metodologia que se aplica, bem como as didáticas que devem sofrer reajustes, a mudança no *habitus*²⁴ em que o sujeito-professor deve buscar, se aprimorar.

Tomando então os princípios da Didática como a forma de se tratar dos conteúdos na escola, podendo sistematizar um conjunto de formas para se chegar ao ensino e aprendizagem, que partem do conhecimento de diversas fontes teóricas e que busca resultados necessários do desenvolvimento do aluno. (MASETTO, 1997).

Algumas verificações foram realizadas com o grupo de professores e de alunos sobre a questão do seu envolvimento com a tecnologia, em constante diálogo com a Didática e o processo do ensinar e de como se aprende, ou quais as viabilidades que a tecnologia apresenta, tratarei das observações feitas pelos envolvidos nessa pesquisa, mais uma vez suas falas, se traduzem exclusivamente, nas possíveis soluções para um ensino da geografia sobre o tema escolhido e o problema colocado para esta investigação, ao apresentar aos professores a necessidade da tecnologia em sala de aula e como uma forma de contribuição direta para dinamizar suas aulas.

²⁴ A questão do *habitus* em Pierre Bourdieu no contexto que envolve a discussão educacional e do sujeito educador, enquanto *habitus* de mudança paradigmática pessoal, transformante a partir da transformação que a sociedade passa. A escola e o professor devem seguir no mesmo trilhar e as tecnologias na educação são condições *sine qua non* para o desenvolvimento das novas gerações que frequentam os espaços escolares.

Partindo do princípio de que a tecnologia pode ser um aliado do professor em sala de aula no ensino da geografia como possibilidade didática e metodológica, lhes foi direcionada a seguinte pergunta: A tecnologia pode ajudar ou não o professor em sala de aula? Comente seu posicionamento.

Sim. Afirmando sem dúvida. Porém, precisa que a aula seja muito bem planejada para que aconteça o objetivo. (resposta da professora 01, 2017).

Ela é fundamental hoje, assim com ela já é usada pelos estudantes para outras finalidades. (resposta do professor 02, 2017).

Sim. Com certeza, desde que o professor direcione e contextualize de forma significativa, já que graças às tecnologias, o espaço a nossa volta está em constante construção. (resposta do professor 03, 2017).

Na realidade a necessidade inicial de colher essas informações teve como objetivo central subsidiar o levantamento das informações dos alunos, haja vista, que se os professores acreditam que as TICs e o uso da Tecnologia Móvel, podem levar a aprendizagem e a verificação inclusive das alterações estudadas pela geografia no seu objeto de estudo. As observações dos professores sobre o uso, na escola, mostra que se deve ter em primeiro lugar o planejamento, seguido da contextualização para que assim possam ser alcançados tanto os objetivos da aprendizagem, bem como, para que ela ocorra de forma significativa.

Na entrevista realizada sobre a mesma discussão, contudo, mais direcionada para o ensino da geografia com a tecnologia, novamente as respostas são bem diferentes.

A professora 01 na entrevista informa que:

Algo que eu vejo muito importante para se trabalhar é a questão da localização, as coordenadas geográficas, o uso do GPS e tudo mais, mas penso que pelo nível dos nossos alunos, aqui a nível de Maranhão, o professor tem que ter um bom treinamento, saber manusear a tecnologia direitinho, principalmente o uso do celular, esses meninos sabem muita coisa do celular, a gente está a passos de tartaruga, eles já estão, *the flashes* da vida... e aí eles já tem uma evolução, no uso do material do celular, e o professor precisa conhecer isso pra poder inserir essa tecnologia em sala de aula, mas eu vejo que é muito bacana, que é importante sim, tem que ter, até porque, não pode ser não, já faz parte do dia a dia já, do cotidiano do ser humano, e não dá pra ser separado não. Só que a gente precisa conhecer, pra poder a ação, o objetivo, daquele conteúdo trabalhado com a tecnologia a ser aplicado, realmente aconteça. (entrevista professora 01, 2017).

A professora 01 nos dá as interpretações pessoais sobre a forma e o uso da tecnologia móvel pelo professor na sala de aula, mostrando claramente que o

professor deve possuir as habilidades necessárias, para utilizar como recurso metodológico e insumo didático o conhecimento planejado. É bastante óbvio que muitos ainda duvidem do poder que as ferramentas tecnológicas têm para propiciar as novas condições de ensino e de aprendizagem, com resultados positivos e satisfatórios. Tudo advém de como o professor recebe e se coloca nesse processo, sendo primeiro necessário aproximação com essa Tecnologia Móvel. Levantar críticas como muitos fazem é fácil, o mais difícil é se submeter a uma alfabetização tecnológica, nesse mundo em que impera uma geração conhecedora e que diariamente utiliza o celular para inúmeras atividades.

De forma a contrabalancear a discussão, os alunos tratam sobre o uso da Tecnologia de forma ampla e da Tecnologia móvel-celular- na escola. Observamos em suas respostas o seguinte:

Eu penso que o celular é muito pra várias coisas assim para pesquisa e novas coisas importantes da escola. (entrevista com aluno 02, 2017).

É uma forma das aulas ser mais desenvolvidas. (entrevista com aluno 05, 2017).

Eu acho que é importante, porque nós poderíamos abrir novos caminhos através do uso do celular na escola. (entrevista com aluno 09, 2017)

O uso pode nos ajudar a nos desenvolvermos no assunto tratado. (entrevista com aluno 15, 2017).

Penso que esse método seria muito útil, faria com que nós alunos se motivassem e seria mais prática nossas atividades, porque o celular não só pra usar redes sociais. (entrevista com aluno 16, 2017).

Pra mim o celular nas escolas ele contribui bastante para o aprendizado do aluno e facilita para o professor também em algumas partes. (entrevista com aluno 19, 2017).

Muito importante para o aprendizado dos alunos e professores. (entrevista com aluno 26, 2017).

A partir de agora com essa eletiva de tecnologia, o uso do celular é ótimo para aprender e saber mais coisa sobre a tecnologia. (entrevista com aluno 33, 2017).

O direcionamento que os alunos mostram no contexto gerado, deflagra todas as demandas de urgência em mudar as formas de ensinar, são deles as falas de forma ampla e aberta, sem rodeios, sem manipulação ou tendenciosidade, apenas suas colocações sobre a necessidade de se utilizar a tecnologia móvel para colaborar com a educação. Percebo mais uma vez, que atentar para isso é possibilitar e acreditar no início de uma mudança no ensino, não apenas os livros ou

as aulas no quadro-branco, apresentadas pelo professor, mas de um fazer colaborativo e não apenas individualizante. O uso da Tecnologia Móvel irá considerar que sua presença na sala de aula pode contribuir com as condições de prender a atenção do aluno, de motivá-lo e de verificar como ele aprende, ou o que ele aprendeu durante um determinado período de exposição de conteúdo.

A fim de continuar a revelar as contribuições dos colegas de profissão da área de geografia sobre a forma que a tecnologia pode ser profícua no ensino da geografia, outros professores representam suas necessidades através de entrevista. Tudo, enfim, é considerado, não há descarte, mas as observações reforçam a ideia de que a tecnologia móvel já é um meio importante de ser utilizado no ensino da geografia. Desta forma, o professor 02 e 03 acrescentam nesse estudo pontos relevantes sobre o uso da tecnologia.

Acredito o seguinte, se a geografia for utilizada conforme a inovação tecnológica pede seria bem utilizado, só que acontece não tô me referindo a mim, porque eu não tenho essa dificuldade, mas hoje nós temos muitas professores geógrafos (as) que infelizmente não tem acesso a essa tecnologia ou não conseguem acessar e quer usar somente o material didático, mas a geografia principalmente com essa inovação tecnológica, ela ajuda muito a inovação tecnológica no ensino da geografia hoje. (entrevista professor 02, 2017).

É importante destacar o que o professor 02 em sua resposta comenta em relação a inovação tecnológica sendo uma força importante no processo escolar, no ensino e na aprendizagem, contudo, existe ainda a necessidade de conhecer e se aprofundar nesse universo. O mesmo demonstra que existem professores que não utilizam a tecnologia a seu favor, alguns até mesmo pelas dificuldades, usam apenas o material didático. Já o professor 03 apresenta o seguinte:

Eu vejo a tecnologia como uma ferramenta importante que auxilia o aluno se ele souber utilizar de forma correta, é...no enriquecimento dos seus conhecimentos hoje, que o uso da tecnologia ela é uma ferramenta importantíssima dentro das escolas. (entrevista professor 03, 2017).

A tecnologia é vista pelo professor 03 como elemento indispensável nos dias de hoje nas escolas para que os alunos possam desenvolver os seus conhecimentos, na observação que o professor faz não se direciona exclusivamente ao ensino da geografia, mas em um campo maior, o que envolve a escola em um todo. Tal observação tem um significado, de que a tecnologia deve aproximar todos os profissionais que tratam diretamente do ensino.

Como forma de complementação as falas dos colegas professores e do que do posicionamento dos alunos, Moran sustenta a tese de que:

As tecnologias estão cada vez mais próximas do professor e do aluno, em qualquer momento; são mais ricas, complexas e atraentes. Exigem um profissional mais interessante que elas, mais competente que elas. Caso contrário, os alunos sempre encontrarão uma forma de lhe dar as costas e de considerar o papel desse professor irrelevante, o que é muito triste e, infelizmente, costuma acontecer com frequência. (MORAN, 2013, p.49).

Acredito nessa confluência entre a teoria manifestada pelos estudiosos sobre o assunto e a coleta profunda do universo prático, e como é percebido pelo autor a tecnologia já se faz presente na vida de todos, entretanto, existe um fator crucial que muitos ainda não se prontificaram a romper. Deve ocorrer um afastamento com o comodismo, esse torna o professor anêmico nas suas atitudes didáticas, sem motivação, um mero reproduzidor de teorias, com uma mente fixa em uma ideia: de que a tecnologia é complexa, e devido essa característica inviabiliza a sua utilização no ensino.

Entretanto, se existe complexidade na tecnologia, o professor deve e quase que de forma obrigatória, evoluir, não se trata de apenas pegar o celular e usar aplicativos, mas saber como transformar esse domínio pessoal dos aplicativos, ou afins para usar na educação. É frequente o que ocorre, em relação ao desaparecimento do valor do professor no ensino, esse por sua vez deve buscar mudanças consideráveis para esse processo.

5.6 USANDO A TECNOLOGIA MÓVEL: realidades da intervenção

Nesta parte da investigação descrevo aspectos da intervenção, deixando claro que os passos da pesquisa ou etapas ao longo do CAPÍTULO 5 vão concentrando e desvelando as informações sobre como ocorreu à utilização dos métodos sendo expostos pelos resultados mostrados pelos alunos e professores participantes da pesquisa.

Tratarei aqui das possíveis dificuldades e acertos que tive ao longo desse processo que a pesquisa-ação me possibilitou intervir no grupo de alunos e com as conversas que tive com os professores. Inicialmente, como forma a clarear o

processo metodológico utilizado, foi solicitado, aos alunos como já mostrado, que esses pudessem produzir suas próprias imagens. Essa forma de se expressar, a reprodução imagética, remete que os alunos de forma subjetiva e impessoal, exponham através dessas imagens a intenção desta pesquisa: o lugar.

Trazer imagens do lugar como forma categórica que abaliza o conhecimento geográfico de maneira fenomenológica e humanista, com pressupostos da Topofilia, foram as coordenadas iniciais a essa forma de tratar do rigor científico, deixando de lado um pouco a forma tradicional quantitativista, para dar vazão aos seus opostos qualitativos na pesquisa. Acertar ou errar faz parte do processo da pesquisa, o certo é que as contribuições dos alunos e dos professores também nessa parte da pesquisa, esclarecendo aqui mais ainda o caminho que foi seguido.

São metas qualitativas que foram sendo estabelecidas desde o começo da investigação e concomitante a intervenção. Desta forma, Deslandes & Fialho (2010, p. 51) comentam que: “quando se trata de uma meta qualitativa, o resultado é obtido a partir de aspectos subjetivos dos produtos”.

É relevante acrescentar que dos 40 alunos envolvidos apenas 01 teve grande dificuldade em realizar as atividades propostas. Sendo, a sua justificativa apresentada como roubo do seu celular dias antes do começo da coleta de dados, mas que por algumas vezes utilizou um celular de um dos alunos participante da pesquisa. Mesmo a maioria usando o celular diariamente para conversas, trocas de áudios e de vídeos, muitos manifestaram timidez ao produzir imagens em movimento, usando como recurso apenas a voz, para descrever o lugar que os mesmos mantêm relações afetivas.

As imagens que são diversificadas servem de apoio a esclarecer o que é o lugar de acordo com as subjetividades desses envolvidos na pesquisa. Não há nada mais esclarecedor que as imagens. E nada mais gratificante que ver uma forma de ensinar com a utilização de um recurso que está próximo a todos os alunos.

Ao tratar de realidades da intervenção com a Tecnologia móvel, significa dizer que minha intenção é ainda dentro de uma linha dicotômica de respostas dos envolvidos na investigação alunos e professores, além de acrescentar as concepções teóricas que discutem as linhas abordadas revelar o que os mesmos consideram sobre o assunto.

As primeiras partes deste capítulo já apresentam resultados da intervenção, no momento em que os professores e alunos manifestam as suas respostas. No quadro 02 as categorias são apontadas e tratadas com as descrições dos alunos e das corroborações teóricas.

As intervenções realizadas em dias apontados nos procedimentos metodológicos nos favoreceram uma série de respostas quando incitados os alunos a responderem sobre o uso da Tecnologia móvel e sua proficiência para o ensino do aluno e a sua aprendizagem.

Desta forma conforme Silva:

A formação inclusiva do usuário das tecnologias digitais e da Internet precisará se dar conta das demandas da cibercidadania. Deverá prepará-lo para atuar no ciberespaço e na cibercidade. [...] É preciso garantir a inclusão do sujeito como autor e coautor nos ambientes por onde ele transita de conexão em conexão. (SILVA, 2010, p. 141).

O preparo do aluno para esse novo universo que já se desvelou há tempos é uma obrigação da escola e dos professores, as formas de adquirir conhecimento no mundo da cibercultura, de forma a adentrar no ciberespaço e se fazer parte dele como produtor de conteúdos é de sobremodo importante. Esse é o novo contexto em que estamos envolvidos aliar seja qual for a ciência a ser discutida com a tecnologia.

Iniciei minha intervenção direta na escola e com os alunos apontando como ocorreria a nossa pesquisa, logo, objetivos a serem alcançados e a forma de seletivar os sujeitos que estariam fazendo parte da mesma.

Através de uma exposição rápida cerca de 40 minutos para a comunidade escolar, apresentei o projeto de pesquisa os condicionantes da intervenção escolar.

Nesse caso, ficou exposta todos os objetivos que me propunha e investigar com o grupo de alunos que fossem selecionados. Foi exposto para a comunidade os benefícios de se estudar usando a tecnologia, apontando que o celular por estar tão presente na vida dos alunos deveria ser explorado. Conduzi a abordagem de apresentação para uma linha cronológica e apontei terminologias usadas atualmente. Abaixo segue uma das imagens do momento da exposição oral para gestores, professores e alunos presentes nesse espaço.



Figura 22. Apresentação do projeto para a comunidade escolar.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Após a apresentação para toda a comunidade docente e discente foto 14, tratei então de selecionar os possíveis participantes da pesquisa. Logo, os que se interessaram possuíam curiosidades de qual seria a forma de trabalhar geografia para a construção de um conceito que apenas era discutido em sala de aula, sem o protagonismo conceitual do aluno, mas a repetição do que os materiais didáticos apresentam.

Ao longo da investigação na escola e com os alunos, a intervenção ocorreu em diferentes etapas, a etapa da apresentação ao corpo escolar, a etapa de estar com os alunos e discutir os aportes teóricos, discutir apresentar a Topofilia para os alunos, a etapa do momento em que todos tinham que utilizar os seus aparelhos de celular para trazer para a escola as imagens que reproduzissem os seus sentimentos, a etapa das entrevistas, dos questionários aplicados, a etapa da construção de um guia de perguntas para a entrevista com membros da comunidade, a etapa das oficinas de aplicativos para a edição de imagens e vídeos e a etapa final da apresentação dos resultados pelos alunos para todos. Essas etapas reconstruíram o caminho que está presente no método da pesquisa-ação.

Algumas dificuldades aparentes ocorreram no andamento da intervenção, devido aos alunos nunca terem utilizado seus celulares com fins didáticos. De forma

esporádica alguns comentaram que o uso se restringia a realização de pesquisas na internet, isso quando dispunham de bônus para efetivar as pesquisas, sendo que poucos tiveram a oportunidade de usufruir desta maneira.

Existem atualmente diversos aplicativos no campo da geografia, mas os professores não utilizam, e muitos são jogos bem simples. É importante acrescentar que a falta de logística adequada na escola faz com que o professor também não consiga desenvolver algumas dessas possíveis atividades na escola com seus alunos.

Em relação às dificuldades que os alunos encontraram ao longo do percurso das atividades, vale apresentar seus posicionamentos sobre esse assunto, a fim de esclarecer com precisão. Os alunos comentaram sobre a produção das imagens e dos vídeos retratando as dificuldades:

A única dificuldade é que a câmera do meu celular é ruim por isso não do jeito que eu quero. (resposta do aluno 04, 2017).

A minha dificuldade foi que eu não tinha um celular para gravar, por parte disso entreguei um pouco tarde o vídeo. (resposta do aluno 11, 2017).

A edição do vídeo, por esse motivo entreguei o vídeo sem edição. (resposta do aluno 16, 2017).

O celular que tem uma câmera muito boa. (resposta do aluno 19, 2017).

O medo de ser assaltado enquanto estava tirando fotos. (resposta do aluno 25, 2017).

A dificuldade que eu tive nos vídeos foi a forma de falar sobre o local. Por eu querer gravar em outros lugares, mas pelo motivo do lugar ser um pouco perigoso e eu não poder ir até lá sozinha por que não tenho companhia pra ir comigo. (resposta do aluno 33, 2017).

De eu andar por aí e vim alguém me roubar. (resposta do aluno 35, 2017).

Das preocupações os alunos apresentaram a onda de roubos que eles estão acostumados a enfrentar nos bairros que vivem, por falta de segurança, não ocorreu nenhum roubo com os envolvidos na pesquisa no período que ocorreu as atividades, logo, as atividades ocorriam fora da escola para a produção de imagens. É importante expor sobre as edições, apresentei alguns aplicativos que foram usados para editar os vídeos e as imagens editados diretamente no celular.

Tratei com os alunos em uma oficina após todos terem trazidos as imagens sobre os seus lugares, bem como suas entrevistas com a comunidade dos bairros em que vivem, o que endossou os aspectos empíricos da pesquisa.

Nessa oficina tratei de expor aos alunos a necessidade de tratarmos das imagens sem movimento e com movimento, a forma de editar as imagens que todos trouxeram, muitos nunca tinham tido a oportunidade de trabalhar com diferentes aplicativos. Levei para a sala de aula um roteador para que pudessem baixar os aplicativos que foram apresentados, quando alguns não conseguiam eram convidados para que fizessem o *download* em suas casas. Desta forma, consegui com que a maioria tivesse acesso a esses aplicativos.

Os aplicativos foram apresentados em forma de oficina, explicitado o seu uso, desde a maneira de entrar na loja virtual da *play store*. Notamos que muitos já usavam diferentes aplicativos, e poucos não conheciam os editores de imagens, quase todos não sabiam utilizar aplicativos para editar vídeos.

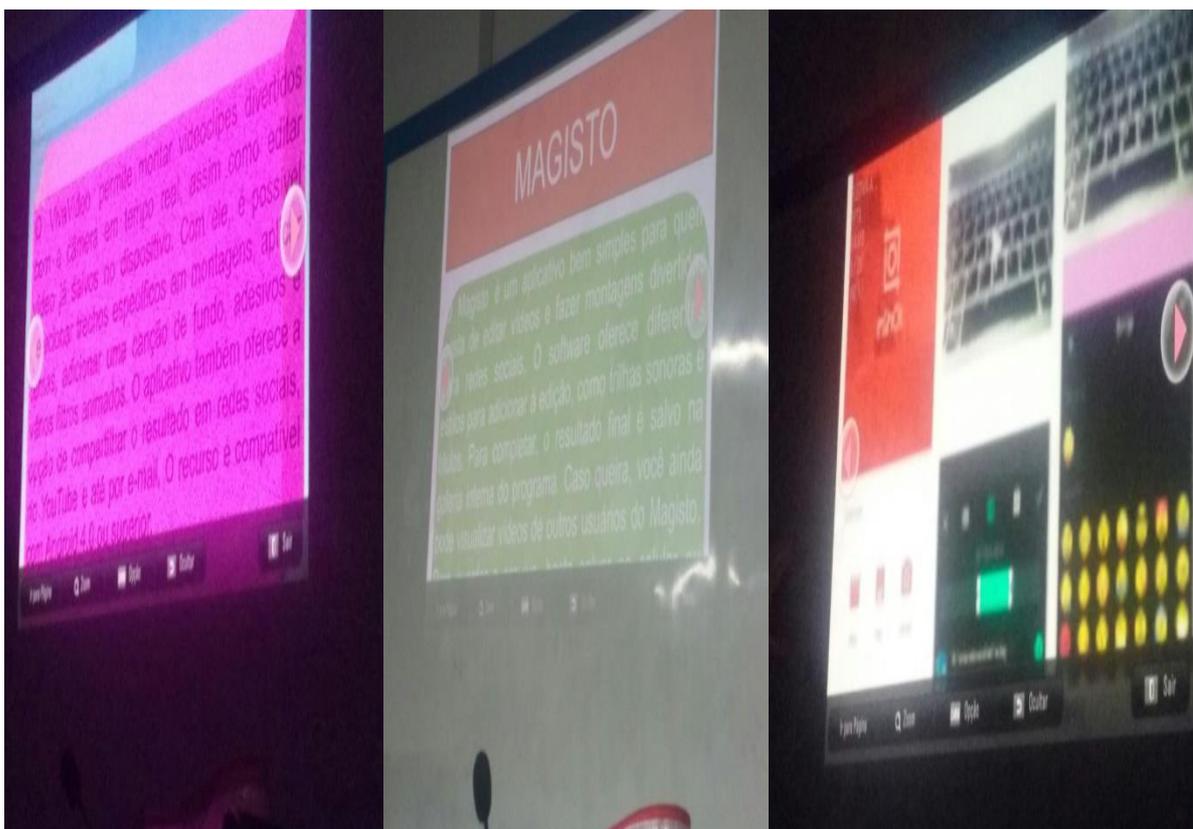
A câmera também em alguns aparelhos foi considerada pelos alunos como um dos problemas na produção dos seus trabalhos, contudo, não impediu a realização. Devo destacar que em alguns casos, o celular de um ou mais de dois alunos foram emprestados para que aqueles que não tivessem conseguindo.



Figuras 23, 24 e 25. Oficinas de Edição de Imagens e vídeos com aplicativos.
Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

As imagens 23, 24 e 17 mostram alguns momentos das oficinas que propiciaram aos alunos um contato com os editores de vídeos e de imagens. A oficina teve o objetivo central de discutir de que forma as imagens poderiam ser melhoradas, caso os alunos tivessem o interesse, contudo, o elemento central era a

edição de vídeos, além do nível de dificuldades ser maior, a criatividade dos alunos na edição se tornou o alvo, tanto quanto, a produção de vídeos criando um enlace maior entre os alunos e o seu lugar. Nessa oficina as dúvidas foram dirimidas, a apresentação foi realizada em *slides* pelo proponente desta pesquisa como uma forma também de intervenção direta, o uso dos aplicativos em sala e fora da sala de aula pelos alunos teve um resultado satisfatório.



Figuras 26, 27 e 28. Oficinas de apresentação dos aplicativos para Edição de Vídeos e Imagens.
Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

É importante esclarecer que esse tipo de atividade foi realizada pela primeira vez com esses alunos, passamos por etapas para que pudéssemos efetivar a busca de informações fora sala de aula, de forma planejada e na esperança que os alunos conseguissem desenvolver um conceito pessoal e subjetivo sobre o lugar. Existe uma obviedade em todo o contexto proposto, desde a pesquisa e levantamento bibliográfico à apresentação da pesquisa aos professores e alunos.

Sobre a importância dessa intervenção que também denomino de atividade, os professores destacaram como uma forma positiva de trabalhar o conteúdo, contrastando que não há melhor contextualização que aquela em que o sujeito esteja totalmente envolvido, as diferentes conjunturas que se encontram e

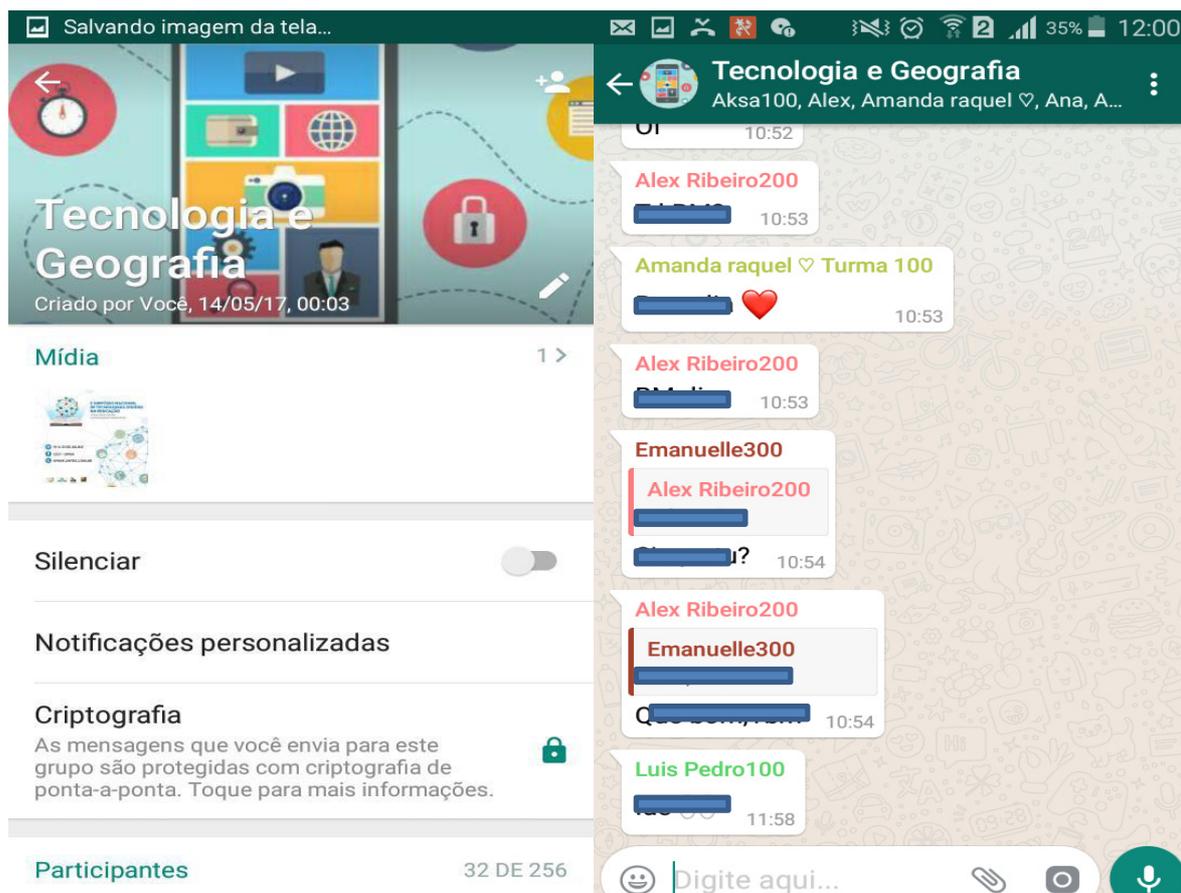
criam motivos para ampliar mais as discussões, são as intersubjetividades sobre todos os pontos oferecidos pelos colaboradores dessa investigação.

Reproduzir as imagens como maneira de materializar os lugares que os alunos expuseram nas entrevistas e nos questionários tornou-se parte da didática em que o professor pode usar para o ensino da geografia, direcionando para que possam também aprender como protagonistas do conhecimento LOWMAN (2004). “A questão real não é se as atividades dentro ou fora da sala da classe são mais importantes, mas como elas podem ser mais bem integradas para o propósito de satisfazer a um conjunto combinado de finalidades”. (LOWMAN, 2004, p. 213).

São essas combinações que devem existir na forma dos professores desenvolverem as suas aulas, não se pode mais agir como se estivéssemos no século XIX ou XX, devemos abrir os olhos e as vontades de recriar metodologias, melhorar as didáticas para que a verdadeira gestão de ensino ocorra satisfatoriamente para todos.

Os encontros com os alunos nos levou a dirimir diversas dificuldades, contudo foi através do processo de *feedback* no aplicativo *whatsapp*, e do *facebook*, foi utilizado como um apoio mesmo fora da escola para retirar as dúvidas existentes, já que era a primeira vez que os alunos desenvolviam esse tipo de atividade. As oficinas proporcionaram momento presenciais, durante dois horários em que mantínhamos esse contato maior com os alunos e onde ocorriam algumas das produções dos alunos.

Por inúmeras vezes quando os alunos tinham dúvidas sobre o procedimento de produzir as suas imagens, os mesmos entravam em contato principalmente pelo aplicativo *whatsapp* por ser considerado uma forma de comunicação mais rápida, desta forma existia um controle de todas as ações dos alunos, pois, os mesmos além de perguntar mandavam as suas produções pelo mesmo aplicativo. A maioria dos alunos enviaram as suas fotos e vídeos desta forma, outros pelo cabo *usb* ou pelo *bluetooth*. Considero o alcance da intervenção extremamente satisfatória. Abaixo segue uma imagem do grupo de interação e ação entre pesquisador e alunos.



Figuras 29 e 30 . Print do grupo de *whatsapp*, para discussões.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

As imagens 29 e 30 acima representam uma das formas de tira-dúvidas dos alunos em todo o processo da intervenção, sobretudo, quando se tratava da produção das imagens e dos vídeos, muitas vezes os alunos enviavam áudios perguntando através do aplicativo que as imagens e vídeos foram enviadas. Como apresentado, em item anterior deste trabalho, houve intensa pesquisa para que depois ocorressem as ações, configurando com toda a base metodológica a pesquisa-ação. Assim, solicitei aos alunos que os mesmos sugerissem um nome para o grupo do *whatsapp* e ficou sendo: Tecnologia e Geografia, para que tratássemos apenas das questões direcionadas para a geografia e a tecnologia.

Esse foi o meio mais utilizado para estar em contato a qualquer dia e hora com os alunos. Assim, a investigação bem como a sua produção ocorriam diariamente, pois, todos os dias os alunos questionavam, sempre havia alguém que enviava o trabalho incompleto, ou que não conseguia por falta de conexões. Importante aqui ressaltar que por duas vezes a forma de envio dos trabalhos dos

alunos se deu via *bluetooth*²⁵, contudo, conseguimos fazer o *download* dos seus vídeos e das imagens.

Essa atividade da produção de vídeos e imagens pelos alunos, também foi apresentada de forma individual por eles, e apreciada pelos colegas, que observaram e puderam conhecer os trabalhos e lugares dos seus colegas de sala, criando-se a partir daí as intersubjetividades entre todos os trabalhos, destacando as suas falas sobre as apresentações.

Referente a essa forma de coleta de informações, produção de conhecimento ou atividade, os alunos revelaram informações importantes. Abaixo o quadro 04 mostra algumas das declarações desses alunos.

Foi bom e interessante até porque eu não gostava de fazer. Aluno 04

Bem interessante e aproveitador. Aluno 05

Achei bem interessante porque é um lugar e traz felicidades. Aluno 12

Foi uma coisa bem legal uma experiência bem legal. Aluno 13

Foi um trabalho interessante que me levou a gostar bastante da eletiva pela criatividade. Aluno 15

Amei muito quero fazer mais vezes e poder mostrar o ambiente que vivo com o intuito e mostrar o que amo e melhor que não gosto e da solução para resolver os problemas obtidos no meu cotidiano. Aluno 16

Achei maneiro e gostei muito. Porque aprendi algo novo tirei um pouco minha timidez de falar em vídeo. Aluno 17

Achei legal, mas como eu não tenho muitas habilidades em editar tive dificuldades principalmente com aplicativos que nem todos pega no meu aparelho. Aluno 19

Achei legal uma forma de expressar os sentimentos dos lugares que você habita e gosta. Aluno 21

Eu achei muito interessante porque é um modo de se expressar nosso modo de sentimento. Aluno 24

Eu achei interessante, pois foi minha primeira experiência de gravação e formação de vídeos. Aluno 25

²⁵ É o nome dado à tecnologia de comunicação sem fio que permite a transmissão de dados e arquivos de maneira rápida e segura através de diversos tipos de dispositivos. Fonte: Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/bluetooth/73301-voce-sabe-significado-simbolo-do-bluetooth.htm>>. Acesso em: 25 ago.2017.

Muito massa até porque o que fazemos darmos valor ao trabalho. Aluno 27

Achei legal para as pessoas que tem criatividade como David...hahaha. Uma forma de expressar sentimentos do lugar que você gosta ou não gosta. Aluno 33

Achei legal e interessante. Aluno 34

Achei legal pra mostrar o lugar que a gente mais gosta e o que a gente não gosta. Aluno 35

Bem interessante foi diferente. Aluno 37

Muito bom, pois assim eu pude ver que a lugares para nós bons ou ruins podemos ter uma forma de se expressar o que aquele lugar nos passa. Aluno 39

Quadro 04. Importância da atividade com vídeos e imagens.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Os alunos demonstraram total interesse pela atividade, pode-se observar nas respostas apresentadas na quadro 04 o seu envolvimento e suas respostas como validação da intervenção.

Considerando que as maneiras de ensinar como o seu conjunto de técnicas devem ter mais sentido, as observações de Lira (2016) são importantes serem apresentadas:

Para que o aprendizado ocorra de fato, faz-se necessário que os conteúdos ensinados aos estudantes tenham significado e que possam criar novas potencialidades como fontes futuras de significados em um processo contínuo e dinâmico de resignificação. Isso ocorre quando o currículo é elaborado a partir da realidade dos discentes, pois é no cotidiano que eles vão aplicar os novos conhecimentos. (LIRA, 2016, p. 28).

Ao professor cabe então aproximar a realidade que o aluno vivencia com os conteúdos aplicados em sala de aula, para que possam ter significado e fazer sentido. No campo da geografia durante muito tempo as formas discursivas dos conteúdos estavam assentadas sobre um abstracionismo, um imaginário, ou se concentrava em poucas imagens no material didático que pouco motivava os alunos. Como pode ser constatado através dos resultados da presente pesquisa, para que ocorra o envolvimento e maior interação entre todos os alunos, professores e o próprio conteúdo ensinado se faz necessário mudar as estratégias, a aproximação da realidade por meio da tecnologia móvel - celular-, viabiliza verdadeiras construções pessoais de conhecimento e o aluno é aqui a principal peça para que isso aconteça. Isso ocorre principalmente porque o aluno mudou já não é mais o

mesmo, ao trazer novos hábitos e habilidades para dentro da escola que são desenvolvidas fora da escola (BRAGA, 2013).

Já estamos no futuro e este requer professores que se enquadrem nas mudanças, assim como a escola e o currículo. Para Palfrey & Gasser (2011, p.280) “As escolas do futuro vão necessitar de corpo docente do futuro [...]”. Nossas escolas têm investido muito dinheiro em novas tecnologias, mas ninguém jamais se ofereceu para nos ensinar como aplicar essas tecnologias no nosso ensino.

Vejo que é inevitável a condição que o futuro nos reservou enquanto profissionais da educação, apesar de faltar muita política pública para o preparo do docente em sala de aula para o uso das TICs, este não pode se acomodar. São os alunos que outrora foram chamados de “nativos digitais” e agora conhecidos como “sábios digitais” que precisam deste apoio significativo dos intermediadores que frequentam diariamente as salas de aula.

Pelos estudos aqui evidenciados, entende-se que o ensino da geografia apenas irá ganhar se os profissionais se engajarem na busca pelas alfabetizações tecnológicas e o desenvolvimento com os novos recursos tecnológicos que estão disponíveis a todos, como os celulares.

Com a presença do produto final que se entrelaça à dissertação no formato de manual infográfico para o uso da tecnologia móvel, algumas imagens e um dvd com vídeos produzidos pelos alunos, mas com a finalidade de se estudar uma das categorias geográficas “o LUGAR” o professor poderá então estar se planejando previamente e analisado todas as reais possibilidades da sua interferência e de um fazer tecnológico em sua escola e com os seus alunos.

Deve-se então acreditar que esse formato didático, ou metodologia a ser utilizada para a gestão do processo de ensino e de aprendizagem da geografia é considerado mais prazeroso, logo, os alunos que são os protagonistas nesse processo utilizam diariamente os seus celulares, não é apenas o usar a internet, ou mesmo aplicativos, mas a alternativa é usar essa tecnologia conectado ou não. A utilização dela deve ser para o estado *online* ou *off-line*. O professor se programando poderá dar um salto de qualidade na compreensão do conteúdos ministrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, chego ao fim deste trabalho. Entretanto devo considerar que não é totalmente o fim, como algo concluído definitivamente, terminado ou mesmo tendo acertado, mas um 'fim' apenas considerado para preencher os elementos de estruturação do trabalho científico. Um contexto totalmente diferente do que penso a respeito, logo, para as discussões levantadas no campo teórico desta investigação-pesquisa-trabalho-dissertação, leva-me a acreditar que estou no caminho certo do ensinar a geografia com a participação efetiva do sujeito que se envolve no processo. Não apenas absorvendo o conteúdo, antes, contribuindo com a produção de conteúdo, de conceitos e de suspensões de informações tradicionalmente impostas.

Durante muito tempo o pensamento predominante na escola era do professor como detentor de todo o conhecimento adquirido das tradições. Um ser iluminado, distante de alcance, onde, suas práticas metodológicas em sala de aula eram pouco ou quase nunca questionadas. Os métodos tradicionais de ensino não me deixam fantasiar. Em um período de mudanças céleres, a escola, a educação, o ensino e a aprendizagem devem levar em consideração que não pode mais dormir no sono da insolência de um tradicionalismo mecânico ou da exposição de conteúdos mnemônicos.

No ensino da geografia não é diferente. É de sobremodo necessário atentar para a Revolução Tecnológica que tem alcançado todos os espaços sociais, a mudança de *status quo*, se torna premente diante de todas as possibilidades que o professor atualmente tem não podendo o mesmo se furtar ou se recolher a formas tradicionais de ensino acompanhar o presente leva a uma reconstrução na própria identidade profissional. Entretanto, é importante também na forma que penso não colocar o passado como um elemento insignificante, mas sim, observar com atenção redobrada como a sociedade (e os alunos) levam o seu dia a dia, para que desta forma o professor possa entender que não existe mais retorno aos modelos tradicionais da forma de ensinar e dos alunos em aprender.

Ao me aprofundar na pesquisa desde o seu início, aos poucos fui compreendendo como a Tecnologia é um aparato necessário para auxiliar o

professor no processo de ensino e aprendizagem amplamente debatido. Discute-se ainda como o professor pode conseguir a atenção de seus alunos? Como também se pergunta: Qual a maneira de fazer com que esses aprendam melhor? Fórmula mágica é evidente que não existe, mas as tentativas de aplicar incrementos na produção intelectual, no processo de transmissão de saberes se faz mister para aqueles que pensam em uma educação de qualidade.

A tecnologia móvel como é uma das variáveis estudada no campo desta pesquisa, pode ser um caminho, não é o fim, mas um meio que sendo usado de maneira correta, aplicada de modo planejado, leva a inferências importantes em todas as áreas do saber. Tenho desta forma a tecnologia móvel, como um recurso “ubíquo”, auxiliador do professor, instrumento de possibilidades na transfusão de conhecimento, contudo não mais esse ocorrendo com um receptor passivo, mas agora agente de produção direta. Mesmo ainda consciente que muitos possuem pensamentos paradoxais ao seu uso na escola, privando o aluno do seu usufruto, nessa pesquisa do uso da tecnologia móvel para estudar a categoria geográfica lugar, ficou evidenciado que o caminho como insiro no início é bem longo.

Sendo então, a tecnologia móvel um recurso de cunho pedagógico, a geografia tem se utilizado para tratar dos diferentes destaques que são arrolados em conteúdos nas escolas. Os aplicativos, as pesquisas na internet, a produção de grupos sociais, o uso do localizador, câmera, vídeo, gravador e etc. são formas que alguns professores têm ensinado de maneira diferente a mesma geografia distribuída exaustivamente no quadro-branco em sala de aula, que para um grupo seleto de docentes é a única tecnologia possível, uma soma de três elementos: quadro, pincel e o livro didático. Propor reflexões que objetive romper com tais posicionamentos é um dos meus interesses no campo educacional.

Ao apresentar nesse espaço iniciado pela discussão da maneira que os professores ensinam e das possibilidades do uso da tecnologia em sala de aula, proponho apenas a diretriz maior dessa pesquisa que é a relação afetiva que as pessoas possuem com o ‘lugar’. O fenômeno **LUGAR**, aporte da geografia, categoria que durante algum tempo foi renegada, mas que nas últimas décadas do século passado, começou a ganhar grande importância, como aponto nos capítulos desta Dissertação.

Nesse lugar que mantemos as nossas memórias vivas boas ou não, as relações topofílicas com cada lugar constituem identidade, são esses apontamentos

que a pesquisa tenta suscitar, não se pode apenas atribuir ao conhecimento das tradições, que aquilo que está como conceito deve ser o único a ser aceito, ou ensinado de forma que possa ser replicado sempre e sempre. Como acontece nas escolas.

O professor de geografia ensinando as categorias de base da geografia presentes no material didático e o aluno colhendo as informações, sem nenhuma chance de investigar se tais categorias e conceitos são aquilo que ele pensa. Como sabemos, produzir o conceito faz parte do processo cognitivo, entender, compreender, analisar e avaliar são as etapas da aprendizagem.

Desta forma, nesta pesquisa que teve o interesse de desvelar categoricamente as relações a partir da percepção do aluno sobre o lugar, com auxílio tecnológico, dentro da escola e fora dela, a condição de fazer acontecer o diferente, não apenas deixando para os livros e suas imagens a tradução real do lugar.

Perceber o lugar, sentir o lugar através da memória, do físico, é manter vivas relações, condição de uma geografia humanista, que tem como princípio respeitar o sujeito humano, as experiências que esse sujeito tem, configura a formatação do lugar vivido, as lugaridades são evidenciadas ao longo das suas experiências com vários ambientes.

As diversas descrições que os sujeitos através das suas respostas referentes aos seus lugares deram a essa pesquisa, são o espírito de todo o caminhar metodológico científico. Atrelando a essa pesquisa métodos que acredito na sua eficiência e rigor, a fenomenologia e a pesquisa-ação que conduzem através da importância das subjetividades dos envolvidos na coleta e da forma da condução das etapas da pesquisa com a devida ação requerida e apresentada em forma de produto final.

Trilhei pelo caminho da Fenomenologia da Percepção, enveredei pelas observações da Topofilia, sempre levando a pesquisa para um nível que não fosse primário apenas. Acreditando que os professores, leitores interessados por esse campo de pesquisa, devam ter a condição de entender que essa produção tem uma veia forte pautada na filosofia, não apenas pela atitude fenomenológica escolhida, mas pela forma apresentada em suas análises de resultados, de maneira que seus envolvidos perscrutam a todo o instante essa trajetória.

Vale acrescentar que durante esse caminhar com a atitude fenomenológica meu interesse em compreendê-la foi tanto que o debruçar sobre as bases teóricas foram necessárias, indo participar de eventos que tratassem sobre o universo da Fenomenologia. Aprendendo com teóricos que desenvolvem pesquisa nesse campo em nosso país e fora dele, como o caso do professor Dr^o. Werther Holzer da Universidade Fluminense do Rio de Janeiro, o professor Dr^o. Gilberto A. Damiano da Universidade Federal de São João Del Rei-MG, onde de forma conclusiva acreditei por mais uma vez estar no caminho certo, participando de um Encontro sobre a Fenomenologia na Educação no ano de 2017 em São João Del Rei no estado de Minas Gerais.

Apostei que poderia tratar de questões filosóficas e tecnológicas com vistas a ensinar geografia e desvelar no campo da Fenomenologia e que o tratamento sobre as categorias geográficas podem ser desenvolvidas de forma interdisciplinar e não apenas separando a geografia de outras áreas.

A Dissertação e sua intenção devem ter peremptoriamente a condição e levar essa contribuição para a ciência social de abordagem exclusivamente qualitativa, com intenso subjetivismo. Ademais, de posse da intenção da Geografia Humanista, os alunos que ofereceram de prontidão as suas percepções se deixando recolher em palavras para serem lidas por muitos, podendo ser criticadas, aplaudidas ou refletidas, constituem o melhor deste trabalho árduo por natureza.

Apresento o termo árduo, por se tratar de se fazer ciência subjetiva. Logo, alguns aspectos como os enlaces estatísticos às vezes inflexíveis não são apresentados nesta investigação. Haja vista, que o sujeito como um ser distante do objeto, não fazendo parte do processo de pesquisa não teve nenhum interesse por parte do pesquisador e por se tratar de uma pesquisa qualitativa. Desta forma acredito que sujeito está para o objeto de estudo como o objeto de estudo faz parte integral do sujeito. Nossa perspectiva fenomenológica é tratar desses aspectos, a fim de enriquecer mais ainda o debate de se fazer e ensinar geografia com atitudes filosóficas, com todas as possíveis novidades tecnológicas.

Essas conexões levantam sugestivas ideias para o ensino da geografia, a bem da verdade, ainda que convertidas a uma filosofia que prioriza as descrições sentidas pelo sujeito e que o recomeço se faz sempre necessário colhi de forma às vezes não esperada os sentidos dos indivíduos não da maneira que havia planejado.

Contudo, esse é o grande mistério da investigação, se tudo já estivesse pronto apenas esperando o seu desvelar seriam monótonas as descobertas.

Durante o período de envolvimento com a pesquisa e com os sujeitos reformulações de prioridades estiveram sempre presentes, na vontade exclusiva de aproximar as realidades dos alunos para um saber-fazer próprio de cada um com as produções individuais e com as discussões coletivas, fizemos juntos ciência, numa tentativa, para que a geografia tivesse então um foco de relevância no Ensino Médio, unimos a tecnologia, e todos podiam falar que estavam estudando geografia fora e trazendo para dentro da escola seus resultados.

Os percalços se apresentaram quando a timidez de muitos falaram mais alto, *a priori* planejei que as imagens que esses trariam do lugar deveriam ter a presença visual de cada sujeito, nas rodadas de (re)planejamentos da pesquisa ficou evidenciado a grande dificuldade desses aparecerem junto as produções de imagens. Entretanto, não seria esse o maior dos problemas para a coleta das percepções e das relações que tinham com o lugar, foi dado então o redirecionamento para que suas produções fossem feitas sem as famosas *selfies*, mas que abordassem exatamente aquilo solicitado.

Essas dificuldades decorrem de como os alunos utilizam os seus aparelhos, sendo que muitos não entendiam que poderia ser utilizado para compreender melhor conceitos de geografia.

Assim dito, assim feito. Primando pela *epoché* não de forma a negar o mundo real, mas antes suspender provisoriamente todos os enlaces teóricos que se tinha sobre o lugar, e na busca de equilíbrio na investigação as imagens com as falas de cada sujeito ressoam transmitindo seus resultados com firmeza nessa perspectiva que se aplica incontestemente para um *modus operandi* no ato de ensinar categorias geográficas com o método da Fenomenologia da Percepção.

As reduções que ocorreram com base na Fenomenologia da Percepção constituem a importância do sujeito de se tornar efetivamente produtor de informações através das duas descrições sobre o fenômeno que foi estudado e as suas essências que se apresentaram ao longo da pesquisa.

Incansavelmente, os sujeitos decifraram que as suas relações com os seus lugares sustentam a sua própria geograficidade, em determinados momentos o que não era conhecido, tornou-se para os envolvidos mais próximos, suas

experiências são fatos narrados que produzem esses lugares, o amor por ele ou às vezes a apatia, o ódio pelo lugar, também foram amplamente manifestados.

Durante a pesquisa também ocorreram situações naturais para quem está em busca de respostas, no caso as maiores complicações foram quando os alunos não possuíam os aparelhos móveis, nesse caso o celular, alguns tiveram que pedir emprestado para pessoas de confiança, pais, primos, amigos para que pudessem realizar as tarefas sugeridas. Consegui efetivamente que todos mantivessem contato diário comigo durante um semestre de investigação. Acrescento que cabalmente seguiram as orientações tendo como resultado a pesquisa e as suas percepções.

As imagens que os alunos-sujeitos, sujeitos-alunos produziram com seus celulares, o que pós-uso do celular fez com que construíssem seus próprios conceitos do lugar, são as mais expressivos para cada um deles, não cabe a mim nesse contexto, pensar que são belas imagens ou o inverso, mas acreditando na potencialidade de utilizar todos os dispositivos que os aparelhos de celulares possuem se fez uma investigação qualitativa, social e acima de tudo voltada para que os professores possam compreender de uma vez por todos, que a Tecnologia Móvel existe para ser usufruída em todos os contextos possíveis, recriando, desconstruindo e reconstruindo através das intervenções didáticas planejadas, a maneira mais prazerosa da construção individual do conhecimento pelo próprio sujeito.

Apesar de algumas dificuldades aparecerem ao longo de todo o processo, pois, se está lidando com sujeitos sociais com perspectivas e entendimentos diferentes, fui agraciado com um grupo de participantes que estavam empenhados e curiosos de como poderia ser unificado geografia e tecnologia, com um viés subjetivo, dando importância ao que o próprio sujeito produzia.

Essa forma dada ao conjunto do projeto inicial em que o sujeito participante seria o protagonista do processo, fez com que o interesse fosse geral. Entretanto, como iniciado sobre as dificuldades a maior se refere a um assunto que fiz questão de manter distante para não atrapalhar a pesquisa, tal dificuldade encontrada foi de logística, as escolas não estão preparadas ainda para o mundo da tecnologia.

Faltam posicionamento e autonomia dos espaços escolares, esses não conseguem cumprir com o mínimo possível de conectividade entre os alunos e o universo da internet. O que acaba dificultando maiores intervenções com vistas a

desenvolver experiências e adquirir conhecimentos com o uso da prática com a tecnologia.

Mesmo a sociedade conectada, os estudos que apontam para a necessidade do envolvimento com a tecnologia, muitos ainda desconhecem a sua proficiência para a Educação. As escolas públicas e o esquecimento do Estado é um dos maiores estorvos, vive-se de fantasiosas falácias no seio do sistema educacional. Contudo, a realidade é totalmente distante do que os administradores da Educação apregoam. Tecocratas que apenas usam palavras sem ter o conhecimento pragmático de como se pode apresentar melhores resultados com a melhoria do suporte educacional.

Concluo que as tessituras ontológicas desta Dissertação são exclusivamente para apresentar uma possibilidade triádica entre: a Geografia Humanista, Tecnologia Móvel e método Fenomenológico onde apontam favoravelmente para a Educação Básica e o ensino da geografia, a capacidade de o professor mudar construções anteriores à “Sociedade em Rede”. Tudo mudou e devemos mudar ser reconstruídos diariamente, bem como nossas metodologias de ensino. Entretanto, depende de uma série de fatores, o professor motivado para desvelar os seus saberes pedagógicos que utiliza em sala de aula, sem que esses tornam-se parte de uma ‘caixa preta’ esquecida e a ação do Estado diretamente na logística da estrutura escolar. Desta forma, acredito em um fazer pedagógico, uma gestão de ensino na geografia com retornos significativos e resultados surpreendentes.

Reitero que a pesquisa se apresenta como inovadora, pois, concentra três linhas: Tecnologia, Fenomenologia e Geografia, para alcançar e discutir conceitos e que novas investigações no campo que envolve as três áreas serão ainda desenvolvidas. O entendimento sobre os fenômenos e suas essências, as subjetividades dos sujeitos e suas experiências, os elementos simbólicos, a Tecnologia para a educação são constituintes das minhas próximas intenções para contribuir com o desenvolvimento do ensino da geografia.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Iana Assunção de; PASSOS, Elizete. **A Tecnologia como caminho para uma educação cidadã**. Cairu em Revista: Sociedade, Gestão, Educação e Sustentabilidade. 2013. ISSN: 2237-7719. Disponível em: <<http://www.cairu.br/revista/artigos3.html>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALCICI, Sonia Aparecida Romeu. **Tecnologia na escola: abordagem pedagógica e abordagem técnica**. In: ALMEIDA, Nanci Aparecida de (coord.). São Paulo: Cenpage Learning, 2014.

ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de. **Geografia: geografia geral e do Brasil**, volume único. 1 ed. São Paulo: Ática, 2005.

ANDRADE, Manuel Correia de Andrade. Trajetória e compromissos da geografia brasileira. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) **A geografia na sala de aula**.- 9.ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 09-13.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2010.

ARNHEIM, Rudolf. **Vcra une psychologic de l'art**. University of California Press, 1981.

AUMONT, J. **A imagem**. 7 .ed. Campinas: Papirus, 2002.

BACHELARD, Gaston. **La poétique de l'espace**. 2. ed. Paris: P.U.F, 1958.

_____. **A poética do espaço**. 2. ed, São Paulo: Abril Cultural, 2013.

BALDISSERA, R. **Comunicação organizacional**: o treinamento de recursos humanos como rito de passagem. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2000.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio C. Guimaráes. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUER, Martin W. Análise do Conteúdo Clássica: uma revisão. In:_____; GASKELL (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.189-217.

BAULIG, Henry. A Geografia é uma ciência?. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, SP: DIFEL, 1982. p. 59-70.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista *et al.* **WHATSAPP suas aplicações na educação**: uma revisão da Literatura. Revista Educação online. Volume 10-nº20- maio/agosto, 2016. Disponível em: <
<http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=educaonline&page=article&op=view&path%5B%5D=824>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

_____. **Blogs na Educação**: desenvolvendo as habilidades dos alunos. In: Revista Educa online. Volume 5- nº2- maio/agosto. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Coleção Estudos, 2007.

BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes Digitais: reflexões teóricas e práticas**. 1 ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares do Ensino Médio**. 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares do Ensino Médio**. 2015. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>.> Acesso em: 13. dez. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Brasília: MEC, 1999.

_____. **Portaria da CAPES nº - 966/Ger-5, de 22 de junho de 2009**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/port_mestrado_profissional1.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2017.

BUTTNER, Anne. Erehwon or nowhere land. In: GALE, S; OLSSON, G. **Philosophy in geography**. Dordrecht, Holland, D. Reidel Publishing Company, 1979, pp. 9-37. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-009-9394-5_2>. Acesso em: 12 jan. 2017.

_____. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, SP: DIFEL, 1982. p.165-193

CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A; CASTROGIOVANNI, A. C (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. A Geografia é ensinada nas séries iniciais? Ou: Aprende-se Geografia nas série iniciais?. In: TONINI, I. M.; GOULART, L. B; MARTINS, R. E. M. W.; CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Caderno Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago, 2005. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf> br>. Acesso em: 04 fev. 2017.

_____. **O lugar como possibilidade de construção de identidade e pertencimento.** Artigo apresentado no VIII congresso luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004. Disponível em :<<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

CAMACHO, Mar. Mobile learning em la educacion superior: primeros pasos para el diseño y creacion de cursos con tecnologías móviles In: CARVALHO, Ana Amélia A.(Org.). **Aprender na era digital: jogos e mobile learning.**Edi. de Facto, 2012.

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e Ciências Humanas.** Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **A Geografia na sala de aula.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico- compreensiva, artigo a artigo.** 18. ed. Atualizada e ampliada.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARVALHO, Ana Amélia A; MOURA, Adelina. Mobile Learning: using SMS in educational contexts. Brisbane: Springer, 2010, p.281-291. Disponível em: https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/978-3-642-15378-5_27.pdf. Acesso em: 12. ago. 2016.

CARVALHO, Ana Amélia A. **Aprender na era digital: Jogos e Mobile-Learning.** Santo Tirso: De Facto Editores. 2012, p.127 - 147.

CARROL, Lewis. **Aventuras de Alice.** [Tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite]. São Paulo: Summus, 1980.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **A alfabetização em geografia.** *Espaços da Escola*, Ijuí, v. 10, n. 37, jul./set. 2000, p. 29-46. Disponível em:<<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/294/545>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **A sociedade em rede: a era da informação:** economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz, e Terra, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A; CASTROGIOVANNI, A. C (Org.). **Ensino de Geografia:** Práticas e textualizações no cotidiano. 7. ed. Medição: Porto Alegre, 2009. p.11-79.

_____. **O ensino de Geografia e suas composições curriculares.** Porto Alegre: Ufrgs, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas-SP: Papyrus, 1998.

_____, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade:** ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. 3. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2010.

CERBONE, David Ralph. **Fenomenologia.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CORRÊA. Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA. Roberto Lobato (Org.). **Geografia:** Conceitos e Temas. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p.15-47.

CORTÁZAR, Julio. **Las bablas del diablo.** Buenos Aires: Editorial Sudamérica, S.A., 1970. Disponível em:<<https://dobrasvisuais.files.wordpress.com/2010/08/as-babas-do-diabo1.pdf>>. Acesso em: 12. mar. 2017.

COSCARELLI, Carla Viana. Tecnologias para aprender. In: _____(Org.) **Navegar e ler na rota do aprender**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p.62-80.

COUTINHO, Clara Pereira *et al.* **M-Learning e Webquests**: as novas tecnologias como recurso pedagógico. Belo Horizonte: Revista Educação e Tecnologia, v. 11, n.2, p. 57-63. Jul./dez, 2006. Disponível em: <https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/370>. Acesso em: 22. out. 2016.

_____. **PODCAST EM EDUCAÇÃO**: UM CONTRIBUTO PARA O ESTADO DA ARTE. IN: BARCA, A., PERALBO, M., PORTO, A., DUARTE DA SILVA, B. e ALMEIDA, L. (Eds.). Libro de Actas do Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía. A.Coruña/Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación. 2007, p. 837-846. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7094/1/pod.pdf>. Acesso em: 15. nov. 2016.

CUMMING, Laura. **A face to the world on self- potraits**.London: Harper Press, 2009.

CUNHA, Antonio Geraldo. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexihon Editora Digital, 2007.

CHECHUEN NETO, José Antonio; LIMA, William Guidini. **Pesquisa qualitativa**. Curitiba: CVR, 2012.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As Características da Nova Geografia. In: _____(Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, SP: DIFEL, 1982. p.71-101.

_____. As Perspectivas dos Estudos Geográficos. In: _____(Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, SP: DIFEL, 1982. p.12-35.

DANIEL, Jonh. **Educação e tecnologia num mundo globalizado**. -Brasília: UNESCO, 2003, p.216.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: ed. Perspectiva, 2015.

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?**-3 ed- São Paulo: Ed. Moraes, 1992.

DESLANDES, Keila; FIALHO, Nira. **Diversidade no ambiente escolar**: instrumentos para criação de projetos de intervenção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DRISCOLL, Marcy Perkins. **Psychology of learning for instruction**. Third Edition. Florida State University, 2005. Disponível em: <http://ocw.metu.edu.tr/file.php/118/Dris_2005.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

ENTRIKIN, Jonh Nicholas; BERDOULAY, Vincent. Lugar e Sujeito: Perspectivas Teóricas. In: MARANDOLA JR., Eduardo José; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 93-116.

FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos** [livro eletrônico] /Agripina Encarnación Alvarez Ferreira. – Londrina: Eduel, 2013. 1 Livro digital. Disponível em: <<http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitais-gratuitos.php>>. Acesso em: 04 set. 2016.

FERRAZ, Marcus Sacrini Ayres. **Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2009.

FILIZOLA, Roberto; KOZEL, Salete. **Teoria e prática do ensino de Geografia**: memórias da terra. São Paulo: FTD, 2009.

FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime Tadeu. A geografia e suas linguagens. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. 9. ed. 2 reimpressão- São Paulo: Contexto, 2013, p. 62- 78.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288 p.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. **O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista: um lugar chamado Avenida Paulista**. 2010. 266 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana)-Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista anglo-saxônica - de suas origens aos anos 90**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.55, n.1/4, p.109-146. 1993.

_____. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil no século XVI**. 1998. 234 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. **O lugar na geografia humanista**. Revista Território, Rio de Janeiro, Ano IV, n.7, p. 67-78, jul/dez. 1999. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf>. Acesso em: 18 out. 2016.

_____. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea**. Revista GEOgraphia, Niterói, v. 5, n. 10, p. 113-223. 2003. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/130/127>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

_____. **A geografia humanista: uma revisão.** Revista Espaço e Cultura. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, n. 38, edição comemorativa 1993-2008, p.137-147. 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

_____. Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia. In: MARANDOLA JR., Eduardo José; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.281-304.

_____. **Sobre Territórios e Lugaridades.** Revista Cidades. São Paulo, v. 10, n. 17, p. 18-29. 2013. Disponível em:<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232/2746>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

_____. **A Geografia Fenomenológica de Éric Dardel.** In: DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

_____. **A Geografia Humanista: uma revisão.** Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, Edição comemorativa, p. 137-147, 2008.

_____. A influência de Éric Dardel na construção da Geografia Humanista Norte Americana. In. **Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos.** Porto Alegre, 2010. p. 1-11. Disponível em: <<http://goo.gl/Bsfv4g>>. Acesso em: 23 jan.2017.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** 15. ed. São Paulo: Vozes, 2005.

HUSSERL, Edmund. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental** – uma introdução à filosofia fenomenologia. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2012.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa, Ed. 70, 2007.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LA BLACHE, Paul Vidal de. As Características Próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, SP: DIFEL, 1982. p. 37-47.

LASTRES, Helena, ALBAGLI Sarita. **Informação e Globalização na Era do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999, p.163.

LEMOS, André; Cunha, Paulo (Org.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003, p. 11-23.

_____. **Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais matrizes**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. USP, ano 1, n.1, São Paulo, 2007, p.121-137.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?**. São Paulo: Ed.34, 1996.

_____. **As tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999.

LOBO, Roberto Jorge Handdock. **A Filosofia e sua evolução: pequena história do pensamento humano**. São Paulo: Ed. Populares, 1979.

LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. São Paulo: Atlas, 2004.

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, SP: DIFEL, 1982. p.103-141.

LIRA, Bruno Carneiro. **Práticas pedagógicas para o século XXI: a sociointeração digital e o humanismo ético**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MARANDOLA JR, Eduardo José. **Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência**. Geografia. Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.

MARANDOLA JR., Eduardo José; DAVID, Emanuel Madeira. **O pensamento fenomenológico na educação geográfica: caminhos para uma aproximação entre cultura e ciência**. Caderno de Geografia, v.26, n.47, p. 684-713. 2016. DOI 10.5752/p.2318-2962.2016v26n47p684. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/p.2318-2962.2016v26n47p684>. Acesso em: 7 mai. 2017.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto Circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo José; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.227-247.

MARINHO, Samarone Carvalho. **UM HOMEM, UM LUGAR: Geografia da vida e Perspectiva ontológica**. 2010. 335 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana)- Departamento de Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **Acción y ideología: Psicología Social desde Centroamérica**. San Salvador: UCA Editores, 1992.

MARTINI, Alice de. **Geografia: Ensino Médio**. 3. ed. São Paulo: IBEP, 2013.

MARTINS, Felisbela. **Ensinar Geografia através de imagens: olhares e práticas**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2014, p. 429-446. Disponível em:

https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=101831&pi_pub_r1_id=. Acesso em: 20 mai. 2017.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: a educação como poíesis**. São Paulo: Cortez, 1992.

MASSETO, Marcos Tarciso. **Didática: a aula como centro**. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Ensino de Inglês mediado pelo computador: software livre. In: BRAGA, Junia de Carvalho Fidelis. (Org.). **Integrando tecnologias no ensino de Inglês nos anos finais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Edições SM, 2012, p.85-107.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MELLO, João Batista Ferreira de. O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço. In: MARANDOLA JR., Eduardo José; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.33-68.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Pontes, 2006.

MORAN, José Manuel. **Tendências da educação online no Brasil**. 2005. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/tendencias.htm>>. Acesso em 02 abr. 2016.

_____. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21^a. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

_____. **Aprender e ensinar com foco na educação híbrida.** Revista Pátio, nº 25, junho, 2015, p. 45-47. Disponível em: <<http://www.grupoa.com.br/revistapatio/artigo/11551/aprender-e-ensinar-com-foco-na-educacao-hibrida.aspx>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **O discurso do avesso:** para a crítica da geografia que se ensina. São Paulo: Contexto, 2014.

MOURA, A.; CARVALHO, A. Twitter: A productive and learning tool for the SMS generation. In: C.M. Evans (Ed.), **Internet Issues:** Blogging, the Digital Divide and Digital Libraries. Nova Science Publishers, 2010. 199-214.

MOURA, Adelina Maria Carreiro. **Apropriação do Telemóvel como Ferramenta de Mediação em Mobile Learning:** Estudos de Caso em Contexto Educativo. 2010. 630 f. Tese (Doutorado em Ciências de Educação, na Especialidade de Tecnologia Educativa)- Instituto de Educação. Universidade do Minho, Braga-Portugal, 2010.

_____. Mobile Learning: Tendências tecnológicas emergentes. In: CARVALHO, Ana Amélia A. (Org.). **Aprender na era digital: Jogos e Mobile-Learning.** Santo Tirso: De Facto Editores. 2012, p.127 - 147.

NOVA, Cristina. Imagem e Educação: rastreando possibilidades In: ALVES, L.R.G; NOVOA, C.C (Org.). **Educação e tecnologia:** trilhando caminhos. Salvador: Editora da UNEB, 2003, v.1. p.180-196.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino da Geografia: um retrato desnecessário. Trajetória e compromissos da geografia brasileira. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) **A**

geografia na sala de aula. 9.ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 34-49.

OLIVEIRA, Livia de. "**Percepção e representação do espaço geográfico**". São Paulo: Studio Nobel, 1996. p. 187-212.

_____. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo José; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p.03-32.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e, BOHN, Vanessa Cristiane Rodrigues. O uso de tecnologias em aulas de Língua estrangeira: dos recursos off-line à Web 2.0. In: BRAGA, Junia de Carvalho Fidelis (Org.). **Integrando tecnologias no ensino de Inglês nos anos finais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Edições SM, 2012, p.58-83.

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. **Nascidos na Era Digital:** entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: M.W. Bauer; G. Gaskell (Eds.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002, p. 319-342.

PEREZ, Carlota. Revoluciones tecnológicas y paradigmas tecno-económicos. In: _____. '**Technological revolutions and techno-economic paradigms**'. Cambridge Journal of Economics, Vol. 34, No.1, 2010, p. 185-202. Disponível em: <http://www.carlotaperez.org/downloads/pubs/Revoluciones_tecnologicas_y_paradigmas_tecnoeconomicos.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

PIMENTEL, Carla Sílvia. **A imagem no ensino de Geografia:** a prática dos professores da rede pública estadual de Ponta Grossa, Paraná. 2002. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Estadual de São Paulo, Campinas, 2002.

PRENSKY, Marc. **From Digital Natives to Digital Wisdom**. Hopeful Essays for 21st Century Education. 2011. Disponível em: < http://marcprensky.com/writing/Prensky-Intro_to_From_DN_to_DW.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio da Costa. **Tecnologias e novas educações**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006. Disponível em :<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

RELPH, Edward. **Place and Placenessless**. London: Pion, 1976.

_____. **As bases fenomenológicas da geografia**. Geografia, Rio Claro, v.04, n. 07, p. 01-25, 1979.

REGO, Nelson; *et al.* **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

RIBEIRO, Roberto Souza. **Geografia e Imagem: A foto-sequência como metodologia participativa no 9º ano do ensino fundamental de geografia**. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2013.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3^a. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na Educação**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

RUIZ, C.B. **Os paradoxos do imaginário**. São Leopoldo, Editoria Unisinos, 2003.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização Tecnológica do professor**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1978.

SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTAELLA, Lúcia; WÖRTH, Winfried. **Imagem, Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminaris, 2001.

SANTOS, Maria José dos. **Usos pedagógicos das Ntic em sala de aula entre maneiras de fazer e táticas**: a resignificação do trabalho docente. 2009. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2009.

_____ ; MELO, Maria Alice; GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. Usos pedagógicos das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. In: NASCIMENTO, Ilma Vieira do; MORAES, Lélia Cristina Silveira de Moraes, BOMFIM, Maria Núbia Barbosa (Org.). **Currículo Escolar**: Dimensões Pedagógicas e Políticas. São Luis: Edufma, 2010.p. 147- 166.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2000.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEABRA, Carlos. **Tecnologias na escola**: como explorar o potencial das tecnologias de informação e comunicação na aprendizagem. Editora: Oficina Digital, 2017.

SIEMENS, George. **Conectivismo uma teoria de aprendizagem para a idade digital**. 2004.

<<http://usuarios.upf.br/~teixeira/livros/conectivismo%5Bsiemens%5D.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

SILVA, Marco. Inclusão Digital: algo mais do que ter acesso às tecnologias digitais. In: RANGEL, Mary; FREIRE, Wendel (Org.). **Ensino-aprendizagem e comunicação**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

SILVA, Ângela Corrêa da; OLIC, Nelson Bacic; LOZANO, Ruy. **GEOGRAFIA: contextos e redes 1º ano**. São Paulo: Moderna, 2013.

SILVA, Luciana de Oliveira. A formação do professor da educação básica para o uso da tecnologia: a complexidade da prática. In: BRAGA, Junia de Carvalho Fidelis (Org.). **Integrando tecnologias no ensino de inglês nos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo: Edições SM, 2012.

SILVA, Maria Cristina da Rosa; SCHLICHTA, Fonseca da Consuelo; DUARTE, Alcioni Borba. **LAPTOP NA ESCOLA: DAS TECNOLOGIAS ÀS IMAGENS NA SALA DE AULA**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em:<<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt24-4619.pdf>>. Acesso em 13. set. 2016.

SOARES, Suelly Galli. **Educação e Comunicação**: o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação, otimismo exarcebado e lucidez pedagógica. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, Maria Adélia de. **O Lugar de Todo Mundo**. A Geografia da Solidariedade. Conferência feita no I Encontro Internacional de Geografia da Bahia. 1997, p.01-10. Disponível em:
http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/pdfs/geografia_da_existencia_texto_maria_adelia.pdf. Acesso em: 14. jan 2017.

SCHÄFFER, Neiva Otero. Ler a paisagem, o mapa, o livro: Escrever nas linguagens da geografia. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Org.). **Ler e escrever: Compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 84 –101.

_____. O livro didático e o desempenho pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro texto. In: CASTROGIOVANNI, A. *et al.* (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003, p.35-52.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino da Geografia**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2009.

STRAFORINI, Rafael. Dilemas do Ensino de Geografia. In: _____. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 45-74.

TARDY, Michel. **O professor e as imagens**. São Paulo: Cultrix, Ed. USP, 1976. [tradução de Frederico Barros].

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça. **A cibercultura na educação**. **Revista Pátio**: 2013. Disponível _____ em: <https://loja.grupoa.com.br/revistapatio/Edicao_do_Mes.aspx?revistaSecaold=1>. Acesso em: 27 nov. 2016.

TERRA, Lygia. **Geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA**. São Paulo, SP: DIFEL, 1982, p.143-164.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. [tradução Livia de Oliveira]. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e Lugar**: A perspectiva da experiência. [tradução Lívia de Oliveira]. Londrina: Eduel, 2013.

WRIGHT, Jonh W. **Terrae incognitae**: the place of imagination in Geography. Annals of the association of American geographers. 1947. p.1-15.

VALENTE. José Armando. A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos. In: JOLY, M. C. (Ed.) **Tecnologia no ensino**: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 2002, p. 15-37.

VEEN, Wim. **Homo Zappiens**: educando na era digital. [tradução Vinícius Figueira]. Porto Alegre: Armed, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DO ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Área de concentração: Ensino na Educação Básica

Linha(s) de pesquisa: Ensino e aprendizagem na Educação Básica

Aluno: ALEXSANDRO COSTA DE SOUSA

Orientadora: MARIA DA GLÓRIA ROCHA FERREIRA

Linha de estudo: Ensino de Geografia (Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio)

Título da Pesquisa: **O celular como recurso pedagógico para um estudo sobre a relação das pessoas com o lugar.**

IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: _____

2. Tempo que atua como professor(a): _____

Este questionário tem a intenção de ser usado como instrumento de coleta de dados a ser realizado com os professores sujeitos da pesquisa de forma individual. Antecipo que todas as respostas terão o caráter de contribuir com a produção científica na área que estudamos. Acrescento que o sigilo é mantido como forma no tratamento ético da condução desta pesquisa. Seguindo as normas e parâmetros que regem os princípios da investigação científica.

INTRODUÇÃO

Gostaria de antecipar meus agradecimentos por concordar em participar desta pesquisa sendo indispensável a sua contribuição que é caracterizada como importante para o sucesso desta estudo .

O projeto de Pesquisa: O celular como recurso pedagógico para um estudo sobre a relação das pessoas com o lugar, é uma oportunidade de ser estudado aspectos que dizem respeito à categoria conceitual e estruturante da geografia. Inicio agora com a coleta dos dados a partir deste questionário que possui perguntas abertas que serão analisadas e interpretadas à luz das teorias e métodos que usaremos. A abordagem desta pesquisa está alicerçada no caráter qualitativo, portanto, as perguntas abertas são formas de você expor seus pontos de vista sobre as perguntas.

Obrigado pela contribuição!

1.Questionário da Pesquisa Professor/ Tema: Geografia Humanista
--

- 1.1) Como você pode descrever o ensino da geografia escolar no Ensino Médio?

- 1.2) De que forma o conteúdo acadêmico está articulado com a geografia escolar ministrada na sua escola?

- 1.3) Existem outros sentidos para o termo espaço nesse caso geométrico ou de outras formas. Que formas são essas?

- 1.4) Sobre o espaço que é uma referência no estudo da geografia, como você descreve no sentido geográfico?

- 1.5) Sobre as categorias de estudo na geografia, quais são as mais importantes e por quê?

2. Questionário da Pesquisa/ Tema: Geografia, Metodologia e Tecnologia

2.1) De que forma a geografia deve ser trabalhada em sala de aula e fora dela?

2.2) Para a exposição das categorias geográficas, qual a carga horária ou quantidade de aulas que você utiliza para ministrar todo o conteúdo?

2.3) Que tipos de meios nas suas aulas são consideráveis para melhorar o processo de ensino e aprendizagem?

2.4) Como você percebe a aprendizagem dos seus alunos?

2.5) Os conceitos que sustentam o material didático usado por você é baseado em que linha ou corrente de pensamento geográfico?

2.6) Você utiliza outras fontes de estudo? Cite quais.

2.7) Que autores você costuma trabalhar para melhor dialogar com as categorias que estruturam a geografia?

2.8) Que formas metodológicas usadas para ensinar a geografia?

3.Questionário da Pesquisa/ Tema: Tecnologia na Educação-Tecnologia Móvel
--

3.1) A tecnologia pode ajudar ou não o professor em sala de aula? Comente seu posicionamento.

3.2) Que tipos de recursos tecnológicos você utiliza para a ministração dos conteúdos?

3.3) Que tipos de significados a utilização de tecnologias atuais pode ter para o ensino da geografia? Comente sobre essa possibilidade.

3.4) Com qual frequência você utiliza recursos tecnológicos em suas aulas?

3.4) Você possui celular? Qual o modelo?

3.5) Utiliza com que frequência o celular?

3.6) Você tem alguma dificuldade no uso do celular? Quais atividades diárias o celular lhe auxilia?

APÊNDICE B- ROTEIRO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DO ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Área de concentração: Ensino na Educação Básica

Linha(s) de pesquisa: Ensino e aprendizagem na Educação Básica

Aluno: ALEXSANDRO COSTA DE SOUSA

Orientadora: MARIA DA GLÓRIA ROCHA FERREIRA

Linha de estudo: Ensino de Geografia (Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio)

Título da Pesquisa: **O celular como recurso pedagógico para um estudo sobre a relação das pessoas com o lugar.**

GUIÃO DA ENTREVISTA

Este guião serve para orientar as entrevistas a serem realizadas com os professores de forma individual no início da pesquisa.

INTRODUÇÃO

Gostaria de antecipar meus agradecimentos por concordar em participar desta entrevista a sua disponibilidade é deveras importante para o sucesso desta pesquisa.

Antes de começar, com a pesquisa pretendo saber se concorda com a gravação em áudio desta entrevista para efeitos da recolha de dados para a minha investigação.

O projeto de Pesquisa O celular como recurso pedagógico para um estudo sobre a relação das pessoas com o lugar, é uma oportunidade de ser estudado de forma geográfica aspectos que dizem respeito à categoria conceitual e estruturante da geografia inicia-se agora com a coleta dos dados a partir desta entrevista.

Obrigado pela colaboração!

Entrevista- Tema: Geografia humanista- perguntas

- 1- Você já ouviu falar de Geografia Humanista?
- 2- Qual o entendimento sobre o termo quando ouve falar?
- 3- O lugar é uma das categorias mais importantes do estudo da ciência geográfica. Qual é o seu conceito sobre o lugar?

- 4- Continuando nessa descrição do lugar tomando emprestado a base teórica da Topofilia de Tuan, a geografia do ponto de vista mais humano tem relação estreita com o lugar. Assim, qual a importância do lugar para o estudo da geografia? Por que o aluno necessita compreender sobre o conceito de lugar?
- 5- Diversas leituras tenho realizado sobre o assunto um dos expoentes desta transversalidade é uma pesquisadora de nome Anne Buttimer, que trata de uma nova geografia. A então pesquisadora fala que os sujeitos são envoltos por camadas concêntricas do lugar vivido, exemplo: da sala para o lar, para a vizinhança, cidade região e para a nação. Que compreensão pode-se ter dessas camadas pessoais sobre o lugar?
- 6- Existem lugares privilegiados que uma distinta geografia possa estudar?
- 7- Sobre sua trajetória com a geografia me conte sobre. Desde a sua formação, percalços, dificuldades, enfim me conte um pouco.
- 8- Em relação à tecnologia no uso do ensino da geografia como você vê?
- 9- O celular faz parte da nossa vida e tem crescido o número de usuários em todo o mundo. Na escola o número de alunos que utilizam o celular apenas cresce. Alguns professores acabam não acatando o seu uso em momento algum em sala de aula. Como você percebe essa postura do professor?
- 10-Em relação ao uso do celular você tem algum? Consegue ficar sem o celular?
- 11-Utiliza na escola com quais finalidades?
- 12-Poderia ser usado para ensinar?
- 13-E ensinar geografia poderia ser utilizado com o uso do recurso celular?
- 14- O que o professor pode fazer para melhorar o ensino das categorias que estruturam a geografia?

APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO APLICADO AO ALUNO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DO ENSINO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Área de concentração: Ensino na Educação Básica

Linha(s) de pesquisa: Ensino e aprendizagem na Educação Básica

Aluno: ALEXSANDRO COSTA DE SOUSA

Orientadora: MARIA DA GLÓRIA ROCHA FERREIRA

Linha de estudo: Ensino de Geografia (Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio)

Título da Pesquisa: **O celular como recurso pedagógico para um estudo sobre a relação das pessoas com o lugar.**

Este questionário tem a intenção de ser usado como instrumento de coleta de dados a ser realizado com os professores sujeitos da pesquisa de forma individual no início da pesquisa. Antecipo que todas as respostas tem o caráter de contribuir com a produção científica na área que estudamos. Acrescento que o sigilo nominal é mantido como forma no tratamento ético da condução desta pesquisa. Seguindo as normas e parâmetros que regem os princípios da investigação científica.

INTRODUÇÃO

Gostaria de antecipar meus agradecimentos por concordar em participar desta pesquisa sendo indispensável a sua contribuição que é caracterizada como importante para o sucesso desta pesquisa.

Antes de começar, com a pesquisa pretendo saber se concorda com a divulgação dos dados que não levam o nome dos sujeitos que estão envolvidos, permanecendo o total anonimato que é peculiar das pesquisas em educação.

O projeto de Pesquisa: O celular como recurso pedagógico para um estudo sobre a relação das pessoas com o lugar. Está é uma oportunidade de ser estudado aspectos que dizem respeito à categoria conceitual e estruturante da geografia inicio agora com a coleta dos dados a partir deste questionário que possui perguntas abertas que serão analisadas e interpretadas à luz das teorias e métodos que usaremos, a abordagem desta pesquisa está alicerçada no caráter qualitativo, portanto, as perguntas abertas que são formas de você utilizar dos seus pontos de vista sobre as perguntas.

Obrigado pela contribuição!

IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: _____
2. Série: _____
3. Nome: _____

1. Questionário da Pesquisa Aluno/ Tema: Estudo das categorias conceituais da geografia
--

- 1.1) O que é a geografia para você? O que ela representa?

- 1.2) Como são as aulas de geografia para você?

- 1.3) Quais são os conceitos de destaque da geografia?

- 1.4) A respeito dos conceitos “espaço” e “lugar” o que significam cada um? Comente esses conceitos.

- 1.5) A forma que o professor (a) de geografia ensina o conteúdo é atraente? Por quê? Justifique a sua resposta.

- 1.6) Como poderia ser as aulas de geografia? Comente.

2. Questionário da Pesquisa Aluno/ Tema: Tecnologias para a educação

2.1) Você possui aparelho de tecnologia móvel? Qual (ais)?

2.2) Se você possui tecnologia móvel tipo aparelho de celular, escreva o tipo ou modelo do seu aparelho de celular?

2.3) Com qual frequência você utiliza seu aparelho de celular?

2.4) Você utiliza mais o seu aparelho de celular para quê?

2.5) Quais os dispositivos que o seu celular possui?

2.6) O celular é um aparelho que pode ser utilizado para diversas atividades. Quais atividades você acha que celular pode contribuir no dia a dia?

2.7) Você percebe alguma mudança em seu comportamento por causa da utilização da tecnologia móvel celular? Comente.

2.8) É proibido o uso do celular na sua escola? Por quais motivos? Justifique sua resposta.

2.9) O que você pensa sobre o uso do celular na escola? Comente.

2.10) Você acha que o celular poderia ser utilizado para ensinar geografia? De que forma poderia ser utilizado?

2.11) Defina sua relação com o uso da tecnologia móvel o celular.

APÊNDICE D**PRODUTO
FINAL**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA-PPGEEB

O CELULAR COMO RECURSO
PEDAGÓGICO PARA UM ESTUDO
SOBRE A RELAÇÃO DAS PESSOAS
COM O LUGAR: imagens do sujeito e o seu
lugar

**MANUAL PARA
PROFESSORES**

Alexsandro Costa de Sousa

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	3
2. APRESENTAÇÃO SOBRE O LUGAR	4
2.1 O QUE É O LUGAR NA GEOGRAFIA?.....	4
3. O ESTUDO DO LUGAR COM USO DO CELULAR: possibilidades metodológicas para o professor.....	6
4. PASSO A PASSO.....	7
4.1 PLANEJAMENTO	7
4.1.1 Onde será utilizado o celular? Dentro ou fora da escola?	7
4.1.2 A escola apresenta alguma logística como internet para o caso de uso direto?	8
4.1.3 O uso do celular será em forma de equipes, duplas ou individuais?.....	8
4.1.4 Observar e conhecer o tipo de aparelhos que cada aluno utiliza.....	8
4.2 DISCUSSÃO DA TEORIA	8
4.3 REPRODUÇÃO EM IMAGENS SEM MOVIMENTO	9
4.4 VÍDEOS POCKETS	10
4.5 ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO: as redes sociais bem vindas.....	10
4.6 OFICINAS DE EDIÇÃO DE IMAGENS E VÍDEOS.....	11
4.7 RECONSTRUÇÃO TEÓRICA.....	11
4.8 AVALIAÇÃO FINAL DO PROCESSO	12
5. INFOGRÁFICOS.....	13
5.1 Passos para o uso do CANVA.....	15
5.2 Infográficos produzidos com o CANVA.....	23
6. IMAGENS PRODUZIDAS POR ALUNOS	28
REFERÊNCIAS.....	46

APRESENTAÇÃO

Este material é fruto de uma investigação categórica e qualitativa e tem como finalidade proporcionar ao professor e aos leitores o conhecimento de que existem diferentes formas para se tratar dos conteúdos específicos sobre a ciência geográfica na escola. Sendo aqui apresentado como parte integral de uma vasta pesquisa no nível básico de Ensino e com alunos da rede pública estadual na cidade de São José de Ribamar no ano de 2017 especificamente.

A geografia tem como característica principal suscitar questões que se referem à ocupação do sujeito humano no espaço e as suas singulares modificações. Contudo, durante um longo período de estudo nessa área, percebeu-se que a prioridade apontava então para um estudo mais positivista e objetivo sem primar por elementos da subjetividade dos principais agentes de modificação espacial.

Desta forma, partes do espaço geográfico como o ‘Lugar’ foram então sendo estudados sem muita importância, tendo como foco, as regiões, o território e outras categorias.

Essas categorias são fundamentais para a compreensão da totalidade espacial humana, mas é considerável a importância a ser colocada no “**LUGAR**”, pois é nesse espaço que a vida pessoal e coletiva ocorre com mais intensidade.

As experiências do cotidiano acabam desencadeando as relações com o meio ambiente, com as pessoas e tudo a partir do conhecimento mais próximo com o lugar.

É a busca pelas essências do fenômeno que constituem uma abordagem diferenciada no campo do ensino da geografia aproximando mais o aluno do processo investigativo e da compreensão do fenômeno estudado.

Alexsandro Costa de Sousa
Professor de Geografia

2 APRESENTAÇÃO SOBRE O LUGAR.

2.1 O QUE É O LUGAR NA GEOGRAFIA?

Seguindo a linha da Geografia Humana e considerando os estudos de Yi-Fu Tuan, o Lugar é o espaço que as pessoas mantêm relações e que desenvolvem afetividade pelo mesmo. Assim, surge o topônimo TOPOFILIA que é o amor, a afetividade que temos pelo lugar. Nesse espaço desenvolve-se então as identidades pessoais, as memórias e as relações coletivas. Sua importância para a Geografia tem sido amplamente discutido a nível internacional.

Desta forma, se o termo 'lugar' é possuidor de múltiplas apresentações, não que levem a uma confusão, mas a diferentes interpretações, que conduzem a diversos debates, entretanto, convém salientar, a possibilidade do ensino da geografia no espaço escolar celebrar as tantas formas que esse termo se apresenta para que o aluno possa então considerá-lo referencial da base dos conceitos que são apreendidos na escola.

Os debates que decorrem do estudo dessas categorias, ou conceitos-chave da geografia, firmam-se nas acepções em que cada corrente do pensamento geográfico, tenta mostrar a sua conceituação, indexando ao contexto das discussões, tanto geógrafos, quanto não-geógrafos.

Conforme salienta Corrêa (2008, p. 16):

Lugar e região, por exemplo, têm sido diferentemente conceitualizados segundo as diversas correntes da geografia. [...], o embate conceitual não é exclusivo à geografia: vejam-se, por exemplo, os conceitos de valor entre os economistas, classe social entre os sociólogos e cultura entre os antropólogos.

Percebe-se que esses conceitos não se distanciam de outras áreas do conhecimento, levantando discussões, pois, ao envolver a sociedade diferentes manifestações conceituais são apresentadas, contudo, com focos diferentes nas suas análises. No contexto da geografia as várias correntes identificaram fundamentos que servem como aferições das mudanças que envolvem ao longo das décadas essa ciência.

Por mais que alguns estudiosos tomem como aporte principal apenas três categorias como é apontada por Moreira (2013): paisagem, território e espaço, é importante considerar que muitos outros se importam em apresentar ‘o lugar’ como elemento-chave dessa rede que nos levam a compreensões mais intersubjetivas, que por sua vez, na concepção de se entender “a noção de espaço [...] intimamente ligada à de tempo, [...] como de movimento e, conseqüentemente, ao conceito de processo” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p.84).

Assim faz entender melhor a concepção espacial. ‘O lugar’ faz parte do processo espacial, não como subcategoria, mas como uma categoria importante a ser contemplada no estudo geográfico em qualquer instância. Não se pode renegar o direito de conhecer as geograficidades que os lugares criam os espaços vividos e as relações sociais que são instrumentos de produção do ambiente físico ou simbólico do sujeito.

Holzer (2013, p.20) esclarece que:

Se o espaço geográfico nasce de uma relação existencial do homem com a Terra, afirmo, com base em aporte fenomenológico, que ele tem como essência a ‘geograficidade’, que expressa a razão do homem no planeta Terra, ou seja, delimita e determina a sua possibilidade de existir como ser no mundo.

Como considerou Dardel (2015) ao analisar essa ampla relação homem/mundo, homem/espaço, homem/lugar em um entendimento razoável nesse contexto, tal geograficidade acaba revelando ao homem a sua condição humana e seu destino, em um resultado surpreendente da sua relação existencial.

Lugar como conceito geográfico tomou diferentes interpretações, como de existência, de co-existência, de co-presença, da solidariedade, do acontecer solidário, da dimensão que envolve o espaço cotidiano, com características que apontam o singular ao subjetivo. Em consonância sua característica ainda gera uma sensatez, onde, se apropria ao nosso sentido, sendo um espaço que nos convém, sensível a nós (SOUZA, 1997).

Vale considerar nesse aspecto o que Holzer (2012) destaca do afastamento do sentido apenas locacional do Lugar quando este considera que o conceito da nova proposta de geografia é aproximar-se do conceito de mundo, como é observado pelos fenomenólogos.

3. O ESTUDO DO LUGAR COM USO DO CELULAR: possibilidades metodológicas para o professor.

Estudar o Lugar nunca ficou tão prazeroso como nos dias atuais com o auxílio da Tecnologia. Atualmente vemos e sentimos na pele a presença diária da tecnologia que invadiu nossas casas e que faz parte do nosso cotidiano nas tarefas mais complexas.

Ela nos acompanha diariamente em nossas atividades, nos estudos, no entretenimento e em outras diversas tarefas.

Segundo Callai (2000, p. 84):

O espaço construído resulta da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. Isso resgata a questão da identidade e a dimensão de pertencimento. É fundamental, neste processo, que se busque reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e tornam significado o seu estudo.

Na Educação temos uma grande aceitação com o uso da Tecnologia Móvel, que por sua vez tem contribuído com a metodologia do professor na sua atividade.

O celular tem pode ser um aliado pedagógico para o professor de geografia, não apenas para estudar as questões que se referem à orientação e localização espacial, mas como uma forma de produzir e reproduzir as subjetividades percebidas pelos alunos. De forma que o aluno possa com auxílio dessa tecnológica móvel construir conceitos, a partir das já existentes. A diferença está na abordagem que o professo deve ter com o uso dos aparelhos, seguindo um planejamento prévio.

Desta forma, é indubitável que no aspecto de uma nova incorporação didática e metodológica para se trabalhar com conceitos básicos da linha geográfica, tanto os professores quanto alunos devem seguir criteriosamente alguns passos que esse material constitui como sequenciamento didático.

Vale ressaltar que não é necessário um conhecimento profundo na Cibercultura. Entretanto, deve o professor conhecer a sua real disposição para oferecer ao aluno a aproximação necessária dos constituintes da mobilidade na

tecnologia, bem como nas percepções que esse tem com os fragmentos espaciais, nesse contexto o LUGAR, princípio do espaço geográfico.

Os apontamentos que seguem dizem respeito ao quadro de passos que o professor deve usar para desenvolver um trabalho que utilize como auxiliador metodológico o celular, com a perspectiva de ensinar geografia.

Apresento alguns passos para a produção de conhecimento e o sucesso do trabalho do professor e dos alunos.

4. PASSO A PASSO DO USO DO CELULAR NO ENSINO DA GEOGRAFIA.

Nesta seção apresento alguns passos que considero significativo para que o professor possa desenvolver juntamente com os seus alunos, poderão ao longo do processo surgir algumas dificuldades, entretanto o professor tem que ter a consciência que tratar da Tecnologia Móvel no ensino da geografia poderá trazer ao processo de aprendizagem do aluno prazer ao construir novos conhecimentos.

4.1 PLANEJAMENTO

O planejamento deve ser considerado como um primeiro elemento a ser seguido pelo professor, como forma de antever os possíveis problemas no decorrer da aplicação metodológica. É interessante que o professor trace um cronograma em seu planejamento, a fim de estipular prazos. Um plano de ação é conveniente nesse processo inicial. Deve então ser considerado na forma de planejar do professor.

4.1.1 Onde será utilizado o celular? Dentro ou fora da escola?

- ✓ Se faz necessário o professor se autoquestionar para tomar as atitudes necessárias. O uso do celular pode ser tanto na escola como fora dela, entretanto, deve-se perceber que para se estudar o **LUGAR** pessoal o ambiente que possa levantar mais informações será o ambiente externo a

escola. Mesmo sabendo que para alguns alunos a escola é considerada um lugar, devido a constante aproximação afetiva entre as pessoas.

4.1.2 A escola apresenta alguma logística como internet para o caso de uso direto?

- ✓ Outro elemento importante é conhecer a estrutura logística da escola, verificando se existem laboratórios ou se a mesma apresenta disponibilidade em internet para o uso aberto. Essa etapa inicial é para que o professor possa anteceder outras como o caso de oficinas de edição de vídeos e fotos, pois, existem necessidades de utilizar aplicativos ou softwares para a edição desse material coletado pelo aluno.

4.1.3 O uso do celular será em forma de equipes, duplas ou individuais?

- ✓ Estabelecer se o trabalho a ser desenvolvido será em equipes com máximo de quatro pessoas, em dupla ou de forma individual, garante desde a aprendizagem colaborativa e uma forma do aluno se predispor a apresentar as suas subjetividades sem a interferência de outros.

4.1.4 Observar e conhecer o tipo de aparelhos que cada aluno utiliza.

- ✓ Conhecer os aparelhos dos alunos é importante, pois, revela quais os dispositivos que o aluno poderá usar. Nesse caso os aparelhos de celulares mais modernos como os smartphones são bem apropriados, pois, apresentam gravadores de áudios, vídeos e voz. Além de uma capacidade maior de armazenamento.
- ✓ Torna-se necessário no planejamento e no início efetivo da ação o professor observar quais são os celulares que podem realizar as tarefas de gravações mais rápidas, bem como também de envio para a análise do professor.
- ✓ Essa etapa contribui para o sucesso do processo metodológico. A partir do contato direto com os alunos e conhecimento dos seus aparelhos.

4.2 DISCUSSÃO DA TEORIA

Nesta etapa que tem como finalidade antecipar a intervenção dos alunos nos lugares que sustentarão o trabalho, é importante devido a observação das teorias que formalizam os conceitos apresentados e debatidos no seio da escola. O professor nessa etapa poderá utilizar de várias fontes teóricas que ao longo das décadas apresentam os conceitos das categorias geográficas. Nesse caso específico, apontar os conceitos do **LUGAR** é considerar o que já foi produzido no arco científico.

Deve-se observar ainda que o fato de estarem nos materiais didáticos ou outras fontes específicas, não configuram uma verdade absoluta. E que por sua vez estão passíveis de reconstruções a partir da empiria, da experiência e das percepções dos alunos.

Apresentar e discutir os aportes teóricos aproxima o aluno a se familiarizar com os conceitos.

Partindo da proposta do método da Fenomenologia uma redução eidética poderá ser realizada, para que as teorias já discutidas possam dar espaço para o surgimento de novos conceitos.

Desta forma poderá o professor reconstruir novos conceitos sobre o lugar.

4.3 REPRODUÇÃO EM IMAGENS SEM MOVIMENTO

Após discutir amplamente a teoria o próximo passo é separar os alunos em equipes, em duplas ou individualmente para que possam produzir imagens sobre o conceito geográfico lugar. Desta forma, cabe uma pergunta inicial que o professor deverá fazer aos seus alunos para que possam responder em forma de imagens sem movimento, tanto quanto para os vídeos.

Deve-se perguntar: Qual o Lugar ou Lugares que você possui relações de afeto?

Espera-se que o aluno possa apresentar imagens que traduzam as suas afetividades, as relações pessoais, sendo subjetividades a serem consideradas no processo, pois, a reprodução de imagens fluem a partir das percepções que esses tem com o ambiente que vivem.

Os alunos deverão tirar fotos com o uso exclusivo dos celulares, com o dispositivo câmera que encontra-se nesses aparelhos.

4.4 VÍDEOS POCKETS

Outra forma que o professor poderá utilizar o celular é quando a produção de pequenos vídeos chamados de *pockets*, pois, possuem um tempo muito curto, podendo ser entre 60 segundos e 90 segundos, para que o aluno da mesma forma que a produção em imagens sem movimentos possa iniciar esse processo, o professor deverá levantar o questionamento do item 4.3.

Entretanto, a forma de apresentação será mediante uma exposição mais dinâmica, haja vista, que as imagens estarão em movimento, desta forma o próprio aluno estará se fazendo notar, pois, sua voz será gravada ao apresentar o **LUGAR** com a filmagem.

A câmera de vídeo é o dispositivo principal para a realização desta etapa no processo.

4.5 ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO: as redes sociais bem vindas

Uma forma de acompanhar todo o processo de aprendizagem, com a tecnologia móvel e fora da escola está presente nas redes sociais. Logo, os alunos hoje não vivem sem essa forma de se comunicar. As redes sociais são importantíssimas, a interação entre os jovens cresce a cada instante e desta forma o professor poderá utilizar a seu favor, tanto para saber como está o processo, como tirar dúvidas, e receber o material coletado.

Uma das redes sociais que podem ser utilizadas é o famoso *whatsapp*, um aplicativo que está disponível na *appstore*, na *google store* ou *play store* sendo fácil de baixar. Basta apenas o professor e aluno ter o acesso a internet e entrar nessas lojas virtuais.

O professor poderá criar grupos com seus alunos, estabelecendo regras diretas para que não usem para outras finalidades a não ser o de produzir conhecimento. É importante o professor explicar o porquê dos grupos.

Acompanhar um processo de construção de conhecimento nunca ficou tão interativo como nos dias atuais, pois, a qualquer hora e a qualquer lugar o professor e alunos poderão estar em contato. O momento é de ubiquidade.

O Facebook é uma outra forma de manter contato com os alunos, sendo uma forma de criar grupos para ampla divulgação dos dados coletados e feedback entre professor e alunos.

Existem outras redes sociais como o *Twitter, Instagram, Skype, Snapchat, Vibe* dentre muitas outras que são capazes de aproximar o professor dos seus alunos. Contudo, as mais utilizadas são o aplicativo *whatsapp* e o *Facebook*.

4.6 OFICINAS DE EDIÇÃO DE IMAGENS E VÍDEOS

Após os alunos levantarem as suas imagens sem movimento-fotos-, e as imagens em movimento- filmagens-, o professor poderá ainda oferecer uma oficina de edição de imagens e vídeos.

Nesta etapa é bom que o professor tenha conhecimento de alguns aplicativos, para que os alunos possam fazer download e utilizarem.

Alguns aplicativos que podem ser usados pelo professor: *viva vídeo, vídeo show, photo grid, quik-editor de vídeos, foto rus, cymera, picsart, photo editor, vídeo editor, flipagram, magisto, vid trim, andro vid-editor*.

Poderá ser apresentado em slides, com Datashow em dia e horário específico.

4.7 RECONSTRUÇÃO TEÓRICA

Um dos pontos fortes do procedimento metodológico é fazer um caminho inverso. Ao invés de se apoiar apenas nas teorias apresentadas, o aluno como protagonista do conhecimento, produtor a partir das suas percepções com o fenômeno LUGAR, a aproximação com tal categoria possibilita com que o mesmo

desenvolva a habilidade de formatar um novo conceito, um conceito próprio e autoral.

Quase finalizando o processo o professor perguntará e pedirá para que os alunos reconstruam a partir da sua utilização do celular com as suas imagens e vídeos, o conceito de LUGAR. Podendo então ser perguntado aos alunos: O que significa o LUGAR para você?

Esse é o princípio que a Geografia Humanista busca construir, a efetiva participação do sujeito envolvido com o espaço geográfico a partir da sua existência, das suas experiências e das suas relações afetivas com outros e com parte do espaço.

4.8 AVALIAÇÃO FINAL DO PROCESSO

Uma possibilidade que o professor poderá avaliar o trabalho se alcançou ou não os objetivos de aprendizagem é solicitar com que os alunos apresentem as suas imagens e vídeos editados para a comunidade escolar ou para a turma em forma de slides.

Onde poderão expor tanto as imagens e falar da experiência de usar o celular para produzir parte de um conteúdo geográfico. Fica a cargo do professor, estabelecer tempo para as apresentações, bem como informar a comunidade escolar, a fim de que não se torne uma metodologia de 'caixa preta', que fique apenas presa entre quatro paredes.

As discussões e as intersubjetividades sobre as apresentações é uma forma ampla e colaborativa de construção de conhecimentos entre todos os entes envolvidos na escola.

FICHA TÉCNICA

Produção do material
Alexsandro Costa de Sousa

Revisão do Material
Maria de Glória Rocha Ferreira
Alexsandro Costa de Sousa

Arte e Designer
Alexsandro Costa de Sousa

5. INFOGRÁFICOS

Os infográficos servem como informação visual capaz de conduzir a interpretações de forma simples. No caso específico do material o professor poderá observar os passos de forma sistematizada e sintética para a utilização do celular para um estudo das categorias geográficas, levando em consideração as diferentes perspectivas dos sujeitos envolvidos em reconstruir esses conceitos.

Abaixo seguem os infográficos que sintetizam o passo a passo a ser seguido pelo professor. Podendo o mesmo criar seus infográficos de forma que possa abordar os temas da geografia em sala de aula com seus alunos.

Os infográficos abaixo priorizam os passos que o professor pode seguir na construção de conceitos com seus alunos, abordagens como Lugar, Região, Território, outros podem ser apresentados com esse formato visual.

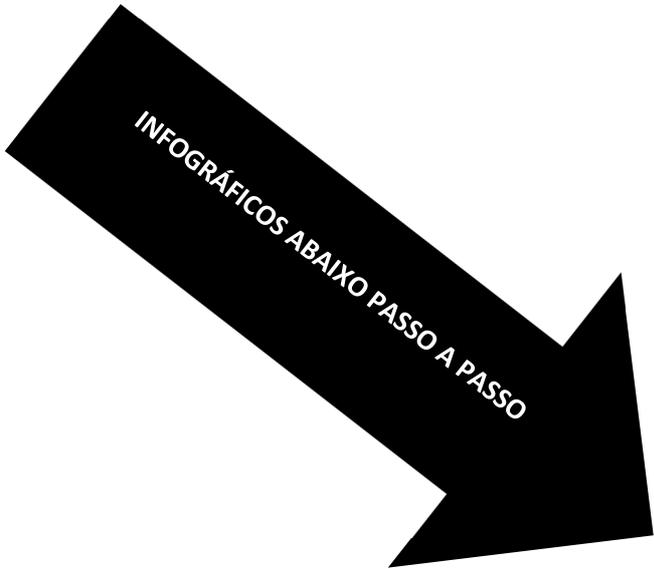
Para o autor Mario Kanno (2013) apresenta que a comunicação visual precede a escrita, sendo os registros nas cavernas uma forma de linguagem gráfica em sociedades primitivas.

Desta forma o termo “infografia” ou “infográfico”, surge a partir de “informação gráfica” e foi ganhando outras definições, recursos e aplicações ao longo do tempo. É relevante observar o que alguns autores apresentam sobre o termo, ganhando popularidade a partir dos anos 80 e 90 por meio da disseminação desse recurso nos jornais e revistas (CAIRO, 2008; KRUM, 2013).

Portanto, para Santos (2015, p. 37) o objetivo dos infográficos são:

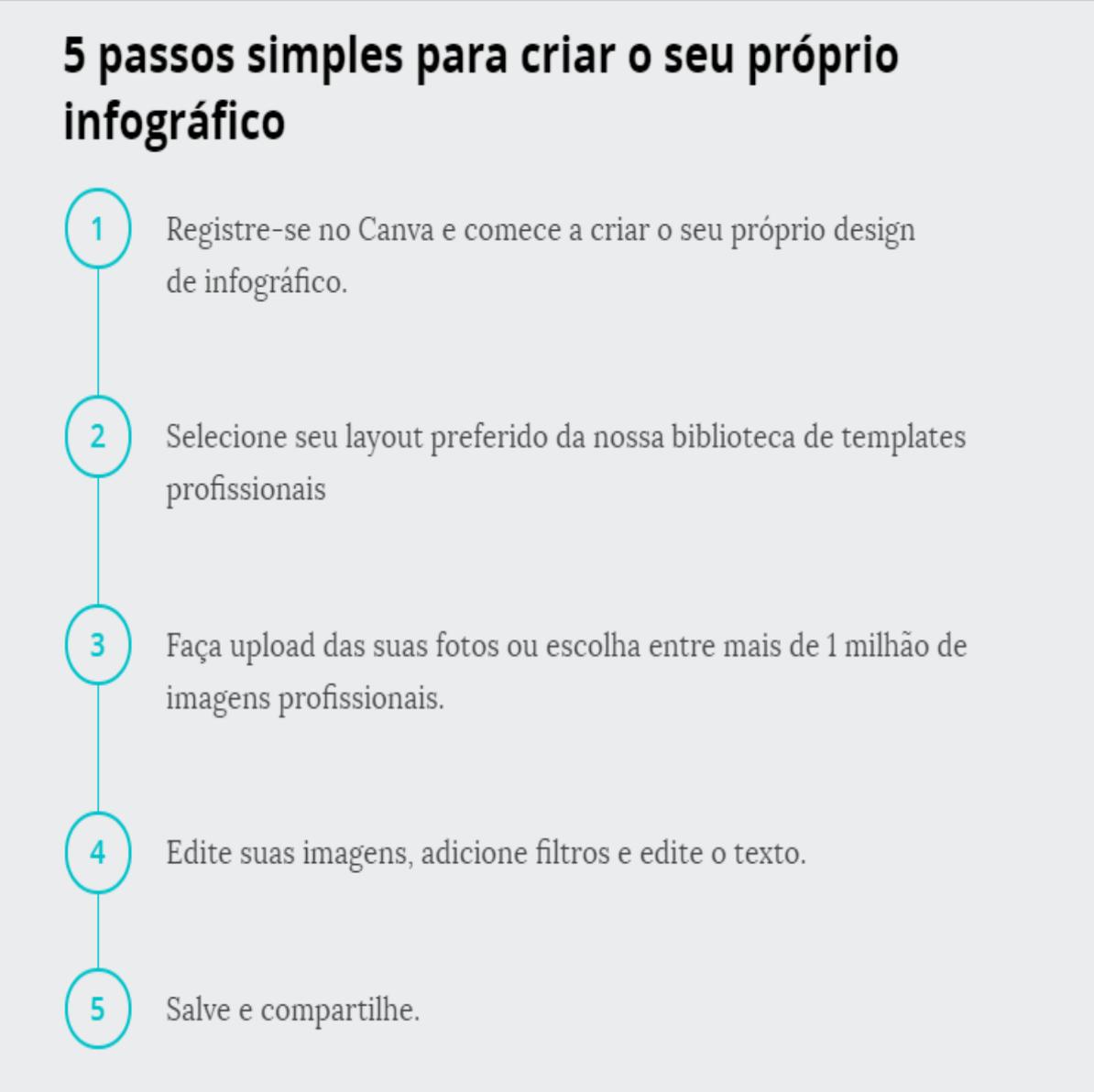
Objeto gráfico que representa fatos, fenômenos e/ou dados por meio principalmente de elementos pictóricos e esquemáticos, tendo a função de contextualizar uma informação para o leitor, trazendo para primeiro plano questões de compreensão visual.

Desta forma apresento abaixo alguns passos e sites que podem ser desenvolvidos infográficos que podem auxiliar o professor na discussão dos conceitos no ensino da geografia.



5.1 PASSOS PARA O USO DO CANVA

Para ficar mais claro os passos da criação dos infográficos disponibilizo também cinco passos que direcionam para o uso do site canva.

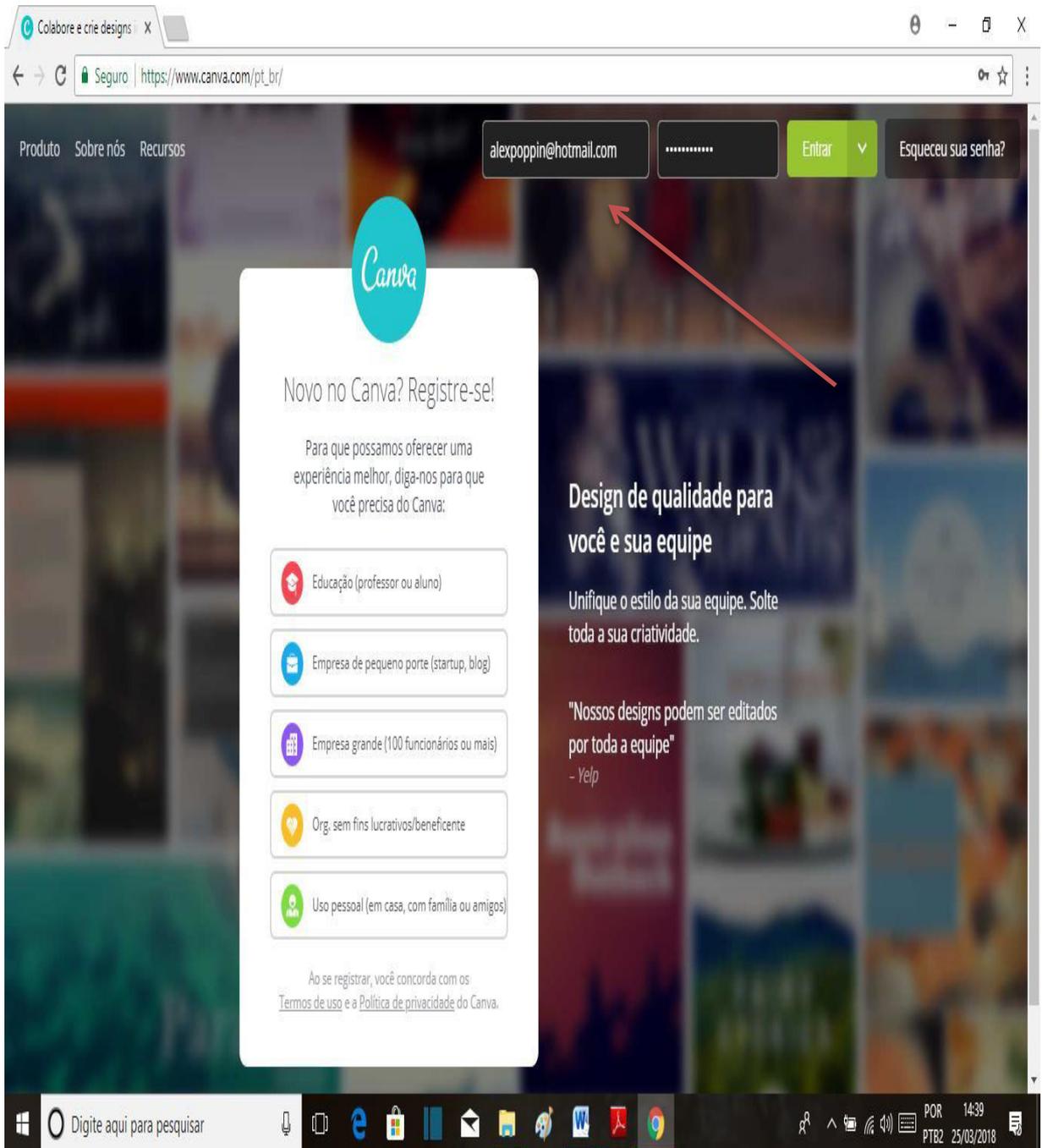


5 passos simples para criar o seu próprio infográfico

- 1 Registre-se no Canva e comece a criar o seu próprio design de infográfico.
- 2 Selecione seu layout preferido da nossa biblioteca de templates profissionais
- 3 Faça upload das suas fotos ou escolha entre mais de 1 milhão de imagens profissionais.
- 4 Edite suas imagens, adicione filtros e edite o texto.
- 5 Salve e compartilhe.

Seguindo todos esses passos de forma correta e com criatividade os infográficos poderão ajudar o professor para tratar sobre quaisquer assuntos de cunho geográfico e similares.

1º REGISTRO no site https://www.canva.com/pt_br/criar/infografico/



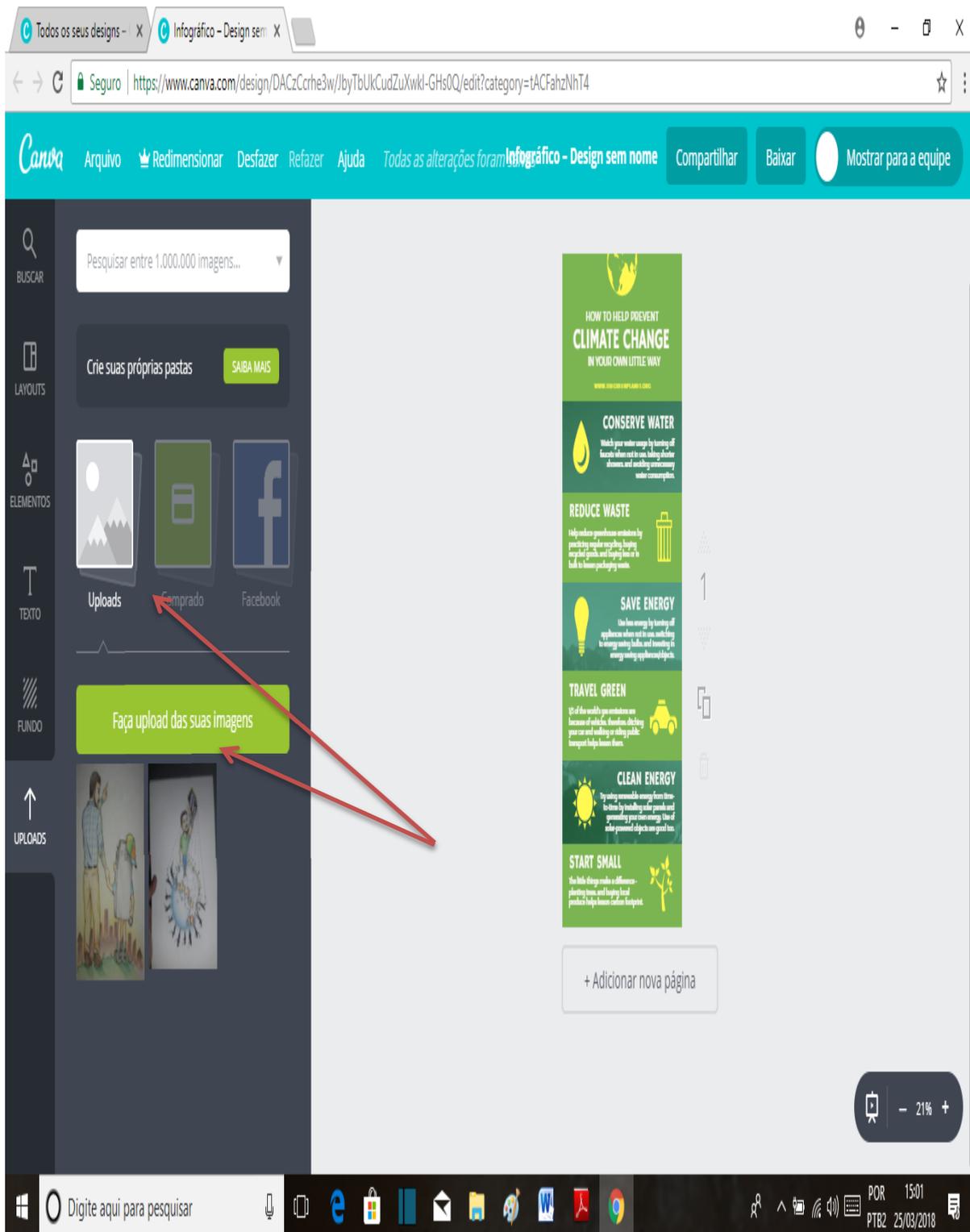
Faça o seu registro no site. Para isso é necessário ter uma conta de e-mail, ou também poderá ser registrado com a conta do Facebook para poder ter acesso total.

2º Selecionar um Layout na biblioteca de Templates



O segundo passo é começar a utilizar os templates que são variados e encontram-se na biblioteca do Canva.

3º Fazer Uploads de fotos e imagens



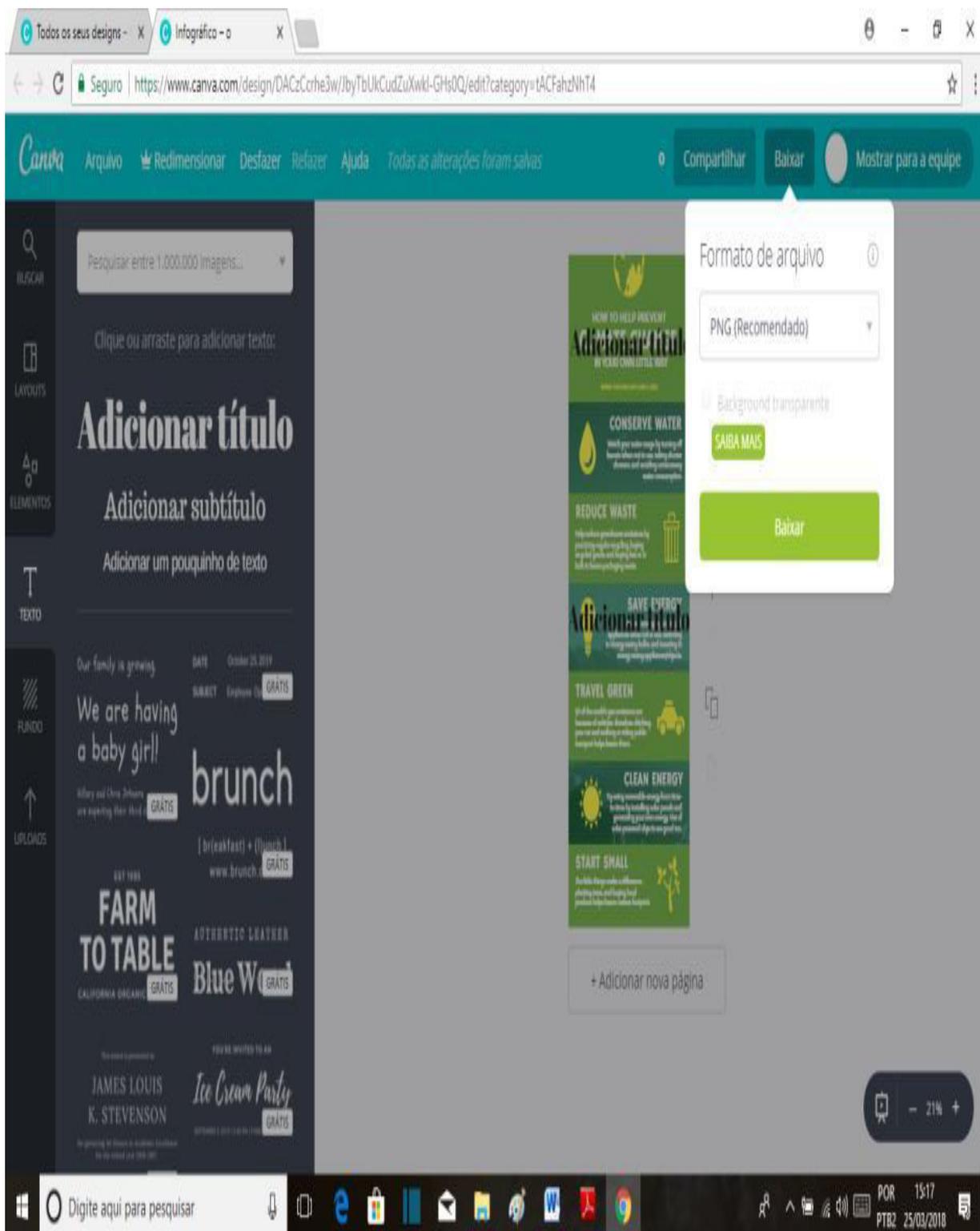
A escolha das imagens fica a critério da sua criatividade e do tema que estiver trabalhando. Neste caso, poderá baixar as imagens diretamente dos seus diretórios de imagens e afins, ou baixar diretamente da internet.

4º Edite suas imagens e textos

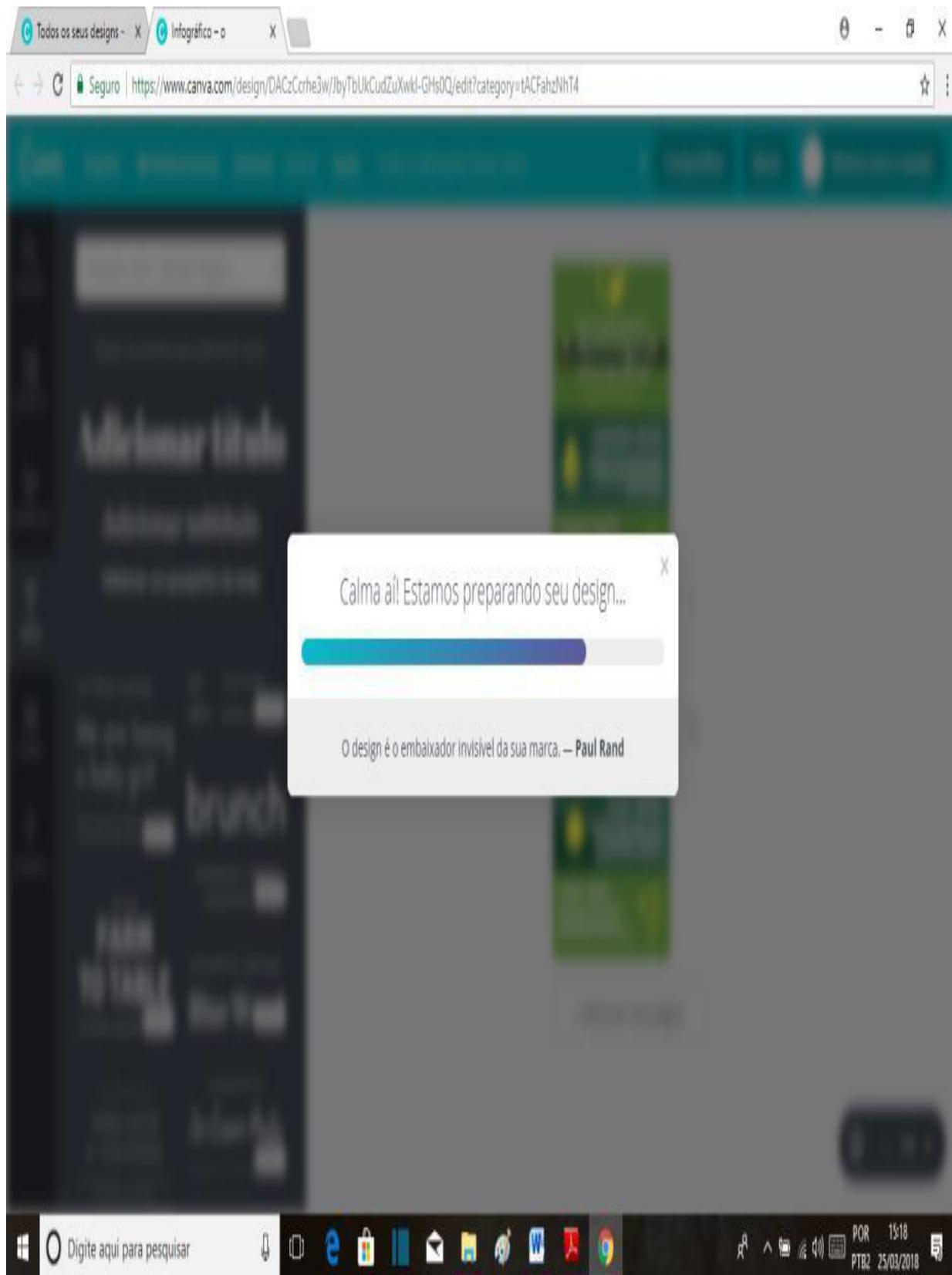
The screenshot shows the Canva website interface. At the top, there are browser tabs and a search bar. The main navigation bar includes options like 'Arquivo', 'Redimensionar', 'Desfazer', 'Refazer', 'Ajuda', and 'Alterações não salvas'. The central workspace displays a vertical infographic template with sections for 'HOW TO HELP PREVENT', 'CONSERVE WATER', 'REDUCE WASTE', 'SAVE ENERGY', 'TRAVEL GREEN', 'CLEAN ENERGY', and 'START SMALL'. Red arrows point to text editing options on the left sidebar and a specific text element in the infographic.

Existe uma variedade de fontes e estilos para colocar o título, subtítulo e Desenvolver o texto do infográfico.

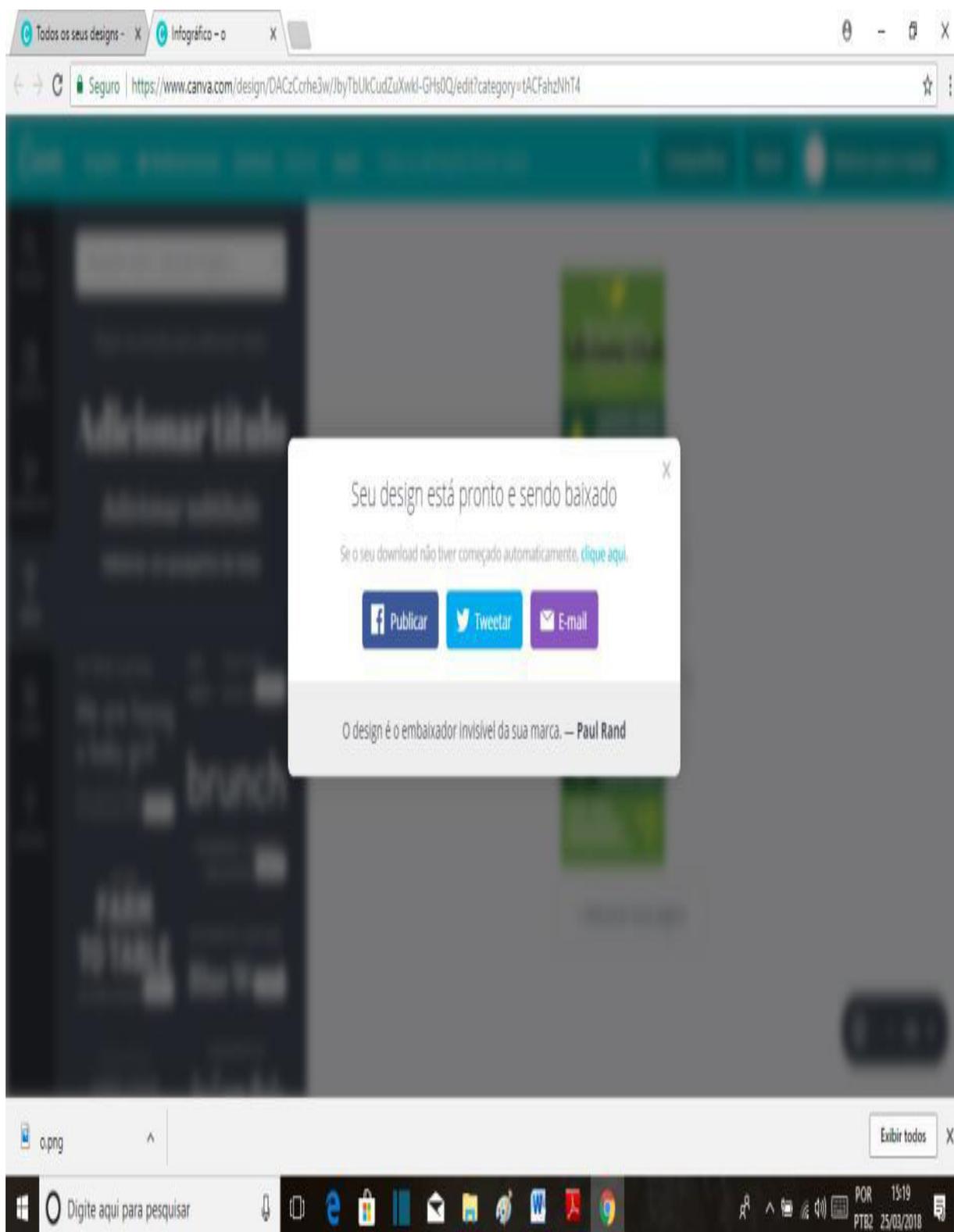
5º Salvar ou compartilhar



Clique em baixar e aparecerá as opções de formato. Aquele que melhor se adequar ao seu interesse poderá ser baixado.



Agora é só esperar para que o site possa terminar a atividade por você, preparando o design visual, o seu infográfico.



Pronto agora você pode compartilhar no Ciberespaço e em diferentes locais, Facebook, email etc.

Abaixo seguem alguns infográficos produzidos para tratar sobre o conceito LUGAR no ensino da geografia.

5.2 INFOGRÁFICOS PRODUZIDOS COM O CANVA

O  COMO UM RECURSO

ESTUDO DO LUGAR

PEDAGÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

PROFESSOR ALEXSANDRO COSTA

1 PLANEJAMENTO

O planejamento deve ser considerado como um primeiro elemento a ser seguido pelo professor, como forma de antever os possíveis problemas no decorrer da aplicação metodológica.

ONDE SERÁ UTILIZADO O CELULAR?

2

O uso do celular pode ser tanto na escola como fora dela, entretanto, deve-se perceber que para se estudar o LUGAR pessoal, o ambiente que possa levantar mais informações será o ambiente externo a escola.

3 DISCUSSÃO DA TEORIA

O professor nessa etapa poderá utilizar de várias fontes teóricas que ao longo das décadas apresentam os conceitos das categorias geográficas. Nesse caso específico, apontar os conceitos do LUGAR é considerar o que já foi produzido no arco científico.

PRODUÇÃO EM IMAGENS SEM MOVIMENTO

4

Após discutir amplamente a teoria o próximo passo é separar os alunos em equipes, em duplas ou individualmente para que possam produzir imagens sobre o conceito geográfico lugar.

5

VÍDEOS POCKETS

Outra forma que o professor poderá utilizar o celular é quando a produção de pequenos vídeos chamados de pockets, pois, possuem um tempo muito curto, podendo ser entre 60 segundos e 90 segundos

AS REDES SOCIAIS BEM VINDAS.

6

Uma forma de acompanhar todo o processo de aprendizagem, com a tecnologia móvel e fora da escola está presente nas redes sociais. Uma das redes sociais que podem ser utilizadas é o famoso whatsapp.

7

OFICINAS DE EDIÇÃO DE IMAGENS E VÍDEOS

Após os alunos levantarem as suas imagens sem movimento-fotos-, e as imagens em movimento-filmagens-, o professor poderá ainda oferecer uma oficina de edição de imagens e vídeos.

RECONSTRUÇÃO TEÓRICA

8

Quase finalizando o processo o professor perguntará e pedirá para que os alunos reconstruam a partir da utilização do celular as suas imagens e vídeos, o conceito de LUGAR. Podendo então ser perguntado aos alunos: O que significa o LUGAR para você?

9

AVALIAÇÃO FINAL DO PROCESSO

Solicitar com que os alunos apresentem as suas imagens e vídeos editados para a comunidade escolar ou para a turma em forma de slides.

É IMPORTANTE OBSERVAR



Outro elemento importante é conhecer a estrutura logística da escola, verificando se existem laboratórios ou se a mesma apresenta disponibilidade em internet para o uso aberto.



FIQUE DE OLHO

Estabelecer se o trabalho a ser desenvolvido será em equipes com máximo de quatro pessoas, em dupla ou de forma individual, garante desde a aprendizagem colaborativa e uma forma do aluno se predispor a apresentar as suas subjetividades sem a interferência de outros.

E POR ÚLTIMO



Conhecer os aparelhos dos alunos é importante, pois, revela quais os dispositivos que o aluno poderá usar. Nesse caso os aparelhos de celulares mais modernos como os smartphones são bem apropriados, pois, apresentam gravadores de áudios, vídeos e voz.



O Celular como recurso Pedagógico no Ensino da Geografia

Estudo do Lugar

4

PLANEJAMENTO

O planejamento deve ser considerado como um primeiro elemento a ser seguido pelo professor, como forma de antever os possíveis problemas no decorrer da aplicação metodológica.

4.1

Onde será utilizado o celular? Dentro ou fora da escola?

O uso do celular pode ser tanto na escola como fora dela, entretanto, deve-se perceber que para se estudar o LUGAR pessoal o ambiente que possa levantar mais informações será o ambiente externo a escola.

4.2

A escola apresenta alguma logística como internet para o caso de uso direto?

Outro elemento importante é conhecer a estrutura logística da escola, verificando se existem laboratórios ou se a mesma apresenta disponibilidade em internet para o uso aberto.

4.3

O uso do celular será individual em duplas ou equipes?

Estabelecer se o trabalho a ser desenvolvido será em equipes com máximo de quatro pessoas, em dupla ou de forma individual, garante desde a aprendizagem colaborativa e uma forma do aluno se predispor a apresentar as suas subjetividades sem a interferência de outros.

4.4

Torna-se necessário no planejamento e no início efetivo da ação o professor observar quais são os celulares que podem realizar as tarefas de gravações mais rápidas, bem como também de envio para a análise do professor

Seguindo esses passos presentes no infográfico, o professor poderá obter resultados satisfatórios.

PRODUTO FINAL

Infográfico e álbum de imagens

Produzido por:

Alexsandro Costa de Sousa

ALGUMAS REDES SOCIAIS

Redes Sociais para acompanhamento do processo



TWITTER

É uma rede social e um servidor para microblogging

É um das redes sociais mais usadas no mundo



INSTAGRAM



Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais

WHATSAPP



WhatsApp Messenger é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones

PROFESSOR ALEXSANDRO COSTA

6. IMAGENS PRODUZIDAS POR ALUNOS

A efetiva participação dos alunos teve como resultado uma compilação de algumas imagens fornecidas pelas observações fenomenológicas e topofilicas sobre o **LUGAR** .

Abaixo algumas imagens produzidas com os celulares dos alunos e as suas descrições são resultados da pesquisa.

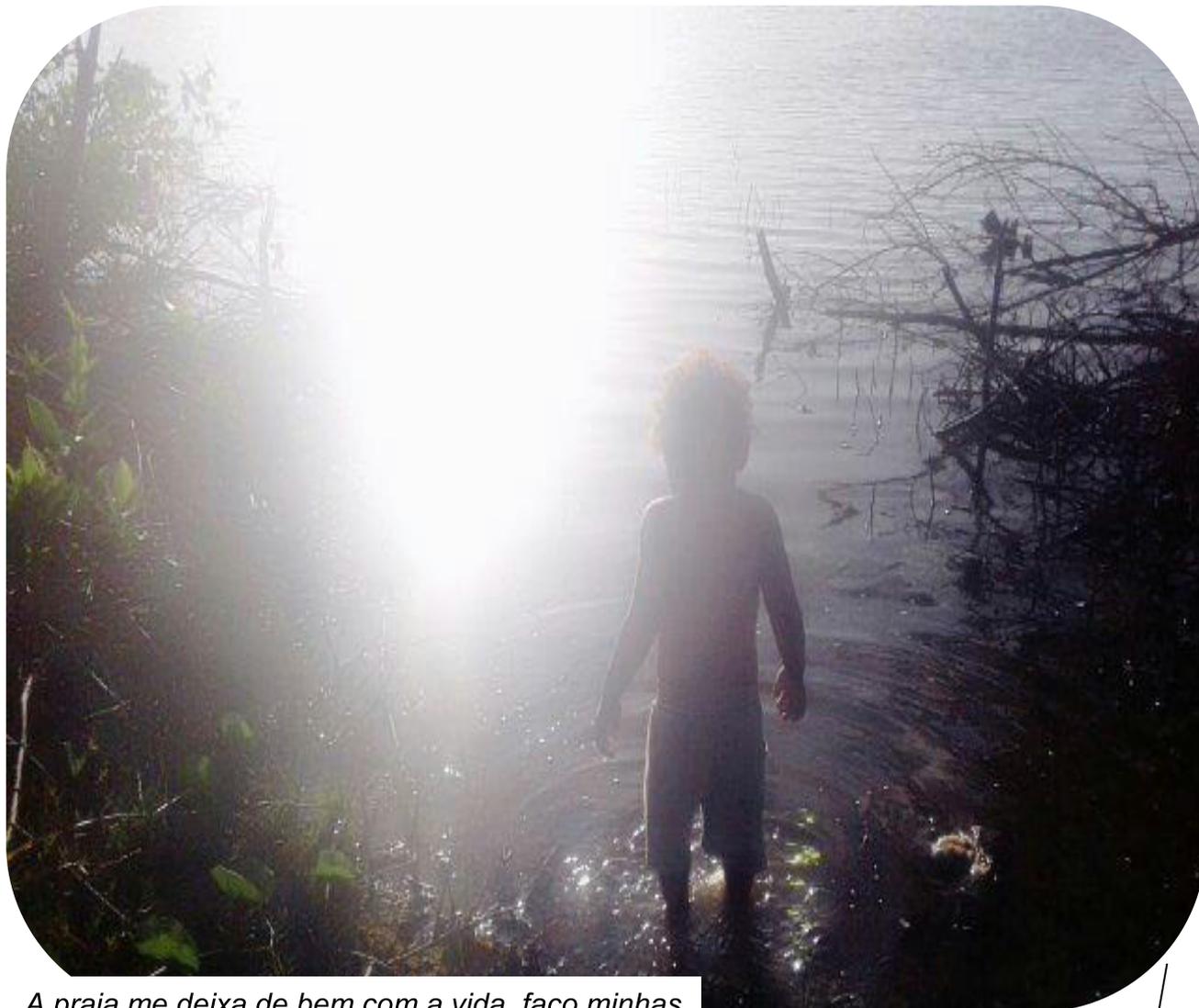
É salutar que o professor considere a importância das imagens como representações subjetivas de cada aluno, o que demonstra que as percepções sobre o lugar nunca serão iguais.

As imagens indexadas ao trabalho foram produzidas com auxílio do celular sendo tratadas com aplicativos de edição próprias para imagens e são apresentadas lugares da cidade de São José de Ribamar no Estado do Maranhão.

Desta forma para Aumont (2002) se as imagens produzidas pelos sujeitos que por sua vez não tem uma definição simples de ser observada, com características variadas e determinações contraditórias, capazes de interferir nas suas relações com as imagens, que vão além da sua capacidade perceptiva, levando esse individuo a manifestar o saber, suas crenças, que representam o seu vínculo a uma região histórica (uma classe social, uma época ou uma cultura), para que sejam assim produzidas ao espectador determinada imagem.

A autora Martins (2014) apresenta os diversos tipos de imagens que são utilizados no campo da geografia, evocando a diferença entre as “imagens fixas e imagens em movimento”, que chama atenção, pois a presença nos materiais didáticos em sua grande maioria são de imagens do tipo fixas. Contudo, vale ressaltar que independente de fixa ou em movimento as imagens são um recurso auxiliar de substancial importância para a aprendizagem geográfica.

No aprofundamento para a promoção dessa educação e aprendizagem geográfica desencadeadora de destrezas espaciais, o visionamento de forma espacial dos fatos, a interação e a diferenciação da superfície terrestre, as imagens conduzem a geografia a um papel formativo para a promoção do desenvolvimento para a cidadania (MARTINS, 2014).



A praia me deixa de bem com a vida, faço minhas reflexões sobre tudo. Sempre que posso venho com a minha família ou mesmo sozinha olhar o pôr do sol. Um pedaço dessa grande natureza fica atrás da minha casa. Esse é um Lugar que mantenha uma relação de grande afetividade, é muito amor pelo sol, pela água e principalmente pela natureza. (Depoimento da aluna participante da pesquisa. Aluna 16)



Na Geografia falar de Lugar é mostrar realmente o relacionamento com um espaço próprio. Minha casa é meu Lugar.

(Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 27)



Considero minha casa como um espaço importante para mim. Mesmo sendo humilde é o Lugar que tenha afetividade.

(Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 22)



A sala da minha casa é um dos ambientes que mais gosto. Aqui recebo meus parentes e meus amigos. Passo muito tempo por aqui. Minha relação é de amor, pois muitas conversas já foram jogadas fora aqui. (Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 15).



Considero este lugar um dos meus preferidos. É parte da minha casa. Desta forma minha casa é o local mais agradável para mim. (Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 15).

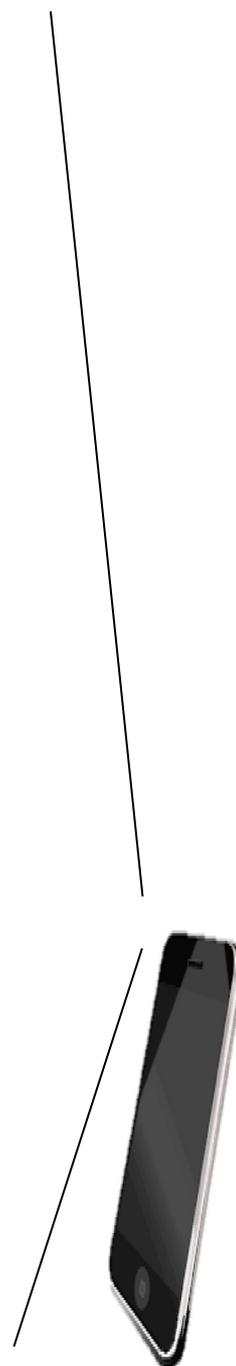
Ah! Como começar a falar dessa rua, nasci aqui, passei toda a minha infância nesse lugar e é onde vivo até hoje.

Só tenho lembranças boas, e sempre que volto da escola e passo por esse lugar relembro todos os momentos que já vivi e os tempos que se passaram. Bate aquela saudade boa, mas por outro lado vejo que todo esse tempo só contribuiu para meu amadurecimento, só vieram pra somar em minha futura carreira. E quando de fato eu alcançar todos os meus objetivos não vou deixar de lembrar desse lugar.

*Pois por mais que seja um lugar humilde, foi graças à todos os momentos que vivi aqui, que me tornei uma pessoa solidária, honesta e grata.
(Depoimento da aluna participante da pesquisa. Aluno 04)*



Este é um lugar onde as pessoas estão deprimidas. Minha relação com esse espaço não é agradável. Um sentimento de repulsa principalmente pelo fato de ninguém se importar. (Depoimento da aluna participante da pesquisa . Aluna 09).





Eu amo admirar essa paisagem, e ver como é bonito a maré lá atrás discretamente; confesso que só fui prestar atenção detalhadamente depois de já ter passado aqui por mais de seis anos, já que estudo na mesma escola há mais de nove anos. E desde o dia em que à notei, sempre que passo por esse lugar sempre à observo. Com tudo isso passei a refletir sobre o quanto devemos ser gratos por viver e observar que o bom da vida está nos pequenos detalhes . (Depoimento da aluna participante da pesquisa. Aluno 23).

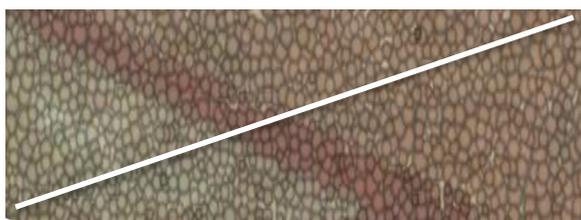


Acho lindo esse lugar, é bem preservado e cuidado, mas graças aos vigias é claro. As pessoas ignorantes poluem o meio ambiente e por incrível que pareça elas são a maioria.

Esse lugar incrível me trás um bem estar; uma paz interior enorme.

É justamente por gostar de tranquilidade, gostar daquela sensação boa que é estar em meio a árvores lindas e um ambiente limpo que frequento esse lugar.

(Depoimento da aluna participante da pesquisa. Aluna 13).



Eu amo esse lugar apesar de todos os pesares pois, lembro que antes esse lugar era lindo, as árvores eram cheias de folhas lindas que mostrava um verde encantador. Agora está maltratada e nela só consigo ver como as pessoas não valorizam o que tem, mal sabe elas que destruindo o meio em que vivem ter todas as consequências voltadas para elas mesmas. (Depoimento da aluna participante da pesquisa.

Aluna 35)



Esse é o meu lugar favorito, É o lugar em que viajo no mundo dos livros. Nele tenho a sorte/oportunidade de pensar no meu futuro e ele de uma forma inexplicável me dar forças para continuar lutando e principalmente nunca desistir.

É para esse lugar que vou quando estou triste e querendo desistir de tudo, mas é só avistá-lo que já sinto uma paz interior e uma positividade imensa. E o que mais caracteriza esse lugar é justamente minha caixinha vermelha, é nela que ponho meus pequenos livros e principalmente minha Bíblia.

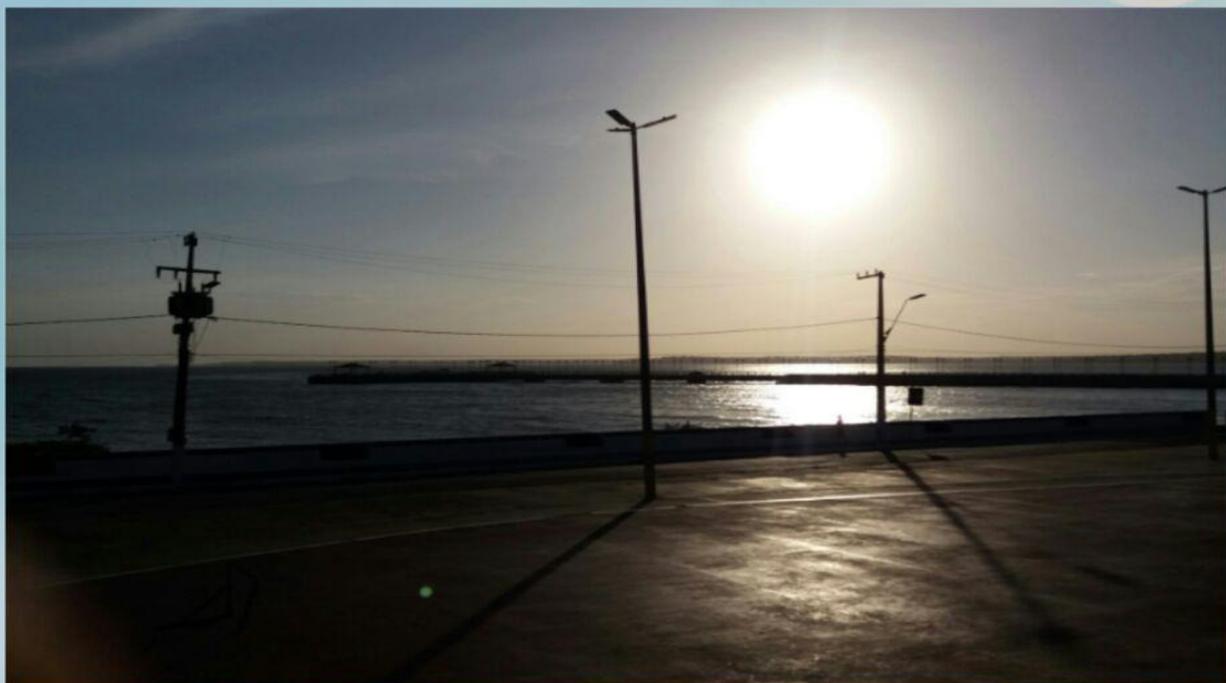
Dessa forma me sinto mais disposta a ler sem que nada e nem ninguém me atrapalhe. (Depoimento da aluna participante da pesquisa. Aluna 19).



Escolhi a praia porque eu amo a natureza e amo a praia me faz sentir bem sou apaixonada pelo mar. Escolhi a poluição das ruas caminhos porque isso me deixa muito revoltada. As pessoas reclamam que aqui não tem lazer, recursos mais mesmo assim elas mesmo se destroem. (Depoimento da aluna participante da pesquisa. Aluna 16)



Aqui é o bairro Cidade Nova que se localiza na estrada de Panaquatira. Esse é um dos lugares que eu não gosto porque é um lugar com nenhuma infraestrutura e um local que deveria ser visto pela prefeitura, não possui nenhuma área de lazer. É um local que precisa ser asfaltada. Não gosto deste lugar. Minha relação com ele não é prazerosa. (Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 07)



Parte da orla marítima de São José de Ribamar-Ma, um lugar que eu costumo ir. Adoro ver o mar. Esse é o lugar que amo. (Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 38).



Esse é um lugar sagrado a Igreja de São José de Ribamar-Ma. Gosto de estar nesse lugar para me encontrar com Deus. Aqui é calmo, tem uma praça e todos os domingos frequento a missa. Lugar que amo, amo esse lugar. (Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 20).



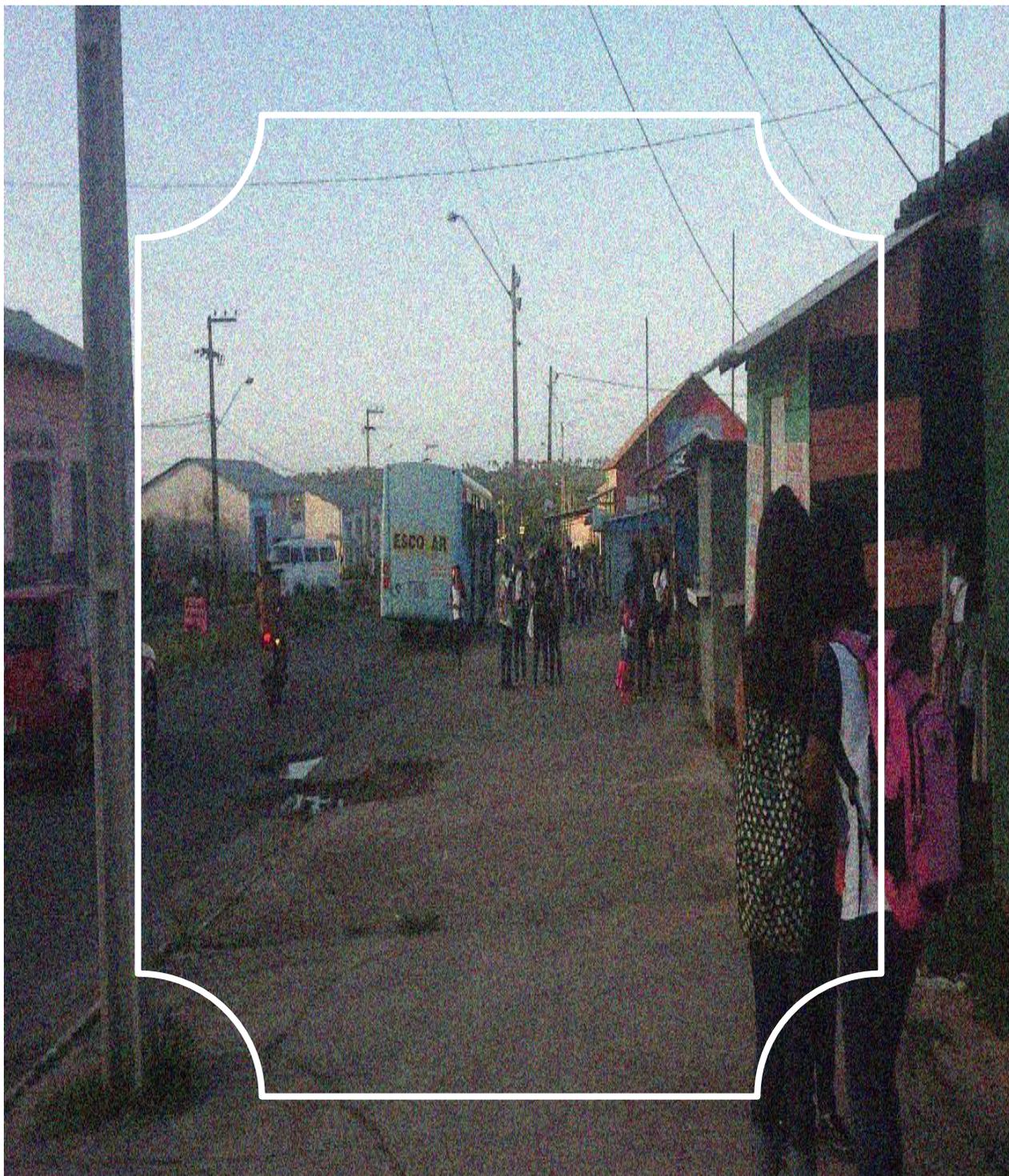
Cais de São José de Ribamar-Ma, gosto muito desse lugar, pois, é ponto de encontro de várias pessoas. Sempre que posso vou ao cais. Lugar de paz e tranquilidade. Vendo o balé das águas do mar. (Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 13).



Um dos lugares que mais gosto de estar, calmo, tranquilidade e paz. Tudo resume-se a isso.

(Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 13).





Este é um dos lugares que eu gosto. Quando eu saio da escola me encontro com meus colegas aqui e ficamos por horas conversando. (Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 07).





Esta é a parte da praça da cidade aqui se reúne uma galera todos os dias. É um dos meus lugares favoritos. A relação que tenho é de amor pelo lugar. (Depoimento do aluno participante da pesquisa. Aluno 38).



REFERÊNCIAS

AUMONT, J. **A imagem**. 7 .ed. Campinas: Papirus, 2002.

CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A; CASTROGIOVANNI, A. C (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAIRO, A. **Infografia 2.0: Visualización interactiva de información en la prensa**. Madrid: Alamut, 2008.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As Características da Nova Geografia. In: _____(Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, SP: DIFEL, 1982. p.71-101.

CORRÊA. Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA. Roberto Lobato (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p.15-47.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2015.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2º. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

HOLZER, Werther. **Sobre Territórios e Lugaridades**. Revista Cidades. São Paulo, v. 10, n. 17, p. 18-29. 2013. Disponível em:< <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232/2746>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

_____. Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia. In: MARANDOLA JR., Eduardo José; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.281-304.

MARTINS, Felisbela. **Ensinar Geografia através de imagens: olhares e práticas.** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2014, p. 429-446. Disponível em:

https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=101831&pi_pub_r1_id=. Acesso em: 20 mai. 2017.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: a educação como poíesis.** São Paulo: Cortez, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** [tradução Lívia de Oliveira]. Londrina: Eduel, 2012.

KANNO, M. **Infografe: Como e porque usar infográficos para criar visualizações e comunicar de forma imediata e eficiente.** São Paulo: Edição eletrônica, 2013.

KRUM, R. **Cool Infographics: Effective Communication With Data Visualization and Design.** Wiley, 2013.

SANTOS, Gabriele Maria Silva dos. **INFOGRÁFICOS INTERATIVOS COMO MATERIAL ESCOLAR: Um estudo sobre a utilização de infográficos digitais interativos para compreensão de conteúdo escolar no ensino médio.** 2015. 202 f. Dissertação (Mestrado em Design)- Departamento de Design Programa de Pós Graduação em Design da Universidade Federal De Pernambuco Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2015.

SOUZA, Maria Adélia de. **O Lugar de Todo Mundo.** A Geografia da Solidariedade. Conferência feita no I Encontro Internacional de Geografia da Bahia. 1997, p.01-10. Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/pdfs/geografia_da_existencia_texto_maria_adelia.pdf. Acesso em: 14. jan 2017.

Site CANVA. Disponível em: https://about.canva.com/pt_br/. Acesso em: 20. out.2017.